O LIVRO DOS FENÓMENOS ESTRANHOS

CHARLES BERLITZ

O livro dos fenômenos estranhos

Charles Berlitz

Editora Nova Fronteira
1988

Prefácio

O fascínio que o mistério exerce sobre a mente humana tem sido o motivo da ampliação de nosso conhecimento do mundo e do desenvolvimento da ciência moderna. O constante desejo de solucionar os mistérios do espaço levou-nos a explorar o sistema solar, as estrelas e os planetas de nosso universo, e até outros universos além de nossa galáxia.

Durante os últimos quinhentos anos, praticamente exaurimos a exploração dos mistérios geográficos da Terra. Mapeamos ou fotografamos a maior parte da superfície terrestre, e, desde os anos 40, pudemos registrar a posição aproximada de montanhas, golfos, planícies e abismos marítimos. Caçadores e zoólogos conseguiram, alternativamente, exterminar ou catalogar a maior parte da vida animal do mundo em que vivemos, embora as profundezas dos mares ainda possam nos reservar algumas surpresas. O homem moderno e o antigo já foram exaustivamente estudados e classificados. Até mesmo populações remotas e primitivas tornaram-se familiares por intermédio da televisão, uma tecnologia que, alguns séculos atrás, teria sido considerada uma empolgante manifestação de magia.

Em um mundo de computadores, robôs, mísseis teleguiados, viagens espaciais, engenharia genética, e dos primeiros passos na criação artificial da vida, imaginamos se ainda existem novos mistérios a ser solucionados. E, ao considerarmos os perigos da era atômica e do desenvolvimento da guerra científica, chegamos a duvidar que ainda tenhamos tempo para descobrir novos segredos do universo - antes que a humanidade seja destruída.

Certamente muitas coisas ainda permanecem envoltas em mistério. Mesmo nos dias de hoje, no apogeu da perícia científica, os mistérios do espaço, do tempo, da coincidência, de manifestações paranormais, e as exceções ao que consideramos como sendo uma lei natural, continuam indefiníveis. Com o progresso da busca pelo desconhecido, nossos conceitos anteriormente separados de fatos científicos e eventos paranormais começaram a se fundir. Hoje em dia, conseguimos classificar toda uma gama de potencialidades paranormais.

O poder da mente humana, por exemplo, está provando ser muito mais forte do

que imaginávamos anteriormente. Manifestações quase físicas da mente, que atualmente estão sendo amplamente estudadas, incluem telepatia, transporte, telecinésia, e a capacidade de ver o que está acontecendo em lugares distantes e em outros tempos.

Fantasmas são fenômenos paranormais que ultrapassaram os limites da ficção e estão sendo objeto de sérios estudos científicos. Mas o que são fantasmas? Os indígenas do Amazonas e os nativos da Nova Guiné não têm dificuldade em aceitar a realidade visual de fantasmas, quando lhes são mostrados filmes de guerreiros de suas tribos que eles sabem já estarem mortos. É difícil explicar-lhes que a filmadora reproduziu cenas do passado. Para eles tudo é muito mais simples: o filme captou o espírito de quem partiu. Para nós mesmos, podemos explicar a cinematografia; como explicar, porém, a grande quantidade de lugares "mal-assombrados" - casas, castelos, campos de batalha e navios - tão freqüentemente mencionados no moderno mundo científico? Será que existem resíduos de personalidades ou de eventos que podem ser captados e reconstruídos?

A transferência de pensamentos através da telepatia está prestes a tornar-se uma teoria aceita pelos cientistas. Acredita-se que os animais, entre seus semelhantes, empregam essa habilidade para a comunicação de advertência e para a caça, e é provável que os seres humanos também fizeram uso dessa faculdade, antes de se tornarem civilizados. Mesmo agora, encobertos pela aparência de civilização, passamos por freqüentes momentos de pré-ciência desaprendida, o que parece indicar a posse de alguns poderes telepáticos. O poder de prever o futuro, no entanto, ainda é um mistério que pode ser vinculado aos segredos finais do tempo e do espaço.

Será que todas as profecias quanto ao futuro não passam de simples adivinhações? Júlio Verne, ao escrever sobre uma viagem à Lua por um foguete, 150 anos antes do acontecimento de tal evento, imaginou e descreveu o comprimento e o formato do foguete de maneira precisa. O foguete de sua ficção errou o tempo de chegada do verdadeiro em apenas catorze minutos.

A previsão de Júlio Verne pode ter sido uma simples adivinhação que deu certo, mas, no que diz respeito à pré-ciência na profecia, é extremamente difícil

desacreditar Nostradamus. O astrólogo francês do século 16 previu com precisão a duração do Império Britânico, que ainda não existia; detalhes da Revolução Francesa, duzentos anos antes de seu acontecimento; as duas guerras mundiais dos tempos modernos, inclusive com ataques aéreos e evacuações de cidades e até um Führer alemão com o nome ligeiramente adulterado: "Hister". Nostradamus previu terremotos na costa leste do Novo Mundo e até mesmo alguns dos eventos mais recentes na Líbia e no Irã.

Não dispomos de explicações aceitáveis para a precisão de profecias detalhadas do passado distante. O tempo, segundo nosso entendimento, é uma estrada do passado para o futuro, que passa pelo presente. Contudo, talvez seja uma rua de mão dupla, uma teoria de alguns que acreditam que o tempo, assim como o espaço, pode ser circular.

Talvez o exemplo mais impressionante de profecia nos venha da antiga Índia, de descrições no Mahabharata, epopéia indiana escrita por volta do século 5 a.C, e em outros registros compostos há milhares de anos. Esses livros descrevem projéteis impulsionados com a força e o calor de "dez mil sóis", obliterando o exército opositor, desbaratando elefantes de guerra, carroças, e homens no vórtice, destruindo cidades, envenenando suprimentos de alimentos, e forçando até mesmo os soldados vitoriosos a se preservarem, lavando seus corpos, suas roupas e seus equipamentos em rios, para evitar os fatais efeitos secundários. Essas bombas, cujas explosões formavam grandes nuvens "semelhantes a cogumelos" a partir dos núcleos, eram chamadas de "Raios de Ferro".

Por coincidência, quando as antigas medições e as modernas coordenadas são comparadas, as descobertas indicam que o "Raio de Ferro" era um projétil com aproximadamente o mesmo formato e tamanho da bomba atômica lançada sobre Hiroshima, marco do início do fim da Segunda Guerra Mundial.

Até 1945, quando a primeira bomba atômica explodiu em combate, as descrições no Mahabharata eram consideradas como simples sonhos fervorosos. E agora que começamos a levar a sério a epopéia indiana, devemos examinar a possibilidade de que essas previsões talvez não fossem visões do futuro e sim do passado, e que essas anotações referem-se a incidentes de guerra que realmente aconteceram, talvez há mais de 10 mil anos, entre civilizações que já não existem mais.

Talvez os incidentes mais inexplicáveis e misteriosos que acontecem no mundo de nossos dias ocorram propositadamente nos céus noturnos sobre a Terra. Só nos Estados Unidos, calcula-se que mais de 20 milhões de pessoas declaram ter visto algum objeto voador não identificado (OVNI, ou UFO em países de língua inglesa) e metade da população total acredita que ele exista.

Embora objetos nos céus tenham sido vistos desde tempos imemoriais, e já tenham sido interpretados fortuitamente como lições divinas, sinais, testes, e até presságios, a ufologia como ciência somente atraiu a atenção geral das nações do mundo a partir de 1947, quando o piloto Kenneth Arnold encontrou e perseguiu um grupo de objetos desconhecidos sobrevoando as Cascade Mountains de Washington, e que, segundo ele, pareciam "discos voadores". É interessante notar que esses visitantes inesperados, desde sua primeira aparição, foram vistos sobre a região sudoeste dos EUA, especialmente no Arizona, em ocasiões que coincidiram com os experimentos governamentais relativos às forças fundamentais do universo, como se os ocupantes das naves - fossem elas da Terra ou do espaço - estivessem especialmente interessados nessas experiências.

Hoje em dia, os OVNIs recebem atenção e cobertura jornalística mundial. São vistos por pessoas no mundo inteiro e, regularmente, sobre o Triângulo das Bermudas, que, devido a suas anomalias magnéticas e às súbitas aberrações climáticas, tem sido considerado por alguns como um caminho cósmico de entrada para os visitantes do espaço.

Os OVNIs já foram descritos em diferentes formatos, embora geralmente as pessoas afirmem que eles são redondos. Observados e fotografados de aviões, navios cargueiros e transatlânticos, eles realizam vôos rasteiros, sobrevoam aviões e parecem interferir com os radares de rastreamento. Parecem também ser

capazes de alcançar velocidades inconcebíveis, e podem desaparecer de uma hora para outra.

Suponhamos que eles sejam reais. Por que estariam voando pelos céus da Terra? Será que seus ocupantes estão aqui à procura de novos materiais, de água, de exploração, de conquista, ou, mais altruisticamente, será que vieram para nos advertir que corremos o risco de explodir nosso planeta? (Caso esta última hipótese seja verdadeira, tal abordagem benigna raramente se mostrou evidente em nossos próprios registros históricos de invasores humanos.)

A humanidade aproxima-se da maturidade e está se preparando para enfrentar mistérios referentes não só à exploração da Terra, mas também do sistema solar, das estrelas (e dos planetas?) de nossa galáxia, e dos universos de outras galáxias e das possíveis entidades que possamos encontrar ali, bem como daquelas que, em nosso espaço aéreo, pareçam estar nos investigando.

Os grandes mistérios de nosso tempo, aqueles que nos afetam mais profundamente, não se associam, como acontecia antigamente, com as partes desconhecidas da Terra e sim com o cosmo, com nosso sistema planetário, com nossa galáxia, e com outros universos que possam existir. Os mistérios de hoje também dizem respeito à mente humana, a seus poderes de comunicação, e até mesmo a seus poderes físicos, dos quais estamos apenas começando a tomar conhecimento. Estamos nos tornando mais sérios em nosso estudo de coisas como a pré-ciência, a coincidência, os sonhos, a reencarnação, as lembranças herdadas de ancestrais, as manifestações mediúnicas e os OVNIs. A bruxaria de antigamente é agora objeto de pesquisas científicas.

Há muito tempo estamos estudando a vida e como prolongá-la, porém agora passamos a desenvolver formas funcionais de vida artificial - a robótica - e, em breve, poderemos ser capazes de criar a própria vida, uma coisa que os magos de séculos anteriores tentaram sem sucesso. Temos atualmente condições de controlar ou destruir grandes partes da Terra. Mas nem mesmo os antigos magos contemplavam a possibilidade da destruição da Terra pelo próprio homem.

Para proteger o que temos e aumentar nossa capacidade, ainda possuímos um potente escudo - o potencial ainda não aproveitado e a força positiva da mente humana, em sua busca da solução para os mistérios que nos rodeiam.

Assassinado e Reencarnado

O dr. Ian Stevenson é o mais notável conhecedor de reencarnação do mundo, um especialista em sair ao encalço de casos de crianças que parecem se lembrar de vidas passadas. Particularmente surpreendentes são os casos em que a criança nasce com marcas de nascença aparentemente herdadas de sua existência anterior. Um de seus casos mais dramáticos o de Ravi Shankar, que nasceu na cidade de Kanauj, Estado de Uttar Pradesh, Índia, em 1951.

Desde sua infância, Ravi afirmava que, na verdade, era filho de um homem chamado Jageshwar, um barbeiro que morava em um distrito nas redondezas. Ele dizia também que fora assassinado. Seu pai da vida presente não acreditava em uma só palavra do que dizia, e começou a espancá-lo para fazer com que parasse de falar bobagens. Os castigos corporais de pouco adiantavam para reprimir as lembranças de Ravi, e ele ficou ainda mais obcecado com as revivificações de sua vida passada à medida que ia ficando mais velho. Chegou mesmo a desenvolver a estranha ilusão de que seus assassinos da vida anterior ainda estavam querendo pegá-lo. Embora a história toda fosse fantástica, Ravi nascera com uma bizarra marca. Era uma cicatriz de 5 centímetros de comprimento sob o queixo, que lembrava um tipo de ferimento feito por faca.

As lembranças e a idéia fixa de Ravi finalmente foram associadas a um assassinato ocorrido naquela região, seis meses antes de seu nascimento. No dia 19 de julho de 1951, o jovem filho de Jageshwar Prasad - um barbeiro local - foi assassinado por dois homens, que o decapitaram. Os homens, na verdade parentes da vítima, queriam herdar os bens imóveis do pai do rapaz. Embora os assassinos tenham sido presos, tiveram de ser libertados, devido a um recurso jurídico impetrado pelo advogado.

Quando Jageshwar Prasad ficou sabendo das declarações de Ravi, decidiu visitar a família Shankar para verificar os relatos pessoalmente. O barbeiro conversou com Ravi durante um longo tempo, e o rapaz, gradativamente, reconheceu-o como seu pai de uma vida anterior. Ravi chegou até a dar-lhe informações detalhadas sobre seu assassinato, informações conhecidas apenas por Jageshwar e pela polícia. E, mesmo nos dias de hoje, Ravi ainda exibe aquela estranha marca de nascença sob seu queixo, um indício de seu assassinato em uma vida anterior na Índia.

Sozinho

Muitos críticos afirmam que a coincidência é nada mais nada menos do que um artefato da consciência humana. Segundo eles, incidentes separados simplesmente flutuam até a superfície de nossa consciência, onde são percebidos e transformados em coincidências. Em outras palavras, nós nos lembramos da chamada coincidência, mas esquecemos de uma miríade de outras ocorrências que não têm nenhuma conexão óbvia.

O que devemos dizer, então, sobre o curioso caixão de Charles Coughlan? Nascido na província canadense da ilha do Príncipe Eduardo, no litoral nordeste, em fins do século 19, Charles estava em Galveston, jóia da baía do Texas no golfo do México, trabalhando com uma trupe itinerante de atores para ganhar seu sustento. O ano era 1899. Coughlan caiu e morreu, talvez devido a uma das febres tropicais que grassavam naquela época, antes do advento das autópsias.

Charles Coughlan foi colocado naquele que, supostamente, seria seu local de descanso perpétuo - um ataúde revestido de chumbo enterrado no cemitério da comunidade. A própria Galveston, na ocasião a mais populosa e próspera cidade do Texas, construída sobre uma grande região arenosa, era vulnerável tanto a furacões quanto a maremotos.

No dia 8 de setembro de 1900, ventos de 160 km/h sopraram uma verdadeira parede de água em direção à cidade, submergindo tudo, com exceção das estruturas mais elevadas. A cidade foi totalmente destruída. Cerca de 6 a 8 mil pessoas morreram afogadas, e seus corpos foram levados para alto-mar no dorso do vagalhão.

Nem mesmo os mortos já enterrados escaparam ilesos. Nos cemitérios, invadidos violentamente por ondas sucessivas, os caixões foram arrancados de suas covas e flutuaram para longe com a maré. Durante oito anos, o cadáver de Charles Coughlan, protegido pelo ataúde de chumbo, flutuou nas águas tépidas da corrente do Golfo. Finalmente, circundou a ponta de recifes da Flórida e chegou ao Atlântico, onde as correntes marítimas o levaram para o norte, passando pelos Estados da Carolina do Sul, do Norte e pela costa da Nova Inglaterra.

Em outubro de 1908, um pequeno barco pesqueiro na altura da ilha do Príncipe Eduardo avistou o ataúde danificado levado pela maré. Com ajuda de um arpéu, a tripulação içou-o. Uma pequena placa de cobre indicou o conteúdo daquele ataúde já desgastado pela ação do tempo e das águas.

O ataúde foi levado para a praia a menos de 2 quilômetros de distância da pequena igreja onde Coughlan recebera seu batismo. Seus restos mortais foram retirados do mar e enterrados novamente, exatamente onde sua viagem começara, anos e quilômetros antes.

Mistério Musical

Rosemary Brown, uma viúva londrina, tinha um piano, mas seus conhecimentos musicais não eram suficientes para tocá-lo. Ela conhecia apenas um músico - um ex-organista de igreja, que tentara ensiná-la a tocar o instrumento. De súbito, o mundo musical e o resto de Londres viram-se pressionados a explicar como, em 1964, Rosemary começou a compor peças musicais que pareciam ter sido escritas pelos grandes mestres.

Na verdade, Rosemary Brown autoproclamava-se clarividente; sua mãe e avó também seriam médiuns. Ela contou que Franz Liszt, que a "visitara" certa vez em uma visão quando ela era criança, apareceu a sua frente e começou a trazer-lhe partituras de compositores como Beethoven, Bach, Chopin e outros. Cada um deles ditava sua própria música. Às vezes, disse ela, os músicos controlavam suas mãos, movendo-as de acordo com o estilo musical adequado; outras vezes, eles apenas ditavam as notas. Entre as obras que Rosemary produziu estão incluídas as conclusões da Décima e da Décima Primeira Sinfonia de Beethoven, que ficaram inacabadas devido à morte do compositor; uma sonata de Schubert de quarenta páginas; e numerosas obras de Liszt e outros.

Músicos e psicólogos examinaram as partituras e investigaram tanto as músicas quanto os testemunhos de Rosemary. Embora alguns críticos tenham descartado a possibilidade de que a obra tenha sido copiada, ou que não tenha sido bem copiada, outros ficaram impressionados com o nível do trabalho. Todos concordaram que cada peça produzida por ela foi definitivamente escrita no estilo

do compositor ao qual era atribuída. Ninguém encontrou provas de que Rosemary pudesse estar mentindo, e os estudiosos, em sua maioria, afirmaram que ela estava sendo sincera. Música de qualidade ou não, o fato inegável é que era música muito além da capacidade de Rosemary Brown. Liszt, no entanto, decepcionou Rosemary em um aspecto. Em sua primeira visita, segundo declarações da clarividente, o compositor prometeu transformá-la um dia em grande virtuose. Não obstante, ela continuou sendo uma pianista medíocre. Talvez esse seja o motivo pelo qual, ainda conforme Rosemary, os compositores, que ditavam suas músicas a ela em inglês, freqüentemente levantavam as mãos e gritavam Mein Gott! (Meu Deus!).

Voltei para Buscar Meu Cachorro

Joe Benson, de Wendover, Utah, era um líder espiritual dos índios Goshute. Seu companheiro constante era um magnífico cão pastor alemão, que ele chamava de Sky.

À medida que Benson envelhecia e sua visão ia ficando mais fraca, Sky orientava seus passos e o mantinha livre de perigos. A saúde de Benson continuou a definhar, até que um dia, em fins de 1962, o líder indígena disse a sua mulher Mable que estava prestes a morrer. Ela avisou os parentes e, pouco depois, eles e os filhos estavam junto à cama de Benson. Mas, como aquelas pessoas já não seguiam mais as tradições indígenas, insistiram para que ele fosse levado ao hospital da cidade de Owyhee, Nevada, nas proximidades. Ignorando os protestos do doente e os latidos roucos de Sky, eles levaram-no dali.

Benson ficou no hospital por pouco tempo. Quando os médicos viram que não havia nada a ser feito, mandaram-no de volta para casa, onde, pouco depois, em janeiro de 1963, ele morreu.

Após as cerimônias fúnebres, vários parentes que participavam do velório perguntaram se podiam ficar com o cachorro. A sra. Benson, que percebeu em Sky um sofrimento ainda maior do que o seu, achou isso errado e decidiu ficar com o animal.

Dez dias mais tarde, a sra. Benson olhou pela janela e viu alguém que se

aproximava da casa. Ela acendeu o fogão e preparou um pouco de café fresco. Quando levantou os olhos, viu junto à porta alguém que ela reconheceu de imediato: seu falecido marido.

Coerente com as antigas tradições dos índios Goshute, ela disse, com toda calma, que ele estava morto e que não tinha mais nada que fazer neste mundo. Joe Benson assentiu e declarou:

- Já vou embora. Voltei por causa de meu cachorro.

Ele assoviou e Sky, balançando vigorosamente a cauda, entrou correndo na cozinha.

- Quero a correia dele - exclamou Benson.

Sua mulher tirou-a de um gancho na parede e entregou-a ao falecido, tomando o cuidado de não tocá-lo. Benson colocou a correia na coleira de Sky e saiu pela porta, descendo os degraus e seguindo pela trilha que serpenteava a colina.

Depois de hesitar por alguns momentos, a sra. Benson saiu correndo de casa em direção ao outro lado do morro. Não conseguiu ver Joe nem o cachorro em lugar algum.

Acontece que Arvilla Benson Urban, filha de Joe e Mable, que morava na casa ao lado, testemunhou essa estranha visita e chegou a prestar um depoimento juramentado. Ela confessou:

- Vi meu pai entrar na casa e, alguns minutos depois, sair com o cachorro preso na correia. Minha mãe saiu atrás dele e eu, depois que pude voltar a pensar coerentemente, fui atrás dela. Quando cheguei ao alto da colina, meu pai e o cachorro tinham desaparecido.

Durante os dias que se seguiram, os jovens da família procuraram o cachorro sem encontrá-lo. Parecia que Sky desaparecera, com seu amado dono, em um outro mundo.

O Fantasma Vingativo

A estranha história começou no dia 21 de fevereiro de 1977, quando o corpo de

Teresita Basa foi encontrado pela polícia. A mulher, de 48 anos, estava caída no chão de seu luxuoso apartamento de Chicago. Fora apunhalada até a morte, tendo o corpo parcialmente queimado.

Como muitos outros imigrantes cheios de esperança, Teresita Basa chegara aos EUA vindo das Filipinas, em busca de emprego e de uma vida melhor. Trabalhava como terapeuta especializada em doenças respiratórias no Edgewater Hospital, e a polícia não conseguiu encontrar pistas que levassem à solução do crime. A impressão inicial dos policiais foi de que talvez ela tivesse sido assassinada por um namorado. A verdadeira solução do caso, no entanto, viria do fantasma da própria Teresita.

O dr. José Chua e sua mulher também trabalhavam no Edgewater Hospital, embora não tivessem conhecido Teresita intimamente. Mas uma noite, quando já estavam em casa, em Skokie, pequena cidade nos arredores de Chicago, a sra. Chua inesperadamente entrou em um estranho tipo de transe. Ela levantou-se e caminhou em direção ao banheiro, onde se deitou. Em seguida, uma voz estranha, falando em dialeto filipino, saiu de sua boca: Meu nome é Teresita Basa.

Depois que aquela estranha voz acusou um assistente hospitalar de ser o assassino, a sra. Chua despertou do transe. Contudo, sofreu outros transes mediúnicos similares durante os dias seguintes, declarando, sempre com a voz da mulher assassinada, que o assistente, um jovem negro chamado Allen Showery, roubara-lhe as jóias e dera seu colar de pérolas à amante.

O dr. Chua, aterrorizado com as declarações da esposa, viu-se sem outra alternativa a não ser entrar em contato com a polícia local. Telefonou para Joseph Stachula e Lee Epplen, veteranos investigadores.

Os policiais, naturalmente, não acreditaram na história do dr. Chua, porém, na falta de outras pistas para solucionar o caso, decidiram agir. Interrogaram minuciosamente o dr. José Chua e sua mulher sobre as declarações da falecida Teresita Basa. Perguntaram especificamente ao casal se Teresita dissera que fora estuprada antes de ser assassinada. Na verdade, a falecida não fora estuprada, e os investigadores fizeram essa pergunta apenas para ver se o casal cairia na pista falsa. No entanto, os dois não morderam a isca. Os investigadores também ficaram impressionados com a quantidade de detalhes que o casal parecia saber sobre o

assassinato.

- Até os dias de hoje - escreveu posteriormente o policial Stachula -, ainda não tenho certeza se acredito na maneira por que as informações foram obtidas. Não obstante, tudo correspondia à verdade.

Trabalhando a partir dessas pistas, a polícia de Evanston deu uma busca no apartamento de Allen Showery e descobriu as jóias de Teresita. Os policiais chegaram mesmo a encontrar o colar de pérolas com a amante do assassino. Ao ser confrontado com as provas, Showery confessou o assassinato e foi condenado pelo crime. O caso foi oficialmente encerrado em agosto, aparentemente solucionado pelo fantasma de Teresita.

Uma Bala Lenta e Certeira

Henry Ziegland, de Honey Grove, Texas, abusou sexualmente de sua namorada num dia de 1893. O irmão da moça cumpriu seu dever "de honra" e atirou contra ele. No entanto, Ziegland foi apenas levemente ferido pela bala, que lhe deixou uma pequena cicatriz no rosto, antes de se alojar no tronco da árvore diante da qual ele estava. O irmão da moça, dando-se por vingado, deu fim à própria vida com a mesma arma.

Vinte anos depois, em 1913, Ziegland decidiu remover tal árvore. Incapaz de fazê-lo manualmente, resolveu usar dinamite. Na explosão, a bala disparada contra Ziegland desprendeu-se com tanta força da árvore que lhe atingiu violentamente a cabeça, matando-o, afinal.

As Estranhas Luas de Marte

Foi somente em 1877, ao observar uma noite o céu com seus instrumentos, que o astrônomo americano Asaph Hall viu pela primeira vez duas luas circundando Marte; luas que nenhum outro astrônomo declarara ter visto até então.

Contudo, Jonathan Swift, autor da fantasia política As Viagens de Gulliver, escreveu sobre elas muito antes de Hall, chegando a dar-lhes, sem muito interesse, as proporções e órbitas. Mas isso foi em uma narrativa imaginária, escrita em 1726,

cerca de 150 anos antes que Asaph Hall as tivesse descoberto "oficialmente".

Swift escreveu sobre "as duas pequenas estrelas ou satélites, que giram ao redor de Marte. A estrela que gira na órbita menor dista do centro do planeta primário exatamente três de seus diâmetros, e a que gira na órbita maior, cinco; aquela gira ao redor do planeta no espaço de dez horas, e esta em vinte e uma horas e meia".

Como é que Swift sabia? Teria ele lido a respeito do assunto em algum lugar, em alguma publicação desconhecida pela ciência e pela literatura? Ou, caso tenha imaginado a coisa toda, como é que o fez com tamanha precisão? Ele nunca disse.

As luas são agora uma verdade aceita pela astronomia. Asaph Hall, em um elegante tributo à antigüidade, denominou-as de Fobos e Deimos, os antigos nomes dos cavalos de Marte. O planeta vermelho recebeu o nome de Marte, o deus da guerra, há milhares de anos.

Todavia, um mistério ainda maior, sugerido pela forma e pelo excêntrico comportamento das luas, ainda não foi solucionado. Alguns observadores já chegaram a especular que elas podem ser estações espaciais controladas ou artificiais. Esta questão poderá ser esclarecida dentro dos próximos anos, caso a exploração espacial continue se desenvolvendo.

O Segundo Testamento de James Chaffin

James L. Chaffin era um fazendeiro da Carolina do Norte, que morreu em 1921. Sua família ficou surpresa e deprimida quando soube dos termos de seu testamento. O velho deixara a propriedade da família a Marshall, o terceiro filho, deserdando completamente a mulher e três outros filhos. O testamento fora escrito diante das devidas testemunhas, em 1905.

Quatro anos mais tarde, James P. Chaffin, um dos filhos deserdados, começou a sonhar que o falecido pai queria conversar com ele. James via o fazendeiro ao lado da cama, vestido com seu velho casaco preto. Um dia aquela figura sobrenatural finalmente disse:

- Você encontrará o testamento no bolso de meu casaco - e desapareceu.

Chaffin ficou atordoado com o sucedido, porém achou que devia verificar a

veracidade da informação do fantasma. Acontece que o casaco estava com outro irmão, e ele teve de ir à casa desse irmão, onde encontrou o casaco e rasgou-o nas costuras. Ali, escondido no forro de um bolso, havia um pedaço de papel em que estava escrito: "Leia o capítulo vinte e sete do Gênese". Chaffin percebeu que estava seguindo uma pista que o levaria a algum lugar, e foi à casa de sua mãe acompanhado por várias testemunhas - às quais contou a história. A Bíblia não foi fácil de localizar, mas acabou aparecendo. O livro estava tão corroído, que caiu no chão em três partes quando o tocaram. Thomas Blackwelder era uma das testemunhas, e foi ele que pegou a porção da Bíblia contendo o Livro do Gênese. Imediatamente descobriu que duas páginas haviam sido dobradas juntas, formando uma espécie de bolso. Quando o abriu, as testemunhas ficaram boquiabertas ao encontrar um testamento escrito à mão, datado de 1919. Tudo levava a crer que o falecido fazendeiro mudara de idéia, pois esse novo documento declarava à parte: "Eu desejo, depois que meu corpo tiver recebido um enterro decente, que a pequena propriedade seja dividida por igual entre os quatro filhos, caso eles ainda estejam vivos no momento de minha morte, e que os bens pessoais e imóveis sejam partilhados com eqüidade. Caso eles não estejam vivos, quero que a parte de cada um seja dividida entre seus filhos. E, se mamãe estiver viva, vocês deverão tomar conta dela. Este é meu último desejo e meu derradeiro testamento".

Quando da descoberta desse testamento, Marshall Chaffin morrera e a propriedade era controlada pela viúva. Assim, James P. Chaffin levou o documento ao tribunal.

Várias testemunhas declararam sob juramento que o testamento de 1919 era verdadeiro e que fora escrito com a letra do fazendeiro falecido. A viúva de Marshall não tentou lutar na justiça, e a pequena propriedade foi devidamente redistribuída entre os herdeiros de James L. Chaffin.

Visitantes Extraterrestres

Os ocupantes de OVNIs normalmente podem ser classificados em duas amplas e distintas categorias - seres extraterrestres virtualmente indistinguíveis dos humanos em aparência e tamanho, e entidades "humanóides" que têm a pele verde, são homenzinhos de pernas curtas e finas, com grandes cabeças fetais e

grandes olhos negros. Mas pode também haver uma terceira categoria. Vamos falar sobre.

Os seres bizarros que foram vistos perto de uma fazenda em Kelly, Kentucky, na noite de 21 de agosto de 1955, por oito adultos e três crianças. Esse assustador episódio começou quando o dono da casa, Billy Ray Taylor, entrou correndo afirmando que vira um disco voador com uma fumaça com as cores do arco-íris pousar em uma fossa, ali nas proximidades, com 12 metros de profundidade. Os outros riram a princípio. Em seguida o cachorro começou a latir.

Taylor e Lucky Sutton foram até a porta dos fundos, de onde puderam observar, assustados, que uma hedionda e estranha figura brilhante, vinda dos campos, aproximava-se. Aquela entidade prateada, de pouco mais de 1 metro de altura, tinha uma cabeça bulbiforme com orelhas enormes, pontiagudas, e braços compridos terminados em garras aguçadas que quase chegavam ao chão. Sutton e Taylor sacaram as armas e dispararam contra a criatura. Só que em vez de cair no chão, ela afastou-se dali.

De volta à sala de estar alguns minutos mais tarde, os homens disseram ter visto uma criatura similar e dispararam novamente. Tudo indicava que eles agora estavam cercados, pois, quando Taylor saiu de casa e foi até a varanda da frente para verificar os danos, outra entidade pulou sobre ele vindo do teto.

Pouco antes de meia-noite, as duas famílias entraram em seus carros e dirigiram-se apressadamente para Hopkinsville, pequena cidade próxima. A polícia voltou à fazenda, porém não encontrou indícios que confirmassem a história. No entanto, um dos policiais pisou no rabo de um gato no escuro e quase desencadeou um pânico fatal. Finalmente, por volta das duas da madrugada, a polícia foi embora.

As criaturas voltaram mais uma vez, segundo declarações do grupo. Mas, quando o sol finalmente nasceu, elas desapareceram para sempre.

Uma Premonição Especial

Os desastres são, muitas vezes, precedidos por visões, sonhos, ou pesadelos que vaticinam o evento. Muitas dessas premonições acontecem durante o sono, porém a incrível visão da sra. Lesley Brennan ocorreu na Inglaterra, quando ela estava

desperta, e veio pela televisão.

Na manhã do sábado, 12 de junho de 1974, o filme a que ela assistia pela televisão foi interrompido por um boletim especial, anunciando que uma explosão destruíra a Flixborough Nypro, indústria química próxima de sua casa e que produzia materiais usados na fabricação de náilon. Informava ainda o boletim que várias pessoas haviam morrido. Por volta do meio-dia daquele mesmo sábado, duas amigas foram visitá-la, e ela perguntou se haviam ouvido falar sobre o acidente. Elas não sabiam de nada.

Ambas nem sequer haviam tomado conhecimento. Na verdade, a explosão ocorreu realmente às 16h53. O número de mortos chegou a 28, com muitos feridos. Quando ouviram a notícia pela televisão, as três mulheres a princípio pensaram que os comentaristas estivessem dando os detalhes de forma incorreta. Mas o jornal do dia seguinte indicou o verdadeiro momento da explosão.

Lesley Brennan não tinha explicação para o que sucedera. Talvez tenha caído no sono e sonhado com a transmissão jornalística. Independentemente do que possa ter havido, o fato é que ela contara a história do evento a duas amigas quase cinco horas antes de ele realmente ocorrer.

O Pára-Raios Humano

Roy Cleveland Sullivan, guarda-florestal aposentado de Waynesboro, Virgínia, era conhecido como o "Pára-Raios Humano", porque já havia sido atingido por raios sete vezes durante sua carreira de 36 anos.

A primeira vez, em 1942, provocou a perda de um dedão do pé. Vinte e sete anos mais tarde, um segundo raio queimou suas sobrancelhas. No ano seguinte, em 1970, um terceiro raio queimou seu ombro esquerdo.

Depois que os cabelos de Sullivan pegaram fogo como decorrência de um quarto raio, em 1972, ele começou a levar um balde com água no carro. No dia 7 de agosto de 1973, estava dirigindo, quando um raio saiu de uma pequena nuvem, atingiu-lhe a cabeça enchapelada e queimou seus cabelos novamente, jogando-o a 3 metros de distância do carro, atravessou as duas pernas e arrancou-lhe os sapatos. Apavorado, Sullivan despejou o balde de água na cabeça, para esfriá-la.

Sullivan foi vítima pela sexta vez no dia 5 de junho de 1976, ferindo o tornozelo. O sétimo raio alcançou-o no dia 25 de junho de 1977, enquanto ele estava pescando. Nessa ocasião, precisou ser hospitalizado com queimaduras graves no estômago e no tórax.

Embora jamais tivesse possibilidade de explicar essa atração peculiar, Sullivan disse certa vez que na verdade podia ver os raios que o atacavam.

Às 3 horas da madrugada de 28 de setembro de 1983, Sullivan, já com 71 anos, deu cabo da vida com um tiro. Dois de seus chapéus de guarda-florestal, queimados nas copas, estão atualmente em exposição nos Guinness World Exhibit Halls, na cidade de Nova York e em Myrtle Beach, Carolina do Sul.

Congelado pelo Vento

O inverno de 1984/85 estabeleceu numerosos recordes de ondas de frio em todo o território dos EUA, desde Michigan até o Texas. Foi a estação em que também ocorreu um dos mais notáveis casos de sobrevivência nos anais da medicina moderna.

Na manhã do dia 19 de janeiro de 1985, a temperatura em Milwaukee, Wisconsin, caíra a incríveis 60 graus abaixo de zero, um frio capaz de enregelar até os ossos. Enquanto seus pais dormiam, o pequeno Michael Troche, de 2 anos de idade, vestido com pijama leve, resolveu andar pela neve.

Encontrado pelo pai várias horas mais tarde, Michael estava literalmente congelado. Parara de respirar; cristais de gelo haviam se formado sobre e por dentro de sua pele; braços e pernas estavam rígidos como pedras.

Levado às pressas ao Hospital Infantil de Milwaukee, Michael foi tratado por uma equipe de vinte enfermeiras e dezoito médicos, inclusive o dr. Kevin Kelly, especialista em hipotermia. Quando ele chegou ao hospital, Kelly declarou-o "morto, definitivamente morto". Os médicos chegaram a ouvir o pobre corpinho congelado rachando, quando o levantaram para levá-lo à mesa de operação. E a temperatura interna da criança registrara 16 graus centígrados, um nível do qual ninguém jamais voltara vivo.

A equipe começou a trabalhar imediatamente, levando Michael para uma máquina respiratória para aquecer-lhe o sangue, injetando drogas para evitar que o cérebro inchasse, descongelando-lhe o corpo e fazendo incisões em seus membros e tecidos cheios de água de células congeladas, que ameaçavam arrebentar.

Durante três dias, o menino permaneceu em estado de semiconsciência, entre a vida e a morte. Então, milagrosamente, recuperou-se quase tão rapidamente quanto havia se congelado. Ele sofreu apenas pequenos danos nos músculos de uma mão e submeteu-se a enxertos de pele, para cobrir as grandes incisões feitas nos braços e pernas. Fora isso, por incrível que pareça, Michael não foi afetado pelo trauma que sofreu.

Além disso, o incrível Michael Troche não acusou nenhum sinal do tão temido dano cerebral que o teria transformado em vegetal. De modo irônico, os médicos disseram que ele talvez tenha sobrevivido justamente por ser tão jovem e tão pequeno. Congelado rapidamente pela baixíssima temperatura do vento, o pequeno cérebro e o reduzido metabolismo exigiram pouco oxigênio para operar. Se fosse um pouco mais velho e maior, o garoto teria se transformado em uma vítima do inverno.

Alvo: Tunguska

Pouco depois do nascer do sol no dia 30 de junho de 1908, alguma coisa vinda do espaço caiu sobre a região central da Sibéria, na União Soviética. A erupção que provocou, detectada em sismógrafos localizados em pontos tão distantes quanto os EUA e a Europa central, foi uma das maiores explosões que o mundo já conheceu. Durante algumas semanas após o acontecido, poeira e fragmentos atirados para o alto pela gigantesca conflagração coloriram céus e crepúsculos do globo terrestre.

As bússolas foram afetadas no mundo inteiro no momento do impacto e cavalos chegaram a cair em cidades a milhares de quilômetros de distância do epicentro.

A área imediata, a região pedregosa da bacia do rio Tunguska, foi quase que totalmente devastada. Muitos hectares de terras permanentemente transformaram- se instantaneamente em um rio caudaloso. Árvores foram arrancadas em uma área de 40 quilômetros e seus troncos ficaram sem galhos e

até mesmo sem a casca. A floresta pegou fogo. Bandos de animais e alguns povoados isolados foram bruscamente incinerados, sem qualquer possibilidade de fuga. Os caçadores Tungus, povo primitivo da região, ao voltarem para suas casas "encontraram apenas cadáveres calcinados". Naquela noite, na Europa, a noite não caiu. Em Londres, um jornal podia ser lido à meia-noite; na Holanda as pessoas podiam fotografar os navios que navegavam pelo Zuider Zee.

Devido à distância e à dificuldade de acesso a Tunguska, o primeiro cientista a chegar ao local da tragédia foi o dr. Leonid A. Kulik, de Petrogrado, especialista em meteoritos que liderou uma expedição ao local em 1927. Sessenta anos depois, a origem da gigantesca explosão de Tunguska é ainda motivo de polêmica.

Terá sido um cometa caprichoso? Uma diminuta massa de anti-matéria que atingiu e possivelmente passou através da Terra? Ou o gerador nuclear de uma espaçonave avariada, desviando para não atingir os centros altamente povoados da Terra? Cada teoria tem seus proponentes e seus problemas. Algumas testemunhas, entrevistadas por Kulik e por outros investigadores, relataram ter visto uma bola de fogo com uma longa cauda, imagem que pode tanto indicar um meteorito quanto um cometa. Mas se o objeto de Tunguska era realmente um meteorito, o que aconteceu com a cratera e, mais importante ainda, onde foi parar o meteorito? Os cientistas não encontraram nada. E, se foi um cometa, por que ele não foi visto mais cedo, quando de sua aproximação? Além disso, se considerarmos que os cometas são, em sua maioria, "bolas de neve" gasosas, de onde veio a imensa energia, estimada em trinta megatons?

Físicos especializados em partículas profetizaram há muito tempo a presença do que eles chamam de anti-matéria, imagens refletidas ou anti-partículas do próton, do nêutron, do elétron etc., mas com carga negativa. No entanto, a anti-matéria que conhecemos tem uma vida extremamente curta. Um pequeno corpo de anti-matéria, se entrasse em contato com a matéria normal, resultaria em uma súbita e tremenda liberação de energia. Infelizmente para a hipótese, ninguém espera encontrar pedaços de anti-matéria flutuando nesta parte do universo.

O evento de Tunguska poderia ter sido causado por uma nave espacial extraterrestre, porém as provas são inteiramente inconclusivas. Alguns pesquisadores soviéticos encontraram leituras anômalas de radioatividade no local devastado, outros não detectaram nada. Além disso, a espaçonave também

precisaria se vaporizar completamente na explosão, porque não foram encontrados fragmentos metálicos fora do comum.

A Casa que Sangra

Os investigadores da divisão de homicídios da polícia de Atlanta estão acostumados com sangue. É uma coisa que eles investigam, juntamente com corpos de pessoas que são mortas com armas de fogo, armas brancas e que são até mesmo espancadas. Mas eles não estavam preparados para a visão de sangue sem corpo, especialmente sangue saindo das paredes e empoçando no chão da casa de um casal de velhos da Geórgia, William Winston, 75 anos, e sua mulher Minnie, 77 anos.

Minnie Winston notou pela primeira vez sangue brotando do chão do banheiro "como um irrigador de aspersão" em setembro de 1987, quando foi tomar banho em sua casa de três dormitórios, construída havia 22 anos. O casal telefonou para a polícia pouco depois da meia-noite do dia 9, quando os dois encontraram mais sangue jorrando de paredes e assoalhos em cinco cômodos separados.

- Não estou sangrando - declarou Willian Winston. - Minha mulher não está sangrando. E não há mais ninguém aqui.

Winston fora deitar-se por volta das 21h30, depois de trancar as portas e ligar o sistema do alarme de segurança. Nem ele nem sua mulher ouviram ruídos estranhos, e o alarme não foi disparado.

Steve Cartwright, investigador da divisão de homicídios da polícia de Atlanta, admitiu que os policiais encontraram "uma grande quantidade de sangue" espalhada por toda a casa, mas não encontraram nenhum cadáver, quer de animal quer de ser humano, de onde aquele sangue poderia ter saído. O Laboratório de Criminalística do Estado da Georgia confirmou no dia seguinte tratar-se de sangue humano. Cal Jackson, porta voz da polícia de Atlanta, declarou que o departamento estava tratando o incidente "como uma circunstância incomum, não temos um corpo nem um motivo para o sangue".

Combustão Espontânea

Algumas pessoas costumam afirmar que a cozinha é o aposento mais perigoso da casa. Contudo, no dia 8 de janeiro de 1985, Jacqueline Fitzsimons, garota de 17 anos, estudante de artes culinárias no Halton Technical College em Widness, Cheshire, Inglaterra, saíra da cozinha e estava conversando com as companheiras de classe no corredor quando, abruptamente, seu corpo começou a pegar fogo.

Jacqueline reclamou inicialmente de uma sensação de calor nas costas, enquanto conversava com uma amiga, Karen Glenholmes.

- De repente, Jacqueline murmurou que não estava se sentindo bem - afirmou Karen. - Sentimos um cheiro de combustão lenta, sem chama, e aí vimos que a blusa dela queimava. Ela gritou pedindo nossa ajuda e disse que sentia seu corpo todo em chamas. Em poucos instantes, até mesmo seus cabelos estavam pegando fogo.

Funcionários e outros alunos rasgaram o avental de Jacqueline e bateram sua roupa no chão, tentando apagar as chamas. Ela foi levada às pressas para o hospital, onde os danos devastadores de suas queimaduras tornaram-se evidentes: 18 por cento de sua pele ficou queimada. Após quinze dias na UTI, Jacqueline morreu.

Bert Giller, do serviço de prevenção de incêndios de Cheshire, admitiu ter ficado tão atônito quanto qualquer outra pessoa.

- Entrevistei sete testemunhas oculares - revelou ele. - Por enquanto, ainda não dispomos de nenhuma explicação plausível para o fogo, embora a combustão espontânea seja uma possibilidade que deve ser examinada.

A autópsia do médico-legista indicou que Jacquelrne Fitzsimons morrera de "desventura", o que, certamente, não deixa de ser verdade.

A Estrela da Morte

Os dinossauros desapareceram da face da Terra há 65 milhões de anos, num piscar de olho geológico. Cerca de 165 milhões de anos antes disso, os dinossauros foram a espécie predominante na terra, no mar e no ar.

Há muitos anos, paleontólogos apreciam o desaparecimento dessa espécie animal, propondo como suspeita mais provável as mudanças abruptas no clima da Terra. Mas o que causou essas mudanças catastróficas? Uma alteração gradativa da atmosfera ou do meio ambiente teria permitido que os dinossauros tivessem tempo mais que suficiente para se adaptar.

A primeira pista de um castigo cósmico veio da colaboração de uma equipe científica composta por pai e filho, no campus da Universidade da Califórnia em Berkeley. O geólogo Walter Alvarez estivera estudando depósitos de matérias transportadas ou solidificadas nas proximidades de Gubbio, Itália, em 1977, quando descobriu uma jazida de sedimentos ricos em irídio, um metal raro, do mesmo grupo da platina, que normalmente não é encontrado na crosta terrestre. Seu pai, Luis Alvarez, vencedor de um Prêmio Nobel de Física, sugeriu uma explicação: um gigantesco objeto extraterrestre, talvez um cometa ou asteróide, teria se chocado

contra a Terra e espalhado uma imensa quantidade de fragmentos, fazendo "chover" uma camada de irídio. Fósseis na argila em que o jovem Alvarez encontrou o irídio datam o depósito de 65 milhões de anos, exatamente a época da extinção dos grandes dinossauros.

No entanto, outras extinções em massa parecem ocorrer periodicamente a cada 26 milhões de anos, com uma diferença para menos ou para mais de alguns milênios. Poderia algum ciclo cósmico periódico ser o responsável por extinções tão abrangentes, inclusive a que eliminou de nosso planeta o Tyrannosaurus rex e seus parentes?

Alguns cientistas acham que sim. Em 1984, o astrofísico Richard Muller e o astrônomo Marc Davis, ambos de Berkeley, juntamente com outro astrônomo, Piet Hut, do Instituto de Estudos Adiantados de Princeton, propuseram a existência de um companheiro solar conhecido pelo nome de Estrela da Morte, ou O Castigo Merecido, que circula nosso Sol uma vez a cada 26 ou 30 milhões de anos. Quando se aproxima do sistema solar, o campo gravitacional da Estrela da Morte pode deslocar asteróides em sua órbita ou arrastar cometas em seu rastro, fazendo com que eles colidam com a superfície da Terra.

Se essa hipótese for verdadeira, nosso Sol e a Estrela da Morte estariam vinculados a um sistema binário. Na verdade, muitas estrelas em nossa galáxia são binárias, mas não conhecemos nenhuma que tenha períodos tão longos de revolução. Suas órbitas são normalmente medidas em semanas ou meses. Além disso, qualquer estrela companheira de nosso Sol seria prontamente visível. Muller acredita que a Estrela da Morte pode ser uma pequena estrela vermelha, o que dificultaria muito mais sua detecção. Períodos mais longos de revolução entre sistemas binários podem ser uma coisa comum também, segundo Muller. Nós ainda não fomos capazes de reconhecê-los pelo que são por causa de suas órbitas extremas.

Uma equipe de astrônomos liderada por Muller já eliminou um grande número de estrelas visíveis do hemisfério norte, classificando apenas 3 mil candidatas. Se a Estrela da Morte não for encontrada entre essas, de acordo com Muller, eles voltarão sua atenção para as estrelas do hemisfério sul.

Nesse meio tempo, não precisamos ficar preocupados com a possibilidade de a Estrela da Morte pairar sobre nós. Os cálculos atuais colocam-na no ponto mais

distante de sua órbita, o que significa que ela só voltará dentro de uns 10 ou 13 milhões de anos.

A Incendiária

Nada é mais aterrorizante do que um incêndio no meio de agitação, especialmente quando - segundo o romance A Incendiária, de Stephen King - o piromaníaco espreita subconscientemente para conferir os resultados. Esse foi o problema enfrentando pela família Willey em sua fazenda de Macomb, Illinois, em 1948. O sr. Willey cuidava da fazenda com o cunhado e dois filhos. Quem tomava conta da casa era sua sobrinha Wanet. Nada parecia fora do comum por ali, até que curiosas manchas marrons começaram a aparecer no papel de parede da casa. Essas manchas ficavam incrivelmente quentes, muitas vezes chegando a 230 graus centígrados antes de se transformar em chamas. Os focos de incêndio eram tão constantes que os vizinhos dos Willey permaneciam dentro da casa com baldes cheios de água, à espera de debelar cada chama assim que fosse iniciada. Vários desses princípios de incêndio aconteciam todos os dias. Ninguém conseguia identificar a causa, nem mesmo o corpo de bombeiros local.

- A coisa toda é tão incrível e tão fantástica que quase chego a sentir vergonha de falar sobre o assunto - admitiu aos repórteres Fred Wilson, chefe dos bombeiros.

Com o passar dos dias, os focos de fogo iam ficando mais freqüentes e bizarros. Em pouco tempo eles começaram a surgir na varanda, nas cortinas e em outros lugares na casa. E aí começaram a surgir as mais disparatadas explicações. Representantes de uma base aérea das proximidades acharam que ondas de rádio de alta freqüência estariam provocando o problema, enquanto os bombeiros sugeriram que estava se formando um depósito de gás combustível nas paredes da casa. A despeito dessas explicações bastante lógicas, não surgia nenhuma resposta prática para o problema dos Willey.

Finalmente, depois de observar os focos de incêndio durante alguns dias, o corpo de bombeiros extraiu uma confissão da pequena Wanet. Ela iniciara os incêndios, informou o porta-voz do quartel dos bombeiros aos repórteres, riscando fósforos quando ninguém estava olhando.

Ninguém acreditou nessa explicação. A melhor avaliação veio de Vincent Gaddis, que estudou o caso em 1962. Em seu livro Mysterious Lights and Fires (Misteriosas Luzes e Fogos), afirmou que a pequena Wanet deveria ter uma "incrível persistência, um ilimitado estoque de fósforos, e parentes e vizinhos excepcionalmente míopes". Em outras palavras, assim como a heroína de A Incendiaria, ele sugeriu que ela poderia ter provocado 08 inícios de incêndio através de meios paranormais, de uma maneira muito além da compreensão do corpo de bombeiros local.

A Vida em Perigo

Às vezes os seres humanos conseguem sobreviver a quase toda catástrofe imaginável, desde a queda de um avião sem pára-quedas até a empalação com uma grande variedade de instrumentos pontiagudos. Nesta última categoria, temos o caso do motociclista inglês Richard Topps, 21 anos, de Derbyshire, que sobreviveu a uma indesejada trombada com uma cerca.

Em agosto de 1985, a moto de Topps colidiu com um carro, ferindo seriamente seu passageiro. O próprio Richard foi lançado por cima do guidão, caindo sobre uma cerca, onde acabou espetado diagonalmente do tórax aos quadris em uma estaca de madeira de 1 metro de comprimento.

Por causa da confusão, Richard foi deixado ali espetado por mais de uma hora, completamente consciente, mas incapaz de livrar-se daquela incômoda e dolorosa posição, até ser encontrado por seu irmão. Tirar a estaca que perfurava seu tronco foi uma operação de duas horas, durante as quais os médicos descobriram que todos os seus órgãos vitais internos haviam escapado de maiores danos. Topps rapidamente recuperou-se da cirurgia e seguiu sua vida.

Kimberly Lotti, de Quincy, Massachusetts, garota de 18 anos, também sofreu um acidente semelhante em dezembro de 1983, quando dirigia sua caminhonete do trabalho para casa, e também sobreviveu para falar sobre o caso. Sua caminhonete perdeu a direção e foi de encontro a uma cerca de alumínio. Uma das estacas de 5 centímetros de diâmetro soltou-se e entrou pelo pára-brisa de seu veículo, atravessando a parte superior esquerda de seu peito.

- Foi uma coisa estranha - narrou Kimberly, posteriormente. - Não senti nenhuma dor. Pensei que a estaca só estivesse pressionando meu braço. Acho que eu estava em estado de choque.

Os membros de uma equipe de salvamento cortaram a peça a 12 centímetros da

frente e das costas de seu corpo e transportaram-na para o hospital, onde o resto da estaca de alumínio foi removido com a maior segurança.

A Mulher de Azul

Os catálogos dos milagres católicos estão cheios de relatórios históricos documentados que são de especial interesse para os parapsicólogos. Todavia, no que se refere à quantidade pura e simples, poucas carreiras espirituais podem se comparar à da Mulher de Azul, soror Maria Coronel de Agreda. De acordo com seus próprios relatos, soror Maria apareceu em dois lugares ao mesmo tempo, em cerca de quinhentas ocasiões, entre os anos de 1620 e 1631.

Nascida na Espanha em 1602, descendente de uma família religiosa de classe média, soror Maria, ainda menina, teve intensas visões. Na adolescência, caía facilmente em transes extáticos. Quando jovem, entrou para o convento franciscano da Imaculada Conceição, em Agreda.

Ali, impôs-se um regime que incluía longos períodos de jejum, noites de insônia e autoflagelação. Entre os milagres atribuídos a ela durante esse tempo, estavam a fantástica habilidade de responder aos pensamentos não exteriorizados por palavras de outras pessoas e a capacidade de levitar seu corpo frágil acima do assoalho do convento.

Mas foi pela inacreditável facilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo que soror Maria ficou conhecida. Suas projeções fantasmagóricas, segundo dizem, levavam-na sobre o oceano Atlântico e para o deserto da região oeste do Texas do século 17, onde ela cuidava das necessidades físicas e espirituais de uma tribo de peles-vermelhas que costumavam andar nus.

Entre todas as tribos nativas que habitavam o Sudoeste americano antes da chegada dos conquistadores, a mais desconhecida é a dos pobres Jumanos, que viviam ao longo do rio Grande, nas proximidades da atual cidade de Presídio, Texas.

Nos primórdios da migração espanhola para o México, os indígenas foram encontrados por Alonzo de Benavides, um frade franciscano. Para sua grande surpresa, encontrou os Jumanos já convertidos ao cristianismo. Mais ainda: afirmaram que haviam sido orientados para aquele encontro por uma misteriosa "mulher de azul", a mesma alma gentil que lhes dera rosários, cuidara de suas feridas e levara a eles as palavras de Jesus Cristo.

Quase tão perturbado quanto atônito, frei Benavides enviou cartas ao papa Urbano VIII e ao rei Filipe IV da Espanha, exigindo saber quem o havia precedido na catequese. A resposta ele a teve apenas em 1630, no retorno à Espanha, quando se inteirou dos milagres de soror Maria. Visitou então seu convento pessoalmente e tomou conhecimento de que o hábito da ordem era azul.

Dentro de um Furacão

A natureza apresenta inumeráveis espetáculos violentos, mas poucos podem se comparar com a destruição e a intensidade do furacão, em que os ventos centrífugos podem chegar a 320 km/h.

A despeito de uma superabundância de fotos, filmes e vídeos a respeito dos furacões, os relatos de testemunhas oculares que observaram o fenômeno de perto são escassos. Contudo, observação extremamente rara do interior de um furacão nos chega de uma tempestade que caiu sobre McKinney, Texas, ao norte de Dallas, no dia 3 de maio de 1943.

- A parte inferior da borda ficara a cerca de 6 metros acima do chão - declarou Roy Hall, cuja casa o tufão acabara de destruir. O interior do funil era oco; a borda em si parecia não ter mais de 3 metros de espessura e, possivelmente devido à luz dentro do funil, parecia ser perfeitamente opaca. Sua parte interna era tão lisa e perfeita que parecia o interior de um tubo vítreo. A borda externa girava diante dos olhos de Hall com incrível rapidez.

- Apoiei-me no meu cotovelo esquerdo, para me proteger melhor, e olhei para cima. É possível que naquele instante meus olhos tenham visto uma coisa que poucos viram antes e sobreviveram para contar. Eu estava olhando para cima, através do interior de um enorme funil de um furacão.

E continuou:

- Fui levado a mais de 300 metros, para cima, e ia sendo arrastado suave e lentamente em direção a sudeste. No fundo, o túnel devia ter cerca de 150 metros de diâmetro. Na parte de cima ele era maior, e parecia ser formado, pelo menos em parte, por uma nuvem brilhante, que emitia uma luz trêmula, como uma lâmpada fluorescente. Essa luz brilhante estava no meio do funil, sem tocar os lados.

Só temos conhecimento de um outro relato sobre o interior de um furacão, e ele nos vem de Wül Keller, fazendeiro de Greensburg, Kansas, que ficou horrorizado quando viu um dos terríveis ciclones aproximando-se de seu abrigo contra tempestades, onde ele se escondera no dia 22 de junho de 1928. O ar circundante, conforme Keller, estava tão imóvel quanto a morte. O interior de seu tufão era iluminado, com relâmpagos que passavam de um lado para outro. A partir da base do funil, furacões menores eram formados e se afastavam, como uma Moby Dick aérea dando à luz uma ninhada de pequenas baleias. No interior havia também uma nuvem solitária como a testemunhada por Hall.

Nenhum dos dois homens tinha coisa alguma a ganhar inventando mentiras. No entanto, suas histórias, caso sejam verdadeiras, deverão resultar em uma revisão do que conhecemos sobre furacões, particularmente porque a teoria científica atual não fala nada sobre uma estrutura interna tão complicada, especialmente com nuvens e relâmpagos.

A Visita de um OVNI

Na tarde de 24 de abril de 1964, o policial Lonnie Zamora, da cidade de Socorro, Novo México, estava dirigindo sua viatura Pontiac branca.

Um Chevrolet preto passou por ele a toda a velocidade e Zamora saiu-lhe no encalço. Em vez de dar ao motorista uma simples multa por alta velocidade, o policial, com cinco anos de experiência, acabou saindo da rodovia principal por vontade própria.

Ele estava seguindo rumo ao sul pela Old Rodeo Street perseguindo o motorista imprevidente, quando, segundo suas próprias palavras:

- Ouvi um ronco e vi uma estranha chama surgir a sudeste do céu, a pouca distância dali.

Já fora dos limites da cidade, Zamora saiu da estrada asfaltada e entrou em uma estradinha vicinal de terra que levava às colinas, e em direção à chama ruidosa. Zamora seguiu dirigindo nervosamente a viatura morro acima.

- De repente, notei um objeto brilhante ao sul, a não mais de 150 a 200 metros.

No fundo de um riacho, Zamora viu o que pensou a princípio tratar-se de um carro tombado.

- O carro parecia estar mergulhado sobre o radiador ou sobre o porta-malas. Ao lado do veículo ele viu pessoas.

- Vi duas pessoas com aventais brancos. Uma delas pareceu virar-se e olhar para minha viatura.

Na esperança de poder ajudar, Zamora seguiu em frente, transmitindo um chamado para o posto policial e informando um provável acidente.

Mas, quando ouviu o ronco forte outra vez, ele procurou abrigo atrás da viatura, e acabou perdendo os óculos. Zamora disse que percebeu que aquele objeto de formato oval não era um automóvel, e sim um veículo branco feito de um metal semelhante ao alumínio, apoiado sobre quatro bases de aterrissagem. Sua superfície era lisa, sem portas ou janelas visíveis. Centralizada em um dos lados havia uma insígnia vermelha, um triângulo dividido em duas partes, com cerca de 75 centímetros de altura por 60 centímetros de largura. A coisa elevou-se do riacho, deixando para trás uma cauda de fogo, de acordo com Zamora, e o ruído ficou mais agudo.

Quando se aproximou do local para ver mais de perto, Zamora encontrou alguns arbustos chamuscados e, mais importante, quatro marcas de bases metálicas que indicavam, segundo ele, o local onde a coisa pousara.

O local indicado por Zamora foi posteriormente investigado por vários funcionários militares e governamentais, inclusive o dr. J. Allen Hynek, que na ocasião era consultor para assuntos de astronomia do Projeto Blue Book, da Força Aérea dos EUA (um compêndio sobre contatos com OVNIs). Hynek tentou calcinar os arbustos com fósforos e criar impressões semelhantes às deixadas pelas bases do veículo

oval com uma pá, porém descobriu que não podia reproduzir satisfatoriamente a prova física. Ele entrevistou também a velha professora de Zamora e várias pessoas da cidade, e concluiu que Zamora era um "policial íntegro, sem condições de inventar uma história tão espantosa".

O pouso em Socorro, declarou Hynek com uma convicção mantida até o dia de sua morte, foi uma das mais impressionantes peças de provas já encaixadas no quebra-cabeça dos OVNIs. Só que colegas mais céticos no Projeto Blue Book seguiram caminho diverso; alguns oficiais da Força Aérea passaram anos tentando provar que a experiência de Zamora era o resultado de uma arma secreta do governo, que fora perigosamente descoberta por um civil.

O Fantasma que Atira Pedras

No princípio de setembro de 1983 teve início um pesadelo para o casal Berkbigler e seus cinco filhos. Eles acabavam de se mudar para a casa ainda não totalmente terminada, no deserto, quando grandes pedras começaram a ser atiradas contra ela, principalmente à noite. As pedras pareciam vir não se sabe de onde e nem a polícia conseguiu descobrir quem era o responsável. Em poucas palavras, os Berkbigler estavam sofrendo por causa de um poltergeist que atirava pedras, um tipo particularmente incômodo de fantasma que gosta de perturbar as pessoas jogando pedras em suas casas. Os membros da família invariavelmente corriam para fora, na tentativa de pegar o responsável, porém nunca havia ninguém à vista. Os ataques normalmente começavam entre 17h30 e 19 horas, quando a família chegava em casa retornando do trabalho ou da escola. As pedras eram atiradas aos montes, e então havia uma pausa, para voltarem a ser jogadas. Às vezes, a família também ouvia pancadinhas misteriosas nas portas e janelas.

Os Berkbigler, a princípio, pensaram que algum vagabundo fosse o responsável pelo incômodo, mas a sra. Berkbigler já não tinha tanta certeza.

- Talvez seja um espírito - ela finalmente declarou a alguns repórteres do Arizona Daily Star. - Vai ver que construímos a casa sobre algum terreno sagrado onde os índios enterravam seus mortos, ou coisa parecida.

Em pouco tempo a imprensa local estava chamando o problema dos Berkbigler de

“o fantasma que atira pedras”. Durante as semanas que se seguiram, o xerife local visitou a casa e solicitou a ajuda de um helicóptero para desvendar o mistério. O próprio aparelho acabou sendo apedrejado, em plena luz do dia, e os policiais acabaram relutando em visitar a propriedade.

O episódio mais assustador ocorreu num domingo de dezembro. As pedras haviam sido ativas, mas esporádicas durante aquele dia inteiro, e dois repórteres do Star visitaram a casa para entrevistar a família. Por volta das 18h00, as pedras passaram a ser atiradas com tamanha violência contra a porta lateral da casa que os repórteres não podiam sair. O cerco durou duas horas, até que a família finalmente telefonou para a polícia, que escoltou os repórteres para longe dali.

O mais estranho de tudo é que, para chegar à porta lateral, as pedras precisavam passar pela porta aberta da garagem. Como havia um furgão estacionado ali naquela tarde, as pedras tinham de ser lançadas com precisão absoluta através de uma fenda de 60 centímetros entre o teto da garagem e a parte superior do furgão. No entanto, o fantasma atirador de pedras conseguiu esse feito, acima da capacidade de qualquer ser humano, sem maiores dificuldades.

O caso atingiu seu ponto culminante nos dias 6 e 7 de dezembro, quando dezenas de pessoas começaram a chegar na casa para ajudar a família a pegar o culpado. A despeito de constantes patrulhas pela propriedade, as pedras continuaram sendo jogadas normalmente, acertando pessoas naquele deserto escuro como breu com incrível pontaria. A patrulha improvisada conseguiu encontrar um intruso na propriedade, porém aquelas pessoas acabaram descobrindo tratar-se de um dos assistentes do xerife.

Então, o suplício das pedras simplesmente parou. Os cercos diários terminaram na segunda noite das buscas, e o caso do misterioso fantasma atirador de pedras de Tucson ficou sem solução. Ele continua envolto em mistérios até os dias de hoje.

Do Sonho à Realidade

Um dos piores desastres na história da aviação comercial ocorreu no Aeroporto O'Hare de Chicago, no dia 25 de maio de 1979. Foi o terrível dia em que um DC-10 da American Airlines sofreu um acidente na decolagem, matando todos os seus tripulantes e passageiros. O acidente chocou o país, mas não chegou a surpreender um homem de meia-idade de Cincinnati, Ohio. A partir do dia 16 de maio, Dave Booth, que trabalhava em uma agência de aluguel de carros, passara a ter sonhos com um terrível acidente aéreo todas as noites.

- O sonho começava - revelou ele posteriormente -, e eu me via olhando para um campo a partir do canto de um prédio térreo. A construção, feita de tijolos amarelos, tinha o teto cheio de cascalhos. As janelas que davam para o campo pareciam estar protegidas com papel colado. A impressão que recebia do edifício era de que deveria ser uma escola. No entanto, o prédio fazia lembrar também

algum tipo de fábrica. Atrás do edifício havia um estacionamento cheio de cascalhos, com uma pista que dava a volta pela construção e então seguia em direção à estrada principal, que ficava às minhas costas. Olhando para o campo, via uma fileira de árvores de noroeste a sudeste. Todas as árvores e a grama eram verdes. Sei que era tarde, porque o sol estava se pondo a oeste. Olhando sobre a fileira de árvores, rumo nordeste, vi um grande avião no ar. A primeira impressão que tive é que, por estar tão perto de mim, aquele avião devia estar fazendo um ruído muito mais alto. Percebi que havia alguma coisa errada com o motor. O avião então desviou-se para a direita, seguindo em direção a leste. A asa esquerda se elevou no ar, muito lentamente, mas não em câmara lenta, o avião girou de cabeça para baixo e foi diretamente para o solo. Vi o avião bater. Era como se eu estivesse olhando o avião de frente, e não de lado nem por trás. Quando o aparelho se chocou contra o solo, houve uma enorme explosão. Não consigo pensar em nenhuma palavra para descrevê-la, exceto que ela foi pavorosa... Quando o ruído começou a morrer, acordei. A aeronave que eu vi em meus sonhos era um aparelho de três motores da American Airlines.

O desastre aconteceu nove dias depois que os sonhos de Booth começaram, quando um DC-10 da American Airlines sofreu um acidente logo após a decolagem às 15h03, em Chicago. A aeronave perdeu um motor logo após decolar, em seguida perdeu altitude e colidiu em um aeroporto abandonado adjacente ao O'Hare. Testemunhas falaram sobre o estranho silêncio do aparelho, como se seus outros motores tivessem falhado. O avião também girou perpendicularmente e bateu no solo primeiro com a asa esquerda. Depois, colidiu com um hangar e explodiu, com chamas que se elevaram a 120 metros.

Felizmente, as provas da previsão de Booth não residem apenas em seu testemunho pessoal. Quando os sonhos começaram a se repetir, ele ficou tão preocupado que entrou em contato com a American Airlines e com a Cincinnati Aviation Administration. Eles não sabiam o que fazer, tendo em vista a advertência telefônica. Foi então que Booth ligou para as Forças Armadas, onde representantes anotaram cuidadosamente seu telefonema e seus sonhos. Essas anotações detalhadas foram entregues ao Instituto de Parapsicologia em Durham, Carolina do Norte, onde pesquisadores investigaram o caso. Os perturbadores sonhos de Booth terminaram no dia do acidente.

Vítimas do Destino

O dramaturgo grego Esquilo é conhecido como o criador da Tragédia. Ele entrou para a História por causa de suas peças teatrais, mas também mereceria o mesmo destaque honorífico em razão da maneira dramática de sua morte. De acordo com a lenda, Esquilo foi morto quando uma águia confundiu sua calva com uma rocha e derrubou sobre ele um casco de tartaruga, rachando-lhe a cabeça.

Vítimas modernas do destino também sofreram mortes ironicamente similares. Vejamos o caso de Praga, Tchecoslováquia. Uma mulher saltou de uma janela no terceiro andar de um prédio após ficar sabendo da infidelidade do marido. Este, entrando no edifício exatamente naquele momento, acabou recebendo o peso da mulher sobre a cabeça. Ela sobreviveu. Ele morreu no ato.

Há também o caso de uma mulher de 36 anos de San Diego, Califórnia, que, em 1977, planejou matar seu marido de 23 anos, instrutor físico dos Fuzileiros Navais, para receber os 20 mil dólares do seguro. Ela colocou o veneno de uma tarântula em uma torta de ameixas, porém ele comeu apenas alguns pedaços. Em seguida, tentou eletrocutá-lo no chuveiro, mas o plano também falhou. Assim como fracassaram as tentativas de matá-lo com detergente, de atropelá-lo com o carro, de injetar bolhas de ar nas veias e até de despejar anfetamina na cerveja quando ele precisava dirigir, na esperança de que ficasse alucinado e sofresse um acidente fatal.

Exasperada, ela contratou uma mulher de 26 anos para cúmplice no crime. Juntas, elas golpearam o marido na cabeça com pesos de metal, enquanto o instrutor físico dormia. Foi só dessa maneira que ele finalmente sucumbiu.

E, para encerrar, no dia comemorativo dos soldados e marinheiros dos EUA mortos em ação, em 1987, um advogado de 40 anos da Louisiana ficou em pé em seu barco, quando uma tempestade se aproximava.

- Aqui estou - gritou ele para os céus, levantando suas mãos sobre a cabeça.

Um raio fulminou-o instantaneamente. O primeiro nome do advogado era Graves (Covas).

Chuva de Rãs

Em maio de 1981, residentes da cidade grega de Naphlion acordaram com uma chuva de rãs verdes. Milhares das pequenas criaturas anfíbias, pesando apenas poucos gramas, caíam do céu e estatelavam-se nas ruas. Cientistas do Instituto Meteorológico de Atenas apressaram-se a dar as explicações usuais. Descobriu-se que um redemoinho no norte da África sugara as rãs de um pântano e transportara- as por uns 960 quilômetros através do Mediterrâneo, despejando-as nas ruas de Naphlion.

Por incrível que possa parecer, poucas das rãs morreram como resultado da violenta viagem. Na verdade, elas se adaptaram muito bem ao novo ambiente. Alguns dos cidadãos locais, no entanto, disseram que não conseguiram dormir à noite, pois ao coaxar os imigrantes anfíbios faziam muito barulho.

Idiomas Reencarnados

O que aconteceria se você hipnotizasse alguém e essa pessoa começasse a falar um idioma antigo? Foi o que aconteceu com o dr. Joel Whitton, conhecido psiquiatra canadense e cético explorador da questão da reencarnação.

Desde o famoso caso de Bridey Murphy nos anos 50, os psicólogos contemporâneos têm tentado fazer com que seus pacientes regridam a suas vidas anteriores. Poucos deles conseguiram descobrir alguma coisa de interesse, mas isso não impediu que Whitton também tentasse. O principal cliente do psiquiatra era um psicólogo profissional, que, durante o trabalho hipnótico em conjunto, começava a

lembrar e a ouvir idiomas estrangeiros que ele, aparentemente, falara durante duas vidas anteriores. O que gradativamente emergiu foram lembranças de uma existência viking, aproximadamente do ano 1000, e uma encarnação ainda mais antiga na Mesopotâmia.

Ao relatar o caso perante a Toronto Society for Psychical Research, uma sociedade canadense de pesquisas de fenômenos psíquicos e mediúnicos, Whitton afirmou que o paciente recordara perfeitamente 22 palavras de norsk, idioma precursor do moderno islandês e língua usada pelos antigos vikings. Muitas dessas palavras, inclusive algumas relativas a temas do mar, foram identificadas e traduzidas por dois especialistas versados em norsk.

O homem pesquisado por Whitton, cuja identidade não foi revelada, nunca falou nada no idioma mesopotâmico do século 7, porém chegou a escrever algumas palavras isoladas que se parecem com sassanid pahlavi, uma língua morta falada na Pérsia, entre os séculos 3 e 7.

Whitton não afirma com certeza absoluta que esse caso possa provar a existência da reencarnação. Concorda ser possível, mas não provável, que seu paciente tenha aprendido as palavras de alguma fonte normal.

O Gato que Voltou para Casa

A ciência está longe de entender o motivo pelo qual os animais voltam para casa. Orientação pela posição do Sol ou pelo campo magnético da Terra representa uma possibilidade. Contudo, que podemos dizer de animais perdidos que encontram o caminho de casa através de territórios desconhecidos? O caso de Sugar, o gato que voltou para casa, representa um mistério ainda não desvendado.

Sugar, um gato persa de cor amarela, era o orgulho e a alegria do casal Stacy Woods, de Anderson, Califórnia. Os dois decidiram mudar de casa em 1951, porém, como Sugar tinha medo de carros, eles, relutantemente, decidiram deixá-lo para trás com vizinhos. Dirigir o carro até a nova residência em uma fazenda de Oklahoma já seria suficientemente difícil, sem a necessidade de ter um gato medroso para cuidar. Os Woods rumaram para a cidade de Gage e, provavelmente, não voltaram a pensar no gato enquanto arrumavam a nova casa.

Um dia, catorze meses depois, a sra. Woods estava junto ao celeiro quando um gato pulou pela janela, caindo bem em seu ombro. Ela naturalmente ficou assustada e afastou o bichano. Mas, olhando mais atentamente, a sra. Woods viu que ele, sem dúvida, parecia-se com Sugar. Ela e o marido logo adotaram o felino e sempre comentavam a semelhança.

A despeito da coincidência, nem o marido nem a mulher acreditavam realmente que aquele gato fosse Sugar, até alguns dias mais tarde. O sr. Woods estava acariciando o pequeno animal, quando lhe notou o osso ilíaco deformado. Era exatamente este o defeito de Sugar. Quando, finalmente, entraram em contato com os antigos vizinhos na Califórnia, os Woods ficaram sabendo que o bichano desaparecera algumas semanas após a partida. Os vizinhos não quiseram contar nada ao casal sobre o sumiço do felino, temendo que eles pudessem ficar tristes com a notícia.

Os Rostos de Bélmez

Uma das casas mal-assombradas mais malucas de que se tem notícia foi localizada na Espanha, em 1971, quando estranhos rostos começaram a aparecer em um casebre no pequeno povoado de Bélmez.

O caso veio a furo pela primeira vez em agosto, quando Maria Pereira, dona de casa do lugarejo, descobriu que "se formara" um rosto feminino na pedra do fogão a lenha de sua cozinha. Ela tentou raspá-lo, mas ele parecia emergir diretamente da pedra.

Maria chegou até a cobrir o rosto com uma camada de argamassa, porém, mesmo assim, a imagem persistiu ali. Então começaram a surgir rostos no chão da cozinha, que, algumas vezes, desapareciam com o correr do dia ou mudavam de expressão.

Não demorou para que a casa se transformasse em um ponto turístico local, e Maria Pereira começou a cobrar ingresso das pessoas que queriam ver os rostos. Centenas de turistas começaram a afluir à casa, até que autoridades políticas e religiosas do local ordenaram o término daquela visitação pública.

Felizmente, nessa altura, o dr. Hans Bender, da Universidade de Freiburg, na Alemanha, tomou conhecimento do caso. Bender, um dos mais famosos

parapsicólogos germânicos, decidiu investigar o estranho fenômeno, em colaboração com o dr. Germán de Argumosa, da Espanha. Para testar os rostos, os dois pesquisadores prenderam uma chapa de plástico no chão da cozinha. Ela foi deixada ali durante várias semanas, sendo retirada apenas quando a água ficou condensada embaixo dela. Os rostos continuaram a se formar, mesmo nessas condições de controle. Apareceram de forma consistente durante todo o ano de 1974, e, embora a sra. Maria Pereira construísse nova cozinha na casa, não demorou para que rostos começassem a aparecer também ali.

O professor Argumosa testemunhou pessoalmente a materialização de um rosto, no dia 9 de abril de 1974. Conseguiu fotografá-lo, apesar de a imagem desaparecer logo em seguida. O emprego de documentação fotográfica elimina qualquer possibilidade de insinuar que os rostos tenham sido alucinações, ou mesmo configurações ocasionais formadas na pedra.

Com o objetivo de realizar novos testes para evitar fraudes, Argumosa e colegas verificaram se os rostos podiam ser feitos com tintas artificiais. Os resultados de seus estudos químicos foram mostrados na edição de novembro de 1976 da Schweizerisches Buletin für Parapsychologie, publicação suíça especializada em casos de parapsicologia, e não foi descoberto nada de suspeito.

O motivo do curioso fenômeno jamais veio a ser definitivamente esclarecido. Alguns dos moradores do povoado cavaram o chão da cozinha da sra. Maria Pereira e encontraram alguns velhos ossos enterrados ali. Correu o boato de que a casa teria sido construída sobre um antigo cemitério, a última morada de mártires cristãos assassinados por mouros no século 11.

A Camisola Azul Rendada

Hoje em dia, o dr. Julian Burton trabalha em Los Angeles, como psicoterapeuta, auxiliando pessoas a solucionar seu problemas. Sua tese de doutorado, no entanto, abordava mais o sobrenatural do que o patológico, pois versava sobre os contatos espontâneos com os mortos. Burton estudou centenas de pessoas durante suas pesquisas, descobrindo que a comunicação com amigos e parentes já falecidos não é uma coisa fora do comum. A descoberta não chegou a ser uma surpresa para o psicólogo, pois a idéia do projeto emergiu de sua própria experiência pessoal.

A mãe de Burton morreu em princípios de 1973 com a idade de 67 anos, após um fulminante derrame cerebral. Ele sofreu muito com a morte, porém, em setembro, já estava recuperado, embora o vínculo entre os dois estivesse destinado a persistir após o falecimento.

- Uma noite, naquele mês de setembro - recorda Burton -, minha mulher e eu estávamos recepcionando alguns parentes. Eu me encontrava na cozinha cortando um abacaxi, quando ouvi o que imaginei serem os passos de minha mulher atrás de mim, à direita. Virei-me para perguntar sobre o paradeiro de uma tigela, mas percebi que ela passara para o lado esquerdo, fora de meu campo de visão. Voltei-me para aquela direção para repetir minha pergunta, e deparei com minha mãe em pé a meu lado. Ela estava perfeitamente visível, com aparência vários anos mais jovem do que estava no momento da morte. Usava uma camisola azul rendada, que eu nunca vira antes.

Quando Burton firmou a vista, a figura simplesmente desapareceu e, na manhã seguinte, ele telefonou para a irmã e relatou o sucedido.

- A mana ficou assustada - continuou o psicólogo - e começou a soluçar, perguntando por que nossa mãe não se materializara para ela.

Tive certo sentimento de culpa por causa disso, e perguntei-lhe se acreditava no que eu acabara de narrar.

Duas semanas antes do derrame, as duas mulheres haviam saído para fazer compras, e sua mãe vira aquela mesma camisola azul rendada. Ficou com vontade de comprá-la, mas não teve coragem de dar 200 dólares por ela.

A experiência influenciou profundamente Burton, que, aos 42 anos, decidiu voltar aos estudos e terminar sua tese de doutorado.

- Imaginei - afirmou ele -, que muita gente provavelmente teria passado por experiências similares para contar.

Uma Cura Milagrosa

Leo Perras pode andar hoje em dia, muito embora tenha sido aleijado, sem

esperanças de cura, durante anos. A história desse verdadeiro milagre começa com um moderno milagreiro chamado padre Ralph Di Orio, que ainda continua em plena atividade.

Padre Di Orio nasceu em Providence, Rhode Island, em 1930, e foi ordenado pela Igreja Católica Apostólica Romana em 1957. Estudioso de idiomas e educador, Di Orio mostrava-se bastante convencional na prática de seus pontos de vista teológicos, até 1972. Foi neste ano que sua congregação, de língua predominantemente espanhola, decidiu tornar-se carismática, forma de adoração que enfatiza expressões religiosas pessoais e experiências espontâneas. Padre Di Orio resistiu às mudanças e somente com a aprovação do bispo de sua diocese é que modificou os serviços. Finalmente, envolvendo-se com a nova ordem de coisas, o padre de meia-idade começou a prática da imposição das mãos durante os serviços sacerdotais, e, em breve, descobriu que possuía o poder de curar.

Realizava trabalhos de cura na Igreja de St. John em Worcester, Massachusetts, quando conheceu Leo Perras.

O aleijado, originário da comunidade de Easthampton, sofrera acidente de trabalho algum tempo antes, quando contava apenas 18 anos, que o deixara paraplégico. As cirurgias não deram certo, e ele ficou paralisado da cintura para baixo, precisando deslocar-se em uma cadeira de rodas. Naturalmente, houve o definhamento das pernas, causando-lhe fortes dores. Já estava tomando diariamente medicamentos contra essas dores insuportáveis, quando foi procurar o padre da Nova Inglaterra.

Ao conhecer padre Di Orio, Perras já estava confinado na cadeira de rodas fazia mais de vinte anos. O padre fez orações para o visitante durante os serviços religiosos, e os resultados foram praticamente imediatos. O paralítico levantou-se e caminhou para fora da igreja. Os músculos das pernas aparentemente ficaram fortes, e as dores que ele sentia havia muito desapareceram.

A história parece boa demais para ser verdadeira, porém está particularmente bem documentada. O próprio médico de Perras, Mitchell Tenerowicz, diretor do Cooley Dickinson Hospital, em Northampton, examinou o paciente logo após a cura milagrosa e notou que suas pernas ainda estavam atrofiadas, o que significava ser fisicamente impossível àquele homem andar. Mas ele andou. As pernas de Perras foram ficando mais fortes durante as semanas que se seguiram e, no dia 29 de

setembro de 1980, o programa Isso É Incrível, da rede NBC de televisão, entrevistou-o e transmitiu sua história de norte a sul dos Estados Unidos.

A Marca do Assassino

Ninguém sabia seu nome verdadeiro. Costumava se autodenominar Cheiro, o Grande, e quando chegou na cidade de Nova York, vindo de Londres, em 1893, ele já se estabelecera como o mais famoso e mais bem pago vidente do mundo.

Vários anos antes, Cheiro, o Grande, chegara às manchetes dos jornais ingleses ao descobrir a identidade de um assassino após estudar a impressão digital manchada de sangue em uma parede encardida. Agora, os céticos jornalistas nova-iorquinos exigiam-lhe prova das aptidões. Eles o convidaram a olhar para treze impressões digitais diferentes e descrever em seguida a identidade de seus portadores.

Em menos de 10 minutos, Cheiro, o Grande, descreveu corretamente os autores de doze impressões, inclusive a da famosa artista Lillian Russell, a quem identificou corretamente como criatura com grande talento e ambição, mas também com enorme carga de infelicidade.

Contudo, o que ele tinha a dizer sobre a décima terceira impressão digital? Por que hesitara antes de identificá-la?

Finalmente, o vidente explicou:

- Recuso-me a identificar essa impressão para qualquer outra pessoa, a não ser para a própria - declarou ele -, porque é a marca de um assassino. Ele irá se revelar através de confissão e morrerá no presídio.

A décima terceira impressão digital era do dr. Henry Meyer, que se encontrava então no presídio de Tombs, acusado de assassinato. Meyer foi condenado e morreu alguns meses mais tarde, em uma instituição para pessoas criminalmente insanas.

Pesadelo Mediúnico

Algumas vezes, uma experiência mediúnica chega a assumir cores trágicas. Quando

Wendy Finkel, de 19 anos, morreu em um acidente automobilístico perto de Point Mugu, na costa sul da Califórnia, sua mãe não precisou ser informada pela polícia. Ela já sabia. A data foi 19 de novembro de 1987, uma quinta-feira.

Era véspera do aniversário de Wendy. A aluna de um colégio misto e três de suas amigas estavam dirigindo desde Santa Bárbara para levar alguém ao aeroporto de Los Angeles. Duas das estudantes pretendiam assistir a um concerto de rock. Elas saíram com Wendy para jantar e dançar, e então foram visitar sua irmã, que morava perto da Universidade de Califórnia, em Los Angeles. Toda a família Finkel aguardava ansiosamente pelo aniversário de Wendy naquela sexta-feira e especialmente pela oportunidade de ter todos os Finkel reunidos para o Dia de Ação de Graças.

A tragédia ocorreu de manhãzinha, quando o carro que transportava as estudantes aparentemente desgovernou-se e saiu da Pacific Coast Highway, mergulhando pelo abismo em direção ao mar. Acontece que um pescador viu o Honda Civic 1986 flutuando na água com as rodas para o ar na manhã seguinte, e os corpos das três amigas de Wendy logo foram resgatados.

No mesmo momento do acidente, a sra. Finkel acordara repentinamente em sua casa de Woodland Hills, sentindo falta de ar.

- Tive a impressão de estar me afogando - revelou posteriormente aos repórteres. - Eu não conseguia encher os pulmões de ar. Consultei o relógio e vi que eram mais de duas horas da madrugada. Calculo que foi nessa altura que o carro chegou em Point Mugu e despencou pela ribanceira.

O corpo de Wendy não foi encontrado, embora sua mãe tenha poucas dúvidas sobre o destino da moça.

Os Fantasmas do S. S. Watertown

A tragédia aguardava o navio petroleiro S. S. Watertown, quando ele zarpou da cidade de Nova York rumo ao canal do Panamá, no início de dezembro de 1924. Dois marujos, James Courtney e Michael Mehan, estavam limpando um dos tanques e, intoxicados pelos gases do combustível, vieram a morrer. Os corpos foram atirados ao mar, conforme a tradição marinha, no dia 4 de dezembro

daquele ano.

Os fantasmas do S. S. Watertown apareceram no dia seguinte, mas não na forma de almas penadas cobertas com lençóis brancos caminhando pelo convés. Os rostos dos dois infelizes marujos foram vistos seguindo o navio na água, dia após dia, pelo comandante Keith Tracy e por todos os tripulantes. Os desconcertantes fantasmas pareciam dispostos a tomar o mesmo rumo do petroleiro até a travessia do canal.

O comandante Keith Tracy relatou esses fantásticos eventos a seus superiores quando o navio aportou em Nova Orleans, e altos funcionários da companhia marítima lhe sugeriram que tentasse fotografá-los. Ele finalmente entregou um rolo de filme com seis flagrantes à Cities Service Company, que o revelou comercialmente. Embora cinco das fotos não apresentassem nada de anormal, a sexta mostrava claramente dois rostos seguindo lugubremente o navio.

O interessante é que a Cities Service Company não tentou depreciar a fascinante história, nem ocultá-la do público. Muito pelo contrário, eles chegaram a publicá-la na íntegra na Service, revista da empresa, em 1934, e até expuseram a ampliação da foto no saguão principal da firma, em Nova York.

Transcendendo os Limites do Tempo

Todo estudante de fenômenos científicos inexplicáveis sabe que a percepção extra-sensorial (PES) não é limitada pela distância. Diversas pesquisas já demonstraram que ela pode tanto se manifestar entre duas salas quanto entre dois países localizados em pontos opostos do globo. O mais surpreendente é que a força da PES pode transcender os próprios limites do tempo. Pesquisa realizada na Faculdade Mundelein em Chicago, em 1978, demonstrou claramente esse fato estranho.

John Bisaha, o pesquisador encarregado do programa, há muito tempo interessava-se por visões remotas, durante as quais uma pessoa tenta "ver" o que está acontecendo a quilômetros de distância. Na verdade, o procedimento experimental é bastante simples. A pessoa fica sentada com o pesquisador, enquanto uma ou outra dirige-se a local diverso, que tanto pode ser nas proximidades quanto a quilômetros de onde está sendo realizado o teste. O pesquisador então solicita ao

médium que entre em contato, ou visualize o assistente que se afastou, e descreva onde ele está. Ao aplicar esse modo de proceder, Bisaha fazia uma importante alteração. Ele pedia ao médium que descrevesse o local que seu assistente visitaria no dia seguinte.

Em uma das ocasiões mais importantes dos testes cuidadosamente controlados, Bisaha sugeriu a uma de suas principais médiuns que descrevesse as paisagens que eles veriam na Europa. Durante cinco dias consecutivos, Brenda Dunne - em Chicago - tentou ver o local que Bisaha visitaria 24 horas depois. Os dois participantes não mantiveram nenhum tipo de contato durante a experiência.

Os resultados foram realmente surpreendentes. Quando a companhia de turismo levou Bisaha a um restaurante circular construído sobre alguns pilares às margens do Danúbio, Brenda Dunne já o vira "perto da água... uma área muito grande de água". Ela também previu "linhas verticais como pilares... uma forma circular como um carrossel". Sucessos similares foram relatados com relação aos outros dias também.

Quando o pesquisador retornou aos EUA, carregou consigo os registros das cinco sessões e um árbitro independente, que recebeu também fotos das cidades visitadas. Sua tarefa era comparar cada um dos relatórios fornecidos por Brenda Dunne com as fotos - e ele não teve maiores dificuldades em fazê-lo.

A Volta do Plesiossauro Marinho

Em abril de 1977, as redes do navio pesqueiro japonês Zuiyo Maru trouxeram para bordo estranha carga içada na costa da Nova Zelândia - um animal marinho desconhecido, com mais de 13 metros de comprimento, semelhante a um monstro primitivo das profundezas do oceano. Os tripulantes levantaram com o guindaste a carcaça daquela estranha criatura e fizeram várias fotos coloridas antes que o capitão, temendo que o animal estivesse contaminado, ordenasse que ele fosse jogado na água.

O professor Tokio Shikama, estudante de animais pré-históricos na Universidade Nacional de Yokoama, estudou as fotos e declarou que aquele animal morto não era nem um mamífero conhecido, nem um peixe. Na verdade, comparou sua

carcaça com a de um plesiossauro, réptil marinho ovovivíparo que viveu na Terra há mais de 100 milhões de anos.

Vários outros navios buscaram os restos mortais da criatura devolvida ao mar pelos japoneses, mas sem sucesso. A tragédia é que até mesmo um único espécime de plesiossauro teria valido muito mais do que uma nau abarrotada de peixes normais.

OVNs Contra Porquinhos

Os ocupantes de OVNIs têm demonstrado, com o passar dos anos, grande interesse por bovinos e eqüinos. Se levarmos em conta as declarações de Richard Fanning, fazendeiro de Norway, Carolina do Sul, ampliaram-se seus interesses, abrangendo também os suínos.

Na noite de 6 de dezembro de 1978, Fanning, de 21 anos, a mulher e dois amigos viram um círculo branco de luz de 3 metros pairando sobre o chiqueiro de sua fazenda. Debaixo daquele objeto havia dois pares de luzes vermelhas e verdes, cada uma do tamanho aproximado de um farol de automóvel.

- Alguma coisa está errada - disse Fanning aos amigos. - Vamos sair daqui.

Eles se afastaram e as luzes silenciosas os seguiram. O círculo branco pairou sobre a estrada à altura de um carro, mantendo-se sempre a 50 metros de distância, enquanto as luzes vermelhas e verdes esquadrinhavam o terreno. Fanning correu para casa, onde tinha uma arma.

- De repente, aquela grande luz branca fez uma manobra por trás de meu carro e voltou para o chiqueiro.

As outras luzes menores também voltaram para aquele local. Fanning e os outros ficaram olhando para as luzes.

- Depois de uns 3 ou 4 minutos, todas as luzes se apagaram - afirmou Fanning. - Fiquei com muito medo.

Na verdade, ele ficou com tanto medo que buscou refúgio com sua mulher na casa de parentes, durante as duas noites seguintes.

Três dias depois, voltaram para alimentar os animais e Fanning deparou com um leitão morto.

- Encontrei outro leitão morto mas em pé - declarou Fanning. - Dei-lhe um pontapé e ele caiu.

Um exame no leitão revelou que faltava a mandíbula.

- A carcaça do animal parecia uma esponja, desprovida de todo peso.

Fanning declarou que, quando vivo, o leitão pesava 110 quilos, porém o que restava não passava dos 20.

- Foi - concluiu - a coisa mais incrível que já vi em toda a minha vida.

Coração Batendo no Cérebro

Alguns estranhos rituais tiveram origem na época da contracultura, nos anos 60, mas poucos foram tão bizarros quanto a prática de fazer um buraco na cabeça de uma pessoa para aumentar seu estado de consciência.

Trepanação, ou o uso de um instrumento cirúrgico para perfurar os ossos do crânio, era uma prática comum entre algumas sociedades primitivas, por motivos não inteiramente esclarecidos. A base lógica dessa operação perigosa, porém não mortal, deve ter sido, provavelmente, de natureza médico-religiosa. Os atuais defensores da trepanação, de modo geral, adotam essa opinião.

O movimento moderno começou em 1962, quando um médico holandês, Bart Huges, declarou que o grau e o estado de consciência de uma pessoa dependiam, principalmente, do volume de sangue no cérebro. As coisas eram diferentes quando andávamos de quatro, segundo Huges, antes de evoluirmos para a posição ereta que nos separa da maioria dos outros seres da natureza. O problema é que o cérebro ficou fechado dentro de uma estrutura rígida, restrita. Pior ainda, a gravidade reduziu o fluxo de oxigênio e de nutrientes para o cérebro.

A solução de Huges para o dilema era fazer uma perfuração elétrica e remover um pequeno círculo ósseo do crânio. Como resultado da operação, na opinião dele, o fluxo sangüíneo aumentaria, e o cérebro, agora libertado, poderia palpitar no mesmo ritmo do coração. Huges achava que a consciência da pessoa voltaria ao

estado infantil, em que a mente desimpedida permanecia em contato com seus sonhos primitivos, sua imaginação e com intensas sensações. Os adultos acabaram perdendo essa habilidade com a lenta solidificação sofrida pelo crânio.

A trepanação como uma solução para as condições humanas não foi aprovada pelas autoridades holandesas, que prontamente condenaram Huges a um hospício para observação. Todavia, suas idéias foram mais bem aceitas pelos hippies, para os quais qualquer tipo de "consciência" nova parecia compensar os riscos.

O buraco no crânio preconizado por Huges, diretamente no cérebro, prometia um estímulo mental permanente. O grande problema, naturalmente, era encontrar alguém para realizar a operação, pois não existe por aí quantidade muito grande de antigos curandeiros com o poder de oferecer vítimas às divindades. A solução era o sonho de toda pessoa hábil: "faça você mesmo".

O mais notável dos discípulos de Huges era Joseph Mellen, contador londrino formado em Oxford. Os dois conheceram-se em Ibiza, em 1965. O holandês conseguiu convencê-lo das vantagens da trepanação. (Toda a filosofia de Huges na ocasião podia ser resumida nas seguintes palavras: "volume sangüíneo cerebral".)

A autotrepanação de Mellen, após três tentativas malsucedidas, foi tão "perfeita" que, posteriormente, ele escreveu um livro sobre sua experiência denominado Bore Hole (Buraco Perfurado), cuja primeira frase já resume todo o teor da obra: "Esta é a história de como consegui fazer um buraco em meu cérebro para ficar permanentemente alto".

Mellen relatou a nova sensação de bem-estar como resultado da trepanação, que, de acordo com ele, continua até hoje. Sua namorada, Amanda Fielding, posteriormente também foi submetida à mesma operação, só que, em vez de escrever um livro a respeito, ela resolveu filmá-Ia, dando a seu curta-metragem o título de Heartbeat in the Brain (Coração Batendo no Cérebro). Juntos, os dois modernos defensores da trepanação dirigem uma galeria de arte em Londres.

O Poder da Oração

Muita gente considera a ciência como inimiga da religião. Mas certos projetos de

pesquisas experimentais, algumas vezes, trazem documentos preciosos sobre o poder da fé. Um desses projetos foi recentemente empreendido pelo dr. Randy Byrd, cardiologista e cristão devotado. O dr. Byrd estava tão intrigado com o possível poder da oração que decidiu realizar uma experiência para testá-lo.

Como na ocasião o cardiologista estava trabalhando no San Francisco General Hospital, certamente tinha um número mais que suficiente de pacientes à disposição. Ele começou programando um computador para a escolha de 192 pacientes com problemas cardíacos, enquanto outros 201 pacientes similares foram escolhidos para servir como grupo de controle. Byrd queria ver se aqueles pacientes para os quais seriam feitas orações podiam mostrar recuperação pós-operatória mais rápida do que o grupo de controle. Ele pessoalmente não fez as orações, porém solicitou a pessoas selecionadas e a grupos de religiosos em todo o país que participassem do estudo.

Os participantes vieram dos mais diferentes lugares e receberam os nomes dos pacientes, sem qualquer possibilidade de conhecê-los pessoalmente ou de manter qualquer tipo de contato com eles. Além disso, nenhum dos pacientes tomou conhecimento de que estava sendo objeto de estudo.

A experiência demorou um ano para ser completada e confirmou inteiramente a crença de que as orações realmente funcionam. O dr. Byrd relatou os surpreendentes resultados do trabalho, em 1985, na reunião anual da American Heart Association, realizada em Miami.

- Em um grau estatisticamente significativo - declarou ele perante o grupo -, os pacientes para os quais foram feitas orações exigiam tratamento pós-operatório à base de antibióticos menos intenso e apresentaram menos edemas pulmonares (a formação de água nos tecidos dos pulmões).

O cardiologista descobriu também ser menor o registro de mortes entre os pacientes para os quais foram feitas orações durante a pesquisa, muito embora esse número não fosse estatisticamente significativo.

A reação ao estudo por parte de outros médicos foi surpreendente. Muitos deles o adoraram. Provavelmente a reação mais inesperada foi a do dr. William Nolan, autor de The Making of a Surgem (A Criação de um Cirurgião) e declaradamente um crítico severo da medicina fora dos padrões ortodoxos - especialmente as curas

religiosas. Até ele ficou impressionado com o estudo de Byrd.

- Que funciona, funciona - comentou ele, falando a respeito do poder da oração, quando instado a fazer declaração sobre o estudo do dr. Byrd para a revista Medical Tribune.

O Verdadeiro Drácula

Drácula, de Bram Stoker, o mais famoso romance de terror de todos os tempos, foi baseado na carreira sanguinolenta de um personagem real - o príncipe da Valáquia Vlad IV, ou Vlad, o Empalador - que governou a Romênia do século 15 com mão de ferro e estacas bem afiadas.

Também conhecido como Drácula, ou "filho do demônio", Vlad foi um dos soberanos mais desumanos que o mundo conheceu. Na verdade, pesquisa realizada em 1981 coloca-o em pé de igualdade com Idi Amin Dada, Hitler e Calígula, em termos de total desrespeito pela vida humana e pelo sofrimento causado a seus semelhantes. Vlad IV ganhou a alcunha de o Empalador devido à preferência pelas estacas de madeira como ferramenta de tortura. Milhares de soldados e civis turcos, enfiados em estacas fincadas no chão, morreram sofrendo dores terríveis em suas mãos.

Vlad costumava jantar entre as vítimas, que se debatiam de dor, tomando-lhes o sangue ou banhando-se em seu fluido vital. A reputação terrível do príncipe era tão conhecida no país que, quando morreu, em 1477, correram boatos de que ele voltara do mundo dos mortos em busca de mais sangue. Essas histórias devem ter contribuído para a crença popular de que a única maneira de interromper os ataques mortais de um vampiro seria enfiar-lhe uma estaca de madeira através de seu corpo ainda vivo.

No entanto, existe um pequeno detalhe que muita gente ignora: o conde Drácula original de Bram Stoker só morreu depois de receber um golpe na cabeça e uma punhalada no peito, executados por um texano. E coincidência quase inacreditável aconteceu nos tempos modernos: um descendente direto do verdadeiro Drácula foi localizado na Romênia comunista, trabalhando em banco de sangue.

Elizabeth a Vampira

A História faz alusões a outros vampiros suspeitos, ocultos entre a realeza européia. A bela Elizabeth Bathory, nascida em 1560 e casada com o conde cárpato Ferencz Nadasdy, com a idade de 15 anos, é um bom exemplo. Um feiticeiro velhaco, conhecido apenas como Thorke, conforme opinião geral, iniciou a jovem Elizabeth na prática da magia negra. Quando o conde foi para a guerra, sua mulher, ainda em plena lua-de-mel, fugiu com um estranho vestido de preto, que tinha dentes brancos e pontiagudos e semblante pálido. Elizabeth voltou sozinha, praticando atos de selvageria e passando a torturar os serviçais. De volta do campo de batalha, os protestos do conde não surtiram efeito.

Percebendo que sua beleza diminuía com o passar do tempo, Elizabeth ficou desvairada. Ordenou que uma jovem criada fosse assassinada e seu sangue drenado em uma tina. Banhar-se nesse sangue rejuvenesceu Elizabeth, mas apenas por pouco tempo. Agora, a necessidade de vítimas jovens e do restaurador banho de sangue levou-a a ultrapassar os limites em termos de desumanidade. Esgotado o estoque de criadas novinhas, ela começou a atrair jovens ao castelo, com a perspectiva de um emprego. Finalmente, passou a seqüestrar pessoas, porém uma das prováveis vítimas conseguiu escapar e alertou as autoridades.

Os cúmplices de Elizabeth confessaram todos os crimes e foram sumariamente executados. E ela foi considerada demente e trancafiada em seus aposentos pelo resto da vida, morrendo em 1614.

Percepção Extra Sensorial Hipnótica

No tempo de Franz Anton Mesmer (1734-1815) - criador do mesmerismo, teoria segundo a qual toda pessoa tem um magnetismo animal que pode transmitir aos outros para fins terapêuticos -, acreditava-se que os indivíduos hipnotizados tornavam-se automaticamente médiuns. Os mesmeristas diziam que podiam levar as pessoas a ter visões do futuro, a ver lugares distantes e até a diagnosticar doenças dos que estavam postados diante deles. Todavia, essas pretensões todas caíram por terra, a partir do momento em que a hipnose passou a ser mais bem entendida como novo procedimento científico.

Mas tal coisa não significa que essas afirmações tenham desaparecido.

Carl Sargent, estudante de psicologia da Universidade de Cambridge, decidiu verificar se havia alguma verdade por trás dessas assertivas fantásticas do século 18. Para realizar a experiência, o jovem pesquisador recrutou quarenta pessoas, a maioria constituída de estudantes universitários. Vinte deles foram hipnotizados e sua percepção extra-sensorial testada com os cartões normais de PES. Em contraposição, as outras vinte, testadas com os mesmos cartões, estavam totalmente despertas.

Os resultados da experiência indicaram que o velho dr. Franz Mesmer podia estar certo. Os hipnotizados alcançaram resultados muito acima do puro acaso, que normalmente seria cinco acertos a cada 25 cartões. A média de acerto dessas pessoas foi de 11,9. Os que permaneceram despertos alcançaram os cinco acertos normais.

De acordo com Sargent, sua experiência demonstra que existe um fator importante com relação à natureza da PES. Ela é, obviamente, realçada por um estado mental descansado, talvez até mesmo alterado.

O Mamute de Beresovka

Parece que os mamutes desapareceram da face da Terra há mais de 10 mil anos, vítimas de mudanças climáticas resultantes do último grande período glacial e de grupos cada vez maiores de caçadores aborígines, que os matavam por sua carne, presas e pele. Desde o início do século 20, centenas de carcaças congeladas de mamutes foram encontradas nas frígidas planícies das regiões árticas do Alasca, do Canadá e da Sibéria.

Pelo menos uma dessas descobertas, às margens do rio Beresovka, na Sibéria, ameaça causar uma guinada na tese convencional da forma pela qual os mamutes foram extintos. Meio ajoelhado e meio em pé, o mamute de Beresovka estava em um estado quase completo de preservação. Sua carne, solidamente congelada, foi saboreada por alguns cientistas ousados. O mais incrível, no entanto, foi o fato de que os pesquisadores encontraram restos de botões-de-ouro, erva graminiforme da família das xiridáceas, na boca da criatura.

O grande mamute estivera se alimentando de plantas que germinam em regiões temperadas, no momento da morte. O que poderia tê-lo congelado até os ossos em meio à refeição, de maneira tão súbita quanto se o grande animal tivesse sido mergulhado em nitrogênio líquido? A noção predominante de mudança climática gradual à qual os mamutes não puderam se adaptar não confere com o caso citado.

Um congelamento lento teria formado cristais de gelo e, conseqüentemente, resultaria em putrefação da carne quando do descongelamento. Contudo, o mamute de Beresovka estava com a carne suficientemente fresca para ser comida sem qualquer efeito nocivo. A temperatura necessária para que fosse possível um congelamento assim tão instantâneo foi calculada em 65 graus centígrados negativos, fato jamais registrado na região ártica.

O que poderia provocar queda de temperatura tão catastrófica do ar circundante?

Na ausência de inverno nuclear causado por bombas atômicas, devemos buscar uma explicação alternativa. Incêndios florestais e erupções vulcânicas também lançam enormes quantidades de calor e fragmentos que bloqueiam a luz na atmosfera, conforme demonstraram estudos realizados recentemente.

Uma teoria sugere que terrível terremoto, o maior jamais havido na Terra, abalou o mundo há 10 mil anos. Tendo ocorrido ao longo da junção de duas placas tectônicas, o tremor de terra resultou na liberação de grande quantidade de lava e de gases vulcânicos. Esses gases elevaram-se na atmosfera e evolaram-se rumo aos pólos. Supercongelados, caíram em direção à superfície terrestre, perdendo ainda mais calor ambiente na rápida descida. Finalmente, os gases penetraram no ar quente de altitudes mais baixas, congelando instantaneamente o mamute de Beresovka e outros da espécie, no momento em que eles se aumentavam com botões-de-ouro.

Arqueoloqia Mediúnica

Jeffrey Goodman iniciou carreira como executivo de pequena companhia petrolífera em Tucson, Arizona. Formado em administração de empresas, ele não se mostrava particularmente inclinado a vôos altos. É por isso que pode causar surpresa

encontrá-lo, nos dias de hoje, intercedendo a favor do novo campo de arqueologia mediúnica, em que médiuns talentosos auxiliam a encontrar áreas de escavação promissoras.

A odisséia mediúnica de Goodman começou em 1971, quando ficou sabendo que os antropólogos convencionais acreditavam que a humanidade surgira no continente americano há 16 mil anos. Goodman achou que essa data era muito recente. Na realidade, ele tinha absoluta certeza de poder encontrar provas de civilização anterior em seu próprio Estado, desde que soubesse onde procurar. Assim, para levar adiante sua intuição, conversou com Aron Abrahamsen, conhecido médium do Oregon. Sem sair de casa, o médium forneceu diversas descrições de clarividência, que ajudaram Goodman a localizar um leito seco de rio em San Francisco Piaks, além de Flagstaff. Era um local improvável para se procurar uma civilização perdida, pois os cientistas jamais haviam encontrado algum sítio arqueológico ali. Mas Goodman não só ignorou pura e simplesmente esse fato inconveniente, como também pediu ao médium que previsse as formações geológicas que seriam encontradas durante as escavações.

Cavando no local indicado pelo médium, Goodman descobriu objetos de artesanato que teriam sido feitos há, pelo menos, 20 mil anos. O que chega a ser ainda mais surpreendente é que 75 por cento das previsões geológicas de Abrahamsen estavam completamente corretas, não obstante dois geólogos locais terem ridicularizado as palavras dele. O médium do Oregon previu, por exemplo, que os cientistas localizariam camadas de 100 mil anos de idade a uma profundidade de apenas 8 metros. E foi justamente o que eles encontraram.

Sonhe e Ganhe Dinheiro

Os céticos gostam de zombar dos médiuns, dizendo: se a percepção extra-sensorial realmente funciona, por que eles não ganham fortunas nas corridas de cavalos? Na verdade, existem muitas provas de que alguns deles já ganharam bastante dinheiro.

A British Broadcasting Company transmitiu uma série de programas sobre pesquisas mediúnicas em 1934. Entre os participantes estava Edith Lyttleton, ex-delegada junto à Liga das Nações e talentosa médium. Ela devotou toda

apresentação ao tema precogitação; terminada a transmissão, solicitou aos ouvintes que relatassem suas próprias experiências. Em seguida, Edith passou a seguir atentamente e de forma sistemática os casos mais promissores, especialmente aqueles para os quais podia ser encontrada documentação. Surpreendentemente, um número extraordinário de casos foi relatado por pessoas cujas experiências de precogitação tinham relação com corrida de cavalos. Muitas das testemunhas haviam até mesmo usado as informações para fazer apostas. Um dos correspondentes de Edith Lyttleton era uma tal de sra. Phyliss Richards, cuja experiência ocorrera no ano anterior.

- Viajei de Belfast a Liverpool na noite de quinta-feira, 23 de março de 1933, para ver o Grand National, a ser disputado no dia seguinte - declarou a sra. Richards. - Durante a travessia, percebi que esquecera minha capa impermeável e fiquei meio preocupada. Fui dormir e sonhei que estava na corrida, chovia muito e que um cavalo, cujo nome começava com a letra "K" e terminava com "jack", vencera o

páreo, embora não tivesse sido o primeiro cavalo a cruzar o disco de chegada.

A sra. Phyliss Richards acabou fazendo uma pequena aposta no cavalo Kellesboro Jack, que cruzou o disco logo atrás de um cavalo cujo jóquei caíra no meio do caminho. E ela ganhou.

Depois de ouvir essa narração, Edith Lyttleton e uma colega conseguiram descobrir um dos personagens aos quais a sra. Phyliss Richards contara o sonho antes da realização do páreo. O homem confirmou inteiramente o fato e também ganhara dinheiro com o "palpite". Edith Lyttleton publicou diversos casos similares em 1937, concluindo que certas pessoas podem tirar grandes proveitos (em todos os sentidos da palavra) levando a sério seus sonhos.

A Chamada da Morta

Karl Uphoff, ex-músico de rock, acredita piamente que existe vida após a morte. O motivo: um telefonema da avó já falecida, recebido em 1969.

Karl estava com 18 anos quando sua avó materna morreu. Sempre houvera uma ligação muito estreita entre os dois, e quando a velha ficou surda, já nos últimos anos de vida, passou a solicitar a ajuda de Karl. Como nem sempre o rapaz estava

em casa, ela adquirira o hábito de telefonar aos amigos dele para encontrá-lo. Como não conseguia nem ao menos ouvir se alguém atendia o telefone, ela simplesmente

discava um número, esperava alguns momentos e então solicitava:

- O Karl está aí? Diga a ele para vir para casa logo, logo.

Ela repetia o recado algumas vezes e então desligava, passando para o próximo número da lista. No entanto, esses telefonemas terminaram, dois anos antes de sua morte, em 1969, quando a irmã de Karl passou a tomar conta da avó.

Dois dias após o falecimento, Karl decidiu fazer uma visita ao casal D'Alessio em Montclair, Nova Jersey, cujo filho, Peter, era seu amigo. Peter e Karl estavam no andar térreo da casa, conversando, quando o telefone do andar superior tocou. Os dois rapazes ouviram a sra. D'Alessio conversando impacientemente com a pessoa que ligara e tornando-se cada vez mais agitada. Karl ficou atônito quando ela o chamou.

- Uma velha está falando ao telefone - gritou. - A mulher está dizendo que é sua avó e que precisa de você. Só que ela repete a mesma coisa vezes sem conta.

Karl subiu correndo a escada e pegou o fone, porém não havia mais ninguém do outro lado da linha. Naquela noite, de volta para casa, ele recebeu uma série de telefonemas. Nunca havia ninguém do outro lado do fio quando tirava o fone do gancho.

O telefonema teria sido um trote? Essa possibilidade parecia extremamente duvidosa. Interrogado por um investigador, Karl declarou que nenhum de seus amigos tinha ciência das ligações que sua avó costumava fazer, e que os D'Alessio eram conhecidos recentes. Ele acrescentou também que fora visitá-los espontaneamente, e que ninguém sabia de seu paradeiro quando o telefonema foi feito.

Visão Mediúnica

Quando uma dona de casa em Watts, bairro de moradores predominantemente negros de Los Angeles, teve a visão de que havia um corpo enterrado em seu

quintal, o investigador de casos de mortes suspeitas interessou-se por obter maiores detalhes.

A história começou em 17 de julho de 1986, quando a mulher relatou para a polícia a visão do cadáver. Tinha ela visões mediúnicas havia algum tempo, e finalmente decidira tomar providências. A dona de casa e uma amiga começaram a cavar, e logo descobriram parte de um crânio humano e fragmentos de ossos. Essas descobertas foram de tal forma estimulantes que o Departamento de Polícia de Los Angeles e o Esquadrão de Busca continuaram as escavações e encontraram mais coisas.

De onde vieram os ossos? As autoridades policiais ainda não sabem ao certo. Tomando por base restos mortais fragmentados e espalhados, não é possível determinar o sexo ou a causa da morte da pessoa enterrada, nem há quanto tempo os ossos jaziam ali. A dra. Judy Suchy, antropóloga forense que trabalha com o investigador, está encarregada de realizar experiências com os fragmentos, na esperança de encontrar resposta para essa pergunta.

O Bruxo de Warwickshire

Até mesmo os policiais se espantaram com a brutalidade do crime. Charles Watson, velho inofensivo, estava espetado no chão com um forcado de dois dentes enfiado na garganta. De seu peito saía uma foice, outra ferramenta muito usada pelos fazendeiros de Warwickshire.

Os habitantes locais logo começaram a falar sobre a possibilidade de um ritual demoníaco como o das bruxas, porém evidentemente não existiam mais bruxas em fevereiro de 1945, nem mesmo na Inglaterra aniquilada pela guerra. Como os policiais ingleses dispunham de poucas pistas, pediram o auxílio do famoso inspetor Fabian, da Scotland Yard. Embora Fabian investigasse o caso durante meses, não conseguiu levar um único suspeito perante a justiça.

Quem matou o velho Watson continua sendo um mistério. Mas a Scotland Yard afinal optou pela hipótese de ele ter sido confundido com um bruxo. Certamente o comportamento excêntrico de Watson levantou a suspeita dos vizinhos. Homem taciturno, ele dividia um casebre de telhado de sapé com a sobrinha, e,

desdenhando a companhia das pessoas da cidade que freqüentavam o bar local, comprava vinho de maçã em garrafões e bebia sozinho.

Os boatos, contudo, referiam-se a outros hábitos estranhos de Watson. Ele era dado a caminhadas solitárias pelas florestas de Warwickshire, onde era freqüentemente visto a conversar com os pássaros. Dizia o velho que tinha meios próprios de comunicação com eles, Watson também criava sapos em um pequeno jardim. Corria o boato de que os atrelava a arados em miniatura e caminhava com eles pelos campos à noite.

Boatos e suposições à parte, qual era a verdade? Poderia Watson ter sido de fato um bruxo, praticar suas feitiçarias abertamente e provocar a ira de vizinhos atemorizados? Independentemente da crença de cada um, o fato é que em um frio dia de inverno Watson foi brutalmente assassinado sob um salgueiro. O único motivo que a Scotland Yard conseguiu desvendar foi o de bruxaria em primeiro grau.

O Fantasma Sem Cabeça

Um homem chamado Lakey, colono pioneiro da pequena cidade de McLeansboro, Illinois, foi encontrado morto. A cabeça dele fora decepada, aparentemente pelo machado que jazia junto à toca ao lado de seu corpo. Ninguém conseguia entender a razão do crime, pois, ao que tudo indicava, o homem não tinha inimigos entre os habitantes locais.

Um dia após o enterro, dois homens estavam cavalgando nas proximidades da cabana de Lakey, junto ao que atualmente é conhecido como riacho de Lakey. Eles provavelmente tinham ido pescar no rio Wabash. Passavam pela cabana, quando a noite caiu. Então, outro cavaleiro sem cabeça, montado em um grande cavalo preto, uniu-se a eles. Mudos de susto, os homens cavalgaram apavorados, desceram pela margem e entraram no riacho. De repente, o misterioso cavaleiro mudou de direção, seguiu regato abaixo e pareceu desaparecer em uma poça de água próxima de um

cruzamento.

A princípio temerosos de contar a história, os homens logo ficaram sabendo que

outras pessoas tinham visto a mesma aparição. O caminho seguido pelo fantasma era sempre o mesmo. Ele se unia a cavaleiros que vinham do leste, virava perto do centro do riacho, e então desaparecia.

Hoje, uma ponte de concreto dá vazão a veículos motores sobre o mesmo local onde antigamente os cavaleiros vadeavam o riacho de Lakey. Os motoristas ainda não viram o fantasma sem cabeça, e o mistério da morte de Lakey jamais foi solucionado.

Dupla Identidade

Kate, garota criada em Yorkshire, Inglaterra, sonhava em casar com "um oficial do Exército que usasse ternos de lã cinza e paletós de tweed, que tivesse bigode, fumasse cachimbo e dirigisse um carro esporte".

Na adolescência ela mudou para Toronto, onde conheceu um homem que correspondia perfeitamente àquela descrição. Seu nome era John Tidswell, oficial do Exército canadense e piloto amador de carros de corrida. Ele se divorciou da primeira mulher e casou com Kate em 24 de novembro de 1956. O casal teve três filhos - dois meninos e uma menina. O casamento deles parecia ser extremamente feliz.

Um dia, durante a última semana de julho de 1970, no entanto, John pegou sua chalupa para um passeio no lago Simcoe, a quase 60 quilômetros de casa. Ele não voltou. As equipes de busca e salvamento conseguiram encontrar a embarcação avariada, mas nenhum sinal de John Tidswell. No dia 8 de outubro de 1971, um tribunal declarou-o legalmente morto.

E as coisas ficaram nesse pé até alguns anos mais tarde, quando Kate Tidswell de repente começou a sonhar intensamente com o falecido marido. Os sonhos eram de tal forma perturbadores que em 1979 ela procurou um médium, em busca de explicação. O médium disse-lhe que John ainda estava vivo, morando em outro lugar e com o nome de "Halfyard".

Kate iniciou uma busca que a levou a percorrer treze Estados. Ela não encontrou o marido, porém seus sonhos e as palavras do médium deixaram-na convencida de que ele estava vivo em algum lugar.

Nesse ínterim, um homem de Denver chamado Robert Halfyard estava tendo problemas jurídicos. Ele ganhara uma viagem à Europa, mas, quando foi tirar o passaporte, as autoridades investigaram seus antecedentes e descobriram quem era realmente: John Tidswell. Arquitetara a própria morte e abandonara a família canadense para iniciar vida nova nos EUA.

A "viúva" do militar de pronto deixou de receber a pensão a que tinha direito. Sem

perda de tempo, ela processou-o, exigindo o pagamento de 100 mil dólares de pensão alimentícia para ela e filhos.

Kate Tidswell declarou a alguns repórteres que estava tentando ver algum "lado bom" na situação.

Uma experiência semelhante a morte

As opiniões certamente se dividem quando se trata de experiência semelhante à morte. Alguns estudiosos do assunto acreditam que é uma genuína previsão do mundo após a morte, enquanto outros acham que os sintomas não passam de alucinação. Poderá a realidade da experiência algum dia ser provada? Recentemente, foi feita uma tentativa por Kimberly Clark, assistente social do Harborview Medical Center, em Seattle, Washington.

A primeira experiência aconteceu enquanto Kimberly estava trabalhando com uma paciente chamada Maria, migrante que visitava parentes na cidade quando foi vítima de um ataque cardíaco. Ela sobreviveu à crise, porém sofreu um segundo chamado da morte enquanto se recuperava no hospital. Como estava assistida por sofisticada tecnologia hospitalar, Maria foi fácil e prontamente revivida. A assistente social visitou a paciente naquele mesmo dia. Ficou perplexa, quando ela declarou:

- Aconteceu algo muito estranho quando médicos e enfermeiras cuidavam de mim. Eu me vi olhando de cima, enquanto eles trabalhavam em meu corpo.

Pouco impressionada com a história, Kimberly imaginou que Maria tivesse ficado confusa em razão do sofrimento. Mas a assistente-social mostrou mais interesse quando a paciente disse que, enquanto estava flutuando fora de seu próprio corpo,

ela “voou” até a ala norte do terceiro andar do prédio e viu um tênis.

- Ela precisava que alguma outra pessoa soubesse que o tênis estava realmente ali para validar a visão - afirmou Kimberly, que subiu ao terceiro andar à procura do tênis, emocionada e confusa. Finalmente - revelou a assistente social -, encontrei um aposento onde encostei meu rosto no vidro, olhei para baixo e vi o tênis. Do ponto em que estava, não podia ver que o tênis estava desgastado do lado e que o cadarço se encontrava embaixo do calcanhar. Isso, além de outros detalhes não visíveis para mim, e que Maria só poderia tê-los visto se pudesse flutuar pelo lado de fora do prédio, tendo outra perspectiva em relação ao tênis. Peguei o tênis e levei-o para a migrante. Para mim, essa foi uma prova bastante concreta.

O Tesouro dos Piratas

Ao largo da costa da Nova Escócia, localiza-se a diminuta e irregular ilha de Oak. No entanto, inversamente proporcional a seu tamanho é o estranho enigma do que existe escondido debaixo da superfície ilusoriamente normal. Dizem que ali há um fabuloso tesouro de piratas, de valor incalculável. As descobertas de exploradores falam de uma possível tragédia e de um trabalho de engenharia realizado por quem quer que tenha escondido o tesouro, sem igual em sua engenhosidade quase sobrenatural.

Qualquer que seja o resultado final, o fato é que por quase duzentos anos a ilha de Oak frustrou todas as tentativas de desvendar seu segredo. Os primeiros a tentar foram Daniel McGinnis e dois amigos, que remaram pela baía Mahone desde o Canadá, em 1795. Em uma clareira no lado oriental arborizado da ilha, eles descobriram o guincho de um velho navio, pendurado em uma árvore solitária, na depressão. Intrigados, cavaram e descobriram a abertura de um túnel de 4 metros de largura. A uma profundidade de 3 metros, os rapazes localizaram a primeira das grossas plataformas de carvalho. Seis metros mais abaixo, encontraram uma segunda plataforma, e a 9 metros, uma terceira.

O trabalho de escavação naquela argila pedregosa exauriu os jovens caçadores de tesouros, tanto física quanto espiritualmente. Outros viriam substituí-los. O trabalho de escavação foi reiniciado em 1804, financiado por Simeon Lynds, abastado morador da Nova Escócia. Os homens contratados por Lynds encontraram

mais cinco plataformas de carvalho - a profundidades que iam aumentando em intervalos de 3 metros -, três das quais haviam sido protegidas com resina de navio e fibras de coqueiros. A 27 metros, eles defrontaram com o que ficou conhecido como "a pedra dos números", onde alguns símbolos obscuros foram interpretados por alguém como significando "3 metros abaixo, 10 milhões de dólares estão enterrados".

Dois metros e meio abaixo da pedra dos números, o pé-de-cabra de um dos mineiros bateu em algo sólido, que os homens pensaram ser a arca de tesouro. Após o achado, os homens de Lynds resolveram interromper os trabalhos do dia. Na manhã seguinte, o túnel estava cheio de água a uma profundidade de quase 20 metros.

O buraco do tesouro levou Lynds à falência, assim como causou a ruína de todas as outras expedições similares. Com o passar dos anos, uma quantidade suficiente de provas foi retirada do buraco, inclusive fragmentos de correntes de ouro e indícios de câmaras onde estariam colocadas arcas de madeira, mantendo vivas a curiosidade e a ganância de caçadores de tesouros.

O mistério do buraco do tesouro aumentou ainda mais quando foram descobertos dois canais ligados ao túnel, nas profundidades de 34 e 45 metros. Resguardados por fibras de coqueiros, os dois canais levavam às praias da ilha, onde pareciam servir como esponjas, transportando a água do mar para o túnel principal, inundando-o para sempre. As fibras de coqueiros indicavam que os piratas do tesouro seriam originários do Pacífico Sul.

Caçadores de tesouros continuam a enterrar dinheiro no buraco, correndo risco de vida. Daniel Blankenship, ex-empreiteiro de Miami, dirige as escavações na ilha de Oak como representante da Triton Alliance Ltd., consórcio de 48 membros de ricos financiadores canadenses e americanos. Certa vez ele estava dentro do túnel, quando as proteções metálicas, que sustentavam as laterais 15 metros acima de sua cabeça, começaram a desabar. Os operários conseguiram retirá-lo do buraco poucos segundos antes do desmoronamento total.

Depois de já haver enterrado 3 milhões de dólares no local, Blankenship e a Triton resolveram seguir em frente. David Tobias, presidente da Triton, chegou a declarar:

- O que está em jogo agora é, provavelmente, a escavação mais profunda e mais cara já feita na América do Norte.

O novo plano implica a escavação de imenso túnel de aço e concreto, com largura de 18 a 21 metros e 60 metros de profundidade, que revelará, de uma vez por todas, o que existe no fundo do buraco do tesouro. Custo estimado? Dez milhões de dólares.

Assombração

Os fantasmas não costumam assombrar apenas casas velhas, caindo aos pedaços. Até mesmo mansões milionárias de Hollywood algumas vezes vêem-se às voltas com eles. Essa triste situação era um aborrecimento constante para a atriz alemã Elke Sommer e seu marido, o escritor Joe Hyams, nos anos 60.

O casal chegou à conclusão de que a casa era mal-assombrada, logo depois de a terem adquirido em 1964. A primeira testemunha foi uma jornalista alemã, que estava tomando sol à beira da piscina, quando viu um estranho no jardim. O homem, aparentemente com mais de 50 anos, estava muito bem vestido, com camisa branca, gravata e terno preto. A jornalista falou a respeito da aparição com seus anfitriões, que ficaram surpresos com o incidente, pois não conheciam ninguém que correspondesse à descrição.

Duas semanas depois, o estranho apareceu uma segunda vez, quando a mãe de Elke Sommer acordou e o viu. A velha já estava se preparando para gritar, quando a figura simplesmente desapareceu.

As duas aparições representaram apenas o começo dos problemas do casal. A partir daquela ocasião, estranhos ruídos passaram a ser ouvidos na casa, altas horas da noite, com freqüência cada vez maior. Eles ouviam curiosos sussurros, e, algumas vezes, tinham até a impressão de que as cadeiras da sala de jantar estavam sendo arrastadas de um lado para outro.

A princípio, Hyams não pensou que o problema pudesse ser causado pelo sobrenatural. Assim, cortou árvores e arbustos para terminar com os ruídos. Contudo, tal providência de pouco valeu. Toda noite, antes de se recolher, ele trancava cuidadosamente portas e janelas, mas, pela manhã, encontrava uma

janela, em particular, aberta. Amiúde, Hyams ouvia a porta da frente abrir e fechar durante a noite inteira, porém sempre a encontrava trancada pela manhã. Frustrado, o escritor instalou três pequenos radiotransmissores ao redor da propriedade, mas não conseguiu pegar nenhum gatuno responsável pelos distúrbios noturnos.

Finalmente, na primavera de 1965, Sommer e Hyams deixaram a casa aos cuidados de um caseiro amigo durante viagem à Europa. Por mais que o caseiro trancasse a porta da frente, antes de dormir, ela aparecia escancarada no dia seguinte. E, naquele mês de agosto, o fantasma fez mais uma visita. O caseiro viu um estranho espreitando-o da sala de jantar. O intruso tinha cerca de 1,80 metro, era musculoso e usava camisa e gravata. Assustado, o amigo do casal Hyams pensou tratar-se de um ladrão, até o homem desaparecer diante de seus olhos.

Sem encontrar explicação para o problema, Hyams finalmente entrou em contato com a Sociedade para Pesquisa Psíquica da Califórnia do Sul, entidade que se dedica a estudos mediúnicos, e o caso passou para a dra. Thelma Moss, psicóloga do Instituto de Neuropsiquiatria da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Ela levou vários médiuns para a casa, inclusive alguns sensitivos locais bastante conhecidos, como Lotte van Strahl e Branda Crenshaw. Alguns dos médiuns sentiram imediatamente a presença do fantasma, e suas descrições combinadas corresponderam aos relatos das testemunhas oculares. Como os médiuns não tiveram acesso anterior a todas aquelas informações, a dra. Thelma achou essas correlações extremamente significativas. Os sensitivos descreveram o estranho como um cavalheiro de cinqüenta e poucos anos, que morrera de ataque cardíaco. De alguma forma, ele ficara ligado à casa, e não queria ir embora.

Enquanto as investigações ainda estavam em curso, Hyams fez algumas perguntas aos ex-proprietários. Chegou à conclusão de que eles, também, haviam sido permanentemente assombrados, porém o escritor californiano não se mostrou intimidado com a descoberta.

- Quem quer que seja o fantasma - declarou Hyams em matéria publicada no Saturday Evening Post -, não pretendemos sair assustados de nossa casa.

Mas, finalmente, eles acabaram abandonando a casa. Depois que a psicóloga completou sua investigação, Sommer e Hyams ainda convidaram mais uma

médium para investigar a situação da casa. Jacqueline Eastlund visitou a residência em

1966, e então fez a seguinte advertência ao casal:

- Vejo a sala de jantar em chamas no ano que vem. Tenham cuidado.

Exausto, o casal afinal decidiu vender a casa em 1967, mas um misterioso incêndio irrompeu na sala de jantar, antes que eles tivessem mudado. A origem do fogo, assim como da própria assombração, jamais foi explicada.

Os índios de Olhos Azuis que Falavam Galés

Pouco depois da independência dos EUA, quando as terras a oeste do Mississipi ainda eram reivindicadas pela Espanha e Inglaterra, um grupo de ingleses visitou o povoado de índios mandan, na região onde hoje está situado o Estado de Missouri. Quando o comandante do grupo falou com o ordenança em galés (os dois eram galeses), ambos ficaram atônitos ao notarem que um índio que estava perto deles tentou participar da conversa. Parecia que os dois caras-pálidas estavam falando o idioma do índio. Eles começaram a comparar palavras e descobriram que a língua mandan era 50 por cento composta de palavras galesas. (Inglês: bread, paddle, great, head etc. Mandan: bara, ree, ma, pan etc. Galés: barra, ree/rhwyf, mawr, pen

etc.)

Além disso, de modo geral, os mandans não se pareciam com os índios de outras tribos. Tinham olhos azuis e a pele era ligeiramente mais clara do que a de outros selvagens. As mulheres mandans, consideradas "muito atraentes", eram especialmente disputadas pelos exploradores britânicos.

O oficial inglês lembrou-se, então, de que um tal príncipe Madoc, de Gales, rumou com seu séquito, no ano de 1170, para o oceano desconhecido, a fim de desbravá-lo. Ele e seus acompanhantes poderiam ter desembarcado no golfo do México, seguido rio acima pelo Mississipi e fixado residência ali?

Algum tempo depois, muitos dos mandans, inclusive os velhos "contadores de histórias" e "os que se lembravam de fatos do passado", viram-se dizimados por

doenças trazidas pelos brancos. Os poucos que sobreviveram foram absorvidos por outras tribos. As chances de algum dia descobrirmos o motivo pelo qual tais índios falavam galés são mínimas, pois todos os mandans de sangue puro já desapareceram.

Uma Mensagem de Israel?

Uma misteriosa pedra gravada com letras de um alfabeto desconhecido foi escavada em Bat Creek, Tennessee, em fins do século passado. Um relatório e uma reprodução da inscrição foram enviados ao Smithsonian Institution em Washington, atribuindo sua origem à tribo cherokee. No entanto, após cinqüenta anos de mistério

quanto ao significado, Joseph Maker, da Geórgia, observou:

- A pedra está de cabeça para baixo. Ponham-na na posição correta. É hebraico de Canaã.

Aí descobriram que a inscrição dizia "Ano um da idade de ouro dos judeus", solucionando assim um mistério, mas iniciando outro. Uma mensagem da antiga Israel? Em Bat Creek, Tennessee?

A Vingança de Charlie

Romer Troxell, habitante de 42 anos de Levittown, Pennsylvania, ficou arrasado com o assassinato de seu filho. O corpo de Charlie Troxell fora encontrado junto a uma estrada em Portage, Indiana. Levaram o carro e todos os documentos haviam sido retirados do bolso do rapaz; roubo teria sido, provavelmente, o motivo do crime. Mas o jovem assassinado queria vingança.

Enquanto seguia com o carro em direção a Portage para o reconhecimento do corpo, Troxell ficou ouvindo a voz de seu filho dentro do cérebro, e manteve os olhos bem abertos, na esperança de descobrir alguém dirigindo o carro roubado. A voz, de acordo com Romer, começou a dizer-lhe onde procurar, e ele, finalmente, encontrou o veículo.

- Fiz manobra e segui o carro, mantendo distância de cerca de uma quadra - afirmou Troxell. - Eu queria jogar meu carro de encontro ao outro, porém Charlie aconselhou-me a não fazê-lo.

Assim, em vez de se aproximar, Troxell limitou-se a seguir o outro carro, até o

motorista parar e descer. Então, ele começou a conversar com o suspeito, enquanto outro parente, que estava no carro junto com Troxell, chamou a polícia. Os policiais prenderam o homem, que foi prontamente identificado como suspeito do crime, com base em suas próprias informações confidenciais. Depois que o suspeito foi julgado e condenado, a voz de Charlie deixou de ecoar na cabeça de seu pai.

- Charlie está em paz agora - declarou Troxell. - Sei que foi a polícia que prendeu o assassino, e eles me mostraram o que descobriram durante a investigação. Mas, quando ouvi meu filho me orientando, agi prontamente. Talvez o bom Deus quisesse que eu fizesse o que fiz.

Engolido por uma Baleia

O caso de James Bartley, marujo que trabalhava a bordo da baleeira Estrela do Leste, é uma resposta convincente aos que ainda duvidam do texto bíblico relativo a Jonas.

De acordo com os registros do Almirantado britânico, em fevereiro de 1891, Bartley deixou o navio, juntamente com outros membros da tripulação, e tomou a chalupa durante uma caça à baleia. O mar estava encapelado. O arpoador fez um disparo, a baleia mergulhou e, de repente, voltou à superfície sob a chalupa, despedaçando-a e espalhando os tripulantes. Todos os marujos foram resgatados, menos Bartley. A baleia morreu e seu corpo foi secionado. Ao abrir a barriga do animal, apareceram um pé e uma perna. Bartley foi retirado do estômago da baleia, vivo ainda, mas inconsciente.

Ele recobrou a consciência, porém ficou sem poder falar por várias semanas. Lembrava-se de poucas coisas além da abertura de mandíbulas enormes e de ter escorregado para dentro de um tubo comprido em direção ao estômago da baleia, onde permaneceu por quinze horas, conforme atesta declaração assinada pelo

médico de bordo e por todos os outros tripulantes.

A visão de Bartley ficou afetada por essa experiência e sua pele perdeu a cor normal. Passou o resto de seus dias em terra, e morreu com a idade de 39 anos.

Visões da Morte

No mundo inteiro, as pessoas há muito tempo levam a sério as visões daqueles que se aproximam da morte. Durante a Segunda Guerra Mundial, registros suplementares foram mantidos em pelo menos um hospital de campanha na URSS, com relação aos soldados seriamente feridos que, literalmente, haviam sido trazidos de volta à vida, após estarem à beira da morte. De acordo com estudo de numerosos casos relativos àqueles que "voltaram", depois de praticamente já estarem "do outro lado", muitas dessas pessoas tiveram rápida visão de natureza religiosa, conforme suas convicções individuais.

Entre os principais grupos, os católicos ortodoxos viram santos antigos e ouviram

hinos; os muçulmanos chegaram às portas de um paraíso verdejante e promissor; enquanto os comunistas convictos, adeptos do materialismo dialético, não se lembraram de nada. Muitos disseram também ter visto membros da família que já haviam morrido.

O caso de Thomas Edison é especialmente interessante, pois, como cientista, era de esperar que relatasse as últimas impressões com certa imparcialidade. Em seu leito de morte, ele parecia estar em coma. De repente, levantou-se e disse com voz clara:

- Estou surpreso. Lá é muito bonito!

Não fez mais nenhum comentário sobre o que vira, morrendo logo em seguida. Voltaire, famoso filósofo francês e crítico da Igreja tradicional, estava em estado semiconsciente, morrendo. Durante sua vida produtiva e controvertida, os inimigos sempre o haviam ameaçado, dizendo que ele receberia justa punição após a morte, presumivelmente no inferno. Pouco antes de morrer, as chamas das toras na lareira de seu quarto aumentaram de intensidade. O pensador olhou para o fogo e, com a conhecida sagacidade, perguntou aos amigos: Quoi! Les flammes déjà? (O quê! Já são as chamas?)

A História de Três Titãs

O maior desastre marítimo de todos os tempos aconteceu com o Titanic, da White Star Line, o mais importante transatlântico já construído e que teve terrível destino. A tragédia desse navio só pode ser comparada com a do Titan, luxuoso transatlântico fictício, que também afundou com elevado número de passageiros em abril de 1898, catorze anos antes da colisão do Titanic com um iceberg que o mandou para a sepultura marítima, também em uma noite de abril.

O Titan navegou apenas nas páginas do romance de Morgan Robertson, adequadamente denominado Futility (Futilidade). Mas os paralelos entre os dois gigantescos navios de turismo desafiam a imaginação. O profético Titan, do romance de Robertson, partiu de Southampton, Inglaterra, em sua viagem inaugural, exatamente como o "insubmergível" Titanic. Ambos os navios eram mais

ou menos do mesmo tamanho - 243 metros e 252 metros de comprimento - e tinham capacidade de carga comparável - 70 mil e 66 mil toneladas, respectivamente. Cada um tinha três hélices e capacidade para 3 mil pessoas.

Lotados de milionários, os dois navios colidiram com um iceberg no mesmo local e afundaram. Em ambos, o número de mortos foi terrivelmente elevado, porque nenhum deles dispunha de quantidade suficiente de barcos salva-vidas. No caso do Titanic, 1 513 passageiros morreram, a maioria devido à exposição ao frio do sul da Terra Nova, no Atlântico.

Um dos que morreram a bordo do Titanic foi o famoso espiritualista e jornalista W. T. Stead, autor de um conto que previa acontecimento similar em 1892. Contudo, nem Futility nem o conto de Stead puderam salvar o Titanic da colisão fatal.

No entanto, outra premonição evitou uma tragédia. Em abril de 1935, o marujo William Reeves estava cumprindo turno de vigia na proa do Titanian, navio sem linha estabelecida, que aportava e pegava cargas em qualquer porto, seguindo para o Canadá, proveniente da Inglaterra. As similaridades e as lembranças da tragédia do Titanic vieram à mente do jovem Reeves, e ele sentiu um arrepio na espinha. A proa do navio estava cortando as mesmas águas tranqüilas já percorridas pelo Titanic. Com a aproximação da meia-noite, hora do desastre do grande transatlântico, Reeves lembrou que o dia em que o gigantesco navio afundara - 14 de abril de 1912 - correspondia à data de seu aniversário.

Impressionado com tantas coincidências, Reeves transmitiu uma ordem, e o Titanian teve o curso interrompido, parando pouco antes de chocar com um iceberg que apareceu indistintamente. Pouco depois, outras montanhas de cristal surgiram no meio da noite. O Titanian permaneceu imóvel, mas em segurança, durante nove dias, até que barcos quebra-gelos da Terra Nova finalmente abriram caminho.

As Enguias de Atlântida

A memória instintiva dos animais faz com que eles se reúnam em bandos e atravessem milhares e milhares de quilômetros de terra e mar. A migração de enguias até determinado ponto no oceano Atlântico é um exemplo interessante e muito curioso desse fenômeno.

Uma vez a cada dois anos, as enguias dos lagos e rios da Europa nadam em direção ao oeste para o Atlântico, onde, em grandes cardumes, cruzam o oceano rumo ao mar de Sargaços. Nesse local, elas se encontram com a grande massa de enguias do continente americano, que, por sua vez, seguem para o leste até aquele mesmo ponto.

Aristóteles, grande filósofo grego do século 4 a.C, notou a migração das enguias da Europa, porém não sabia nada a respeito da migração no sentido oeste-leste dos animais que vinham do ainda desconhecido continente americano. Acredita-se que a concentração de algas marinhas no mar de Sargaços seja o motivo pelo qual as duas populações de enguias fazem peregrinações até ali, pois a imensa quantidade de algas submersas tenderia a proteger seus ovos. Depois da desova, as enguias adultas morrem e os filhotes de enguias americanas, quando suficientemente desenvolvidos, retornam em direção ao oeste para as Américas, enquanto os filhotes europeus nadam rumo ao leste, para a Europa. Ambas as espécies são auxiliadas pelas correntes do Atlântico, que fluem no sentido horário.

Por que há tanta alga marinha no mar de Sargaços? Seria possível que em certa época existisse ali um continente no meio do Atlântico? Como a Atlântida, por exemplo?

Se for verdade que a Atlântida submergiu rapidamente, parte da vegetação que possuía pode ter se adaptado e se transformado em algas marinhas que ainda crescem naquele que agora é um continente submarino, ponto original de desova das enguias, que permanece vivo em sua memória ancestral e instintiva.

A Possuída

Giuseppe Verardi tinha 19 anos, quando seu cadáver foi encontrado embaixo de uma ponte entre Siano e Catanzaro, duas pequenas cidades na Itália. Estava vestido apenas com as roupas de baixo, pois o resto fora jogado perto dali. A data era 13 de fevereiro de 1936, e as autoridades municipais de Siano concluíram que Giuseppe se suicidara. Essa declaração foi recebida com ceticismo pelos amigos e familiares da vítima, que não podiam acreditar que a simples queda de uma altura de 9 metros pudesse explicar os ferimentos do rapaz.

Ninguém mais falava sobre a morte de Giuseppe no dia 5 de janeiro de 1939, quando estranho fenômeno aconteceu na cidade. A principal personagem da história foi Maria Talarico, garota de 17 anos que nunca vira nem Giuseppe nem ninguém de sua família. Ela estava atravessando a ponte com a avó, quando entrou em estranho transe, caiu de joelhos e passou a delirar. Com a ajuda da avó e de um transeunte, Maria foi levada para casa. Mas, quando voltou a si, ela não era mais Maria. Estranha voz masculina saía de sua boca, e a moça passou a afirmar ser Giuseppe Verardi, o rapaz que morrera na ponte.

O incansável fantasma de Giuseppe assumiu controle total de Maria e até chegou a escrever uma carta para a mãe, com sua própria caligrafia. Naquela mesma noite, a entidade forçou Maria a entregar-se a uma curiosa pantomima, em que "ele" reviveu a última noite em Siano. O espírito fingiu estar bebendo e jogando baralho, exatamente como Giuseppe fizera na noite em que morrera. A entidade continuou tomando vinho, embora Maria jamais tivesse ingerido mais de um copo durante as refeições. Então, a entidade começou a simular uma briga com companheiros de jogo, o que, presumivelmente, aconteceu na ponte.

A mãe de Giuseppe foi visitar Maria no dia seguinte, e a entidade que a estava possuindo reconheceu-a imediatamente, descrevendo os ferimentos encontrados em seu corpo. Relatou os nomes dos assassinos, embora poucos deles ainda morassem em Siano. A sra. Verardi voltou para casa e rezou para que o espírito do filho deixasse Maria. Mais tarde, naquele mesmo dia, Maria caminhou até a fatídica ponte, ainda possuída pelo jovem assassinado. Ao chegar ali, tirou a roupa e deitou- se sob a ponte, na exata posição em que o corpo de Giuseppe fora encontrado. Em poucos minutos, Maria voltou a si, e não conseguiu se lembrar de nada que acontecera.

O retorno mediúnico de Giuseppe Verardi recebeu ampla cobertura jornalística em 1939. Ernesto Bozzano, naquela ocasião provavelmente o principal pesquisador de fenômenos mediúnicos na Itália, estudou o caso e publicou um relato a respeito dele em 1940.

Emissões Elétricas do Cérebro

Hans Berger é lembrado nos dias de hoje como o pai da encefalografia, estudo científico das ondas cerebrais. No entanto, pouca gente sabe que o interesse de Berger pelas emissões elétricas do cérebro surgiu do desejo de explicar a percepção extra-sensorial.

A curiosidade do cientista pelos fenômenos paranormais originou-se de uma experiência por que ele passou quando contava 19 anos. Berger, na ocasião servindo o Exército e participando de alguns exercícios militares em Würzberg, Alemanha, andava a cavalo quando o animal caiu. Ele quase foi esmagado pelas rodas de uma carroça, mas os cavalos pararam a tempo.

Naquela mesma noite, Berger recebeu um telegrama do pai perguntando se estava tudo bem com ele. Foi a única ocasião em que o jovem recebeu uma mensagem demonstrando preocupação. Posteriormente, ficou sabendo o motivo da comunicação. No momento exato da queda, a irmã mais velha tivera súbito pressentimento de que algo estava errado com o irmão e insistira para que os pais enviassem o telegrama.

- O incidente foi exemplo claro da transmissão espontânea do pensamento - declarou Berger. - No momento do perigo, atuei como um tipo de transmissor, e minha irmã transformou-se em um receptor.

Berger aprofundou-se no estudo do cérebro, com a esperança de encontrar explicação física para a telepatia. Não conseguiu, porém sua pesquisa ajudou os cientistas a entenderem melhor os ritmos elétricos do cérebro.

Relógio da Morte

Todos nós conhecemos histórias que falam de relógios que param, indicando o exato momento da morte de alguma pessoa. Mas o que pouca gente sabe é que tais histórias são baseadas em fenômenos verdadeiros. Os relógios freqüentemente param quando seus donos falecem.

Vários desses casos foram coletados pelo Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, onde a dra. Louisa Rhine trabalhou durante muitos anos, classificando relatórios de fenômenos mediúnicos enviados pelo público em geral. Diversos deles referem-se a relógios que pararam misteriosamente. Por exemplo,

um cavalheiro do Canadá testemunhou à dra. Louisa como ajudara a cunhada durante a última crise de seu irmão. Quando o paciente morreu, às 6h24, ele telefonou para a família e para o médico, antes de preparar alguma coisa para que todos pudessem comer. A agência funerária chegaria às 9h30, portanto era preciso ficar de olho no relógio. Quando alguém perguntou as horas durante o café, a depoente consultou um relógio de bolso. Fora presente do irmão e parará no exato momento de sua morte.

- Chamei a atenção daqueles que estavam reunidos ao redor da mesa para o fenômeno - declarou a testemunha -, e, para mostrar que aquele não era um acontecimento comum, pedi a meu outro irmão para dar corda no relógio, a fim de ter certeza de que ele não parará por falta de corda. O relógio ainda tinha três quartos de corda.

A Metralhadora Perigosa

É raro encontrarmos na História caso em que uma nova arma, já fabricada ou ainda em fase de estudos, tenha sido considerada pelas autoridades como muito cruel ou destrutiva. Não obstante, foi exatamente isso que aconteceu quando o inventor de uma arma de disparos múltiplos - certo tipo de metralhadora -, um engenheiro chamado Du Peron, ofereceu sua invenção a Luís XVI da França, em 1775, Luís e seus ministros recusaram a arma, por achar que ela mataria muitas pessoas ao mesmo tempo. Se levarmos em consideração a opinião do dr. Edward Teller, conhecido como "o pai da bomba H", chegaremos à conclusão de que Luís XVI estaria ligeiramente desatualizado no mundo das guerras modernas. O dr. Teller calculou que a explosão da bomba H em uma grande área metropolitana causaria a morte de cerca de 10 milhões de pessoas, enquanto "uma guerra nuclear de grandes proporções poderia eliminar alguns bilhões de seres humanos".

A Escritora Fantasma

Figuras do mundo dos esportes e outras personalidades públicas buscam, com freqüência, a assistência de escritores "fantasmas", redatores profissionais contratados para dar forma e estilo a suas autobiografias. Mas redatores fantasmas

de verdade também já escreveram do além, conforme nos mostra a carreira da sra. J. H. Curran e sua escriba espiritual "Patience Worth".

A sra. Curran, de St. Louis, originariamente não acreditava em médiuns nem em espiritismo, mas, no dia 8 de julho de 1913, participou de uma sessão em que foram usados um copo e as letras do alfabeto. Colocando as mãos sobre o copo, ela soletrou o nome Patience Worth. Patience revelou-se como mulher inglesa do século 17, de Dorset, cujos pais emigraram para os EUA, onde ela foi morta em um ataque de índios.

Intrigada, a sra. Curran continuou a conversar com Patience. Durante os anos seguintes, e através de incontáveis "encontros", incrível seqüência de poemas, histórias e obras em geral foi transmitida por Patience, e a sra. Curran passou tudo para o papel. A série de romances históricos incluiu The Sorry Tale, ambientado no século 1, e Hope True-blood, no século 19. O romance psicografado mais famoso, Telha, desenrola-se na Inglaterra medieval e o texto foi escrito na linguagem da época, estilo arcaico que a sra. Curran jamais estudou.

Patience podia "ditar" dois ou mais romances simultaneamente, passando de um para outro por capítulos, sem nunca perder o fio da meada. E a sra. Curran provou ser a colaboradora perfeita, registrando obedientemente as extraordinárias histórias de Patience Worth de épocas perdidas no passado distante.

Anjos Caídos

As pessoas que afirmam ter visto anjos são, normalmente, consideradas malucas. Mas é difícil colocar esse rótulo no dr. S. Ralph Harlow, respeitado catedrático de religião no Smith College, de Massachusetts. O encontro com seres angélicos ocorreu quando ele e a mulher estavam passeando em um vale arborizado em

Ballarvade, nas proximidades da faculdade. Em princípio, o dr. Harlow ouviu algumas vozes abafadas, e aí comentou com a mulher:

- Temos companhia no bosque esta manhã.

Eles não conseguiram identificar a fonte daqueles sons, e então o casal prosseguiu a caminhada. As vozes pareciam chegar cada vez mais perto e, finalmente,

passaram a vir do alto. Perplexo, o casal olhou para cima e viu algo inacreditável:

- Cerca de 3 metros acima de nós, havia um grupo flutuante de espíritos, de anjos, de lindas e gloriosas criaturas, que brilhavam com uma beleza espiritual - revelou o dr. Harlow. - Nós nos detivemos e observamos, enquanto as figuras nos sobrevoavam, um pouco à esquerda. Eram seis lindas jovens vestidas de branco, que conversavam animadamente. Não pareceram notar nossa presença. Pudemos ver-lhes perfeitamente os rostos, e uma delas, pouco mais velha, era muito bonita. Tinha os cabelos escuros puxados para trás, tipo de penteado que hoje chamaríamos de rabo-de-cavalo. Ela conversava com um espírito mais jovem, de costas para nós, que olhava intensamente para seu rosto.

Nem o dr. Harlow nem sua mulher conseguiram decifrar o que aqueles espíritos diziam, não obstante os dois afirmarem ter ouvido claramente o que conversavam. Ficaram observando com reverência e curiosidade, enquanto os "anjos" se afastavam. Observador cuidadoso, o dr. Harlow pediu à mulher que lhe contasse exatamente o que vira. A descrição da sra. Harlow bateu com a dele.

Flores da Ressurreição

O dr. Nandor Fodor era psicanalista e pesquisador de fenômenos psíquicos, um homem muito querido por aqueles que o conheciam. Quando morreu, em 17 de maio de 1964, objetos em seu apartamento começaram, misteriosamente, a se mover, como se o falecido pesquisador estivesse tentando demonstrar ao mundo que a existência dele não terminara. Mas foi o comportamento das flores do terraço que mais impressionou sua mulher.

- Em nosso terraço existem muitas flores - explicou ela. - As rosas normalmente duram quatro dias, quando então perdem as pétalas e formam-se novos botões. No entanto, após a morte de meu marido, as rosas, cerca de 150, se abriram ao mesmo tempo e duraram várias semanas.

Quanto mais Amaya Fodor observava as rosas, mais aumentava seu interesse.

- Durante aquele período de tempo, nenhuma rosa perdeu uma única pétala - informou ela. - Então, um dia, todas elas murcharam ao mesmo tempo. Eu as cortei e, enquanto podava, pedi apenas uma rosa.

Ela se abriu uma semana depois e durou várias semanas. Essas rosas misteriosas poderiam ter florescido por coincidência? É uma possibilidade, porém é preciso que todos saibam que a história de Amaya Fodor não é um caso isolado. A conhecida romancista Taylor Caldwell relata experiência similar, na edição de outubro de 1972 da publicação Ladies' Home Journal. A sra. Caldwell e seu marido, Marcus Rebak, tinham um arbusto de lírios que nunca florescia - nem uma única vez em 21 anos. Rebak costumava brincar com a mulher, afirmando que, embora aquele tipo de flor nos EUA seja conhecido como lírio-da-ressurreição, ela não poderia provar que havia vida após a morte com aquelas flores. No entanto, quando ele morreu, em abril de 1970, os lírios finalmente se abriram - no dia de seu enterro.

A Premonição de Mark Twain

Mark Twain, cujo nome verdadeiro era Samuel Langhorne Clemens, ainda é o escritor mais amado dos EUA. Nascido na pequena cidade de Flórida, Missouri, e criado na cidade vizinha de Hannibal, ele conseguiu passar para o papel toda a coleção de documentos literários, históricos e etnográficos que se referem à esfera cultural americana em livros, como As Aventuras de Huckleberry Finn. Mas pouca gente sabe que, por trás do humor e do cinismo, Mark Twain era um sério estudioso dos fenômenos paranormais. Seu interesse pelo assunto surgiu de experiências pessoais, inclusive a de determinado dia, em 1858, quando previu a morte do irmão.

Nessa época, o escritor trabalhava como timoneiro em um paquete, que fazia o percurso entre Nova Orleans e St. Louis. Certa noite, enquanto passava alguns dias em terra firme, sonhou com o irmão Henry morto, deitado num caixão de metal e vestido com um dos ternos do próprio Twain. O caixão era sustentado por duas cadeiras, e havia um buquê de flores - com uma rosa vermelha no centro - sobre seu peito. O sonho parecia tão real que, quando acordou, Mark Twain não percebeu que estivera dormindo e pensou que voltara para casa.

O sonho teve trágico desenrolar, dois dias depois. Enquanto Twain continuava em Nova Orleans, o paquete continuou descendo o Mississipi. Seu irmão, que também trabalhava no barco, seguiu viagem rio abaixo, quando uma caldeira explodiu. Henry ficou seriamente ferido e foi levado para Memphis, onde morreu quando o

médico, acidentalmente, aplicou-lhe uma dose excessiva de morfina.

Quando Henry estava pronto para ser enterrado, algumas senhoras bondosas levantaram dinheiro para a compra de um caixão de metal. Seu corpo foi vestido com um dos ternos de Mark Twain. Enquanto o escritor chorava a morte do irmão, uma senhora entrou na sala e colocou um buquê de rosas brancas - com uma rosa vermelha no centro - sobre o peito do falecido. Depois, o esquife foi enviado para St. Louis, onde foi colocado no pavimento superior do sobrado de seu cunhado. Quando Mark Twain foi visitar o corpo do irmão, viu que o caixão fora colocado sobre duas cadeiras, exatamente como sonhara.

Uma Visão Compartilhada

Carl Jung, famoso psiquiatra suíço, também era conhecido por seu interesse pelo ocultismo. Todo assunto relacionado aos fenômenos paranormais aguçava-lhe o intelecto. Jung observou de perto o nascimento da parapsicologia, estudou astrologia e alquimia, e registrou meticulosamente suas próprias experiências paranormais. Muitas dessas experiências estão relatadas no livro autobiográfico Memories, Dreams, Reflections (Memórias, Sonhos, Reflexões).

A experiência mais estranha vivida por Jung ocorreu em 1913, quando visitava a tumba de Galla Placidia, em Ravena, com uma amiga. O psiquiatra ficou particularmente impressionado com um mosaico de Cristo estendendo a mão para Pedro, que afundava nas ondas. Jung e a amiga examinaram o mosaico por 20 minutos e trocaram idéias a respeito do rito original do batismo. Jung jamais esqueceu aquela obra de arte. Chegou até a querer comprar uma cópia ampliada do mosaico, porém não conseguiu encontrar nenhuma.

Quando retornou a casa em Zurique, Jung pediu a outro amigo, que pretendia viajar para Ravena, que obtivesse a reprodução do mosaico. O resultado foi surpreendente: o mosaico que Jung e a amiga haviam visto simplesmente não existia. Jung relatou o fato à amiga de viagem, que se recusou a acreditar que eles tivessem compartilhado algum tipo de alucinação ou visão. Mas a verdade não podia ser contestada. Jamais houve tal mosaico na parede do batistério.

"Pelo que sabemos", escreveu Jung, "é muito difícil determinar se, e até que ponto,

duas pessoas podem ver, simultaneamente, a mesma coisa. Nesse caso, todavia, pude averiguar que, pelo menos, a característica principal do que nós dois vimos foi a mesma.” Posteriormente, Jung caracterizou a experiência em Ravena declarando:

- Foi a mais curiosa de minha vida.

A Visitante Noturna

O dr. Michael Grosso estava dando um curso de parapsicologia no Jersey City State College, em 1976, quando conheceu Elizabeth Sebben, antropóloga que já tivera muitos encontros paranormais. Ficou feliz por descobrir alguém com quem podia conversar. Michael ficou particularmente interessado em suas experiências extracorporais. Sugeriu que ela tentasse visitá-lo, caso fizesse alguma viagem extracorporal. A visita aconteceu no outono de 1976.

Morando sozinho em um apartamento de seis cômodos, o dr. Michael passava quase todo o tempo tocando flauta. Os exercícios musicais eram normalmente colocados sobre uma estante de partituras, que sempre ficava próxima de um armário. Ele notou que havia alguma coisa peculiar certa manhã, quando, ao acordar, encontrou tal estante no meio do quarto, embora nunca a tivesse colocado ali.

Não voltou a pensar mais no incidente, até a tarde daquele mesmo dia, quando Elizabeth telefonou. Ela tentara entrar em contato com ele na noite anterior, enquanto estava passando por experiência extracorporal, e queria contar-lhe o que vira. Sem perda de tempo, Elizabeth narrou a seguinte história: Ela estivera estudando na noite anterior, quando começou a sentir que estava abandonando seu corpo. Aí, lembrou-se de que queria visitar Michael. Assim, concentrou o pensamento nele e, em pouco tempo, viu-se na cozinha do amigo. Viu-o sentado a uma mesa, estudando alguns documentos e tomando chá. Tentou atrair-lhe a atenção, porém não conseguiu. Então, começou a procurar a maneira de provar sua presença ali. Examinou a residência até encontrar a estante de partituras. Focalizou a atenção no objeto e então, inexplicavelmente, percebeu que sua força de vontade movera a estante para o meio do quarto. Segundos mais tarde, retornou para seu corpo. O dr. Michael não acredita que a experiência possa ser explicada como algum tipo de ilusão.

- Quando uma senhora visita um homem à noite, especialmente sob circunstâncias tão curiosas - diz ele -, seria o cúmulo da falta de cavalheirismo considerá-la como ilusão insignificante.

Correspondências Cruzadas

Três famosos fundadores da Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas - Henry Sidgwick, Frederic Myers e Edmund Gurney - surgem com destaque em um dos casos mais constrangedores de correspondência com espíritos de que temos memória. Por mais incrível que possa parecer, os três distintos cavalheiros figuraram não como receptores, e sim como emissários.

A história das Correspondências Cruzadas, como acabou sendo conhecida, teve início em 1901, quando cinco mulheres diferentes, que não se conheciam, começaram a receber mensagens de espíritos de pessoas falecidas. As cinco empregaram a técnica conhecida como psicografia, estado de transe em que a entidade comunicadora assume o comando do médium e transmite mensagem por escrito.

A primeira mulher a ser contatada - por um espírito que se identificou como Myers - foi a sra. A. W. Verrall. Pouco mais tarde, Lenora Piper, dos EUA, também passou a receber mensagens de Myers. Sem saber o que estava acontecendo com aquelas duas mulheres, Alice Fleming, irmã do escritor inglês Rudyard Kipling, e sua filha, Helen, deram de receber comunicações similares do além, enquanto estavam na Índia. A essas quatro, logo se juntou outra inglesa, a sra. Willet. Contudo, o mais incrível aconteceu em 1903, quando Helen Holland (née Fleming) recebeu solicitação de Myers, pedindo a ela que entrasse em contato com uma de suas velhas amigas. A mão de Helen escreveu o nome dessa amiga: Sra. Verrall, 5 Selwyn Gardens, Cambridge.

A sra. Fleming encaminhou a mensagem psicografada à Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas e, lentamente, os pedaços separados do quebra-cabeça começaram a ser juntados. Nos EUA, Lenora Piper foi testada por G. B. Dorr, que lhe perguntou o significado da palavra lethe{1} "Myers", o espírito que guiara sua mão, respondeu com uma série de alegorias, como seria de esperar de pessoa que,

em vida, tivesse se dedicado aos estudos clássicos. Idêntica interpelação foi feita à sra. Willet na Inglaterra, pelo renomado médium Oliver Lodge. Seu espírito do outro lado do Atlântico deu, essencialmente, igual resposta, bem como o nome da pessoa que lhe fizera a mesma pergunta nos EUA - Dorr.

Finalmente, a sra. Willet conseguiu se comunicar com as três pessoas "alvos" - Myers, Sidgwick e Gurney, três estudantes de assuntos clássicos. Por meio dela, o irmão do primeiro-ministro, lord Balfour, questionou Henry Sidgwick quanto à relação do corpo com a mente. Gurney, ou o espírito que dizia ser ele, falou sobre as origens da alma. A Myers foi perguntado como era se comunicar do além.

- Tenho a impressão de estar em pé por trás de uma lâmina de vidro congelada - respondeu ele -, que turva a visão e abafa o som, ditando com voz fraca para a secretária relutante e obtusa. Sensação de terrível impotência me arrasa.

O Alfinete de Gravata

Depois do velho banco imobiliário, a tábua de Ouija é, provavelmente, um dos jogos mais populares dos EUA. Embora muita gente não leve esse tipo de brinquedo a sério, dizem que, algumas vezes, ele resulta em contatos reais com o além.

Hester Travers-Smith era médium inglesa especialista em lidar com a tábua de Ouija. Um de seus casos mais famosos envolveu curioso incidente que sucedeu com ela e com Geraldine Cummins, médium irlandesa. Ambas trabalhavam com a tábua de Ouija em Londres durante os anos terríveis da Primeira Guerra Mundial, quando um primo de Geraldine, recentemente assassinado na França, assumiu o controle da comunicação. A entidade soletrou seu nome e então escreveu: Vocês

sabem quem sou eu?

Em seguida, o comunicador "transmitiu" a seguinte mensagem: Peça a mamãe para dar meu alfinete de gravata de pérola à garota com quem pretendia casar. Acho que ela deve ficar com ele. O nome completo, totalmente desconhecido pelas médiuns, foi então soletrado. A entidade também forneceu o endereço da moça em Londres, porém, quando as médiuns enviaram a carta a ela, o correio devolveu-a. Como o endereço era errado ou fictício, as médiuns perderam o interesse no caso.

Seis meses mais tarde, Cummins ficou sabendo que o primo ficara noivo secretamente, fato desconhecido até mesmo pelos familiares mais próximos. O nome da noiva era o mesmo que fora soletrado pela tábua, e, quando o Ministério da Defesa devolveu os bens do jovem à Inglaterra, a família encontrou o alfinete de gravata de pérola mencionado em testamento que ele redigira na França. O documento instruía a família a enviar o alfinete de gravata a sua noiva, caso ele não voltasse com vida.

O caso foi posteriormente atestado por Sir William Barrett, famoso médium da época, que examinou os registros originais.

Telepatia Salvadora

Alguns críticos afirmam que, mesmo que a PES exista, ela não tem nenhum valor prático. John H. Sullivan discorda desse ponto de vista, pois a telepatia provavelmente salvou-lhe a vida.

O incidente ocorreu no dia 14 de junho de 1955, quando Sullivan soldava um cano de água no bairro de West Roxbury, em Boston. A valeta onde Sullivan se encontrava afundou de repente, ele foi soterrado e apenas a mão ficou visível acima da terra. Mais ou menos ao mesmo tempo, o amigo dele e também soldador Thomas Whittaker trabalhava em local diferente. Mas alguma coisa perturbava-lhe a mente. Ele parou o serviço mais cedo e comentou com outro empregado que algo estranho estava acontecendo em Roxbury. Whittaker pegou o carro e dirigiu-se para o local, tomando várias estradas que, normalmente, evitaria. Quando chegou à

valeta, viu um dos veículos de sua companhia vazio, com o gerador funcionando.

- Aproximei-me cerca de 4 metros da valeta - testemunhou posteriormente. - A princípio, só pude ver terra. Então, percebi que houvera desmoronamento, e vi a mão de uma pessoa despontando do entulho.

Whittaker começou a cavar ao redor do homem soterrado, e alguns bombeiros chegaram para ajudar, a seu pedido. Sullivan estava seriamente ferido, e com certeza teria morrido, se demorasse mais alguns minutos para ser socorrido.

Os Anjos de Mons

No dia 26 de agosto de 1914, a derrotada Força Expedicionária Britânica em Mons, França, excedida em número pelos soldados alemães na proporção de três por um, decidiu bater em retirada. O desastre total assomou no horizonte quando uma unidade da cavalaria do imperador Frederico Guilherme bloqueou a passagem dos ingleses.

Mas o golpe de misericórdia não chegou a acontecer. De repente, os cavalos dos alemães entraram em pânico, empinando nas patas traseiras, com as narinas dilatadas. A cavalaria germânica fugiu em disparada, e os ingleses conseguiram sair do bloqueio em segurança.

O que foi que deteve as espadas dos alemães e assustou-lhes os cavalos? Artigo publicado no Evening News de Londres, um mês após essa miraculosa sobrevivência, diz que os soldados ingleses haviam sido poupados pela visão de um esquadrão de anjos pairando sobre suas cabeças. O autor do artigo, um tal de Arthur Machen, escritor de histórias de horror e de ocultismo, era, juntamente com W. B. Yeats e Aleister Crowley, membro da Ordem Hermética do Crepúsculo Dourado, a mal-afamada sociedade de magia do século 20.

De acordo com o artigo de Machen, "Os Arqueiros: Os Anjos de Mons", quando os alemães desdobraram forças para a matança final, eles notaram nos céus a visão de um exército fantasmagórico em formação do lado dos ingleses. Ainda mais surpreendente foi o fato de que os anjos estavam materializados como arqueiros ingleses medievais, os longos arcos retesados e as flechas apontadas diretamente para o rosto do inimigo.

A história causou sensação tão grande na Inglaterra que Machen finalmente admitiu que os anjos eram fruto de sua própria imaginação. No entanto, o relato de salvadores celestiais ajudando os soldados britânicos nas trincheiras recusou-se a morrer. Quando os sobreviventes de Mons começaram a voltar para casa, muitos deles contaram histórias que corroboravam a versão dos arqueiros angelicais. Uma torrente de artigos e panfletos apoiou, posteriormente, tal versão.

O reverendo C. M. Chavasse, capelão do Exército, disse que ficara sabendo do

episódio pelo relato de um general de brigada e dois de seus oficiais, que estiveram no campo de batalha.

A despeito dos desmentidos de Machen, os anjos de Mons passaram a ter vida própria. Inconsciente do que fizera, talvez Machen penetrara na consciência coletiva da Inglaterra destruída pela guerra. Sem dúvida, os anjos levantaram o moral nos dias mais sombrios, quando os jovens ingleses estavam sendo massacrados desordenadamente nos campos da França. E no fim o artifício, se é que houve um, funcionou. Os ingleses e seus aliados saíram-se vitoriosos. Os anjos, afinal de contas, colocaram-se do lado do Exército vencedor.

Plantas Alucinógenas

Viajantes da Amazônia relataram que os nativos da região entram, algumas vezes, em transes mediúnicos quando ingerem o sumo destilado de certas plantas.

O dr. William McGovern era assistente do administrador de etnografia sul-americana, no Field Museum of Natural History, quando fez suas pesquisas nos anos 20. Ele estava estudando os povoados nativos do rio Amazonas, onde observou os índios preparando uma bebida psicodélica, feita com base em agente químico alucinógeno chamado "harmaline", encontrado na planta trepadeira Banisteriopsis caapi.

- Alguns daqueles índios - conta ele - caíram em um estado de transe particularmente profundo, durante o qual demonstravam adquirir poderes telepáticos. Dois ou três dos homens descreveram o que estava acontecendo em malocas localizadas a centenas de quilômetros de distância, muitas das quais eles jamais haviam visitado, e cujos moradores eles não conheciam, mas cujas descrições pareciam combinar exatamente com o que eu sabia sobre os lugares e as pessoas envolvidas. Mais extraordinário ainda é que, naquela noite em particular, o feiticeiro da tribo local informou-me que o cacique de certa tribo, assentada em região distante chamada de Pirapanema, morrera. Anotei essa declaração em meu diário e, semanas mais tarde, quando chegamos à tribo em questão, descobri que as afirmações do feiticeiro estavam corretas nos mínimos detalhes.

A “harmaline” foi posteriormente importada pela Europa, onde pesquisadores do Instituto Pasteur, da França, realizaram experiências alucinógenas com ela. Eles relataram que os pacientes entraram em transe mediúnico tão profundo, depois de ingeri-la, que resolveram mudar o nome da droga para “telepathine”.

O Caso Thompson-Gifford

O cenário era New Bedford, cidade costeira em Massachusetts, onde dois homens diferentes gostavam de fazer longos passeios exploratórios. O primeiro desses homens, artesão comum e pintor domingueiro, chamava-se Frederic Thompson; o outro era o internacionalmente aclamado pintor Robert Swain Gifford. Thompson gostava de caçar ao longo da costa e, em raras ocasiões, encontrava-se com Gifford, que adorava pintar as cenas sugeridas pela paisagem local.

A estranha odisséia paranormal de Thompson começou no verão de 1905, quando ele, de repente, sentiu grande necessidade de pintar e de fazer alguns esboços. A mente do artesão passou a ser continuamente invadida por cenas de paisagens, e ele chegou mesmo a pensar que parte de sua personalidade pudesse estar, de alguma forma, ligada a Gifford. Thompson não sabia que o famoso pintor morrera, e foi somente algum tempo mais tarde, quando estava trabalhando em Nova York, que descobriu esse fato. Caminhando por uma rua, durante o horário do almoço, Thompson descobriu a galeria de arte onde os quadros do falecido R. Swain Gifford estavam em exposição. O choque foi tão grande que ele desmaiou. A última coisa

de que se lembrava, antes dessa rápida perda de sentido, foi uma voz, que dizia:

- Você está vendo minha obra. Prossiga com o trabalho.

Ao final do ano, a personalidade de Thompson começou a se desintegrar, e o artesão não conseguia mais trabalhar direito. Ainda se sentia compelido a pintar e a desenhar esboços, e os resultados, de modo geral, eram cópia fiel do estilo de Gifford. Finalmente, ele procurou o professor James H. Hyslop, que, na ocasião, estava à frente da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, em Nova York.

Hyslop, bem treinado na psicologia de seu tempo, não ficou impressionado com a história de Thompson. Ele achou que aquele homem estava, provavelmente, se candidatando a ter um colapso nervoso. Mesmo assim, o professor sentiu que

valeria a pena fazer uma pequena experiência. Como estava para visitar um médium logo depois da entrevista, Hyslop decidiu levar Thompson. Talvez, imaginou, o médium pudesse ajudar a diagnosticar os problemas do artesão. A sessão acabou sendo produtiva, pois o médium sentiu, imediatamente, que havia um pintor no recinto, e chegou até a descrever a paisagem que estivera perturbando a mente de Thompson.

O mistério aprofundou-se ainda mais em julho de 1907, quando Thompson deu a Hyslop uma série de esboços que mostravam duas cenas diferentes: um grupo de cinco árvores isoladas e dois carvalhos retorcidos pelo tempo, em um contorno costeiro selvagem.

Desejando investigar o caso por conta própria, Thompson foi visitar a viúva de Gifford em Nonquitt, pequena cidade no Estado de Massachusetts. Ali descobriu que o esboço das cinco árvores combinava perfeitamente com o quadro inacabado de propriedade da sra. Gifford. Seu marido estivera trabalhando naquele quadro pouco antes de morrer. No mês de outubro daquele mesmo ano, Thompson descobriu a cena que inspirara o esboço dos dois carvalhos retorcidos e da paisagem costeira no litoral de New Bedford.

Hyslop publicou o estudo do caso nos Processos da Sociedade Americana de

Pesquisas Psíquicas, em 1909. O próprio Thompson tornou-se, posteriormente, pintor de sucesso, expondo trabalhos durante quase duas décadas nas mais famosas galerias de arte de Nova York.

O Fantasma imaginário

Manifestação do pensamento é um objeto físico materializado pelo poder da mente humana. Mas será que as manifestações do pensamento realmente existem? No verão de 1972, vários membros da Sociedade de Toronto de Pesquisas Psíquicas decidiram realizar pesquisa sobre tais manifestações, conjurando um fantasma. Depois de várias tentativas frustradas, o grupo finalmente desenvolveu um procedimento que parecia promissor, recriando a atmosfera de uma típica sessão vitoriana.

Para facilitar os experimentos, o grupo decidiu estabelecer contato com uma

entidade totalmente fictícia. Assim, um dos membros criou uma biografia para o fantasma. Seu nome passou a ser Philip, e ele ficou sendo ficticiamente conhecido como nobre católico da Inglaterra do século 17, que cometera suicídio quando a mulher acusou sua amante de bruxaria.

O grupo passou a encontrar-se semanalmente, e, enquanto se colocavam ao redor da mesa, exortavam Philip a se revelar. Quando colocavam as mãos sobre a mesa, a entidade freqüentemente respondia inclinando-a. A mesa por fim começou a se mover, emitindo misteriosas pancadas secas, que pareciam emanar de sua superfície.

- Será possível que Philip esteja fazendo isso? - perguntou um dos participantes da sessão mediúnica.

Quando uma pancada seca perfeitamente audível respondeu, o grupo ficou emocionado e começou a conversar em código com o fantasma. Como era de esperar, as batidas - para as quais não foi encontrada explicação plausível - respondiam perfeitamente, de acordo com a biografia fictícia de Philip. Se o grupo fazia à entidade pergunta para a qual não criara resposta adequada, a mesa emitia estranhos sons de estar sendo serrada.

Os ruídos e os movimentos ficavam mais fortes quando os participantes prolongavam a sessão. Os membros declararam que a mesa chegava a ficar apoiada em apenas uma perna, e até levitava. Disseram também que demonstrava até estranho senso de humor. Quando alguém tentava sentar nela para estabilizá-la, uma súbita força atirava aquele homem ou aquela mulher no chão. As pancadas secas por vezes abandonavam os arredores da mesa e passavam a ser ouvidas em outros lugares da sala.

Devido à natureza espetacular desses experimentos, o grupo de Toronto passou a duvidar da existência de espíritos de boa-fé. Em vez disso, declararam seus membros, comportamento semelhante ao de um espírito podia ser vinculado a manifestações do pensamento criadas unicamente pelos poderes da mente.

Regeneração Espontânea

Pierre de Rudder era um camponês belga que vivia em Jabbeke, perto da cidade de

Bruges. Sua estranha história tem início em 1869, quando caiu de uma árvore e quebrou a perna. Os danos foram tão graves que a perna ficou irremediavelmente perdida, e, quando os fragmentos ósseos foram removidos, mais de 3 centímetros separavam a perna da coxa. Apenas os músculos e a pele mantinham a perna de De Rudder. Sugeriu-lhe o médico amputar o membro, mas, a despeito da dor, ele recusou terminantemente a sugestão. Sofreu dores horríveis durante oito anos, antes de decidir visitar a cidade de Oostacker, local de um santuário de Nossa Senhora de Lourdes.

A viagem causou sofrimento inenarrável a De Rudder. Ele precisou ser carregado para o trem por três pessoas, e a supuração no local do ferimento era tão repelente que ele quase foi atirado para fora do vagão.

Não é preciso dizer que De Rudder estava com terrível mau humor, quando, finalmente, chegou ao santuário e pôs-se a rezar. Foi nesse momento que súbito êxtase o dominou, e, de acordo com as testemunhas, ele ficou em pé e caminhou, sem o auxílio das muletas.

De Rudder morreu em 1898, e o dr. Van Hoestenbergh exumou-lhe o corpo dois anos depois, para poder examinar mais de perto as pernas e os ossos originais de seu ex-paciente.

- Fotos dos ossos mostraram claramente - revelou o médico - que um osso novo foi usado para regenerar a perna irreparavelmente quebrada.

O Aço de Damasco

Entre os numerosos métodos mágicos da antiguidade, um dos mais famosos era o processo de endurecimento de espadas de aço - muito comum em Damasco entre os séculos 12 e 14 -, que consistia em enfiar a lâmina superaquecida no corpo de um prisioneiro ou escravo e, em seguida, em água fria. Na Idade Média, os cavaleiros cristãos aprenderam, para sua angústia, que as espadas feitas com o aço de Damasco eram mais resistentes e também mais duras do que as fabricadas na Europa.

No entanto, quinhentos anos após as Cruzadas, experiências realizadas na Europa indicaram que o processo, afinal de contas, não tinha nada de mágico. Os europeus

descobriram que enfiar a espada em brasa em uma massa de peles de animais encharcadas de água tinha efeito similar ao método damasceno. O nitrogênio orgânico que se desprende das peles na água produz reação química no aço.

Rabdomancia Arqueológica

Os rabdomantes normalmente trabalham segurando varinhas de condão ou galhos de amoreira em suas mãos, esperando que eles se curvem perto de fonte de água ou de veio de minérios preciosos. Mas essa técnica pode ser empregada não somente nesses dois casos. J. Scott Elliot, militar inglês da reserva e rabdomante, usa tal habilidade como apoio para a descoberta de sítios arqueológicos. Muitas vezes, ele nem precisa visitar as regiões que deseja sondar, porque as localiza segurando apenas um galho de amoreira sobre o mapa.

Um de seus trabalhos mais bem-sucedidos foi reportado em 1969, quando aplicou a varinha de condão para prever que grande sítio arqueológico seria descoberto sob uma cabana na cidade de Swinebrook. Os escavadores do lugar mostraram-se céticos, pois Scott Elliot mencionara uma cidade em que não haviam sido encontrados nem vestígios. Isso se deu seis meses antes de efetuarem escavações no local, e, é claro, o sítio apontado pela varinha de condão foi descoberto de imediato.

Ao realizarem um corte de 1,50 por 3 metros, os escavadores descobriram caldeirões, ossos e algumas peças de cerâmica. Quando o sítio foi mais cuidadosamente explorado, em 1970, encontraram o piso de uma estrutura e até mesmo seu núcleo. Dois artefatos polidos da Idade do Bronze coroaram o sensacional achado.

Pesadelo Duplo

Assim como o jovem George Washington, Steven Linscott, estudioso da Bíblia de 26 anos originário de Illinois, sentiu-se compelido a difundir a verdade - mas Linscott acabou na cadeia por causa disso.

Os eventos que culminaram com a prisão começaram no dia 4 de outubro de 1980,

quando policiais de Oak Park buscavam pistas para solucionar o caso de Karen Ann Phillips. A enfermeira de 24 anos fora assassinada na manhã anterior, e a polícia estava visitando a Good Neighbor Mission - casa missionária para ex-presidiários - na esperança de obter algumas informações importantes. Foi ali que os policiais conheceram Linscott.

Steven Linscott, estudante altamente respeitado de uma faculdade local, também trabalhava na casa missionária. Quando os policiais disseram-lhe a que vinham, ele começou a pensar num pesadelo recente, em que via uma jovem loira sendo espancada até a morte. Após muita hesitação, Steven finalmente acabou contando todo o sonho aos policiais.

- De repente, fiquei intrigado com a possibilidade de meu sonho ser uma experiência sobrenatural - narrou ele, posteriormente. - No mínimo, ir à polícia pareceu-me mais interessante do que memorizar dois versículos da Bíblia.

O sonho de Linscott certamente aguçou a curiosidade dos investigadores Robert Scianna e Robert Grego, que interrogaram o informante minuciosamente. Linscott, ao que tudo indicava, sabia tanta coisa sobre o caso que acabou sendo detido como suspeito. Foi preso e acusado de assassinato em novembro.

Não obstante a acusação basear-se em provas circunstanciais, os jurados julgaram-no culpado, a despeito do fato de não ter nenhum motivo e de as impressões digitais encontradas no local do crime não serem as dele. Linscott ficou abalado com o veredicto.

- Todo mundo confia no sistema - explicou, mais tarde. - Todo mundo acredita no processo de investigações. Ninguém percebe que tudo não passa de um pau-de-sebo, onde, a partir do momento em que a gente começa a escorregar, não há como interromper a queda.

Linscott cumpriu três anos de uma pena de quarenta anos, antes de ser libertado pelo Tribunal de Apelações de Illinois. O Supremo Tribunal do Estado restabeleceu a pena posteriormente, porém o estudante da Bíblia está atualmente em liberdade condicional.

Precioso Alimento dos Cavalos Espanhóis

Quando os conquistadores chegaram ao Peru, centro do grande império dos incas, os índios peruanos pensaram que os cavalos de batalha dos espanhóis fossem monstros ferozes e perigosos, completamente diferentes de seus dóceis lhamas, especialmente quando esses animais escavavam o solo, relinchavam e balançavam a cabeça.

Amedrontados, os peruanos perguntaram aos cavalarianos por meio de um intérprete:

- O que é que esses ferozes animais comem?

Os espanhóis sabiam o que responder. Apontando para as jóias e os ornamentos de ouro dos peruanos retrucaram:

- Eles comem essas coisas de metal amarelo. Estão com fome agora, mas não desejam ser vistos comendo. Deixem o alimento na frente deles e afastem-se daqui.

Nessa altura, os índios reuniram uma pilha de objetos de ouro, que os espanhóis colocaram no bolso. E então, chamando os índios de volta, disseram:

- Os ferozes animais ainda estão famintos. Tragam mais alimento.

O Controle da Mente

Wolf Messing, que morreu em 1974, foi sem dúvida o mais famoso médium da União Soviética. Tornou-se conhecido pelas apresentações em teatros, durante as quais realizava comandos telepáticos sugeridos por pessoas da platéia. No entanto, aqueles que se tornaram seus amigos íntimos contavam histórias mais espetaculares, a maioria delas sobre o poder de controlar a mente de outra pessoa - mesmo a quilômetros de distância.

Uma dessas histórias foi narrada pelo dr. Alexander Lungin, cuja mãe foi secretária de Messing por vários anos. O caso ocorreu quando Lungin estava na Faculdade de Medicina de Moscou. Seu professor de anatomia, o catedrático Gravilov, antipatizara com ele desde o início e sempre o prevenia de que iria reprová-lo, mesmo levando em consideração a aplicação dele.

O dia do ajuste de contas veio quando Lungin precisou realizar os exames finais. Todo estudante precisava passar pela prova oral, aproximando-se da mesa onde estavam sentados vários examinadores. Um deles, então, começava com as perguntas.

Pouco antes da realização das provas, Gravilov disse a Lungin, com um sorriso diabólico nos lábios, que iria examiná-lo pessoalmente. Aterrorizado pela notícia, Lungin transmitiu seus temores à mãe, que telefonou para Messing e pediu-lhe que intercedesse. O médium, que morava a quilômetros de distância da escola, telefonou à sra. Lungin, confirmando que ajudaria seu filho.

Quando finalmente chegou a hora, Lungin caminhou em direção à banca examinadora, e Gravilov não disse uma palavra. Em vez disso, ele simplesmente limitou-se a ficar observando, enquanto Lungin era examinado por outro catedrático. O professor vingativo não fez nada, nem mesmo quando o outro examinador assinou a aprovação de Lungin.

Nem é preciso dizer que o estudante ficou feliz com esses eventos, porém o que aconteceu em seguida foi ainda mais estranho.

Lungin saiu da sala de aula e foi conversar com outros estudantes. O professor Gravilov saiu, alguns minutos mais tarde, para perguntar se ainda faltava alguém para fazer exame. Quando os alunos responderam que todos já haviam passado pela banca examinadora, ele olhou para o aluno que tanto desprezava.

- Lungin ainda não fez a prova - afirmou.

Quando os alunos explicaram que o colega já fizera o exame e fora aprovado, Gravilov ficou enraivecido.

- Como foi que ele passou? Não pode ser. Com quem fez o exame?

Quando o professor verificou os registros, ficou lívido e saiu dali às pressas. Lungin, de alguma forma, o derrotara - provavelmente com uma pequena ajuda de seu famoso amigo Messing.

A Estranha Visita de Dadaji

Pode uma pessoa estar fisicamente presente em dois lugares ao mesmo tempo?

Apesar de a idéia nos parecer totalmente desprovida de sentido, um caso como esse foi relatado por dois respeitados parapsicólogos em 1975. O dr. Karlis Osis e o dr. Erlendur Haraldsson, visitando a Índia em 1970 para estudar os homens santos daquela nação, ficaram especialmente interessados em Dadaji, comerciante considerado como ser sagrado que tinha um grande número de seguidores na região sul da Índia. Enquanto estudavam os supostos milagres atribuídos a Dadaji, os dois parapsicólogos descobriram a seguinte história:

Em algum momento, no início de 1970, Dadaji visitou Allahabad, distante cerca de 640 quilômetros de sua casa, e ficou hospedado na casa de uma família local. Durante sua estada, saiu para meditar e, posteriormente, contou a seus seguidores que viajara, ao mesmo tempo, a Calcutá. Chegou até a dizer à anfitriã que ela podia confirmar a história entrando em contato com sua cunhada, que morava em Calcutá. O homem santo deu-lhe também o endereço da residência para onde ele se projetara.

A família que morava na casa realmente confirmou a veracidade da inacreditável história de Dadaji. Roma Mukherjee, discípula do homem santo, explicou que estava folheando um livro na sala de leitura quando Dadaji surgiu a sua frente.

- Transparente a princípio - explicou ela -, a figura do mestre materializou-se pouco a pouco.

A súbita aparição deixou-a de tal forma assustada que ela chegou a gritar, chamando o irmão e a mãe. Dadaji limitou-se a acenar-lhe, pedindo que lhe trouxesse um pouco de chá.

- Quando voltou à sala de leitura com o chá - reportaram os dois pesquisadores -, Roma foi seguida pela mãe e pelo irmão médico. Ela enfiou o braço pela porta entreaberta e deu a Dadaji chá e biscoitos.

A mãe viu o mestre através da abertura da porta. O irmão, localizado mais atrás, viu apenas a mão de Roma passar pela abertura e voltar sem o chá. Não havia nenhum lugar onde ela pudesse ter colocado a xícara sem entrar na sala. Quando o pai, diretor de um banco, voltou para casa, depois de ter ido às compras, não acreditou no que lhe contaram. Recusando-se a obedecer às objeções, olhou através de uma fenda da porta e viu a figura de um homem sentado em uma cadeira.

Quando a família finalmente entrou na sala, Dadaji desaparecera, mas um cigarro queimado pela metade foi deixado sobre a mesa. Era a marca preferida de Dadaji.

O Incrível Pikki

Vladimir Durov, artista de circo especializado em domar animais, era capaz de fazer com que seus bichos realizassem qualquer coisa que desejasse. Dizia que seu sucesso se devia, em parte, à habilidade de estabelecer contatos mediúnicos com eles. Essa declaração acabou chegando aos ouvidos do professor W. Bechterev, chefe do Instituto para Pesquisas do Cérebro, em São Petersburgo.

Intrigado, Bechterev testou as afirmações de Durov com a ajuda de um cãozinho fox-terrier, chamado Pikki. O procedimento consistia em Bechterev escolher uma série de ordens, transmiti-las a Durov, que tomaria a cabeça do pequeno Pikki nas mãos, olharia bem dentro de seus olhos e passaria as instruções para o cérebro do animal.

Na primeira tentativa, Bechterev sugeriu que Durov fizesse o cachorrinho pular em uma cadeira, saltar para a mesa ao lado e, em seguida, raspar as patas no quadro posicionado em cima dela. Durov transmitiu as instruções para o cérebro de Pikki, procedimento que levou vários minutos, e o cachorrinho começou a caminhar.

- Após alguns segundos, Pikki pulou da cadeira, correu rapidamente para a outra junto à parede e pulou sobre a pequena mesa redonda - relatou Bechterev. - Ficando em pé nas patas traseiras, ele aproximou-se do quadro e arranhou-o um pouco com as patas dianteiras.

Por intermédio das instruções de Durov, Bechterev descobriu que até ele era capaz de se comunicar com Pikki.

No entanto, o famoso cientista não pôde descartar a possibilidade de que ambos estivessem, mesmo involuntariamente, sugestionando o cachorro por movimentos oculares. Assim, Bechterev enviou, posteriormente, dois colegas para que trabalhassem com Durov e Pikki em Moscou. Durov explicou seu procedimento para a transmissão de ordens ao animal, e os cientistas realizaram seus experimentos, usando vendas nos olhos ou máscaras de metal no rosto. A despeito do uso desses controles, Pikki sempre respondia aos comandos mentais.

Mas ficou pairando o seguinte enigma: Durov podia realmente se comunicar com o cachorrinho, transmitindo instruções mentais ao cérebro do animal, ou será que Pikki era de fato um cãozinho mediúnico?

O Abominável Pé Grande

Grover Krantz declara que o campo que escolheu para pesquisar arruinou sua carreira acadêmica e só serviu para ridicularizá-lo perante os colegas. Krantz, antropólogo da Washington State University, especializou-se no estudo do primata mais indefinível do mundo, o chamado Pé Grande, ou Sasquatch, que, segundo consta, habita as densas florestas da região noroeste do Pacífico.

Histórias de animais gigantescos e peludos, semelhantes aos macacos das montanhas Azuis de Washington e do Oregon, datam do século 19. Antropólogos ortodoxos tendem a rejeitar tais histórias, classificando-as de fantasias folclóricas. Não obstante, Krantz acredita que o Sasquatch pode ser nosso parente mais próximo ainda vivo. Os seres humanos, na verdade, podem ser descendentes diretos do tímido Pé Grande, cujos restos mortais jamais foram encontrados.

O nome do controvertido primata tem origem nas gigantescas pegadas que deixa para trás e que, em alguns casos, chegam a quase 60 centímetros, separadas por intervalos de quase 2 metros. De acordo com testemunhas oculares, o Pé Grande tem cerca de 2,50 metros de altura e pode pesar uns 400 quilos. O corpo é completamente coberto de pêlos marrons, com exceção do rosto chato, das palmas das mãos e das solas dos pés. O rosto é caracterizado pela testa recuada e pela fronte proeminente. As proporções do Sasquatch são mais ou menos semelhantes às do ser humano, exceto pelos braços exageradamente compridos. Para se alimentar, ele parece preferir raízes, frutos e a carne de um roedor qualquer.

O interesse com relação ao Pé Grande foi revivido na primavera de 1987, com a descoberta de quatro novas pegadas e com a publicação da análise de outro grupo de pegadas feita pelos guardas-florestais do U. S. Forest Service, em 1982. O último grupo de pegadas media 50 centímetros.

- Além disso - narrou Krantz -, elas demonstravam evidência de epiderme e rugas nas solas dos pés, juntamente com poros sudoríparos e padrões de desgaste,

detalhes anatômicos quase impossíveis de imitar, até mesmo pelos embusteiros mais hábeis.

Estudando as impressões ósseas nos moldes de gesso, Krantz também notou que o calcanhar parecia ter se deslocado mais para a frente do pé do que em qualquer outro primata conhecido, inclusive homens e gorilas.

- Tal mudança evolucionária - continuou o cientista - teria sido necessária para suportar o imenso peso da criatura, outro detalhe que pegadas falsas provavelmente não mostrariam.

O próprio Krantz já deixou de correr riscos com as provas ou com sua reputação. Ele prometeu atirar para matar assim que vir o Pé Grande, acreditando que o valor científico a ser ganho superaria quaisquer reclamações ocasionadas pelo ato.

- A única maneira de convencer alguém é com um espécime verdadeiro - declarou Krantz.

Na impossibilidade de matar um Sasquatch, ele espera usar um helicóptero e um detector infravermelho para tentar localizar os restos de um deles em decomposição.

Um OVNI na Nova Zelândia

Filmes e fotos de OVNIs são relativamente comuns. Mas fotos e filmes que apresentem nitidez e credibilidade suficientes para estudos mais aprofundados são muito raros. Algumas das fotos de OVNIs mais nítidas e mais analisadas de todas as já batidas foram tiradas pela equipe de uma rede australiana de televisão, na noite de 30 de dezembro de 1978, perto de Kaikoura, Nova Zelândia.

Muitas pessoas tinham visto objetos voadores não identificados durante as semanas anteriores, principalmente na região de Cook Straight, que divide a ilha Meridional da ilha Setentrional da Nova Zelândia. Pensando em furo de reportagem, o repórter Quentin Fogarty e o cinegrafista David Crockett voaram até Wellington. Dali, eles fretaram o avião de carga Argosy, pilotado pelo comandante Bül Startup, e rumaram para Christchurch, ao sul da maior das duas ilhas da Nova Zelândia. O comandante estava acompanhado pelo co-piloto Bob Guard e pela

engenheira de som Ngaire Crockett, mulher de David.

Fogarty e Crockett filmavam algumas cenas que serviriam de introdução para a matéria, pouco antes do pouso, quando o avião ficou iluminado. Startup e Guard viram diversos OVNIs e entraram em contato com o centro de controle de vôo em Wellington. A torre de comando da capital da Nova Zelândia, por sua vez, confirmou a presença de objetos voadores não identificados na tela do radar. Quando Fogarty chegou à cabine de comando, cinco luzes coruscantes ainda eram visíveis, com dimensões que variavam desde uma cabeça de alfinete até um grande balão cheio de luz. Nesse momento, a torre de comando de Wellington informou:

- Vocês têm vários objetos voadores não identificados em formação em seu encalço.

Startup fez manobra de 360 graus no Argosy, porém eles não viram nada de imediato. Com os faróis do avião desligados, todos puderam ver uma luz muito brilhante que pairava no céu escuro. Crockett trocou de lugar com Guard, sua câmara funcionando o tempo todo. No vôo de volta de Christchurch, mais OVNIs foram vistos.

O videoteipe Luzes de Kaikoura é, talvez, a prova da existência do OVNI mais analisado de toda a história. Mesmo assim, os resultados ainda são inconclusos. Várias fontes de luz em potencial, como os planetas Vênus e Júpiter ou os barcos pesqueiros profusamente iluminados na superfície do oceano, não devem ser confundidas com tais objetos. Mas o que a fita de vídeo de fato apresenta provavelmente jamais venha a ser descoberto, exceto que ela mostra com nitidez um objeto voador não identificado.

O Sonho do Filho de Dante Alighieri

O poema A Divina Comédia, de Dante Alighieri, é considerado uma das obras-primas da literatura universal. No entanto, se não fosse o sonho de Jacopo, filho do poeta já então falecido, o original da obra poderia ter desaparecido para sempre.

Quando Dante morreu, em 1321, Jacopo e seu irmão, Pietro, ficaram desesperados, não apenas pela perda do pai, mas também por causa do original de A Divina

Comédia que ele deixara completo, porém não se sabia onde. Os dois viraram a casa de cabeça para baixo, procurando entre os papéis, e os textos que completavam o poema do velho Dante não foram encontrados.

Profundamente transtornado, Jacopo teve um sonho. Seu pai entrou em seu quarto, vestido com roupas impecavelmente brancas. Quando o filho perguntou se ele terminara a obra-prima, Dante balançou afirmativamente a cabeça e indicou onde as partes faltantes podiam ser encontradas.

Com um advogado amigo do pai por testemunha, Jacopo entrou no quarto de Dante. Atrás de pequeno biombo junto à parede, eles encontraram uma pequena janela. No cubículo para o qual ela se abria, ambos localizaram as páginas finais do poema, já cobertas de mofo. Assim, A Divina Comédia ficou completa, graças ao sonho de um filho cheio de fé.

A Mensagem do Fantasma

Na manhã de 6 de dezembro de 1955, Lucian Landau, empresário londrino, viveu um drama invulgar. Estava dormindo na casa de Constantine Antoniades, em Genebra, quando percebeu que alguém entrava no quarto. Virando-se na cama, viu uma fraca fonte de luz e, dentro dela, a figura da falecida mulher de seu anfitrião. Ao lado daquela imagem havia um cão pastor alsaciano com estranha pelagem marrom. A aparição logo desapareceu, mas, enquanto se diluía, Landau ouviu a mulher lhe dizer:

- Conte a ele.

O empresário londrino não hesitou em transmitir a informação ao anfitrião, quando eles se encontraram naquele mesmo dia. Contudo, não explicou exatamente o que acontecera. Em vez disso, perguntou se a falecida mulher do amigo já tivera um cão pastor alsaciano.

- Sim - respondeu o sr. Antoniades. - Ele ainda está vivo.

A resposta deixou Landau intrigado, pois não havia nenhuma evidência de existir um cachorro naquela casa. Antoniades então explicou que enviara o animal a um canil quando a mulher adoecera, porque não tinha condições de cuidar dele.

Quando Landau finalmente lhe contou como fora a visita fantasmagórica, Antoniades telefonou para o canil e ficou sabendo que o cachorro fora sacrificado alguns dias antes.

As palavras "conte a ele" finalmente começavam a fazer sentido. Quando um pesquisador da Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas visitou a casa, Antoniades corroborou o incrível episódio.

- Afirmo - testemunhou ele - que não havia na casa nenhuma foto de minha mulher com o cachorro ou do animal sozinho, onde Landau pudesse tê-la visto antes de acontecer o episódio.

Mediunidade e Lucro

Beverly Jaegers não é o que podemos chamar de médium típica. Ela não realiza sessões espíritas e, provavelmente, não joga cartas de tarô. Beverly mora em uma adorável casa em St. Louis, comprada com o dinheiro que ganhou usando o sexto sentido. Na verdade, ela estuda as oscilações da bolsa de valores com o mesmo rigor de um executivo de Wall Street.

- Não se trata de uma capacidade transitória e indigna de confiança - conta ela -, porém de algo que podemos usar produtivamente todos os dias de nossa vida.

Para provar tal ponto de vista, Beverly ajudou o St. Louis Business Journal a realizar uma experiência incomum em 1982. O jornal queria ver até que ponto os poderes dela eram realmente confiáveis e a desafiaram a demonstrar sua capacidade na bolsa de valores. A experiência começou quando os jornalistas pediram a dezenove corretores famosos que escolhessem cinco ações que teriam o valor aumentado. Essas ações ficaram posteriormente sob observação durante seis meses. Embora Beverly não tivesse nenhuma experiência no ramo, nem treinamento no mercado financeiro, o jornal também pediu-lhe que escolhesse cinco ações, baseada em seu sexto sentido. O resultado?

O mercado acionário passou por queda acentuada durante o período do teste, e, quando a experiência terminou, o índice Dow-Jones, utilizado para o acompanhamento da evolução dos negócios na bolsa de valores de Nova York, caíra oitenta pontos. Por causa dessa tendência baixista, dezesseis dos corretores

escolhidos quase perderam as calças. Eles sem dúvida ficaram surpresos quando souberam que, no mesmo espaço de tempo, as ações escolhidas intuitivamente por Beverly tiveram o valor aumentado em 17,2 por cento. Apenas um dos corretores conseguiu sucesso igual ao dela.

Chuva de Milho

Desde 1982, grãos de milho têm caído sobre as casas da região de Pleasant Acres Drive, em Evans, Colorado, ao sul de Greeley. Gary Bryan, habitante do lugar, declarou:

- Eu provavelmente já teria 1 tonelada, se tivesse guardado tudo.

O surpreendente é que não existem milharais perto das casas, e o silo de cereais mais próximo fica a 8 quilômetros. Ninguém consegue imaginar de onde vem o milho. Todas as testemunhas afirmam que, de tempos em tempos, aqueles grãos caem do céu.

Quando a imprensa soube da história, em setembro de 1986, repórteres de jornais e emissoras locais de rádio e televisão dirigiram-se para o lugar e viram pessoalmente o fenômeno. Enquanto o milho caía do céu, ficaram à procura de algum moleque traquinas, que pudesse estar empunhando um estilingue, mas não encontraram ninguém.

As pessoas que ainda não haviam presenciado a "chuva" de milho com os próprios olhos não acreditavam. Eldred McClintock, uma dessas pessoas, depois de tê-la visto, declarou ao Rocky Mountain News:

- O milho realmente caía do céu. Eu vi, e agora acredito.

O Canguru Assassino

- Foi tão rápido quanto o relâmpago e parecia ser um gigantesco canguru correndo e saltando pelo campo - disse o reverendo W. J. Hancock.

Frank Cobb, que também assistiu à cena, declarou que o monstro não se parecia com nada que já tivesse visto, embora, de certa forma, se parecesse com um

canguru.

Os cangurus, nativos da Austrália, são animais herbívoros, tímidos e inofensivos. Ao contrário do canguru, o bicho era um verdadeiro assassino. Em janeiro de 1934, a criatura vivia aterrorizando a pequena comunidade de Hamburg, Tennessee, e já matara e devorara vários cães pastores alemães.

Quando o monstro visitou a fazenda de Henry Ashmore, no dia 12 de janeiro, deixou cinco pegadas do tamanho da mão de um homem de grande estatura. Will Patten viu a coisa e conseguiu afugentá-la. No dia seguinte, encontrou um cachorro devorado em seu quintal.

A criatura também matava gansos e galinhas. Quando patrulhas armadas partiram em seu encalço, estabeleceu-se o pânico. A. B. Russell, chefe de polícia da cidade de South Pittsburg, naquele mesmo Estado, tentou pôr fim à histeria, chamando-a de "superstição desencadeada por um cachorro louco". Mas aqueles que haviam visto o monstro não lhe deram ouvidos. Disseram que o bicho era imenso, pesava pelo menos uns 300 quilos e era incrivelmente ágil, capaz de pular cercas e outros obstáculos com a maior facilidade. Ele aparecia entre South Pittsburg e Signal Mountain, o que significava que, para ir de uma cidade a outra, o canguru precisava atravessar duas cadeias de montanhas e nadar dois rios.

Finalmente, um lince foi morto por caçadores em Signal Mountain no dia 29 de janeiro, treze dias após a última aparição da criatura. As autoridades e os jornais declararam que o mistério fora solucionado, porém testemunhas rejeitaram tal explicação. Elas insistiram que o que tinham visto era um grande animal, semelhante a um canguru. O monstro nunca mais tornou a aparecer, e jamais chegou a ser satisfatoriamente identificado ou explicado.

O Demônio de Dover

Durante mais de 25 horas, em abril de 1977, um estranho ser de outro mundo fez-se presente no rico bairro de Dover, em Boston.

O demônio de Dover apareceu pela primeira vez às 22h30 do dia 21 de abril, quando três adolescentes de 17 anos passeavam de carro em direção ao norte, pela Farm Street. Bill Bartlett, o motorista, pensou ter visto algo se esgueirando

por um muro baixo de pedras soltas, à esquerda. Então, os faróis iluminaram alguma coisa que ele jamais imaginara existir, nem mesmo nos pesadelos mais terríveis.

A criatura virou lentamente a cabeça e olhou para a luz, revelando dois olhos imensos, sem pálpebras, que brilhavam "como duas bolas de gude cor de laranja", e um rosto inexpressivo, sem nariz aparente. O bicho tinha a cabeça em forma de melancia, cujo tamanho era quase igual ao resto do corpo, fino e comprido. A pele, sem pêlos, tinha a consistência aparente de "lixa molhada". Com cerca de 1,20 metro de altura, o estranho ser caminhava incertamente ao longo do muro, passando os longos dedos pelas pedras, enquanto se movia.

Aquela visão deixou Bartlett emudecido e, poucos segundos depois, quando conseguiu falar, os faróis do carro já haviam passado pela criatura. Seus dois companheiros, distraídos, não perceberam nada.

Decorrido pouco tempo, John Baxter, de 15 anos, voltava para casa pela Millers High Road, após ter deixado a namorada em casa, à meia-noite. Um quilômetro mais à frente, viu uma figura de baixa estatura que se aproximava. Imaginando que fosse o amigo que morava naquela rua, Baxter chamou-o, mas não obteve resposta.

Os dois continuaram a se aproximar, até que a pequena figura parou. Baxter também parou e perguntou:

- Quem está aí?

Com o céu encoberto, Baxter via apenas a forma indistinta. Quando deu um passo à frente, o vulto afastou-se para o lado, correu para o bueiro raso e desapareceu.

Perplexo, Baxter seguiu o estranho até chegar ao bueiro. Olhou para o outro lado e, 10 metros mais adiante, viu alguma coisa com corpo simiesco, cabeça semelhante a uma melancia "acinturada" e olhos brilhantes. Seus dedos compridos estavam entrelaçados na árvore. Apavorado, Baxter decidiu fugir dali.

A pessoa seguinte a ver o demônio de Dover foi Will Taintor, de 18 anos, amigo de Bill Bartlett. Ele soube da existência da criatura por intermédio de Bartlett. Mesmo assim, ficou chocado quando, junto com a amiga Abby Brabham, de 15 anos, viu a coisa na Springdale Avenue. A descrição dos dois combinou com a de Bartlett,

exceto com relação aos brilhantes olhos cor de laranja. Eles juraram que eram verdes.

Ao interrogar as testemunhas, os investigadores ficaram impressionados com a consistência das declarações. O chefe de polícia, o diretor do ginásio, os professores e pais dos jovens confirmaram que os rapazes e as moças eram honestos e confiáveis. Walter Webb, um dos investigadores, anotou na conclusão dos estudos sobre o caso:

- Nenhum dos quatro jovens estava drogado ou bêbado, no momento em que viram a criatura. Os envolvidos não fizeram nenhuma tentativa de ir aos jornais ou à polícia para fazer declarações. Em vez disso, as visões foram sendo divulgadas gradativamente. Quanto à idéia de que as testemunhas pudessem ter sido vítimas da brincadeira de alguém, isso parece pouco provável, principalmente devido à virtual impossibilidade de se criar um "demônio" animado e com vida do tipo descrito.

O que era o demônio de Dover? Alguns chegaram a sugerir a presença de um extraterrestre. Outros, que pode ter sido o totem dos índios cree, habitantes da região leste do Canadá, que o chamam de Mannegishi. Seres de baixa estatura, com cabeça redonda, sem nariz, pernas longas e araneiformes, e mãos de seis dedos, que, segundo a lenda dos Mannegishi, habitam entre rochas, nas corredeiras dos rios.

Um Hotel em uma Outra Dimensão

Tudo começou de forma inocente, em outubro de 1979, quando dois casais de Dover, Inglaterra, partiram em férias com o objetivo de viajar através da França e da Espanha. A história terminou em uma viagem que os levou para outro mundo.

Geoff e Pauline Simpson, juntamente com os amigos Len e Cynthia Gisby, subiram a bordo de um navio, que os transportou pelo canal da Mancha até a costa da França. Ali, alugaram um carro e seguiram rumo ao norte. Por volta de 21h30 da primeira noite, 3 de outubro, sentiram-se cansados e procuraram um lugar para pernoitar. Saíram da estrada principal, quando viram um motel com aparência simpática.

No saguão, Len encontrou um homem vestido com um estranho uniforme cor de ameixa. Tal homem informou que não havia vagas, porém que existia outro pequeno motel mais ao sul. Len agradeceu-lhe a informação, e ele e os amigos seguiram na direção indicada.

Durante o percurso, estranharam a estrutura da estrada, estreita e pavimentada de pedras, e as construções antigas que circundavam o local. Viram também cartazes anunciando um circo.

- Era um circo muito antigo - recordou Pauline. - Foi por isso que ficamos tão interessados.

Finalmente, os viajantes encontraram uma grande construção com uma série de janelas iluminadas. Alguns homens conversavam à porta e, quando Cynthia falou com eles, foi informada de que o lugar era uma hospedaria, não um hotel. Continuaram pela estrada, até encontrar duas construções - a delegacia de polícia e um prédio antigo de dois pavimentos, com uma placa que dizia HOTEL. O interior do hotel era feito de madeira maciça; não havia toalhas nas mesas, nem evidência alguma de invenções modernas e convenientes, como telefones ou elevadores.

Os quartos não eram menos estranhos. As camas tinham cobertas pesadas e não havia travesseiros. As portas, sem fechaduras, eram trancadas com tramelas de madeira. O banheiro, que os casais teriam de usar em conjunto, era encantador, mas obsoleto.

Após o jantar, os casais retornaram a seus quartos e adormeceram. Foram despertados quando os raios do sol despontaram através das venezianas de madeira, sem vidro. Voltaram à sala de refeições e tomaram um café da manhã simples.

- Serviram-nos apenas um café preto e horrível - afirmou Geoff.

Enquanto estavam sentados e tomando o café, uma mulher usando vestido de noite de seda e trazendo um cãozinho nos braços, sentou-se em frente a eles.

- Foi estranho - lembrou Pauline. - Tivemos a impressão de que ela acabara de sair de um baile, mas eram apenas 7 horas da manhã.

Não consegui desviar meus olhos da tal mulher. Nessa altura, dois gendarmes entraram na sala.

- Eles não se pareciam em nada com os gendarmes que víramos em outros lugares na França - declarou Geoff. - Os uniformes aparentavam ser mais antigos. Os uniformes eram azul-escuros, e os gendarmes portavam capas nos ombros. Seus chapéus eram grandes e pontiagudos.

A despeito das excentricidades, os casais terminaram o café e, quando foram para os quartos, os dois maridos, separadamente, tiraram fotos das respectivas mulheres junto às estranhas janelas daquele hotel.

Na saída, Len e Geoff conversaram com os gendarmes sobre a melhor maneira de voltar à auto-estrada para Avignon, e para a fronteira com a Espanha. Eles pareceram não entender o significado da palavra "auto-estrada", e os viajantes pensaram que talvez não tivessem pronunciado a palavra autoroute de forma adequada. As informações recebidas foram muito precárias, tanto assim que os quatro amigos acabaram saindo em uma velha estrada, alguns quilômetros fora do caminho desejado. Então, decidiram usar o mapa e encontrar um caminho mais direto, que os levasse à rodovia principal.

Colocadas as bagagens no carro, Len entrou novamente no hotel para pagar a conta, e ficou surpreso quando o gerente cobrou apenas 19 francos. Imaginando estar havendo algum mal-entendido, explicou que eles eram quatro, e que tinham feito uma refeição. O gerente limitou-se balançar afirmativamente a cabeça. Len mostrou a conta aos gendarmes que sorriram e indicaram que não havia nada de errado. Ele pagou em dinheiro e saiu dali, antes que o gerente mudasse de idéia. Ao retornarem, após duas semanas na Espanha, os casais decidiram parar no hotel outra vez. Haviam se divertido bastante ali e os preços, certamente, eram tentadores. A noite estava chuvosa e fria, e a visibilidade péssima, porém os quatro acharam o trevo e viram o cartaz do circo.

- Esta, sem dúvida, é a estrada certa - murmurou Pauline.

E era. Só que não havia nenhum hotel nas redondezas. Imaginando que, de alguma forma, pudessem ter passado por ele sem avistá-lo, os quatro voltaram ao motel, onde o homem de roupa cor de ameixa lhes dera a indicação. O motel estava ali, mas não havia nenhum homem com uniforme diferente, e o funcionário negou que tal indivíduo trabalhasse lá.

Os casais percorreram por três vezes a estrada, seguindo para cima e para baixo, à

procura de alguma coisa que, eles agora começavam a perceber, já não mais existia. O hotel desaparecera, sem deixar vestígios. Seguiram em direção ao norte, e passaram a noite em um hotel em Lyon. Quartos com instalações modernas, café da manhã e jantar custaram-lhes 247 francos.

Retornando a Dover, Geoff e Len mandaram revelar os respectivos filmes. Em ambos os rolos, as fotos do hotel (uma feita por Geoff, duas por Len) estavam no meio. No entanto, quando receberam as fotos, faltavam aquelas que haviam sido feitas dentro do hotel. Não havia nenhum negativo estragado. Todo o filme estava completo, com o total de fotos batidas. Era como se as fotos do hotel jamais tivessem sido tiradas - exceto por um pequeno detalhe que um repórter da televisão de Yorkshire percebeu:

- Havia clara evidência de que a câmara tentara avançar um quadro na metade do filme. As perfurações laterais dos negativos estavam danificadas.

Os casais mantiveram silêncio sobre a experiência por três anos, contando-a apenas a amigos e familiares. Um amigo encontrou um livro onde se afirmava que os gendarmes usavam os uniformes citados antes de 1905. Finalmente, um repórter do jornal de Dover ouviu o relato e publicou uma matéria. Posteriormente, foi produzida uma dramatização pela emissora de televisão local.

Em 1985, Albert Keller, psiquiatra de Manchester, hipnotizou Geoff para ver se podia fazê-lo recordar de mais algum detalhe a respeito daquele evento tão peculiar. Sob hipnose, ele não acrescentou nada de novo ao que podia lembrar conscientemente.

Jenny Randles, escritora inglesa que investigou tão estranho episódio, fez o seguinte comentário:

- O que será que realmente aconteceu aos quatro viajantes naquela região campestre da França? Terá sido uma viagem no tempo? Nesse caso, por que então o gerente do hotel, aparentemente, não se mostrou surpreso com o veículo e com as roupas futuristas dos casais? E mais: por que aceitou o pagamento em notas de 1979, que, certamente, são coisas que causariam espécie em alguém que vivesse em algum lugar no passado?

Os viajantes - talvez viajantes do tempo - não têm nenhuma explicação.

- Só sabemos que aconteceu - concluiu Geoff.

O Despertador Mediúnico

Uma pessoa pode acordar sozinha a qualquer hora da noite, bastando para isso dar a si mesma a sugestão adequada antes de adormecer. Durante os anos 60, um pesquisador na Cidade do Cabo, África do Sul, provou que era capaz de acordar, dando a si mesmo a sugestão mediúnica correta.

O sr. W. van Vuurde foi o paciente dessas experiências, realizadas em colaboração com o professor A. E. H. Bleksley, da Universidade de Witwatersrand. Van Vuurde descobrira que podia acordar exatamente no horário marcado em um relógio quebrado, mesmo quando não olhava quando manipulava os ponteiros, enquanto ajustava determinado horário. Quando ele explicou que possuía esse talento inusitado ao dr. Bleksley, o professor ficou entusiasmado com a possibilidade de poder testá-lo sob condições mais científicas.

Durante uma série de 284 noites não consecutivas, Van Vuurde registrou cuidadosamente todas as horas em que acordou durante a noite. Nesse ínterim, em outro lugar da cidade, o professor Bleksley ajustava a esmo um relógio em horário diferente, todas as noites, durante o período em que a experiência foi realizada. A tentativa era considerada bem-sucedida quando Van Vuurde acordava, em qualquer noite, a menos de 60 segundos do horário determinado. Como, normalmente, ele dormia oito horas, as chances de qualquer sucesso em uma noite eram de 160 contra 1.

Do total de 284 tentativas, Van Vuurde acordou no horário correto onze vezes. Pode não parecer grande coisa; porém, devido às baixas probabilidades, seu índice de sucesso resultou de uma chance de 250 mil contra 1.

O Detetive Paranormal

Ninguém está mais sujeito ao ceticismo da população em geral do que policiais que confiam em médiuns - especialmente quando eles trazem a público a notícia. Na manhã de domingo, 4 de agosto, Tommy Kennedy foi a um piquenique perto do

lago Empire, em Nova York, e desapareceu. Em pouco tempo, todos foram chamados para ajudar nos trabalhos de busca do menino desaparecido de apenas 5 anos, desde turistas ocasionais, que visitavam o lago, até o xerife do município de Tioga. Ninguém encontrou qualquer vestígio do menino, e a mãe de Tommy foi ficando cada vez mais desesperada.

Por volta de 18 horas, quase cem pessoas estavam explorando a floresta da região. Finalmente, Richard Clark, um bombeiro que participava das buscas, sugeriu que chamassem Phillip Jordan, conhecido médium local que, por sinal, era seu inquilino. Ninguém deu ouvidos à idéia, exceto David Redsicker, o delegado-adjunto, que já vira o médium trabalhando.

Naquela noite, Jordan visitou o casal Clark em sua residência em Spenser, Nova York. Sem dizer-lhe nada, o bombeiro entregou ao médium a camiseta que o menino perdido usara. Após manuseá-la por vários minutos. Jordan pediu lápis e papel. Em seguida, começou a mapear o lago, com uns barcos embarcados e uma casa junto a uma rocha.

- É aqui que eles encontrarão o menino - explicou. - Posso vê-lo. Deitado sob a árvore, com a cabeça apoiada nos braços. Ele dorme profundamente.

Imediatamente, a informação foi transmitida ao escritório do xerife. No dia seguinte, Clark e Jordan foram ao lago Empire para continuar as buscas. A mãe de Tommy, naturalmente, estava presente e cooperava com a patrulha e, dessa vez, o médium examinou o par de tênis do menino. Sua segunda série de impressões combinou com a primeira. Assim, a patrulha dirigiu-se para a floresta, à procura da árvore e da casa descritas pelo médium.

Tommy foi encontrado em menos de uma hora, no local exato identificado pelo médium em seu mapa. O menino se desorientara no dia anterior e caminhara em direção errada, até ficar irremediavelmente perdido na floresta. Passara a noite chorando e acabara dormindo sob uma árvore.

Jordan recebeu um distintivo de delegado-adjunto honorário por sua ajuda no caso.

- O menino ficou deitado e dormindo embaixo daquela árvore durante a maior parte das 24 horas em que se perdeu - declarou o xerife Raymond Ayres. - Jordan simplesmente usou algum tipo de talento paranormal que nós não temos. Eu não

hesitaria em chamá-lo novamente, se achasse que ele poderia ajudar.

Os Ruídos da Morte

Os habitantes das ilhas Samoa acreditam que, quando a morte se aproxima, pancadas secas paranormais são ouvidas na casa da vítima. Esse estranho fenômeno já foi chamado de ruídos da morte, e sua existência representa mais do que mero folclore.

Genevieve B. Miller, por exemplo, sempre ouviu esses estranhos ruídos, particularmente na infância. As pancadas ocorreram durante o verão de 1924 em Woronoco, Massachusetts, quando sua irmã, Stephanie, ficou acamada com uma doença misteriosa. Enquanto a menina permanecia na cama, ruídos estranhos, semelhantes a batidas feitas com os dedos, ecoavam pela casa. Eles soavam de três em três, sendo que o primeiro era mais longo do que os outros dois.

Certa vez, o pai da sra. Miller ficou tão irritado com os ruídos que arrancou todas as cortinas das janelas da casa, culpando-as por aquele barulho infernal. Contudo, essa demonstração de nervosismo de pouco adiantou para terminar com aquele sofrimento.

No dia 4 de outubro, já se sabia que Stephanie estava morrendo. Quando o médico chegou, ele também ouviu as pancadas estranhas.

- O que é isso? - perguntou, voltando-se para tentar descobrir a fonte do barulho. Quando se virou novamente para a pequena paciente, ela pronunciou suas últimas palavras e morreu.

As pancadas diminuíram a atividade após a morte de Stephanie, porém nunca chegaram a parar de todo. Elas voltaram, ocasionalmente, quando a família se mudou para uma casa nova. Então, em 1928, o irmão de Stephanie morreu afogado quando a superfície congelada de um rio, sobre a qual caminhava, quebrou-se. A partir dessa época, os ruídos da morte nunca mais foram ouvidos.

Mente Fotográfica

Ted Sérios era conhecido como "o homem da mente fotográfica" - não por causa de sua memória, mas devido à capacidade de imprimir imagens em filmes Polaroid pela pura concentração.

A maior parte do que sabemos do caso nos vem dos relatos do psiquiatra Jule Eisenbud, de Denver, Colorado, que trabalhou com Sérios nos anos 60. Sérios, ex-mensageiro de hotel em Chicago, morou na casa de Eisenbud durante a realização dos experimentos. Seu procedimento normal era olhar para a lente da câmara, freqüentemente através de um cilindro de papel preto, e dizer aos pesquisadores quando deviam apertar o disparador. Em geral, uma cena borrada aparecia na foto resultante.

Naturalmente, os céticos afirmaram que a coisa toda não passava de fraude, declarando que o estranho cilindro com o qual Sérios gostava de trabalhar continha uma lente oculta. No entanto, tais críticas não conseguiram explicar todos os detalhes do sucesso do ex-mensageiro.

Uma experiência um tanto intrigante foi imaginada pelo dr. Eisenbud, em 1965. Várias testemunhas reuniram-se em sua casa, e cada uma delas anotou determinada cena em um pedaço de papel. Sérios, que não foi informado das sugestões, simplesmente recebeu ordens de imprimir uma das cenas em filme

Polaroid. Isso significava que parte da mente dele precisava receber, mediunicamente, as sugestões, escolher uma delas, e então imprimi-la no papel fotográfico.

Sérios começou sua parte da experiência tomando algumas cervejas, antes de começar a trabalhar, e olhando fixamente para a máquina fotográfica. A imagem que resultou parecia a foto de uma aranha em pose, fora de foco. E não combinava com nenhuma das sugestões dadas pelos convidados. A única que se aproximava era a que trazia escritas em um pedaço de papel as palavras "avião com escalonamento dos planos de vôo".

Dois anos mais tarde, quando o dr. Eisenbud lia um exemplar de The American Heritage of Flight, encontrou, para sua surpresa, uma série de fotos de aviões biplanos com a asa superior avançada - e a foto anterior de Sérios era idêntica a uma delas.

Fogo e Fé

A Free Pentacostal Holiness Church é uma seita fundamentalista, com ramificações por toda a região sul dos EUA. Seus membros levam a Bíblia ao pé da letra, e acreditam piamente no livro sagrado quando ele afirma que os crentes podem desafiar serpentes, veneno e fogo. Assim, como parte dos serviços religiosos, a congregação se entrega a um verdadeiro frenesi, no auge do qual os participantes seguram cascavéis, tomam estrienina e colocam as mãos no fogo, sem qualquer desconforto ou efeito secundário.

Um estudo científico dessa seita foi realizado pelo psiquiatra Berthold Schwarz, de Nova Jersey, em 1959. Ele visitou o Tennessee várias vezes para observar as reuniões dos seguidores dessa religião, e testemunhou que os paroquianos seguravam lampiões de querosene nas mãos e nos pés, e não se queimavam.

- Em três ocasiões - relatou Schwarz -, três mulheres diferentes colocaram a chama do lampião no peito, para que as labaredas ficassem em contato íntimo com os vestidos de algodão, os pescoços desprotegidos, rostos e cabelos. Isso durou mais do que alguns segundos. Em determinado momento, certo membro da congregação pegou a brasa do tamanho de um ovo de galinha e a manteve nas palmas da mão por 65 segundos, enquanto caminhava entre os demais participantes.

Schwarz, por outro lado, não conseguiu tocar na brasa incandescente por mais de 1 segundo, e ficou com dolorosa bolha na mão.

O dr. Schwarz acredita que esses adoradores provavelmente entram em algum tipo de transe durante as reuniões. No entanto, persiste o enigma científico de saber que tipo de força poderia impedir que suas roupas pegassem fogo.

A Ceia 17

Nos vinte anos entre 1860 e 1880, os EUA foram abalados por violentos conflitos trabalhistas. As condições de trabalho nas minas de carvão da Pennsylvania eram terríveis - um operário recebia, em média, 50 centavos de dólar por um longo e perigoso dia de labuta embaixo da terra - e os mineiros, a maioria imigrantes

irlandeses, viviam em freqüente disputa com seus chefes, muitos dos quais descendentes de ingleses e galeses.

Para enfrentar os proprietários das minas, formou-se a sociedade secreta chamada Mollie Maguires. Essa sociedade organizou a primeira greve contra as companhias de mineração dos EUA. Mas a resistência dela foi mais além: seus integrantes incitaram tumultos e mataram cerca de 150 pessoas.

Os donos das minas contrataram os serviços da Agência de Detetives Pinkerton, que colocou o agente James McParlen disfarçado entre os membros da Mollie Maguires. Mais tarde, o testemunho de McParlen enviaria doze participantes da sociedade secreta para a forca. Em 1877, "Yellow Jack" Donohue foi condenado por haver matado um contra-mestre da Lehigh Coal and Navigation Company. Três outros homens foram sentenciados à forca pelo assassinato de outro supervisor de uma mina. Dois desses homens enfrentaram estoicamente a morte. Contudo, um deles - Alexander Campbell - jurou estar inocente.

Quando o arrastavam da cela número 17, no primeiro pavimento, Campbell esfregou a mão esquerda na poeira do chão e pressionou a palma contra a parede.

- Esta impressão palmar permanecerá aqui para sempre, como prova de minha inocência - gritou o condenado.

Campbell repetiu o juramento de inocência por várias vezes, enquanto ia sendo arrastado à força para o patíbulo, onde, após a abertura do alçapão, ele ainda demorou 14 minutos para morrer por enforcamento. Campbell se foi, porém sua impressão palmar ficou, exatamente como prometera.

Em 1930, quando Robert L. Bowman foi eleito xerife de Carbon County, prometeu retirar a impressão, que já estava sendo considerada como prova de um terrível erro judiciário na história do município. Em dezembro de 1931, uma equipe de trabalho entrou na cela de número 17 e retirou da parede o pedaço do reboco onde estava a impressão palmar, substituindo-o por um reboco novo.

Na manhã seguinte, o xerife entrou na cela e ficou horrorizado ao ver o leve contorno da mão, no reboco ainda úmido. A noite, a impressão palmar negra era perfeitamente visível.

Embora a cela agora seja mantida trancada, sendo aberta apenas para algum

visitante ocasional, a impressão palmar continua lá até hoje.

Em 1978, um pintor de paredes entrou às escondidas na cela e tentou pintar aquele pedaço do reboco, mas a impressão reapareceu, minutos depois, na tinta fresca.

O Golfinho Salva-Vidas

Um dia, no início de agosto de 1982, Nick Christides, de 11 anos, estava surfando nas ilhas Keeling, no oceano Índico, quando foi arrastado para alto-mar. Durante as quatro horas seguintes, ele vagou por águas infestadas de tubarões, enquanto embarcações e aviões o procuravam em vão.

Felizmente, Nick tinha um amigo: o golfinho que se aproximou dele logo no começo do drama, protegendo-o dos tubarões que o rodeavam. O golfinho permaneceu a seu lado, afastando os prováveis atacantes e certificando-se de que o menino não perderia as forças, acabando no fundo do mar. Por fim, Christides foi visto por um avião e acabou sendo resgatado. Seu pai declarou aos repórteres:

- O golfinho ficou com ele o tempo todo, nadando a seu lado ou movendo-se em círculos. Ele deve ter percebido que Nick estava com problemas e que ia sendo levado pelas correntes marinhas.

Sonhos com Mortos

Muitas culturas desprovidas de tecnologias sofisticadas acreditam que podemos entrar em contato com os mortos durante nossos sonhos. Na realidade, alguns antropólogos sugerem que a crença na existência de vida após a morte tem raízes no fato de que sonhamos, muitas vezes, com amigos e parentes já falecidos. No entanto, novas pesquisas estão a indicar que alguns desses sonhos peculiares poderiam ser literalmente verdadeiros.

Vários casos que apontam nessa direção foram coletados por Helen Solen, de Portland, Oregon, que tem se mostrado particularmente interessada nas experiências oníricas de uma dona de casa, à qual ela dá o nome de Gwen. Os sonhos post-mortem de Gwen começaram em 1959, logo após a morte de sua

mãe.

- Não me recordo bem se já sonhei com qualquer outra pessoa, viva ou morta - contou ela a Solen. - No entanto, fiquei muito abalada com a morte de minha mãe, que tinha apenas 49 anos. Muitas vezes, após seu falecimento, ela me procurava em sonho, especialmente quando eu estava perplexa, ou então perturbada.

Em pouco tempo, Gwen percebeu que podia pedir a ajuda da mãe em momentos de crise, e o fantasma respondia em seus sonhos. Certa noite, por exemplo, Gwen sonhou com uma sala cheia de caixões de defunto. A sugestão do estranho sonho era que o pai dela também estava prestes a morrer. Sua mãe apareceu-lhe nos sonhos naquela madrugada para confortá-la, e para explicar que ela ajudaria pessoalmente o velho a fazer a transição.

Dois dias mais tarde, o pai de Gwen teve de ser levado às pressas ao hospital, e os médicos avisaram que teriam de realizar delicada cirurgia no coração. Gwen deu permissão para que os médicos o operassem, porém o desenlace aconteceu dois dias depois.

A mãe de Gwen apareceu em sonho para dizer que naquela madrugada a crise finalmente chegaria ao fim. Gwen acordou logo depois e viu que eram 7 horas.

Decorrido pouco tempo - precisamente às 7h10 -, recebeu um telefonema do hospital, avisando que seu pai falecera.

Percepção Extra-Sensorial e Ataque Aéreo

Ruth-Inge Heinze, antropóloga alemã, renomada estudiosa de religião e xamanismo, leciona atualmente no Califórnia Institute of Integral Studies, em San Francisco. Mas, se não fosse por seu sexto sentido, ela teria perdido a vida na Segunda Guerra Mundial.

O caso ocorreu por ocasião dos ataques dos Aliados na Alemanha, quando a dra. Heinze buscava refúgio nos abrigos antiaéreos. Durante um desses ataques, entretanto, o pânico foi tão intenso que a antropóloga não conseguiu chegar ao abrigo. Em vez de continuar correndo, a dra. Heinze procurou segurança na entrada de um edifício público.

- Estilhaços de metralha dos canhões antiaéreos caíam como chuva por todos os lados - narrou, posteriormente. - Centenas de canhões, grandes e pequenos, disparavam sem parar contra dezenas de aviões. O nicho onde me abriguei mal me dava proteção. De repente, no entanto, senti uma vontade incontrolável de sair correndo pela rua, em direção à casa mais próxima, localizada a uns 100 metros de distância. Não fui atingida pelos estilhaços por milagre, pois eles caíam a meu redor. No momento em que cheguei à casa, o prédio onde eu estivera abrigada foi atingido por uma bomba e ficou completamente destruído. De certa forma, percebi que a bomba estava para cair exatamente ali.

Hoje, Heinze simplesmente limita-se a sorrir, quando os céticos tentam dizer-lhe que a PES não existe.

Os Homenzinhos do Espaço

Histórias dos chamados "homenzinhos do espaço", que estariam habitando nosso planeta, são tão difundidas que, de duas, uma: ou sociedades anteriores tinham uma tendência peculiar em se divertir com contos de fadas similares, a despeito das vastas diferenças geográficas e culturais, ou algum estímulo, ainda não estudado a fundo, deu origem às fantásticas histórias.

Na América Central, por exemplo, diminutos humanóides, semelhantes a anões, são conhecidos como ikals e wendis. Na língua indígena tzeltal, os ikals são seres cabeludos, com 90 centímetros de altura, que vivem em cavernas como morcegos. A respeito deles, Brian Stoss, antropólogo da Universidade de Berkeley, com base em relatos contemporâneos, declara:

- Há uns vinte anos, talvez menos, muitas pessoas viram essas criaturas, e muita gente, ao que tudo indica, tentou atacá-las com facões. Um homem chegou a ver uma pequena esfera que o seguia, a cerca de 1,50 metro. Depois de várias tentativas, ele, finalmente, a golpeou com o facão, e a esfera se desintegrou, deixando apenas uma substância semelhante a cinza.

Stoss também foi informado de que o íkal paralisou e seqüestrou mulheres índias, levadas para suas cavernas e forçadas a manter relações sexuais uma vez por semana, dando à luz crianças que aprendiam a voar. Essas histórias nos levam a

fazer comparações curiosas com experiências dos dias de hoje, relatadas por pessoas que foram levadas para o interior de discos voadores, e que dizem ter visto pequenas entidades humanóides que paralisam e engravidam as vítimas. Seriam os homenzinhos de antigamente precursores dos ocupantes dos OVNIs de hoje? Em caso positivo, talvez devêssemos procurar espaços interiores, e não exteriores, para buscarmos suas raízes originais.

O Pássaro Gigante

Às 20h10 do dia 25 de julho de 1977, Marlon Lowe, menino de 10 anos de Lawndale, Illinois, teve uma experiência que a ciência considera impossível: ele foi levantado do chão e transportado pelo ar por um pássaro imenso.

O primeiro habitante de Lawndale a perceber alguma coisa estranha no ar foi um homem chamado Cox, que viu dois grandes pássaros semelhantes a condores vindos do sudoeste. Naquele momento, Marlon estava correndo com alguns amigos, sem perceber que logo atrás dele dois pássaros gigantes, diferentes de qualquer espécie existente no Estado de Illinois, voavam a cerca de 2,50 metros de altura do solo. O menino ainda estava correndo, quando um deles o agarrou e transportou-o pelo ar.

Sua mãe, Ruth Lowe, viu tudo e gritou aterrorizada, correndo atrás dos pássaros. Depois de carregá-lo por uns 100 metros, a criatura soltou Marlon, que caiu, mas não se machucou. Os dois pássaros voaram em direção ao nordeste. No total, seis pessoas testemunharam o incrível evento.

A sra. Lowe declarou que os pássaros pareciam enormes condores, com bico de 15 centímetros e pescoço de 45 centímetros, e um anel branco no meio do pescoço. Com exceção do anel, os pássaros eram pretos. Cada asa tinha, pela estimativa mais conservadora, 1,20 metro de comprimento.

Mesmo com seis testemunhas, a história era tão incrível que, embora atraísse divulgação em âmbito nacional, ninguém acreditou nela, e a família Lowe viu-se sujeita a uma perseguição odiosa. O guarda-florestal local chamou a sra. Lowe de mentirosa. Pessoas desconhecidas começaram a deixar pássaros mortos junto à porta da casa deles. Os adolescentes locais passaram a perturbar Marlon,

chamando-o de “Bird Boy” (Menino Pássaro).

A tensão do ataque original e de suas conseqüências foi tal que os cabelos de Marlon, antes ruivos, tornaram-se grisalhos. Durante mais de um ano, depois do incidente, ele se recusou a sair de casa à noite.

Dois anos mais tarde, recordando aquele episódio, a sra. Lowe contou aos investigadores Loren e Jerry Coleman:

- Nunca esquecerei como aquela coisa enorme curvou o pescoço com o anel branco e pareceu bicar meu filho, enquanto o levava para longe de mim. Eu estava junto à porta, e tudo o que vi foram os pés de Marlon balançando no ar. Não existem pássaros por aqui que pudessem tê-lo levantado daquele jeito.

A Previsão da Morte de John Lennon

O médium Alex Tanous estava sendo entrevistado por Lee Speigel, para o programa radiofônico Unexplained Phenomena (Fenômenos Inexplicáveis), da NBC. Os dois estavam sentados no escritório da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, localizado na rua 73 Oeste, na cidade de Nova York, bem em frente ao edifício de apartamentos Dakota.

Speigel pediu uma previsão especial, que pudesse interessar os ouvintes de todo o país - a audiência era de fãs de rock na faixa de 18 a 44 anos.

- A previsão que vou fazer - disse Tanous - é que um astro muito famoso do mundo do rock terá morte prematura, e que isso poderá acontecer a qualquer momento, a partir de agora. Refiro-me à morte prematura, porque existe algo estranho com seu passamento, mas o caso irá afetar a consciência de muita gente, por causa de sua fama.

Sem mencionar o nome, Tanous acrescentou que o astro podia ter nascido em um outro país, porém estava morando nos EUA.

O programa foi transmitido em 8 de setembro de 1980. Três meses depois, John Lennon, o astro do rock nascido na Inglaterra, que morava na cidade de Nova York, foi alvejado e assassinado à entrada do Edifício Dakota, visível pelas janelas do escritório em que Tanous estivera sentado quando previu que haveria um evento

trágico.

A Maldição de James Dean

Às vezes, é a própria coisa - uma jóia fabulosa ou um navio malfadado - que parece abrigar e perpetuar uma maldição. Outras vezes, uma figura pública pode vir a ser, inexplicavelmente, ligada a um objeto em particular, provocando a mão do destino.

Esse poderia ser o caso do Porsche em que James Dean, a lenda dos adolescentes rebeldes dos anos 50, colidiu e morreu em 1955, terminando de forma trágica o que muitos consideravam como uma das carreiras mais brilhantes e promissoras de Hollywood de todos os tempos.

Independentemente de qual tenha sido seu pedigree anterior, o fato é que, a partir do momento em que James Dean morreu ao volante, aquele Porsche passou a sofrer sua própria fase de má sorte. Depois da morte do ídolo, George Barris, entusiasta por carros esportes, comprou-o, mas, quando estava sendo tirado do guincho, o automóvel escorregou e quebrou a perna do mecânico. Barris vendeu o motor a um médico e piloto amador, que o instalou em seu carro. Algum tempo depois, o médico perdeu o controle da máquina durante uma competição e morreu.

Outro piloto, na mesma corrida, ficou ferido numa colisão. Acontece que esse segundo carro estava equipado com o eixo cardã do Porsche de James Dean.

A carroceria e o chassi do Porsche ficaram tão irremediavelmente danificados no acidente do ídolo que acabaram expostos como parte da campanha de segurança nas estradas. Em Sacramento, o que restava do automóvel caiu da plataforma, quebrando a bacia de um adolescente que visitava a exposição. Em seguida, ao ser transportado para outra cidade em caminhão, a máquina provocou outro acidente. O motorista do carro que bateu na traseira do caminhão foi atirado para fora, atropelado e morto pelo Porsche maldito.

Certo piloto de corridas quase morreu, depois de usar dois pneus do carro fatídico de James Dean. Os pneus estouraram ao mesmo tempo. Enquanto isso, a exposição itinerante continuou a fazer das suas. No Oregon, o freio de emergência do caminhão que transportava o Porsche falhou, e o veículo foi de encontro à vitrine de uma loja comercial. Quando estava montado sobre suportes em Nova

Orleans, o carro praticamente desintegrou, quebrando em onze partes.

O carro esporte de James Dean, bem como a maldição que o acompanhava, desapareceu quando o Porsche foi enviado de volta a Los Angeles, de trem.

Um Pároco Cátaro

Ele deveria ter sido um modesto padre de uma paróquia insignificante. Em vez disso, François-Berenger Saunière procurou a companhia de uma linda estrela da ópera francesa, e acabou com quatro contas bancárias, com as quais financiou a restauração de uma obscura capela francesa em Rennes-le-Château. A igreja foi decorada com uma estátua representando a figura do Diabo, o que levou todo mundo a se perguntar se a recente fortuna de Saunière viera de Deus ou de Satã.

A resposta pode ser encontrada entre as lendas de certa doutrina herética do século 13, conhecida como seita dos cátaros, que controlava a província francesa de Languedoc, no Mediterrâneo. Os cátaros acreditavam no Demiurgo, nome dado pelos platônicos ao Deus que teria criado o mundo, utilizando para tanto a matéria já preexistente. O Demiurgo, deus inferior ou mesmo maligno, que devia ser derrotado para que se conseguisse a salvação, concedia favores a seus servos, assim como o Deus cristão.

No dia 2 de março de 1244, o último baluarte cátaro em Montségur foi derrubado por forças ortodoxas. No entanto, correram boatos segundo os quais o tesouro dos cátaros fora escondido antes da queda final. Seria aquele o mesmo tesouro que Saunière descobrira, logo após assumir a direção da pequena cidade de Sainte-Madelaine, em Rennes-le-Château, em 1885?

Pouco depois de sua chegada à cidade, Saunière visitou Paris, e a vida nunca foi mais a mesma para o pobre pároco do interior. Seus paroquianos ficaram atônitos, quando o humilde Saunière recebeu a visita de Emma Calve, a mundialmente famosa soprano, em Rennes-le-Château. Na verdade, ela continuou a se encontrar com o padre, até seu casamento com o tenor Gasbarri, em 1914.

Além de gastos desconhecidos, Saunière investiu mais de 1 milhão de francos na restauração da obscura igreja de Sainte-Madelaine, inclusive dos diabos de pedra. Sobre o pórtico frontal ele mandou gravar as seguintes palavras: "Este é um lugar

terrível”.

O Método Fotográfico Kirlian

O acaso sempre desempenhou papel importante nas descobertas científicas. Tomemos, por exemplo, o caso do engenheiro russo Semyon Kirlian, que, em 1939, consertava um aparelho de eletroterapia. Quando sua mão se aproximou demais d e um eletrodo carregado, o flash e o choque resultantes aguçaram-lhe a curiosidade: o que aconteceria se ele usasse a própria descarga elétrica como um tipo de apoio para as fotos feitas com flash?

Para surpresa de Kirlian, a primeira foto - de sua própria mão - revelou uma descarga semelhante a uma aura, que envolvia os dedos e a palma da mão. Foi o nascimento da fotografia de Kirlian, e seu descobridor dedicaria os próximos quarenta anos de sua vida aprofundando-se no desenvolvimento do método.

Em pouco tempo, Kirlian descobriu que, entre outras aplicações, seu método podia, aparentemente, determinar a saúde de um espécime em particular. Essa constatação aconteceu quando um colega tentou enganá-lo, dando a ele duas folhas supostamente idênticas para análise. Quando suas fotos mostraram “auras” dramaticamente diferentes, Kirlian chegou a pensar que o equipamento pudesse estar com defeito. O colega finalmente admitiu que a amostra com a aura mais fraca fora tirada de uma árvore doente, enquanto a outra folha viera de uma planta perfeitamente saudável.

Muitas teorias foram propostas para explicar o efeito Kirlian: campos eletromagnéticos que circundam o corpo, cargas elétricas eliminadas por camada de suor, e até mesmo a “força vital” etérea.

Baterias Humanas

De maneira ainda desconhecida, a eletricidade em uma tomada na parede parece intimamente ligada ao sistema nervoso dos seres humanos, embora a ciência pareça relutante em reconhecer o equivalente biológico. No entanto, existiram algumas pessoas cujas “baterias” eram de natureza incomum e supercarregadas,

como as de Angelique Cottin, garota francesa de 14 anos, cujas inexplicáveis propriedades eletromagnéticas foram objeto de estudos por parte da Academia de Ciências.

A partir do dia 15 de janeiro de 1846, e durante as dez semanas seguintes, Angelique deixou ponteiros de bússolas completamente malucos. Objetos, e até mesmo móveis pesados, afastavam-se a seu toque e vibravam em sua presença.

Quaisquer que fossem suas estranhas forças, a Academia resolveu chamá-las de "eletromagnetismo". A força parecia ter origem no lado esquerdo da jovem, conforme opinião de especialistas, particularmente no cotovelo e no pulso. Além disso, os poderes da garota pareciam aumentar de intensidade à noite. Durante um ataque, Angelique costumava ter convulsões, e a pulsação do coração chegava a 120 batidas por minuto.

Outro ser humano supercarregado foi a adolescente americana Jennie Morgan, de Sedalia, Missouri, que, supostamente, emitia faíscas de descarga elétrica entre ela e qualquer pessoa que se aproximasse, chegando, algumas vezes, a deixar inconscientes as pessoas. Os animais ficavam agressivos e fugiam a sua presença.

Certa jovem de Ontário chamada Caroline Clare passou a demonstrar sintomas similares, logo após um mal não diagnosticado, durante o qual ela passou a descrever lugares que, na realidade, jamais visitara. A doença durou um ano e meio. Quando os sintomas desapareceram, a pequena ficou de tal forma magnetizada que os talheres colavam em seu corpo com tanta força que precisavam ser puxados por outra pessoa. Caroline também foi motivo de estudos, dessa vez realizados pela Associação Médica de Ontário.

A mais poderosa bateria humana deve ter sido Frank McKinstry, de Joplin, Missouri. Era tão carregado de energia que chegava a grudar no solo. Se McKinstry parasse de caminhar, por exemplo, era incapaz de dar mais um passo, a menos que outras pessoas o levantassem do chão, interrompendo o circuito elétrico.

OVNIs Nazistas

Alguns teóricos vêm, há muito tempo, tentando encontrar explicações plausíveis para os indefiníveis OVNIs. As similaridades entre o advento do moderno disco

voador, no verão de 1947, e os avanços subseqüentes na tecnologia aeroespacial, tanto dos soviéticos quanto do bloco ocidental, dizem eles, são muito surpreendentes para pensarmos em simples coincidência.

Na verdade, fontes dispersas indicam que a Luftwaffe (força aérea) de Hitler, que desenvolveu o primeiro caça a jato em todo o mundo, trabalhava arduamente no projeto de uma série de armas aéreas super-secretas, durante os últimos dias da Segunda Guerra Mundial. De acordo com relatório publicado em 13 de dezembro de 1944, por Marshall Yarrow, correspondente da Reuters, "os alemães produziram uma arma 'secreta', que poderá vir a ser usada no fim do ano. O novo dispositivo que, aparentemente, é uma arma de defesa aérea, parece as bolas que enfeitam as árvores de Natal. Elas já foram vistas pairando no ar sobre a Alemanha, algumas vezes sozinhas, outras em grupo. A cor dessas bolas é prateada e elas são, aparentemente, transparentes".

Seriam as bolas voadoras as Foo Fighters, tão famosas durante a Segunda Guerra Mundial, ou será que os engenheiros nazistas desenvolveram algo ainda mais sofisticado? O pesquisador italiano Renato Velasco afirma que os alemães produziram uma máquina voadora em forma de disco, de perfil baixo, à qual eles deram o nome de Feuerball (Bola de Fogo), usada tanto como dispositivo anti-radar quanto arma de guerra psicológica contra as forças dos Aliados.

Uma versão melhorada, o Kugelblitz (Relâmpago de Fogo) substituiu o motor de turbina a gás da Feuerball por outro que empregava a propulsão a jato. De acordo com Velasco, o Kugelblitz foi o primeiro avião capaz de pousar e decolar verticalmente. Seu projetista foi Rudolph Scriever, e, ao que consta, o aparelho era produzido na fábrica da BMW, perto de Praga, em 1944.

A aeronave voou pela primeira vez em fevereiro de 1945, sobre o amplo complexo subterrâneo de pesquisas de Kahla, Turíhgia, Alemanha. Foi também nessa área das montanhas Harz que, de acordo com informações confidenciais, Hitler pretendia construir seu último bastião, fortificado pelas novas "armas secretas" que Goering, comandante da Luftwaffe, vinha prometendo tanto.

O tempo foi implacável para o arsenal secreto dos nazistas. Mas se a União Soviética, bem como qualquer outra potência, conseguiu assimilar a tecnologia dos discos voadores, isso pode ter levado à experimentação e ao desenvolvimento de

algo que deu origem aos freqüentes relatos dos primeiros OVNIs, iniciados em 1947.

O Apocalipse Está Próximo?

Antes de qualquer outra coisa, antigos mitos abordam dois assuntos da maior importância: o começo e o fim do mundo. A preocupação com a maneira pela qual o mundo e a vida humana como a conhecemos tiveram início, e, mais importante ainda, como terminarão, é universal.

Profetas, tanto religiosos quanto seculares, também mostram-se preocupados com a aproximação do apocalipse global. Nostradamus, sábio francês do século 16, costumeiramente enigmático quanto a certas datas, preferiu ser inusitadamente

preciso quando fez a seguinte previsão:

No ano de mil novecentos e noventa e nove, no sétimo mês Um grande e assustador rei virá do céu.

Não precisamos esperar tanto para saber o que Nostradamus tinha em mente. Mais que isso, outras fontes sugerem que um terrível julgamento de algum tipo está próximo. A teologia islâmica profetizou que a religião muçulmana duraria até determinado tempo depois que o homem pisasse na Lua. A tradição tibetana afirma que o budismo terminaria com a destronização do décimo terceiro dalai-lama, e isso, também, já aconteceu.

Uma profecia do Antigo Testamento diz que a segunda vinda do Messias será por ocasião do restabelecimento dos judeus em sua nova pátria.

E o calendário maia, magnífica criação da civilização da América Central, termina abruptamente no dia 24 de dezembro de 2011, significando o final da atual quinta idade. O quinto ciclo, chamado de Tonatiuh, está programado para findar em grandes cataclismos ou terremotos.

O significado desses vários mitos e de todas essas tradições que prevêem o fim do mundo não deve ser procurado na variação das datas, e sim no fato de que todos eles convergem, de forma surpreendente, para o fim do atual segundo milênio - ano 2000 -, a astrológica Idade dos Peixes. Quem viver verá se os antigos estavam

com a razão.

Nostradamus

"Dos profetas antigos e atuais, poucos conquistaram a imaginação do público como Michel de Nostre-Dame, ou Nostradamus, médico e astrólogo judeu nascido em Saint-Remy, França, em 1503.

Em 1555, ele publicou Centúrias Astrológicas, série de profecias escritas em três agrupamentos de uma centena de estrofes cada um e, quase que imediatamente, transformou-se no que, hoje em dia, chamaríamos de um best-seller.

A profecia responsável por sua reputação era colocada nos seguintes termos: "O jovem leão dominará o velho no campo de batalha, em um combate único; em uma jaula de ouro ele perfurará seus olhos, dois ferimentos em um, então morrerá em morte lenta e cruel".

Pouco depois da publicação das Centúrias Astrológicas, Henrique II, da Inglaterra, durante festividades de casamento, bateu-se em uma justa com o jovem Montgomery, cuja lança quebrou e perfurou o elmo de ouro de Henrique, atingindo-o no olho. Dez dias depois, o rei, que usava um leão como emblema, teve morte dolorosa.

A reputação de Nostradamus estava assegurada. Alguém poderá argumentar que a interpretação foi feita para se adaptar à previsão, especialmente porque se referia a eventos acontecidos em sua própria época. No entanto, as previsões de Nostradamus anteciparam pessoas, lugares e fatos que somente ocorreriam alguns séculos mais tarde, inclusive a Revolução Francesa, a trajetória infeliz de Luís XVI e de Maria Antonieta, que terminaram na guilhotina, a ascensão de Napoleão, a Segunda Guerra Mundial (ele chegou mesmo a fazer trocadilhos com os nomes de Hitler e Roosevelt), ataques aéreos sobre a Inglaterra, e até o uso de armas atômicas. Que mistério existe hoje em dia nestes dois versos, por exemplo?

Um príncipe líbio ficará poderoso no Ocidente. A França ficará preocupada com os Árabes.

Não é preciso muita imaginação para descobrir o nome do príncipe líbio. Basta ler

um exemplar de qualquer jornal recente. A subida ao poder do aiatolá Khomeini e a queda do xá do Irã são misteriosamente previstas nesta estrofe:

Chuva, fome e guerra incessante na Pérsia. A fé excessiva trairá o rei. Terminará ali - começará na França.

Ainda nos lembramos que foi durante o exílio na França que o aiatolá estabeleceu as bases para a revolução contra o xá Reza Pahlevi, e para o próprio retorno ao Irã.

Modernas Profecias

A profecia é uma tradição muito apreciada. Assim, não há motivo para sermos levados a acreditar que não existam profetas aptos praticando sua presciência entre nós nos dias de hoje. Na realidade, talvez haja um número maior de profetas hoje do que na Idade Média, se considerarmos o aumento considerável da população mundial.

O romancista e pensador social inglês H. G. Wells errou na previsão do início da Segunda Guerra Mundial em um ano, e também no concernente à localização, uma estação ferroviária de Dantzig, embora tivesse acertado o país - Polônia. (Os alemães, na verdade, usaram um transmissor de rádio como desculpa pelo ataque.) Homer Lee, comentarista militar, previu de modo preciso que os japoneses usariam a movimentação de tropas baseadas no golfo de Lingayen para invadir as Filipinas e impedir a passagem dos americanos em Corregidor, isso 32 anos antes de o fato realmente acontecer.

O problema, naturalmente, é que as profecias podem ser corretas, porém não terão nenhum efeito sobre eventos subseqüentes se as pessoas não tomarem as necessárias providências. Temos, por exemplo, a previsão feita pelo médium profissional Cheiro, que aconselhou Lord Kitchener a não viajar por via marítima no ano de 1916. Kitchener ignorou a advertência e embarcou rumo à Rússia no Hampshire, no ano previsto. O navio foi de encontro a uma mina e afundou, levando o descrente lorde para as profundezas.

Convulsões e Cataclismos

Os geólogos serão os primeiros a admitir que o planeta Terra parece estar fadado a uma catástrofe apocalíptica de natureza global. A crosta terrestre está sofrendo imensas tensões, enquanto placas tectônicas de dimensões continentais colidem umas com as outras em danças perigosas, desde tempos imemoráveis, acompanhadas por tambores e archotes - os terremotos e os fogos vulcânicos que margeiam o oceano ilusoriamente chamado de "Pacífico".

Em 1883, o mundo registrou sua explosão mais forte na ilha vulcânica Krakatoa, Indonésia, quando o vulcão Perbuatan entrou em erupção, vaporizando-se, literalmente, e provocando a morte de 36 mil pessoas em Java e Sumatra. O abalo foi registrado em todo o mundo, e as cinzas lançadas da cratera chegaram até Madagascar. Tanta cinza e tanta poeira foram lançadas na atmosfera que o pôr-do-sol mudou de cor e as condições climáticas se viram drasticamente alteradas durante os anos seguintes.

Devido à grande porcentagem da população mundial que vive em regiões baixas, uma explosão de tal magnitude nos dias de hoje, sem dúvida, ceifaria centenas de milhares de vidas humanas. Até mesmo as regiões costeiras de países distantes, como o Japão e o Havaí, seriam ameaçadas.

O litoral da Califórnia vive, constantemente, à beira de um desastre, e seus habitantes esperam a ocorrência, a qualquer momento, de um terremoto tão intenso quanto aquele que destruiu San Francisco, em 1906. A pressão geológica está aumentando também sob a Grã-Bretanha e a Escandinávia. Se liberada, ela poderia inundar grande parte da Escócia e transformar Londres em um porto do mar do Norte.

Os médiuns têm advertido, há muito tempo, da possibilidade de uma convulsão global, que poderá ameaçar o futuro da humanidade neste planeta. São apoiados pelos próprios cientistas, cujas previsões são igualmente catastróficas. Além de terremotos e vulcões, eles estão percebendo crescente "efeito estufa" que poderia elevar os níveis dos oceanos do mundo, encobrindo a maioria dos portos atuais.

Além disso, o decréscimo na camada protetora de ozônio poderia aumentar drasticamente a incidência de câncer na população. Alguns chegam até a prever súbita reversão dos pólos magnéticos da Terra.

Na realidade, quase todas essas catástrofes geográficas em potencial estão na

ordem natural das coisas, inclusive o avanço e a regressão de eras glaciais, e o bombardeio de nosso planeta por corpos celestes do tamanho de pequenos países.

Mas o que mudou mais, em escala planetária, é o número imensamente maior de pessoas que sofreriam as conseqüências da catástrofe. A questão já não é mais procurar saber se os cientistas ou os médiuns estão certos, e sim qual a bola de cristal que será despedaçada primeiro.

Continentes Perdidos

A Atlântida não é o único continente mítico supostamente destruído e tragado pelo mar. Pessoas letradas e fabulistas falam de dois outros continentes perdidos - as lendárias terras de Lemúria e Mu.

O nome Lemúria vem de lêmures, primatas primitivos da família dos lemurídeos, e foi cunhado no século 19 pelo zoólogo inglês P. L. Sclater, devido à similar idade de fósseis desses primatas encontrados na região sul da Índia e na província de Natal, na África do Sul. Sclater postulou a existência de Lemúria, continente submerso que haveria no oceano Índico, ligando as regiões meridionais da África e também da Ásia.

A idéia de uma ponte tropical ligando as massas de terra existentes ganhou a fantasia e o apoio de nada menos que Thomas Huxley, cientista inglês e indiscutível autoridade na teoria da evolução. Na Alemanha, o biólogo Ernst Haeckel chegou a especular sobre a possibilidade de a antiga Lemúria ter sido o Jardim do Éden, o paraíso perdido, que serviu de berço para a raça humana.

O continente perdido de Mu também tem sido muito pesquisado por estudiosos do inexplicável. Ele surgiu, pela primeira vez, em uma série de livros de autoria de James Churchward, coronel inglês da reserva, que servira com os Lanceiros de Bengala, na Índia. Ao ser designado para um trabalho de assistência à população carente e faminta, ele conheceu um rishi, sábio hindu que tinha em seu poder grande quantidade de placas de pedra escritas em naacal, a língua nativa de Mu.

De acordo com a teoria de Churchward, baseada nas pedras escritas em naacal e nas tradições orais das ilhas do Pacífico e de regiões das Américas do Sul e Central, os primeiros seres humanos foram originados em Mu, há uns 200 milhões de anos.

A ciência deles, inclusive a capacidade de manipular a gravidade, era muitas vezes mais adiantada do que a nossa. Não obstante, há aproximadamente 12 mil anos, a tragédia se abateu sobre os mus, na forma de uma gigantesca explosão de gás.

Arruinado, o continente de Mu submergiu no oceano Pacífico. Tudo o que restou da massa de terra de 8 mil quilômetros de comprimento por 5 mil quilômetros de largura foram algumas poucas ilhas dispersas acima das ondas. As gigantescas e inexplicáveis obras existentes em várias ilhas do Pacífico, bem como as grandes cabeças de estátuas na ilha de Páscoa, não poderiam ter sido construídas pela limitada mão-de-obra disponível nas ilhas, justamente por causa de suas dimensões atuais.

Além disso, convém notar que os havaianos nativos ainda dão a esse continente perdido o nome de Mu. Dos habitantes do antigo Mu, calcula-se que quase 64 milhões de pessoas tenham perecido na explosão cósmica. Os sobreviventes colonizaram os outros continentes.

Churchward morreu em 1936, com a idade de 86 anos, depois de ter escrito cinco livros sobre o continente de Mu. Mais referências por escrito a Mu devem ainda existir em alguns dos mosteiros localizados nas altas montanhas da Ásia central.

As Luzes do Palatine

Existem mais coisas navegando pelos mares do que Horácio jamais poderia ter imaginado. Vejamos, por exemplo, a história do predestinado brigue Palatine, imortalizado no poema homônimo de John Greenleaf Whittier. Em 1752, segundo a história, o Palatine zarpou da HoImida com um grupo de imigrantes, em direção a Philadelphia.

De acordo com o poema de Whittier, a tripulação se amotinou nas proximidades da ilha Block, na Nova Inglaterra, depois que o navio encalhou na costa. Ali eles o queimaram, indiferentes aos gritos de uma pobre passageira, que ficara para trás.

Conforme a lenda, o brigue fatídico reaparece, periodicamente, como uma bola de fogo incandescente no mar. Whittier o descreve com as seguintes palavras:

Vejam! Outra vez, com uma luz trêmula e brilhante,

Sobre as rochas e no mar revolto,

Os destroços incandescentes do Palatine.

Infelizmente, nenhum registro apresenta o Palatine zarpando da Holanda, nem de qualquer outro porto de escala. Mas nesse exemplo, pelo menos, os fatos são tão constrangedores quanto a lenda poética. Os registros mostram que o navio denominado Princess Augusta levantou ferros em Rotterdam em 1738, com destino a Philadelphia, com um contingente de 350 passageiros alemães dos distritos do Palatinado do Norte e do Sul. Desde o início, a viagem estava predestinada a trágico desfecho.

O suprimento de água contaminada logo matou metade dos tripulantes e um terço dos passageiros em seus camarotes, inclusive o capitão George Long, que morreu após ingerir um único gole fatal. Além disso, o Princess Augusta enfrentou condições climáticas adversas e mares bravios, que o tiraram do rumo. Os tripulantes aumentaram ainda mais o caos da embarcação, quando passaram a extorquir dinheiro e bens materiais dos sobreviventes.

Quase que misericordiosamente o navio encalhou, no dia 27 de dezembro, no litoral norte da ilha Block. Os ilhéus salvaram muitos passageiros, porém não puderam resgatar-lhes as bagagens devido às atividades dos tripulantes. Eles conseguiram desencalhar o Princess Augusta, mas deixaram que fosse de encontro às pedras e naufragasse. Mary Van der Line, que desmaiara na confusão, afundou com o navio, guardando até o fim seus baús de prataria. Dos 364 passageiros e tripulantes que embarcaram em Rotterdam, somente 227 sobreviveram.

Mas, e o fogo, "a luz trêmula e brilhante", sobre o qual Whittier escreveu?

Pouco depois do naufrágio do Princess Augusta, outro capitão, que passava pela ilha, informou ter visto um navio em chamas em alto-mar. Ele anotou em seu diário de bordo: "Fiquei tão angustiado com aquela visão que seguimos o navio em chamas até sua sepultura marítima, mas não conseguimos encontrar nem sobreviventes nem fragmentos de naufrágio".

No entanto, o que os observadores viram desde então passou a ser conhecido como a "Luz do Palatine", um brilho fantasmagórico que, às vezes, surge nas

águas, nas proximidades da ilha Block. O médico local, dr. Aaron C. Willey, escrevendo em 1811, anotou:

"Umas vezes, ela é pequena, parecendo uma luz vista através de janela distante. Outras vezes, ela alcança a altura de um navio com todas as velas enfunadas. A luminescência, na verdade, emite raios luminosos". A causa desse "brilho errante", acrescentou Willey, "é um curioso assunto aberto à especulação filosófica". É assunto aberto, também, para aqueles que acreditam que a vida imita a arte, em todas as suas ramificações.

O Crânio de Cristal

Hoje em dia, o quartzo, ou cristal de rocha, desfruta imensa popularidade, principalmente devido a suas supostas propriedades espirituais. Mas o mesmo material já fascinava nossos ancestrais. Os gregos o chamavam de crystallos, ou "gelo claro". No Egito, no ano 4000 a.C, as testas dos mortos eram adornadas com um "terceiro olho" de cristal, que, conforme a crença, permitia que a alma descobrisse o caminho para a eternidade.

Tradicionalmente, o material preferido para as bolas de cristal usadas por videntes e médiuns sempre foi o cristal de rocha do mais alto grau.

O objeto de cristal mais intrigante de que se tem notícia, porém, é o chamado Crânio de Cristal de Mitchell-Hodges, cuja origem tanto pode ser asteca ou maia, e até mesmo o continente mítico de Atlântida. A descoberta do Crânio de Cristal é envolta em muita controvérsia. Se consta que, ele foi encontrado por Anna, uma jovem de 18 anos, filha adotiva do aventureiro F. A. Mitchell-Hodges, em 1927, quando escavava as ruínas de Lubaantun, a "Cidade das Pedras Caídas", nas selvas de Belize, na ocasião ainda chamada de Honduras Britânica.

Após três anos de escavações no antigo local maia, Anna descobriu um crânio de cristal, de tamanho natural, nos escombros de um altar desmoronado, junto à parede. Uma mandíbula, que se encaixava perfeitamente naquele crânio, foi encontrada a pouco mais de 7 metros de distância, três meses mais tarde.

A equipe de Mitchell-Hodges escavou exaustivamente toda a área. Na realidade, aquelas pessoas contribuíram grandemente para nossa coleção atual de artefatos e

para a ampliação de nosso conhecimento a respeito da civilização pré-colombiana no Novo Mundo.

Contudo, Mitchell-Hodges também era um homem conhecido por acreditar piamente na lenda de Atlântida. De fato, foi a fé de poder confirmar a existência de uma ligação entre a Atlântida e os maias que o levou a se embrenhar nas florestas da América Central.

Infelizmente, os cristais não podem ser datados por meios convencionais. No entanto, os laboratórios da Hewlett-Packard, que estudaram o estranho crânio, calcularam que sua confecção teria exigido o trabalho de, no mínimo, trezentos anos, por uma série de artesãos extremamente habilidosos. Na escala de dureza, os cristais de rocha estão apenas ligeiramente abaixo dos diamantes.

Por que aquela rocha seria tão valiosa para quem quer que a tenha encontrado, a ponto de pessoas passarem três séculos polindo pacientemente um pedaço de pedra não nativa?

O mistério do crânio de cristal ficou ainda mais intrigante quando as duas peças foram encaixadas, e as pessoas tomaram conhecimento de que o crânio de cristal balançava na base da mandíbula, dando a impressão de ser um crânio humano abrindo e fechando a boca. Ele poderia ter sido manipulado por sacerdotes nos templos como um oráculo divinatório.

Outras propriedades ligadas ao crânio de cristal são ainda mais peculiares. Dizem que o lóbulo frontal, por exemplo, às vezes fica nublado, assumindo coloração branco-leitosa. Em outras ocasiões, ele emite uma aura quase fantasmagórica, "forte e com pequena nuance da cor do feno, similar ao anel que circunda a Lua".

Quer seja o produto de uma imaginação muito fértil, ou estimulado pelo próprio crânio, aqueles que ficam perto dele por longos períodos afirmam passar por experiências enervantes, que afetam os cincos sentidos, inclusive sons etéreos, aromas, e até mesmo fantasmas. O impacto visual do crânio é hipnótico, para os céticos, inclusive.

Sejam quais forem seus poderes, porém, uma maldição fatal sobre seu proprietário não parece fazer parte do conjunto. Mitchel-Hodges mal deixou que o crânio saísse de sua vista por mais de trinta anos, durante os quais sobreviveu a três facadas e

oito ferimentos provocados por balas.

Quando morreu, no dia 12 de junho de 1949, com a idade de 77 anos, ele legou em testamento o crânio de cristal a sua filha adotiva, que o encontrou enterrado sob um antigo altar, na selva hondurenha. O crânio, com valor estimado em 260 mil dólares, continuou sendo propriedade particular.

Chuva de Fogo

Diz a lenda que o grande incêndio de Chicago, em 1871, começou quando a vaca da sra. O'Leary derrubou uma lanterna, ateando fogo na palha. As chamas então consumiram seu celeiro, passando de uma estrutura de madeira para outra, até quase atingir a cidade inteira. Antes de se conseguir debelar as chamas, mais de 17 mil edificações foram destruídas, 100 mil pessoas ficaram desabrigadas e pelo menos duzentas e cinqüenta morreram.

Pouca gente sabe que todo o Meio-Oeste dos EUA foi vítima de calamitosos incêndios na noite de 8 de outubro de 1871, desde Indiana até dois Estados de Dakota, e de Iowa até Minnesota. Em resumo, eles representam a conflagração mais misteriosa e mais implacável na memória do povo americano. Ofuscada pela tragédia de Chicago, Peshtigo, pequena comunidade de 2 mil almas nas proximidades de Green Bay, Wisconsin, sofreu desastre muito pior, em termos de vidas perdidas. Metade da cidade - mil habitantes - faleceu naquela noite terrível. As pessoas morreram sufocadas ou consumidas pelas chamas, cuja origem permanece desconhecida. Nenhuma estrutura foi deixada em pé.

De onde vieram as chamas, e por que tão repentinamente, sem nenhum aviso prévio?

"Em um instante terrível, grande chama surgiu no céu, a oeste da cidade", escreveu um sobrevivente de Peshtigo. "Inumeráveis línguas de fogo desceram sobre a cidade, perfurando quaisquer objetos que encontravam no caminho, como se fossem raios vermelhos. Um ruído ensurdecedor, misturado com estrondos de descargas elétricas, enchia o ar e paralisava todas as pessoas. Aquele desastre não teve um início em particular. "As chamas queimaram em instantes toda a cidade."

Outros sobreviventes referiram-se ao fenômeno como um furacão de fogo, declarando que edificações em chamas eram elevadas no ar, antes de explodirem em cinzas incandescentes.

O que as testemunhas oculares descreveram está mais próximo de um holocausto dos céus do que de um incêndio acidental, provocado por certa vaca agitada. Na verdade, de acordo com a teoria levantada por Ignatius Donnelly, congressista de Minnesota, os incêndios devastadores de 1871 realmente vieram do céu, na forma de uma cauda de um cometa caprichoso.

Durante sua passagem em 1846, o cometa Biela dividiu-se, inexplicavelmente, em dois. Ele deveria retornar em 1866, mas não apareceu. A cabeça fragmentada do Biela foi vista, finalmente, em 1872, na forma de uma queda de grande quantidade de meteoros.

Donnelly sugeriu que a cauda separada apareceu um ano antes, em 1871, e foi o motivo principal da difusa chuva de fogo que varreu o Meio-Oeste, danificando ou destruindo um total de 24 cidades, e deixando mais de 2 mil mortos em seu rastro. As condições da seca naquele outono, sem dúvida, contribuíram para a extensão da conflagração.

Os pesquisadores concentram-se no incêndio de Chicago, e não dão a devida importância ao Horror de Peshtigo, como a calamidade foi chamada na época. Eles ignoram por completo o cometa Biela e sua causa, que até hoje não encontrou explicação.

O Sonho Premonitório de Abraham Lincoln

Algumas premonições transformam-se em fatos concretos, outras não, por mais reais e terríveis que possam ser os eventos que elas descrevam. Tomemos, por exemplo, o caso do décimo sexto presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, que previu o próprio assassinato em sonho.

Lincoln contou seu sonho premonitório a um amigo íntimo, Ward Hill Lamon, que deixou um relato por escrito para a posteridade. "No sonho", conta Lincoln, "parecia haver uma tranqüilidade semelhante à morte a meu redor. Então, ouvi soluços abafados, como se várias pessoas estivessem chorando. Julguei ter

levantado de minha cama e descido a escada até o pavimento inferior. Não havia nenhuma pessoa viva por perto, porém os mesmos lamentos de pesar e angústia me acompanhavam, enquanto eu caminhava. Continuei andando até chegar ao Salão

Leste, e ali tive uma surpresa repugnante."

"Diante de mim estava o carro fúnebre, onde havia um cadáver enrolado em mortalha. Ao lado daquele veículo estavam vários soldados perfilados, como guardas de honra. 'Quem morreu na Casa Branca?', perguntei a um dos soldados.

'O presidente', foi a resposta. 'Ele foi morto por um assassino'."

Poucos dias depois dessa narração, o presidente foi morto, assassinado pela pequena pistola de John Wilkes Booth. Mortalmente ferido, Lincoln foi levado do Ford's Theater a uma casa do outro lado da rua. Após a morte, seu corpo ficou exposto à visitação pública no Salão Leste da Casa Branca, exatamente como no sonho premonitório de Lincoln.

Os Caronistas Fantasmas

Em uma noite de inverno em 1965, Mae Doria, de Tulsa, Oklahoma, estava se dirigindo sozinha pela estrada de 70 quilômetros, em direção à casa de sua irmã, em Pryor.

- Enquanto eu seguia pela rodovia 20 - recordou Doria -, a poucos quilômetros a leste da cidade de Claremore, passei por uma escola e vi um menino pedindo carona na beira da estrada. Parecia ter 11 ou 12 anos.

Preocupada com alguém tão jovem sozinho naquela noite fria, Doria parou no acostamento e ofereceu-se para levá-lo a algum lugar.

- Ele entrou no carro, sentou-se a meu lado no banco da frente, e começamos a bater papo sobre aquelas coisas que duas pessoas que não se conhecem normalmente conversam.

Doria perguntou-lhe o que ele fazia por ali, e o garoto respondeu:

- Estava jogando basquete na escola.

O caronista tinha em torno de 1,50 metro de altura, e era bem musculoso.

- A aparência dele era a de um menino que praticava esportes e exercitava os músculos.

O garoto era caucasiano, com cabelos castanho-claros e olhos azuis. Sem se dar conta, Mae Doria transportava um caronista fantasma.

O menino, finalmente, apontou para um aqueduto nos arredores de Pryor e pediu:

- Vou descer ali.

Como não estivesse vendo casas nem luzes, Doria perguntou onde ele morava, ao que ele respondeu:

- Logo ali.

Ela tentava determinar onde esse "ali" podia ser, quando o passageiro desapareceu como por encanto. Doria parou o carro imediatamente e pulou para fora.

- Fiquei correndo ao redor do automóvel, quase histérica. Procurei por todos os lugares, de um lado a outro na estrada, para a direita e para a esquerda, e nem sombra do menino. Ele simplesmente evaporara.

Mais tarde, Doria lembrou-se de que o caronista não usava agasalho, a despeito do vento frio do inverno. Uma conversa casual com um empregado de uma empresa pública, dois anos depois do fato, revelou que alguém dera carona àquele garoto fantasma, pela primeira vez, naquele mesmo lugar, em 1936.

Encontro ainda mais estranho envolveu uma morte acidental, pela qual um caronista fantasma foi, pelo menos em parte, responsável. Em fevereiro de 1951, Charles Bordeaux, de Miami, trabalhava no Serviço de Investigações Especiais da Força Aérea, na Inglaterra. Um aviador americano fora alvejado e assassinado em circunstâncias misteriosas, e Bordeaux recebeu a incumbência de investigar o caso.

Ficou sabendo que o guarda de segurança avistara um homem correndo entre dois bombardeiros B-36. Ele gritou "Alto!" três vezes, e, como o homem se recusasse a parar, disparou.

- Eu podia jurar que o acertara, mas, quando cheguei naquela área do aeroporto, não havia ninguém. Ele simplesmente desaparecera.

Na realidade, a bala perdida do guarda atingiu e matou um outro piloto.

Prosseguindo com as investigações, Bordeaux falou com outro oficial, que também estivera no campo de pouso na noite do acidente. Ele comentou que, antes do tiro fatal, estava se dirigindo ao aeroporto, quando viu um homem com uniforme da Força Aérea pedindo carona.

- Depois que o desconhecido entrou - declarou o oficial -, ele me pediu um cigarro. Em seguida, pediu fogo.

O oficial viu o brilho da chama com o canto dos olhos, porém, quando virou a cabeça, o passageiro havia desaparecido em pleno ar, deixando o isqueiro sobre o banco vazio.

O Castelo de Pedra-Coral

O pequeno e solitário letão trabalhou arduamente, principalmente à noite, no ar úmido da Flórida, erigindo um monumento a um amor não correspondido.

De 1920 a 1940, o diminuto Edward Leedskilnin (ele tinha apenas 1,50 metro de altura e não pesava mais de 50 quilos) deu forma a imensos blocos de pedra-coral, que chegavam a pesar até 30 toneladas, usando técnicas que só ele conhecia. Os resultados, que parecem mais moldados do que esculpidos, continuam a maravilhar arquitetos e engenheiros, bem como os 100 mil turistas que para lá acorrem todos os anos.

O objeto do amor e do trabalho de Leedskilnin foi uma noiva adolescente, sempre mencionada por ele como "a Doce 16". Rejeitado um dia antes do casamento, ele abandonou a Letônia, sua pátria, e foi morar na Flórida. Usando os blocos de construção de que dispunha, Leedskilnin começou a construir o Castelo de Pedra-Coral em 4 hectares de terra, na esperança de atrair seu relutante amor para os Estados Unidos.

Ela nunca foi, mas Leedskilnin continuou o trabalho, tecendo uma aura impenetrável de mistério e majestade ao redor de seu projeto solitário. Ninguém jamais ficou sabendo como ele conseguia levantar os gigantescos blocos de pedra-coral do chão e carregá-los em seu caminhão, ou como os amoldava e os colocava

no lugar. Equilibrava uma laje de 9 toneladas tão delicadamente que ela se abria ao simples toque de um dedo. Quando apareciam visitantes, Leedskilnin interrompia o trabalho, recomeçando apenas depois que eles iam embora.

Quando Leedskilnin morreu, em 1951, morreram com ele os segredos, embora tenha, certa vez, declarado que utilizava as mesmas técnicas empregadas para a construção da pirâmide de Quéops. A única coisa que afirmou com certeza é que dominara as leis naturais de peso e equilíbrio.

Leedskilnin não teve a mesma sorte no amor. Depois de muitos anos, Doce 16 foi encontrada. Perguntaram-lhe se ela gostaria de visitar o Castelo de Pedra-Coral.

- Eu não estava interessada nele quando tinha 16 anos - respondeu -, e, agora que estou com 80, interesso-me menos ainda.

Aproximadamente 8 mil turistas visitam o Castelo de Pedra-Coral todos os meses, e ficam extasiados diante de maravilhas como um modelo de 18 toneladas de Saturno, inclusive com os anéis, colocado no alto de paredes de quase 1 metro de espessura. Marte, também representado por um globo de pedra-coral de 18 toneladas, está congelado em órbita ali perto.

Esse monumento, construído em nome do amor, traz-nos à memória o Taj Mahal, em Agra, Índia, tumba considerada a mais bela construção de todo o mundo. Foi construída em mármore, arenito e pedras semipreciosas pelo imperador mongol Shah Jahan, para sua esposa favorita Mumtaz-i-Mahal. No entanto, o Taj Mahal absorveu, em sua construção, centenas de operários talentosos, que contaram com a ajuda de guindastes e mastros de cargas especiais, usados para a edificação de maravilhosos palácios mongóis e foi financiado por fundos ilimitados. Cooperaram ainda um exército de fornecedores e muitas juntas de bois para o transporte. Em contrapartida, o Castelo de Pedra-Coral foi construído à noite e por um único homem.

Sapos Fossilizados

Contam-se muitas histórias de animais vivos ou mumificados encontrados dentro de pedras. Grande parte delas refere-se a sapos e rãs. Uma dessas histórias conta que durante a construção da Hartlepool Waterworks, nas proximidades de Leeds,

Inglaterra, em abril de 1865, os operários da pedreira supostamente encontraram um sapo vivo dentro de uma pedra calcária de 200 milhões de anos. O sapo, a uma profundidade de 7,50 metros, deixara a forma de um molde perfeito na pedra.

De acordo com relatos jornalísticos, o sapo estava vivo, mas era incapaz de coaxar, porque sua boca se fechara para sempre. No entanto, ruídos semelhantes a latidos eram emitidos pelas narinas. Com exceção do "comprimento extraordinário" das patas traseiras, ele parecia ser um espécime normal, embora tenha morrido poucos dias após ter sido encontrado.

Mais ou menos nessa mesma ocasião, a revista Scientific American publicou matéria contando como o mineiro Moses Gaines abriu uma grande pedra arredondada e encontrou um sapo escondido ali dentro, novamente como se a rocha tivesse acabado de se fechar ao redor dele. O animal foi descrito da seguinte maneira:

"Oito centímetros de comprimento, muito roliço e gordo. Os olhos eram bem maiores do que os das espécies de mesmo tamanho, como os que vemos todos os dias".

O sapo de Gaines também estava vivo, embora preguiçoso.

"Tentaram fazê-lo saltar, cutucando-o com um pedaço de pau", reportou a revista, "mas ele não lhes deu atenção."

Essas histórias e outras abriram uma verdadeira caixa de Pandora científica, que ainda não foi satisfatoriamente fechada. O dr. Frank Buckland tentou reproduzir o feito colocando sapos dentro de blocos de pedra calcária e arenito e enterrando-os a uma profundidade de 1 metro em seu jardim. Um ano depois, quando retirou as pedras, os sapos encerrados nos blocos de arenito estavam todos mortos. Em compensação, os sapos colocados dentro de pedras calcárias saíram-se melhor; dois estavam vivos e, na verdade, até chegaram a aumentar de peso. Mas quando Buckland repetiu a experiência, para que não restasse nenhuma dúvida, todos os sapos morreram.

Não desanimado com o resultado negativo, um francês conhecido como monsieur Séguin foi ainda mais longe. Em 1862, ele encerrou vinte sapos em gesso calcinado em Paris e deixou o bloco secar. Então, enterrou-o. Quando Séguin abriu o bloco,

doze anos mais tarde, conforme a história, quatro dos sapos ainda estavam vivos.

A Mão Petrificada

No verão de 1889, o fazendeiro J. R. Mote, de Phelps County, nas proximidades de Kearney, Nebraska, estava escavando uma caverna, quando encontrou uma grande pedra marrom com peso superior a 10 quilos. Quando a argila foi removida da pedra, de acordo com um artigo publicado na edição de 7 de agosto do San Francisco Examiner, "um grande fóssil, representando uma mão humana fechada, foi revelado. O espécime havia sido quebrado do braço logo acima do pulso, e a marca de um tecido áspero ou de alguma corda estava perfeitamente delineada nas costas daquela mão. Por ocasião da descoberta, nada foi declarado", continuou o artigo, "pois o sr. Mote não pertence à classe de pessoas curiosas". No entanto, isso logo mudou.

"Um menino da família, cuja faculdade de quebrar começava a se desenvolver, teve a idéia de abrir a mão petrificada. Quando quebrada, para seu espanto, surgiram onze brilhantes pedras transparentes."

O sr. Mote teve curiosidade suficiente, depois dessa reviravolta no curso dos acontecimentos, para procurar um joalheiro, que declarou serem aquelas pedras legítimos diamantes de primeira água, sem nenhuma mancha que pudesse macular ou estragar sua beleza.

"As pedras", prosseguia o artigo, "têm formato praticamente uniforme, e assemelham-se a feijões-de-lima. Elas parecem ter sido desgastadas pela água, porém ainda são pedras de grande beleza."

Lincoln e Kennedy

Pouco antes de partir para Dallas, em novembro de 1963, Evelyn Lincoln, secretária do presidente John Fitzgerald Kennedy, advertiu-o de que não fosse. Kennedy descartou-lhe a premonição, e as conseqüências foram trágicas. No dia 22 de novembro, Kennedy foi assassinado quando Lee Harvey Oswald disparou contra ele, usando um rifle italiano, de uma janela no sexto andar do Texas School Book

Depository.

A quantidade de paralelos entre os dois presidentes americanos John Kennedy e Abraham Lincoln, também assassinado após uma advertência feita por uma pessoa que tivera premonição de sua morte, ultrapassa os limites da mera coincidência.

Lincoln, por exemplo, havia sido eleito presidente em 6 de novembro de 1860, Kennedy em 8 de novembro de 1960. Ambos também haviam sido primeiro eleitos para o Congresso, com cem anos de diferença, Lincoln em 1846, Kennedy em 1946. Os homens que os sucederam na presidência também nasceram com a diferença de um século - Andrew Johnson em 1808 e Lyndon Baines Johnson em 1908. Os assassinos de ambos, John Wilkes Booth e Lee Oswald, nasceram com 101 anos de diferença entre si.

Booth alvejou Lincoln na cabeça por trás, em um teatro, e fugiu para um celeiro; Oswald acertou Kennedy na cabeça por trás, de um armazém, e fugiu para um teatro. Os dois assassinos, por sua vez, foram mortos antes de serem levados a julgamento. Tanto Kennedy quanto Lincoln foram assassinados em uma sexta-feira, na presença de suas mulheres. Lincoln havia sido alvejado no Ford's Theater, Kennedy em um Lincoln fabricado pela Ford Motor Company.

E ambos os presidentes previram suas próprias mortes. Lincoln comentou com um guarda, no dia em que foi assassinado, que existiam "...homens que querem tirar minha vida... E não tenho dúvidas de que eles conseguirão. Se isso deve ser feito, é impossível evitar", concluiu.

Poucas horas antes de cair, atingido pelas balas de Lee Oswald, Kennedy disse à mulher, Jacqueline, e a Ken O'Donnell, seu assessor pessoal:

- Se alguém quiser me alvejar de uma janela com um fuzil, ninguém poderá impedi- lo. Assim, por que devo me preocupar?

A Dança dos Mortos

Os mortos não falam, mas isso não significa que não possam se movimentar. O caso mais marcante de movimento post-mortem de que se tem notícia aconteceu num jazigo na ilha de Barbados, ex-colônia britânica, que já pertenceu à Federação

das Índias Ocidentais, localizada na costa da Venezuela.

O cenário dos macabros acontecimentos foi o jazigo da família Walrond, proprietária de plantações e de grande número de escravos, que colocava seus mortos para descansar - ou para o que achava que seria um descanso - em uma tumba de pedras no Cemitério Christ Church.

Thomasina Goddard, membro da família Walrond, foi enterrada ali, pela primeira vez, em 1807, porém no espaço de um ano a propriedade do jazigo foi assumida por outra geração de proprietários de escravos, os Chase. Duas de suas filhas foram enterradas nos jazigos, nos anos de 1808 e 1812.

Thomas Chase, o pai, também faleceu em 1812. Quando a enorme laje de mármore, que cobria a tumba, foi aberta para o enterro, os coveiros encolheram-se horrorizados. Os caixões de chumbo das duas moças estavam em pé, de cabeça para baixo. Não foi encontrado nenhum vestígio de arrombamento ou profanação. No entanto, de alguma maneira, os caixões se movimentaram sozinhos. Mas como?

Um parente do sexo masculino morreu em 1816, o que fez com que o jazigo fosse aberto outra vez. E, novamente, os caixões foram encontrados em estado de total desordem. O de Thomas Chase, que exigira oito homens para transportar, estava em pé, apoiado contra a parede.

Oito semanas mais tarde, outro enterro atraiu uma multidão de curiosos. Embora o jazigo tivesse sido lacrado após a última e perturbadora descoberta, os caixões dos Chase haviam, outra vez, se movimentado. Lord Combermere, governador de Barbados, foi chamado para ir ao local.

Em 1819, ele ordenou que os caixões fossem empilhados, e que se colocassem lacres em volta da laje de mármore que servia de cobertura. Contudo, o governo não era páreo para os fantasmas. No ano seguinte, quando as pessoas ouviram ruídos que provinham da sepultura assombrada, Lord Combermere ordenou que o jazigo fosse aberto para inspeção.

E o que já era esperado aconteceu. Depois que os lacres do governador foram removidos, os inspetores entraram na escuridão úmida e descobriram que os ataúdes de chumbo haviam, uma vez mais, realizado sua dança macabra. Apenas o caixão de madeira original de Thomasina Goddard permanecia inalterado.

Finalmente, os corpos foram removidos e enterrados novamente, em um canto mais tranqüilo do cemitério. Hoje em dia, o jazigo de Christ Church permanece aberto e abandonado. Os mortos foram expulsos por forças poderosas e desconhecidas.

O Extraordinário Uri Geller

O médium mais famoso do mundo, o israelense Uri Geller, ex-pára-quedista do Exército, continua a deslumbrar as platéias enquanto amealha considerável fortuna pessoal, estimada em alguns milhões de dólares, originada de demonstrações de seus incríveis poderes.

Nascido em Telavive, em 1946, Uri Geller demonstrou habilidades mediúnicas quando tinha apenas 3 anos, lendo os pensamentos da mãe. Eventos mais tangíveis surgiram aos 6 anos de idade, quando descobriu que podia mover os ponteiros de um relógio sem tocá-los. Anos mais tarde, demonstrações similares lhe trariam fama e fortuna.

Uri Geller passou à merecer maior atenção no início dos anos 70, quando as apresentações públicas em Munique, Alemanha, resultaram em uma grande quantidade de talheres e chaves dobrados, dois dos alvos mentais favoritos do médium. Ele também fazia com que ponteiros de relógios parassem e voltassem a se movimentar.

Dois de seus feitos mais espetaculares ocorreram quando Uri Geller dirigiu pelas ruas de Munique com olhos vendados, e parou um teleférico no meio do caminho, nas montanhas Chiemagu.

O médium israelense logo atraiu a atenção de Andrija Puharich, pesquisador de fenômenos paranormais, que patrocinou uma viagem aos Estados Unidos para que ele pudesse ser examinado em ambiente científico.

Os resultados dos experimentos que Uri Geller realizou no Instituto de Pesquisas de Stanford, sob orientação dos físicos Hal Puthoff e Russell Targ, pareceram confirmar suas habilidades paranormais. Ele não só passou pelo protocolo cuidadosamente controlado que os cientistas determinaram, registrando altos resultados em clarividência e psicocinese, como, aparentemente, também foi capaz de afetar

grande quantidade de instrumentos eletrônicos sensíveis.

Outra apresentação fantástica de Uri Geller ocorreu no dia 23 de novembro de 1973, durante o programa David Dimbleby Talk-In, da BBC. Após o programa, centenas de telespectadores atônitos telefonaram para informar que talheres e outros objetos de metal em seus lares haviam começado a se dobrar, enquanto eles assistiam à demonstração de Uri Geller. Quando o ex-pára-quedista voltou aos EUA, transformou-se em celebridade da noite para o dia.

Os críticos de Uri Geller, como o mágico profissional (James "O Extraordinário") Randi, naturalmente, afirmam que esses supostos poderes psíquicos não passam de truques normais, conhecidos por muitos mágicos de renome. E, coerentemente, Randi empenhou-se em recriar vários dos chamados "fenômenos Geller", como a dobra de colheres e chaves, através de prestidigitação e de outras técnicas.

Mas Uri Geller talvez ria por último, quando estiver se dirigindo ao banco. Após um período de alguns anos, durante os quais ele passou muito tempo fora de circulação, Uri Geller retornou, recentemente, ao cenário mundial com um novo livro e polpuda conta bancária, inclusive uma propriedade digna de rei, com heliporto, nos arredores de Londres.

A mais recente "mágica" de Uri Geller, segundo consta, é a localização de reservas de petróleo e depósitos de metais preciosos, simplesmente sobrevoando o local em um pequeno avião, com a mão estendida para fora. Por essa e por outras atividades mediúnicas, durante a década de 70, calcula-se que ele tenha ganho em torno de 40 milhões de dólares.

As Levitações de Peter Sugleris

Peter Sugleris, de 22 anos, tem muita coisa em comum com Uri Geller, inclusive a habilidade de dobrar objetos de metal como chaves e moedas, afetar instrumentos eletromagnéticos a distância, parar e movimentar ponteiros de relógios. Sugleris também afirma que pode levitar como o venerável São José de Copertino e o médium D. D. Home, do século 19.

Quando ainda era um menino, a mãe de Sugleris, nascida na Grécia, achava que essa habilidade de levitar fora herdada e referia-se a ele como "Hércules", aludindo

ao herói mitológico grego, famoso pela força e coragem. O tio de sua mãe, conforme diziam, levitara em pelo menos duas ocasiões, quando tinha 16 e 18 anos de idade.

Sugleris afirma que costuma levitar mais freqüentemente na presença de membros da família, durante o curso normal de sua vida. Mas, acrescenta, pode levitar à vontade, embora não como decorrência das ordens de alguém.

- O feito envolve imensa concentração - afirma.

Por isso, ele se prepara, com freqüência, com vários meses de antecedência, entregando-se a uma dieta vegetariana.

Em ocasião mais recente, filmada em vídeo pela esposa, Esther, em fevereiro de 1986, Sugleris elevou-se do piso da cozinha a uma altura de aproximadamente 50 centímetros, e permaneceu suspenso no ar durante 47 segundos. Enquanto levitava, seu rosto assumiu um ricto que chegou a assustar sua mulher.

- Pensei que ele fosse explodir - declarou ela -, de tão inchado que ficou.

Posteriormente, Sugleris descreveu a experiência, afirmando que suou em profusão e sentiu tontura e sonolência.

- Levei de dez a quinze segundos para recobrar a consciência - revelou ele. - Senti-me confuso e estonteado, e tive a impressão de que eu ia apagar. Foi uma coisa feita com raiva. Eu queria provar que era capaz.

O ricto assustador durante a levitação é, pelo menos em parte, reminiscência de São José de Copertino, o levitador mais famoso de todos, que, segundo declarações de testemunhas, começava e terminava êxtases com um grito agudo e penetrante.

Os Sonhos e as Premonições de Chris Sizemore

As pessoas que sofrem de personalidades múltiplas já têm problemas suficientes. No entanto, como Chris Sizemore, protagonista na vida real de As Três Faces de Eva, muitas dessas pessoas relatam serem atormentadas por imagens psíquicas e sonhos.

Sizemore diz que viveu sua experiência mediúnica mais marcante ainda criança, quando sua irmã teve pneumonia. Pelo menos todo mundo pensava que fosse pneumonia, exceto Chris, que contou um sonho perturbador. Ela se viu descendo uma colina muito arborizada, em direção à planície. Quando se virou para subir o morro outra vez, Jesus apareceu diante dela e disse:

- Minha filha, sua irmã está como difteria, não pneumonia. Conte a sua mãe.

Quando Chris contou o sonho aos pais, eles receberam a informação com ceticismo. Mas chamaram o médico da família, que reexaminou a menina e diagnosticou o caso como difteria. O sonho de Chris provavelmente salvou a vida da irmã.

Nessa época, Chris já sofria por causa das múltiplas personalidades. Ela jamais foi curada por seus psiquiatras, a despeito do soerguimento moral que culminou com um livro e um filme sobre sua vida. Passou vários anos perturbada, vivendo períodos em que mudava de personalidade constantemente, em Roanoke, Virginia, onde suas experiências mediúnicas ocorreram repetidas vezes.

Esses episódios normalmente assumiam a forma de premonições e, invariavelmente, focalizavam sua família. Certa ocasião, ela teve uma visão em que o marido foi eletrocutado. Pediu-lhe para que não fosse ao trabalho naquele dia. O substituto, enviado para reparar alguns cabos de força, morreu eletrocutado durante o serviço.

Posteriormente, sentiu medo quando a filha teve de tomar a vacina antipólio do dr. Salk. O marido recusou-se a levar a premonição a sério, e a pequena recebeu uma dose de vacina estragada. Resultado: a menina ficou seriamente doente.

O OVNI de Stonehenge

De modo geral, pousos de OVNIs são imaginados como acontecimentos furtivos, realizados em áreas relativamente isoladas, longe de olhos curiosos. Nenhum OVNI, por exemplo, jamais apareceu no jardim da Casa Branca, nem pousou em plena praça Vermelha.

Não obstante, os OVNIs freqüentemente têm sido vistos em cidades populosas. Várias pessoas declararam que viram um disco voador pousar no edifício de

apartamentos Stonehenge, em Jersey City, na noite de 12 de janeiro de 1975. O objeto esférico foi visto por pelo menos nove observadores, inclusive o porteiro, tanto dentro como fora do prédio.

De acordo com os relatórios publicados, depois que o OVNI desceu no parque, uma portinhola foi aberta, e pequenos ocupantes humanóides, vestidos como "garotos com roupas apropriadas para a neve", desceram por uma escada. Em seguida, eles começaram a escavar a grama com instrumentos semelhantes a pás. Retiradas as amostras do solo e colocadas dentro de objetos extraterrestres semelhantes a baldes, os diminutos humanóides voltaram à nave espacial. Ela então decolou com um brilho de luz muito intenso, e desapareceu no céu da noite.

- A esfera era escura, quase preta - segundo as declarações de uma testemunha - e fazia um ruído monótono, como um motor de geladeira.

Um ano depois, em janeiro e fevereiro de 1976, ao que parece, o OVNI voltou ao

mesmo local das escavações anteriores. Ele foi visto em três ocasiões distintas por moradores do edifício de apartamentos Stonehenge e por pedestres que passavam por ali. Existe uma curiosa coincidência com o nome do edifício de apartamentos. Na Inglaterra, na planície de Salisbury, as estranhas e não identificadas ruínas de Stonehenge, conforme contam, teriam sido construídas para receber visitantes de outros planetas.

Uma Incrível Coincidência

Fatos da vida muitas vezes imitam a ficção. Vejamos o misterioso caso dos dois Richard Parker. O primeiro, um taifeiro, personagem da Narrativa de Arthur Gordon Pym, romance inacabado de Edgar Allan Poe, publicado em 1837. No curso da narrativa de Poe, quatro marinheiros naufragam no mar e escapam em pequeno barco salva-vidas. Ameaçados pela fome, os quatro finalmente decidem tirar a sorte para ver quem seria sacrificado e canibalizado pelos outros três. Parker tirou o palito mais curto e foi prontamente esfaqueado e devorado pelo trio de sobreviventes.

Mais de quarenta anos depois a história inacabada de Edgar Allan Poe repetiu-se com incrível precisão e com detalhes macabros. Quatro sobreviventes de um

naufrágio salvaram-se com o bote salva-vidas, tiraram a sorte com palitos para ver quem sobreviveria e quem seria devorado. E o perdedor foi Richard Parker, o taifeiro do navio. Seus companheiros foram julgados por um tribunal inglês, em 1884.

O evento macabro talvez nem tivesse chegado ao conhecimento do grande público, não fosse um concurso patrocinado pelo London Sunday Times em busca de coincidências incríveis. Nigel Parker, um menino de 12 anos, venceu a competição. O infeliz taifeiro devorado pelos companheiros de navio fora primo do bisavô de Nigel.

O Sonho da Sra. Wragg

Grandes calamidades já foram previstas em sonhos. Visões noturnas também já salvaram vidas, inclusive a do capitão Thomas Shubrick, cujo navio zarpou de Charleston, Carolina do Sul, em direção a Londres, em 1740. Shubrick mal saíra do porto quando enfrentou uma terrível tempestade. O vento soprava com tanta violência que amigos e parentes em Charleston começaram a orar pela sobrevivência dos tripulantes. Não havia esperança de que o navio conseguisse voltar ileso ao porto.

Mas naquela noite a mulher de um dos amigos mais íntimos de Shubrick, uma certa sra. Wragg, teve um sonho em que viu o capitão vivo e agarrado a destroços flutuantes. A visão comoveu-a de tal forma que ela insistiu com o marido para que liderasse uma patrulha de busca e salvamento. Um pequeno barco foi lançado ao mar, porém os ocupantes retornaram de mãos vazias.

O sonho repetiu-se uma segunda vez, e a patrulha de resgate voltou novamente sem sucesso. Quando o sonho aconteceu pela terceira vez, a sra. Wragg implorou para que o marido tentasse de novo. Na viagem final, o capitão Shubrick e outro marujo exausto foram resgatados. Eles estavam agarrados a um destroço do navio naufragado. A persistência foi compensada, assim como o sonho contínuo da sra. Wragg.

O Fantasma Acusador

Frederick Fisher bebera na noite de 26 de junho de 1826, quando saiu cambaleando de um bar em Campbelltown, Nova Gales do Sul. Já levara uma vida desregrada, ganhara e perdera muito dinheiro, e passara de prisioneiro a próspero fazendeiro. Poucos meses antes, na verdade, ele fora trancafiado na cadeia por não pagar dívidas, deixando seus bens nas mãos de um ex-presidiário chamado George Worrall.

As suspeitas surgiram quando Fisher desapareceu após aquela noite no bar e Worrall foi visto usando uma calça que pertencia a ele. De acordo com a história contada por Worrall, Fisher rumara para a Inglaterra a bordo do Lady Vincent. No entanto, os policiais não acreditaram nessa versão e afixaram cartazes oferecendo 100 dólares de recompensa por informações que os levassem à descoberta do corpo de Fisher.

Interrogado novamente, Worrall admitiu que quatro de seus amigos haviam assassinado Fisher. Ainda céticos, os policiais prenderam Worrall. Contudo, na falta de um cadáver, eram poucas as chances de que ele viesse a ser condenado.

O impasse entre Worrall e as autoridades persistiu até o inverno daquele ano. Certa noite, James Farley, fazendeiro muito respeitado na comunidade, passou pela casa de Fisher. Uma figura sinistra estava sentada na balaustrada, apontando para um lugar nos estábulos. Convencido de que vira um fantasma, Farley saiu correndo dali.

O fazendeiro entrou em contato com o policial Newland, e o oficial, em companhia de um rastrejador da região, visitou a propriedade de Fisher. Os dois encontraram vestígios de sangue humano na balaustrada e, no local indicado pelo fantasma, cavaram e encontraram o corpo de Fisher em adiantado estado de decomposição. Worrall foi mandado para a forca, condenado pelo fantasma do amigo que ele assassinara.

As Profecias de Mother Shipton

Os visitantes que vão a Knaresborough, localizada às margens do rio Nidd, Yorkshire, costumam percorrer o velho poço e a caverna onde viveu Ursula

Sontheil. Deformada durante o nascimento, em julho de 1488, Ursula ficou mais conhecida como Mother Shipton, a profetisa que previu a morte de reis e o advento do automóvel, do telefone e do submarino.

A despeito da deformidade física, a jovem Ursula tinha mente ágil, e aprendeu a ler e a escrever com extraordinária facilidade. Aos 24 anos, casou-se com Toby Shipton, de Shipton, York. Sua reputação como paranormal em breve ultrapassou os limites locais e chegou à Inglaterra e à Europa; centenas de curiosos passaram a procurá-la para receber seus versos enigmáticos. Alguns pronunciamentos, porém, não foram tão obscuros; previu:

Carruagens sem cavalos trafegarão, e os acidentes de angústia o mundo encherão.

O telefone e a televisão por satélite também foram profetizados por Mother Shipton:

Por todo o mundo voarão os pensamentos com a rapidez de uns poucos momentos.

As pessoas da época devem ter ficado confusas quando ela redigiu os seguintes versos:

O homem sobre e sob as águas caminhará O ferro na água flutuará.

Nos dias de hoje, aceitamos tranqüilamente a existência de submarinos e de navios de guerra de ferro.

Mother Shipton previu muitos dos eventos históricos que moldaram o mundo moderno, inclusive a derrota da Invencível Armada espanhola, em 1588:

E os cavalos de madeira do Monarca Ocidental serão destruídos pelas forças de Drake, afinal.

Alongando-se um pouco mais, ela antecipou a abertura do Novo Mundo ao comércio inglês, por sir Walter Raleigh:

No mar tempestuoso e bravio

Um nobre velejará

E sem dúvida encontrará

Um novo e belo país

De onde ele trará

Uma erva e uma raiz.

A erva, naturalmente, era o fumo; a raiz, a batata. Mother Shipton morreu em 1561, com a idade de 73 anos, depois de ter previsto, com exatidão e alguns anos de antecedência, o dia e a hora de sua própria morte.

Vozes de Espíritos Gravadas em Fita

Quando morreu, em 1987, o paranormal e produtor cinematográfico sueco Friedrich Jürgenson deixou extraordinária biblioteca. Ela continha milhares de fitas gravadas com vozes misteriosas - vozes que, conforme Jürgenson, haviam sido produzidas pelos mortos.

Jürgenson começou suas pesquisas com o mundo da mediunidade nos anos 50, interessado em estabelecer contato com os mortos. Desejoso de descobrir se os mortos podiam gravar as vozes em fitas magnéticas, Jürgenson passava horas e horas sentado junto ao gravador, pedindo solenemente aos espíritos que aparecessem e falassem através das fitas. Nada aconteceu durante meses, até que ele tentou gravar o canto de um pássaro perto de casa. No momento da reprodução, ocorreu estranha interferência, sugerindo ao cinegrafista a presença de sons sobrenaturais.

- Algumas semanas mais tarde, fui a uma pequena cabana na floresta e tentei outra experiência - revelou Jürgenson.

Em entrevista concedida ao Psychic News, de Londres, ele declarou:

- É claro que eu não tinha a mínima idéia do que estava procurando. Coloquei o microfone na janela e a gravação aconteceu sem nenhum incidente. No momento de reproduzir os sons, primeiro ouvi o canto de alguns pássaros a distância. Depois, silêncio. De repente, de algum lugar, uma voz, uma voz de mulher falando em alemão: "Friedel, minha pequena Friedel, você pode me ouvir?"

Jürgenson ainda não percebera que estava iniciando uma longa pesquisa para

entrar em contato com os mortos. Alguns parapsicólogos também ficaram interessados no projeto. William G. Roll, da Fundação de Pesquisas Psíquicas, então sediada em Durham, Carolina do Norte, visitou o produtor cinematográfico em 1964 para realizar algumas experiências. Nessas sessões, Jürgenson colocava uma fita virgem no gravador, e então todas as pessoas presentes na sala começavam a conversar casualmente. Quando a gravação era reproduzida, vozes extras podiam ser claramente ouvidas entre as das pessoas que haviam participado da conversa.

Roll, parapsicólogo extremamente conservador, ficou tão impressionado que fez um relatório especial na viagem à Escandinávia.

- Jürgenson e as vozes de seus "espíritos" - declarou - certamente parecem ser reais.

O Carro Fatal do Arquiduque

Os defensores do meio ambiente estão sempre acusando o automóvel como a maldição do século 20. Alguns carros, de fato, foram amaldiçoados, mas não da forma prevista pelos ecólogos.

A limusine conversível em que o arquiduque Francisco Fernando de Habsburgo, herdeiro dos tronos da Áustria e da Hungria, foi assassinado parece ter sido um desses carros malditos. O atentado, em que morreu a mulher do arquiduque, constituiu o estopim da Primeira Guerra Mundial.

Logo após o início da guerra, o carro foi conduzido pelo general Potiorek, da Áustria, que, posteriormente, caiu em desgraça na batalha de Valjevo e morreu louco. Um capitão de seu Exército foi o próximo a assumir a propriedade do carro. Nove dias depois, o oficial atropelou e matou dois camponeses, perdeu a direção e colidiu com uma árvore, quebrando o pescoço.

O governador da Iugoslávia adquiriu o conversível maldito após o fim da guerra, mas também não teve sorte, sofrendo quatro acidentes graves em quatro meses. Em um deles, chegou a perder o braço. A máquina passou, em seguida, para as mãos de um médico, que, seis meses depois, capotou e morreu. Um rico joalheiro foi o próximo a comprá-lo - e cometeu suicídio.

Os desastres tiveram seguimento quando outro proprietário, piloto suíço de corridas, colidiu nos Alpes italianos e foi atirado de encontro a um muro, vindo a morrer. Um fazendeiro sérvio, que esqueceu de desligar a chave da ignição enquanto o automóvel estava sendo guinchado, foi a próxima vítima, quando o veículo começou a se movimentar e saiu da estrada.

O último motorista a sofrer os azares do conversível foi Tibor Hirsh field, dono de uma oficina de reparos, que estava voltando de um casamento com quatro companheiros quando o carro bateu ao tentar ultrapassar outro automóvel em alta velocidade. Os amigos de Hirshfield morreram instantaneamente.

O carro foi colocado por fim em um museu de Viena, onde sua sede de sangue parece ter sido saciada - pelo menos temporariamente.

Fantasmas da Mente

Sabemos que a mente pode criar seus próprios fantasmas, mas o que sabemos sobre sua capacidade de projetar essas imagens no mundo exterior, além dos limites do cérebro? E o que acontece quando a projeção mental adquire vida própria?

A estranha experiência de madame Alexandra David-Neel responde, de certa forma, a essas questões. Ela, que viveu até a idade de 101 anos, foi uma das muitas mulheres do Império Britânico que viajaram sozinhas para o misterioso Oriente e deixaram relatos escritos das viagens.

Alexandra não só viajou por grande parte do primitivo Tibete do século 19, como também seguiu meticulosamente a religião e os ensinamentos dos lamas budistas com os quais conviveu. Seu ritual mais surpreendente envolveu a criação do que os tibetanos chamavam de tulpa, ou fantasma gerado pela mente. Os lamas a advertiram de que esses "filhos de nossa mente" podiam, algumas vezes, ficar perigosos e incontroláveis, porém ela persistiu na experiência.

Longe de todos, Alexandra se fechou e começou a se concentrar, após haver estabelecido como alvo de sua tulpa a imagem de um monge gordo e de baixa estatura.

- Um homem do tipo inocente e alegre - de acordo com suas próprias palavras.

Depois de conseguir um resultado surpreendente, ela começou a trator o novo "companheiro" como qualquer pessoa humana em seu apartamento.

Quando madame Alexandra saía para cavalgar, o monge etéreo a acompanhava. Da sela, ela olhava por cima do ombro e via o tulpa.

- Ele se dedicava a várias ações comuns aos viajantes, que eu não ordenara.

Como resultado das experiências, outras pessoas que entravam em contato com Alexandra começaram a ver o monge, confundindo-o com um ser vivente. Nesse ponto, seu tulpa modificou-se completamente, e para pior. As feições dele tornaram- se malignas. No entanto, quando ela decidiu eliminar o monge da mente, a erradicação demonstrou ser quase tão difícil quanto a criação original. Em seu livro Magic and Mystery in Tibet (Magia e Mistério no Tibete), Alexandra David-Neel relata os seis meses de luta árdua que se seguiram, antes que aquele monge, fruto de sua própria imaginação, pudesse finalmente desaparecer.

- Não há nada de estranho no fato de eu ter criado minha própria alucinação - concluiu Alexandra. - O mais interessante é que, nesses casos de materialização, outras pessoas conseguem ver os fantasmas da mente.

De Manila à Cidade do México

No dia 25 de outubro de 1593, a estrutura do espaço e do tempo se rompeu, depositando um soldado espanhol de Manila, capital das Filipinas, na praça principal da Cidade do México, a 14 500 quilômetros de distancia. O soldado, vestido com uniforme diferente dos daqueles que o cercavam, rapidamente atraiu a atenção de verdadeira multidão, sendo forçado a depor as armas.

Quando as autoridades locais exigiram dele uma explicação, o soldado boquiaberto só conseguiu gaguejar:

- Sei muito bem que este não é o palácio do governador em Manila, porém aqui estou eu, e este é um palácio de algum tipo. Portanto, estou cumprindo meu dever da melhor forma possível.

Pressionado para dar maiores detalhes, ele disse que o governador das Filipinas

fora assassinado na noite anterior, e que por isso havia a necessidade de guardas adicionais.

Não é preciso dizer que o confuso sentinela foi logo levado para a cadeia, onde ficou até que um navio espanhol vindo das Filipinas confirmou-lhe as palavras a respeito do assassinato do governador.

Além disso, o soldado "teletransportado" ainda saiu-se melhor do que o homem com uma história similar, preso por autoridades portuguesas em 1655. De acordo com o livro Miscellanies, de John Aubrey, o homem estivera em Goa, antiga colônia portuguesa na Índia, quando, de repente, viu-se transportado pelo ar, de volta a Portugal.

Acusado de bruxaria pelos membros da Inquisição portuguesa, o infeliz acabou sendo queimado em praça pública.

Guerra Paranormal

O interesse meramente superficial pelos fenômenos mediúnicos já ficou para trás, e o motivo não é difícil de se avaliar. Se a clarividência, a visão de objetos colocados a distância e a psicocinese forem realmente faculdades humanas controláveis e passíveis de repetição, como parecem ser, nenhuma superpotência pode permitir que a outra assuma a dianteira na habilidade de uma guerra mediúnica.

De acordo com Charlie Rose, membro do United States House Select Committee on Intelligence, os poderes mediúnicos podem ser definidos da seguinte maneira:

- Um sistema de radar tremendamente mais barato. E se os russos o tiverem e nós não, estaremos em apuros.

Charlie também expressou preocupação com as discrepâncias nos níveis de fundos para pesquisas dos poderes paranormais entre as duas superpotências.

- Sabemos que os EUA estão gastando entre 500 mil e 1 milhão de dólares, enquanto o orçamento dos soviéticos é, segundo estimativas, pelo menos dez, e talvez até cem vezes esse valor.

Além disso, os estudos soviéticos não se concentram unicamente na percepção passiva. Por exemplo, um documento da Defense Intelligence Agency (DIA) sobre

"Pesquisas Realizadas por Soviéticos e Tchecos em Parapsicologia" detalha experiências russas em que um médium conseguiu fazer com que o coração de uma rã parasse de pulsar.

De acordo com o relatório da DIA, o coração da rã foi colocado em um vidro à distância de 1 metro da médium. Quando ela se concentrou para controlar as pulsações, conforme mostrou o eletrocardiograma, o índice de contração realmente diminuiu.

"Cinco minutos após o início da experiência", descreve o relatório, "ela conseguiu interromper a pulsação inteiramente."

A possibilidade de se usar o poder da mente na guerra abre uma caixa de Pandora de grandes possibilidades. Não só um líder individual estaria sujeito a assassinato sob controle remoto, como também armas termonucleares poderiam sofrer ameaças psíquicas, ou até mesmo explodir.

- Basta apenas a habilidade de mover um oitavo de onça de um quarto de polegada - segundo Ron Robertson, encarregado de segurança do Laboratório Lawrence Livermore.

Ameaça similar é apontada por Robert A. Beaumont, historiador militar da Texas A&M University, em Signal, a publicação da U. S. Armed Forces and Electronics Association.

- Um efetivo sistema de percepção extra-sensorial - revelou Beaumont - ofereceria, dependendo da natureza do fenômeno, grande potencial ao executor de um ataque surpresa, a partir das influências psíquicas dos alvos, através da premonição e do conhecimento remoto à transmissão de mensagens, sob os limites de descoberta e contramedidas de uma vítima em potencial.

O Derradeiro Segredo dos OVNIs

Robert Sarbacher, médium americano que morreu em julho de 1986, declarou a um grupo de cientistas canadenses em reunião no escritório do Departamento de Defesa, em 15 de setembro de 1950, que ficara sabendo de um segredo dos EUA. Segredo ainda mais importante do que a bomba H.

O segredo era que o governo dos EUA possui os restos de espaçonaves extraterrestres e os corpos de seres alienígenas. O dr. Sarbacher contou aos cientistas que o assunto estava sendo estudado por um grupo supersecreto chefiado pelo dr. Vannevar Bush, principal assessor do presidente Truman para assuntos científicos.

Sarbacher não era o tipo de homem dado a exageros. Seu verbete no Who's Who in America é constituído de um parágrafo de letras miúdas, que atestam uma carreira bem-sucedida nos campos científico, acadêmico e empresarial. Durante a Segunda Guerra Mundial e depois, ele ofereceu voluntariamente seus serviços ao governo, em troca de um salário simbólico de "1 dólar por ano", e especializou-se em questões relativas ao controle de mísseis teleguiados.

Os canadenses, que se encontravam regularmente com Sarbacher para trocar idéias sobre a segurança nacional dos dois países, perguntaram ao colega americano se havia alguma verdade nos persistentes boatos a respeito de uma prova física direta da realidade dos OVNIs. Sarbacher confirmou a existência de provas, mas recusou-se a fornecer maiores detalhes, alegando ser o assunto extremamente confidencial.

Um dos canadenses, W. B. Smith, engenheiro especializado em transmissões de rádio, ficou tão impressionado que, ao retornar a Ottawa, insistiu junto a seu governo para que fosse criado um projeto voltado para os OVNIs. Pouco depois, tal projeto, de codinome "Magnet", entrou em operação, sob a direção do próprio Smith. No entanto, ele não ficou sabendo de mais nada a respeito dos supostos segredos do governo americano sobre os OVNIs.

Em 1983, Willian Steinman, investigador de objetos voadores não identificados, localizou Sarbacher, que na ocasião morava na Flórida, e perguntou-lhe o que ele contara aos cientistas canadeneses. Sarbacher respondeu:

- Embora eu não tenha me envolvido diretamente no projeto de recuperação dos OVNIs, lembro-me de que certos materiais, supostamente originários de discos voadores acidentados, eram extremamente leves e muito resistentes. Havia relatórios informando que os instrumentos ou as pessoas que operavam essas máquinas eram também muito leves, o suficiente para suportar as tremendas forças de aceleração e desaceleração associadas com seus equipamentos.

E prosseguiu Sarbacher:

- Em conversa com algumas das pessoas no escritório, tive a impressão de que esses "alienígenas" tinham estrutura semelhante à de certos insetos que observamos na Terra.

Entrevistado por outro investigador, Sarbacher disse que os cientistas acreditavam que as espaçonaves teriam vindo de outro sistema solar. Ele afirmou que fora convidado a participar de conferência na base da Força Aérea de Wright-Patterson, em Dayton, Ohio, onde cientistas e militares deveriam relatar o que haviam concluído das análises dos materiais e dos corpos. Infelizmente, devido a outros compromissos inadiáveis, Sarbacher não pôde comparecer, embora tenha, posteriormente, conversado com aqueles que participaram da conferência.

Aqueles que conversaram com Sarbacher ficaram surpresos com a sinceridade óbvia e a recusa firme em entrar em maiores detalhes sobre a história. Seu testemunho pode muito bem representar uma rara olhada por trás das cortinas de segredo que cobrem os conhecimentos do governo americano sobre o que são os objetos voadores não identificados.

As Serpentes Marinhas da Nova Escócia

Há pelo menos um século e meio, os navegantes da Nova Escócia, na costa leste do Canadá, estão encontrando algumas criaturas imensas e de aspecto inusitado.

Uma das primeiras aparições de que se tem notícia ocorreu em 1845, quando os pescadores John Bockner e James Wilson viram uma "serpente" de 30 metros de comprimento na baía de St. Margaret. Eles relataram o que viram ao reverendo John Ambrose, que, pouco tempo depois, teve seu encontro pessoal com o monstro.

Em 1855, habitantes de Green Harbour ficaram horrorizados em ver, conforme palavras de um cidadão, "um comprimento hediondo de terror ondulante" perseguir barcos pesqueiros locais, com o aparente objetivo de causar-lhes danos. Enquanto os pescadores procuravam, desesperadamente, chegar à praia, suas famílias limitavam-se a observar a cena, sem nada poder fazer. Certo observador descreveu a criatura em uma edição da revista americana Ballou's, do século 19:

- Perto do que deveria ser a cabeça, havia uma espécie de corcova com uma massa de cabelos longos, como se fosse crina; na parte de trás, por uns 12 ou 15 metros, moviam-se ou giravam, lentamente, as espirais de seu imenso corpo, que mais parecia o de uma serpente. O movimento era realizado em curvas verticais, as contorções das costas subindo e descendo alternadamente, da cabeça à ponta da cauda, deixando para trás um sulco, como os deixados por navios a hélice sobre a superfície vítrea do mar.

Quando a criatura se aproximou mais da praia, observadores puderam ouvir um som, como se houvesse uma válvula de escape pela qual o animal estivesse exalando vapor. Em seguida, eles puderam ver os dentes brilhantes, olhos ameaçadores, escamas azuis na cabeça e nas costas, coloração amarelada na parte inferior. A cabeça que viram tinha 2 metros de comprimento.

A criatura finalmente desistiu da caça, e os exaustos pescadores puderam chegar em segurança à terra firme. Contudo, a serpente foi vista novamente por três homens em um barco, no dia seguinte. Eles remaram para longe o mais rápido que puderam e não foram perseguidos.

Em 1883, seis militares que pescavam na baía Mahone ficaram surpresos quando viram o que parecia ser a versão aumentada de uma "serpente comum", com uma cabeça de quase 2 metros de comprimento, que saía da água. A criatura, que se movia com agilidade, tinha um pescoço tão grosso quanto uma árvore, coloração marrom-escura ou preta e riscas brancas irregulares. Embora não pudessem ver-lhe o corpo inteiro, as testemunhas concordaram que o animal deveria medir em torno de 25 metros de comprimento.

Em 1894, um homem chamado Barry observou um animal similar quando descansava no cais da cidade costeira de Arisaig. A cerca de 40 metros, e com aproximadamente 20 metros de comprimento, a criatura deslocava-se com movimentos "ondulatórios". Uma cauda "semelhante a meia cauda de uma cavala" também era visível.

Relatórios sobre essas lunkers (criaturas marinhas gigantes), como os habitantes da Nova Escócia as chamam, continuaram até os dias modernos.

No dia 5 de julho de 1976, Eisner Penney, da ilha Cape Sable, na Nova Escócia, viu uma criatura imensa e contou a alguns amigos o que vira. Eles riram da história, mas, alguns dias mais tarde, um deles, Keith Ross, juntamente com o filho Rodney, também viu o monstro.

- O animal tinha olhos tão grandes quanto dois pires, com uma terrível coloração avermelhada - narrou ele. - Era possível ver o vermelho naqueles olhos, como se eles estivessem injetados de sangue. O animal estava com a boca escancarada e eu vi duas presas - suponho que eram presas - na mandíbula superior. Aquele bicho passou bem perto de nós. Pudemos ver seu corpo, cerca de 12 ou 15 metros de comprimento, com a pele acinzentada, semelhante à da cobra, cheia de calombos e cracas. Tivemos a impressão de que aquele animal tinha rabo de peixe, isto é, rabo vertical, e não horizontal como o rabo da baleia.

O barco de Ross afastou-se dali e, em pouco tempo, perdeu a criatura de vista em

um nevoeiro. Ele detectou outro barco através do radar, e dirigiu-se para lá. Ironicamente, Eisner estava naquele barco. Quando Ross contou a ele o que acabara de ver, os dois ouviram o animal passando por eles, a pouca distância. A criatura foi vista novamente, alguns dias mais tarde, pelo pescador Edgar Nickerson.

Ninguém faz a mínima idéia do que possam ser tais criaturas, embora animais similares já tenham sido vistos em todo o mundo. No século passado, essas aparições, chamadas de "serpentes marinhas", eram motivo de acirradas controvérsias entre zoólogos. Deixando de lado as polêmicas, podemos afirmar que essas lunkers da Nova Escócia não são serpentes, nem mesmo serpentes gigantes. As cobras não ondulam verticalmente. Além disso, evidentemente, elas não têm caudas de peixe.

Bombas Voadoras doc 89

A crendice popular data o início do moderno fenômeno dos OVNIs no verão de 1947, quando Kenneth Arnold, empresário de Idaho, viu nove objetos prateados, em forma de lua, voando em formação nas proximidades de Mount Rainier, no Estado de Washington. Vários anos antes, no entanto, no auge da Segunda Guerra Mundial, discos voadores similares foram vistos tanto por aviadores dos Aliados quanto pelos do Eixo, em companhias na Europa e no Pacífico.

Do lado dos Aliados, pelo menos, essas luzes noturnas e esses discos diurnos passaram a ser conhecidos como Foo Fighters, por causa de um personagem popular das histórias em quadrinhos de Smokey Stover, que vivia sempre resmungando, Where there's foo, there's fire. A palavra foo, naturalmente, era uma pronúncia errada da palavra feu, que, em francês, significa fogo.

O encontro mais bem documentado de um Foo Fighter ocorreu na chamada "Quinta- Feira Negra" - 14 de outubro de 1943 -, quando uma fortaleza voadora B-17 da Força Aérea americana sofreu sérias avarias durante um bombardeio contra as fábricas de rolamentos de Schweinfurt, defendidas por baterias antiaéreas. O historiador Martin Caidin referiu-se ao caso nos seguintes termos:

- Um dos incidentes mais desconcertantes da Segunda Guerra Mundial, e um

enigma que, até os dias de hoje, desafia qualquer explicação.

Quando o 384º Grupo de Bombardeio completou sua passagem sobre o alvo, inumeráveis pilotos e artilheiros na esquadrilha viram um grupo de pequenos discos de prata a sua frente. O avião Número 026, em uma manobra para evitar uma colisão frontal, agiu imediatamente, porém foi tarde demais. De acordo com o relatório do incidente, "a asa direita do bombardeiro passou diretamente através do grupo de discos sem nenhum efeito nos motores ou na superfície do avião". O piloto acrescentou que um dos discos chegou a bater no leme de profundidade, mas que a colisão não resultou em explosão ou dano.

Acompanhando os discos, à distância de cerca de 6 metros, eles viram vários objetos pretos, que deviam medir 9 por 12 metros. Esses objetos, também, parecem não ter causado nenhum dano à fortaleza voadora. O relatório informa ainda que dois outros aviões voaram através dos discos sem danos aparentes.

Foo Fighters também foram vistos como luzes noturnas, com coloração laranja-avermelhada, ou branca. Na noite de 23 de novembro de 1944, por exemplo, os três tripulantes a bordo de um avião do 415º Esquadrão Aéreo Noturno encontraram uns dez desses misteriosos globos sobre o rio Reno, ao norte de Strasbourg.

- A princípio, eles pareciam estrelas brilhando a distância - declarou o tenente Fred Ringwald, do Serviço Secreto -, porém em questão de minutos já semelhavam bolas alaranjadas que se moviam pelo ar a incrível velocidade.

Outro piloto de um B-17, Charles Odom, de Houston, recordou como foi sua experiência com um Foo Fighter após a guerra:

- Os discos eram semelhantes a bolas de cristal, com o tamanho de bolas de basquete - disse ele. - Pareciam ficar magnetizados por nossa formação, e voaram ao lado de nossos aparelhos. Depois de algum tempo, eles manobraram como aviões e se afastaram.

Telepatia Salva-Vidas

Existe grande número de provas sugerindo que a telepatia ocorre, na maioria das

vezes, entre pessoas que se conhecem. Mas, de acordo com caso relatado pelo parapsicólogo Lyall Watson, esse não é um fato irrefutável.

O fato estudado por Watson refere-se a um marujo chamado Shep, que resolvera trabalhar em um barco pesqueiro do Havaí.

Em determinado ponto da expedição, o tripulante decidiu ir a seu camarote. Ele começou a descer a escada em direção ao alojamento dos tripulantes no castelo de proa, porém escorregou e caiu de costas nos degraus. Paralisado pela queda e sofrendo dores horríveis, Shep pensou que fosse morrer. E às 21h12 daquela noite, seus pensamentos voltaram-se para certa amiga.

A amiga, uma mulher chamada Milly, visitava a mulher do capitão do barco naquela noite. A esposa do capitão, originária da Samoa, fazia tricô durante a visita, quando, de repente, sentiu uma dor estranha na cabeça. Caiu no chão como se tivesse entrado em transe, e começou a dizer:

- Alguma coisa muito ruim aconteceu no barco.

Ela sabia que a impressão não se referia ao marido, mas não podia ser mais precisa. Milly consultou o relógio e viu que eram 21h14.

No entanto, foi somente na manhã seguinte que as mulheres ficaram sabendo da notícia, através da Guarda Costeira. Eles haviam levado Shep a Kauai, com fratura nas costas.

Contudo, por que foi a mulher do capitão que recebeu a mensagem telepática e não Milly, a boa amiga de Shep?

- O emissário da mensagem era homem de uma cultura que, pelo menos inconscientemente, permitia e aceitava a existência da telepatia - explica Watson. - A mensagem destinava-se a uma mulher cuja criação a tornou menos receptiva e, quando provou não reagir ao apelo telepático, a mensagem acabou chegando à mente da outra pessoa que estava próxima, pessoa esta apenas indiretamente envolvida, mas cujo background cultural, auxiliado pelo nível de percepção, facilitou o contato.

O Rapto do Policial

A manhã de 3 de dezembro de 1967 acabou sendo diferente de qualquer outra na vida de Herbert Schirmer, policial de Ashland, Nebraska. O diário de anotações de Schirmer daquele dia continha uma frase bizarra: "Vi um DISCO VOADOR no cruzamento da rodovia 6 com a 63. Acredite se quiser!"

Às 2h30, durante a patrulha de rotina, Schirmer vira o que lhe parecera ser uma grande bola de futebol circundada por luzes vermelhas e brilhantes, nas proximidades do cruzamento das duas rodovias, nos arredores de Asland. Sozinho na viatura, o policial ficou observando em silêncio, enquanto o OVNI se elevou do solo, deixando um rastro de fogo vermelho-alaranjado e emitindo um som agudo semelhante ao de uma sirene.

Ao preencher seu relatório trinta minutos depois, Schirmer consultou o relógio e, de repente, ficou atônito. Ele tinha certeza de que não mais de dez minutos haviam se passado antes de ver o estranho objeto, e agora o relógio marcava 3 horas. O que acontecera com os vinte minutos que faltavam?

Sob hipnose, conduzida pelo dr. Leo Sprinkle, psicólogo da Universidade de Wyoming, o policial conseguiu lembrar de detalhes adicionais do encontro aparentemente inócuo com o disco voador.

- A experiência começou - afirmou Schirmer - quando aquele objeto voador me puxou com o carro até o alto da colina. O carro parou e dois humanóides saíram pela parte de baixo do OVNI. Uniformizados, eles tinham testa alta, nariz comprido, pele acinzentada e olhos redondos, como os dos gatos. E continuou o policial:

- Um dos alienígenas carregava um instrumento semelhante a uma caixa, que emitia luz verde. Esse ser estranho caminhou ao redor de minha viatura. O outro enfiou o braço através da janela aberta e tocou em meu pescoço. Senti uma dor forte.

Schirmer declarou que o humanóide o tocou e perguntou:

- Você é o policial desta cidade?

- Sim, sou - respondeu Schirmer.

Com voz profunda, sem movimentar a boca, o "líder" dos dois então ordenou:

- Policial, venha comigo.

Dentro da nave espacial, o humanóide mostrou a Schirmer sua fonte de força.

- De mecanismo giratório, era semelhante à metade de um casulo, que emitia cores claras como as do arco-íris.

Ele informou ao policial que a nave empregava "magnetismo elétrico reversível".

- Eles me disseram que tinham vindo à Terra em busca de eletricidade.

O passeio turístico pela nave incluiu também um segundo nível acima da sala de força, onde Schirmer viu muitas coisas.

- Notei vários tipos de painéis e computadores... um mapa na parede, e... uma tela enorme. O mapa mostrava um sol com seis planetas em órbita em outra galáxia. Eles já nós observam há muito tempo.

O líder humanóide tornou a falar:

- Policial, venha comigo.

E Schirmer foi levado para fora da nave.

- O que você acabou de ver e ouvir - disse ele - será esquecido.

Schirmer foi, posteriormente, interrogado pelo University of Colorado Condon Committee, que, na ocasião, realizava uma investigação sobre OVNIs para a Força Aérea. Os participantes do projeto concluíram que o "o relatório do policial sobre a experiência a bordo de um OVNI não foi fisicamente real".

Mas Sprinkle, que conseguiu, por meio da hipnose, fazer com que Schirmer retornasse à experiência, discordou:

- O policial - declarou Sprinkle - acreditou na realidade dos fatos que descreveu.

OVNI Presidencial

- Estou convencido da existência dos OVNIs, porque tive a oportunidade de ver um deles.

Quem está falando? Nada menos do que James Earl Carter, Jr., ex-oficial da Marinha diplomado em física nuclear e presidente dos EUA de 1976 a 1980.

A visão de Carter ocorreu durante seu mandato como senador pela Geórgia, no dia 6 de janeiro de 1969, na companhia de uma dezena de membros do Leary Lions Club. O grupo aguardava o início de um discurso, quando um dos membros notou o objeto brilhante que pairava a baixa altura no céu, a oeste.

- Foi a coisa mais incrível que já vi - revelou Carter. - Era grande, muito brilhante, mudava de cores, e devia ter o tamanho aproxima do da Lua.

Ele observou aquele objeto durante dez minutos, porém nenhuma daquelas pessoas conseguiu imaginar o que poderia ser.

- Uma coisa é certa - acrescentou Carter. - Jamais rirei de pessoas que afirmam já ter visto objetos voadores não identificados no céu.

Seis meses após sua eleição como presidente, em resposta à pressão do público e para pagar uma promessa feita durante a campanha, Carter pediu ao dr. Frank Press, seu assessor para assuntos científicos, que perguntasse à NASA (Agência Nacional de Aeronáutica e Espaço) sobre a possibilidade de reavaliar o fenômeno dos OVNIs. Embora tenha se recusado a abrir nova investigação, o administrador da NASA, dr. Robert Frosch, declarou:

- Se algum elemento novo ou prova concreta for trazido a nossa atenção no futuro,

será inteiramente apropriado para um laboratório da NASA analisar e fazer um relatório sobre a amostra inexplicada ou inorgânica. Estamos prontos para agir positivamente a qualquer prova física de fontes dignas de crédito. Pretendemos deixar as portas abertas para tais possibilidades.

Em Águas Profundas

As pessoas que visitam o Museu Topkapi, em Istambul, Turquia, são informadas das crueldades e dos perigos da época em que o Topkapi, construído no alto de um penhasco sobre o Bósforo, era o palácio imperial do sultanato turco. Os sultões da Turquia, como os imperadores romanos, exerciam poder de vida e morte sobre seus súditos. Uma das lendas mais desalentadoras a respeito desse arbítrio refere-se ao que acontecia às concubinas imperiais que, infiéis ou insolentes, desagradavam o sultão.

"Abdul, o Maldito", foi governante especialmente notório. Suas infelizes concubinas eram colocadas vivas dentro de um saco cheio de pedras e atiradas nas águas do Bósforo. Contudo, elas não desapareceram totalmente. Anos mais tarde, mergulhadores que trabalhavam em águas profundas nas proximidades do palácio encontraram esses sacos em pé, no fundo do mar, balançando de um lado para outro, como se estivessem vivos, nas frias águas da corrente.

Em 1957, um episódio submarino ainda mais assustador foi vivido por mergulhadores da Tchecoslováquia, no local chamado Lago do Diabo. Os mergulhadores estavam à procura do corpo de um jovem que, presumivelmente, teria morrido afogado quando trafegava com seu barco no lago.

O que eles encontraram, no entanto, em águas profundas, não foi um cadáver mas vários, e nem todos eram seres humanos. Havia soldados vestidos com uniformes de combate, alguns sentados em caminhões ou em carretas de munições, e muitos dos cavalos ainda em pé, com arreios. Homens, veículos e animais era tudo o que restava de uma unidade da artilharia alemã que, atravessando o gelo durante a retirada germânica na Segunda Guerra Mundial, afundara devido à ruptura da camada de gelo, provavelmente sob bombardeio, e acabara no fundo do lago. As águas extremamente frias e profundas os preservaram por doze anos, em posição e prontos para o combate - porém mortos.

O Fantasma da Freira

A residência paroquial de Borley, em Essex, Inglaterra, foi constantemente perturbada, desde o início de sua existência, na segunda metade do século 19. Talvez a aparência fantasmagórica - com seus trinta quartos, a construção era considerada uma monstruosidade arquitetônica - cooperasse para os estranhos eventos. Seus primeiros habitantes, o reverendo Henry Dawson Ellis Buli, sua mulher e catorze filhos, contaram muitas histórias relativas a ruídos estranhos e à freqüente aparição do fantasma de uma freira.

Após a morte de Henry, o filho mais velho, Harry Buli, assumiu a residência paroquial de 1892 até 1927, e os inusitados acontecimentos continuaram. O fantasma da freira passou a ser visto com tamanha freqüência que a área onde ela

aparecia veio a ser chamada de Passeio da Freira. Algumas pessoas chegaram a afirmar que viram um cocheiro sem cabeça em uma carruagem puxada por cavalos que soltavam fogo pelas narinas.

Os habitantes que vieram após, o reverendo e a sra. G. Eric Smith, ficaram ali apenas alguns meses, alegando que os bizarros fenômenos eram o motivo da mudança.

Finalmente, o reverendo Lionel Foyster, sua mulher Marianne e a filha chegaram à residência paroquial. As histórias continuaram, com Marianne insistindo que um fantasma a esbofeteara no rosto e a atirara para fora da cama.

Com o objetivo de investigar, o Laboratório Nacional Britânico de Pesquisas Psíquicas interveio. Seu fundador, Harry Price, colocou anúncio no Times de Londres à procura de pessoas que quisessem fazer vigília na residência paroquial mal-assombrada. O anúncio exigia que os observadores fossem imparciais, críticos e inteligentes, e Price levou quarenta deles até a casa. Novamente, eles declararam ter visto objetos se movimentarem e ouvido ruídos inexplicáveis.

O comandante A. B. Campbell disse ter sido atingido por um sabão em pedra, e outro homem, o filósofo C. E. M. Joad, afirmou ter visto o nível do termômetro descer dez graus, sem qualquer motivo aparente.

Seguiram-se muitas controvérsias. Quando os Foyster saíram em férias, o próprio Price mudou-se para a casa e relatou grande variedade de fenômenos, suficientes para escrever um livro. No entanto, após sua morte, os críticos disseram que Price inventara alguns dos eventos e exagerara outros.

A história ficou mais interessante depois que um incêndio destruiu completamente a residência paroquial, em 1939. O reverendo W. J. Phythian-Adams, cônego de Carlisle, no Canadá, sugeriu que a freira tantas vezes vista não era inglesa, como sempre se acreditara, mas francesa. Uma mulher chamada Marie Lurie, segundo constava, abandonara o convento para viver com seu amante no século 18. Fugiram para a Inglaterra, porém o amante voltou-se contra ela e a estrangulou. Acredita-se que ele a tenha enterrado no porão da casa que ocupava as terras de Borley, antes da construção da residência paroquial.

Depois do incêndio, os homens que se dedicavam aos trabalhos de escavação

descobriram a sepultura, que continha apenas algumas medalhas religiosas e o crânio de uma mulher.

A destruição da casa parece ter eliminado os passeios macabros da freira, mas a história não termina aí. Os membros de um grupo que tentava realizar, recentemente, estudos científicos naquele local, ouviram ruídos esquisitos e inexplicáveis durante a noite, registraram súbita variação na temperatura, viram luzes de origem desconhecida e sentiram odores estranhos.

A Batalha dos Aliados

No início de agosto de 1951, duas cunhadas inglesas passavam férias na França, quando a tranqüilidade do sono foi interrompida por disparos de canhões. Não demorou muito tempo para perceberem que estavam ouvindo sons de uma guerra. O barulho continuou, interrompido aqui e ali, durante quase três horas.

No dia seguinte, quando as duas mulheres assustadas tentaram descobrir o que acontecera, ficaram chocadas com a notícia de que nenhuma batalha havia sido travada. Na realidade, ninguém mais ouvira nada.

No entanto, depois de uma investigação elas ficaram sabendo que estavam passando as férias em Puys, na praia perto de Dieppe, área ocupada e muito bem fortificada durante a Segunda Guerra Mundial. Ali, quase nove anos antes, os Aliados desencadearam uma invasão dispendiosa e sangrenta. Mais da metade dos 6 086 homens que chegaram à praia, no dia 19 de agosto de 1942, foram mortos, feridos ou capturados.

As inglesas ficaram sabendo que os sons que escutaram eram a reprodução auditiva quase exata daquela batalha, como se elas estivessem naquele hotel no momento em que a invasão aconteceu. Elas ouviram bombas e gritos de madrugada, "por volta das 4 horas", e o barulho parou abruptamente cinco minutos depois. O verdadeiro bombardeio começou às 3h47 e foi interrompido, de acordo com registros militares, às 4h50. Ambas ouviram bombardeios e os gritos dos homens, e então fez-se silêncio outra vez; novamente, os registros militares confirmaram que o bombardeio foi interrompido mais ou menos naquele horário, entre 5h07 e 5h40.

Todos os sons que elas escutaram combinam com os registros militares da batalha. É interessante notar que a batalha parou às 6 horas, o mesmo horário em que todos os ruídos foram interrompidos para as mulheres. No entanto, as cunhadas inglesas ouviram os gritos desesperados de homens feridos e moribundos por mais uma hora, gritos que foram ficando cada vez mais fracos, à medida que o tempo ia passando.

O que Aconteceu em Roanoke?

A primeira criança inglesa nascida nos EUA recebeu o nome de Virgínia Dare. Os pais haviam embarcado para o Novo Mundo com o grupo de pioneiros que desembarcou na ilha de Roanoke, na costa da Carolina do Norte, e Virgínia nasceu pouco depois, no dia 18 de agosto de 1587.

O navio que transportou os Dare para a nova pátria acabou retornando à Inglaterra com todos os homens a bordo, com exceção de dez. Esses homens foram deixados para dar início à colonização, mas, quando o navio seguinte chegou, não foram mais encontrados. O segundo navio também retornou à Inglaterra, dessa vez deixando cem pessoas para dar seqüência à colonização. Algum tempo depois, chegou mais um navio, e seus passageiros, novamente, deram com a ilha vazia.

Não havia vestígios de violência, luta, nem de sepulturas. Apenas a palavra "CRO" entalhada em uma árvore, e "CROATAN" entalhada em outra. Croatan, ilha localizada na costa da Carolina do Norte, era, aparentemente, o lugar onde o grupo de colonos resolvera se instalar. Contudo, o capitão do navio, temendo a falta de alimentos e a aproximação do inverno, decidiu rumar em direção às Antilhas e passar o inverno ali.

Quando o navio seguinte chegou à ilha de Croatan, os tripulantes também não encontraram nada, nem sinais de algum massacre de índios. Não havia sepulturas e, com exceção de histórias ocasionais, que falavam de crianças índias com cabelos "amarelos" e olhos azuis, nenhum dos 110 pioneiros jamais foi encontrado. Embora seja tema de numerosos boatos e lendas, o mistério jamais foi explicado.

A Longa Viagem de Volta

Não sabemos se a capacidade de voltar para casa demonstrada pelos animais resulta de um senso superior de direção ou de uma sexto sentido desconhecido pela ciência. O fato é que a habilidade de orientação do cachorro continuamente surpreende seus melhores amigos. Em pelo menos três casos documentados, os cachorros viajaram milhares de quilômetros, e há vários exemplos de cães que também encontram o caminho de volta em distâncias mais curtas.

Nick, o cachorro de Doug Simpson, por exemplo, desapareceu durante o camping que fizeram juntos na região sul do Arizona, em novembro de 1979. Simpson passou duas semanas procurando desesperadamente o pastor alemão, mas ele não foi encontrado. Simpson acabou retornando para sua casa, na Pennsylvania.

Quatro meses mais tarde, com cortes ainda sangrando e o pêlo arranhado, Nick chegou na casa dos pais de Simpson, em Selah, Washington. O cão aparentemente atravessara o deserto do Arizona, o Grande Canyon, as perigosas montanhas Rochosas, rios congelados, montanhas cobertas de neve e rodovias diversas. Quando chegou à entrada da casa, onde o carro de Simpson estava estacionado, ele desmaiou de exaustão. A mãe de Simpson encontrou o cachorro, que foi recompensado quando seu dono chegou e o levou para casa.

Jessie, outro cão pastor alemão, ficou em Aspen, Colorado, quando seu dono, Dexter Gardiner, mudou-se de East Greenwich, Rhode Island. Sentindo-se abandonado, o cachorro partiu de Aspen e apareceu na casa dos Gardiner seis meses mais tarde, porém a família estava viajando em férias de verão. Depois de breve permanência pelas ruas, Jessie foi recolhido pela sra. Linda Babcock. Mas como não conseguia se esquecer dos antigos donos, resolveu voltar para casa. Dessa vez, os Gardiner não estavam viajando e ficaram contentes com o retorno, embora estranhassem o seu súbito aparecimento. Uma pesquisa sobre a longa viagem de Jessie acabou levando os Gardiner até a sra. Babcock, que, após negociações amigáveis, devolveu o cachorro a eles.

No entanto, o mais longo esforço de volta ao lar aconteceu em 1923, com Bobbie, collie que pertencia a uma família de Silverton, Oregon. Bobbie se perdeu durante as férias familiares em Walcott, Indiana. Seis meses mais tarde, conseguiu voltar para casa, cobrindo distância superior a 3 mil quilômetros. Detalhes da longa

viagem de Bobbie foram posteriormente fornecidos pelas famílias que cuidaram dele por todo o caminho. Fez-se também o levantamento do percurso através dos Estados de Illinois, Iowa, Nebraska, Colorado, Wyoming e Idaho. Bobbie atravessou as montanhas Rochosas em pleno inverno.

O Vôo 1628 da Japan Airlines

A despeito da popularidade da denominação "discos voadores", o fato é que os formatos e tamanhos dos objetos voadores não identificados podem ser classificados em várias categorias, inclusive discos com dezenas de metros de diâmetro, e objetos que parecem triângulos, charutos, e até mesmo bules. OVNIs enormes, freqüentemente acompanhados por objetos voadores menores, são conhecidos como "naves-mães".

Uma dessas naves-mães foi vista pelo piloto do vôo 1628 da Japan Air Lines, um Boeing 747 que ia da Islândia para Anchorage, Alasca, no dia 17 de novembro de 1986. Sobrevoando o Alasca pouco depois das 18 horas, o comandante Kenju

Terauchi declarou estar vendo luzes brilhantes brancas e amarelas à frente.

- Elas estão se comportando como dois filhotes de ursos brincando - afirmou ele.

O comandante Terauchi entrou em contato pelo rádio com Anchorage, e o controlador de vôo confirmou que havia alguma coisa na tela do radar. O piloto japonês ligou o radar colorido digital a bordo do avião e, embora o equipamento tivesse sido projetado para captar sistemas atmosféricos e não objetos sólidos, também registrou uma leitura.

Em seguida, Terauchi percebeu que seu 747 estava sendo seguido por um OVNI gigantesco, em forma de noz, do tamanho de dois porta-aviões. O comandante pediu permissão a Anchorage para executar manobra de 360 graus e para baixar a 31 mil pés, que foi concedida. A nave-mãe continuou no seu encalço durante toda a manobra.
Anchorage enviou dois outros aviões para a área indicada pelo comandante Terauchi, porém quando eles chegaram o OVNI já havia desaparecido. A nave-mãe permaneceu visível e seguindo o 747 durante cinqüenta minutos.

O Enigma de Kaspar Hauser

Kaspar Hauser pode muito bem ter caído do céu. Ele apareceu nas ruas de Nuremberg, Alemanha, em 1828, mal podendo caminhar e pronunciar seu nome. De acordo com carta encontrada em seu poder, Kaspar tinha 16 anos de idade. Mas a carta, redigida em péssima caligrafia e endereçada ao capitão do Sexto Regimento de Cavalaria aquartelado em Nuremberg, dava poucos detalhes sobre a vida do rapaz.

"Se não quiser ficar com ele", dizia a carta, "mate-o ou enforque-o em uma árvore."

Condoído, o carcereiro local instalou Kaspar no próprio alojamento, e começou, lentamente, a ensiná-lo a falar. Tudo que o rapaz podia se lembrar era de que fora criado no escuro de um cubículo, tratado apenas a pão e água. Ele parecia desconhecer as coisas mais elementares. Um observador notou que, quando colocado diante de uma vela, Kaspar ficava o tempo todo tentando pegar a chama com os dedos. No entanto, seu sentido de visão era tão agudo que, segundo consta, conseguia ler no escuro e ver estrelas durante o dia. Era também ambidestro, e tinha marcada aversão por carne.

Por causa de sua história triste, toda Nuremberg adotou Kaspar, tratando-o como um filho. Ele foi colocado sob os cuidados pessoais de um certo professor Daumer, e atraiu a atenção das sociedades alemã e européia.

No dia 17 de outubro de 1829, Kaspar foi encontrado na casa de Daumer com a testa sangrando, resultado de um ferimento com faca, desfechado por um homem mascarado que apareceu de repente e o golpeou. Em 1831, ele foi ferido na testa outra vez, quando um revólver disparou acidentalmente.

No dia 14 de dezembro de 1833, Kaspar saiu correndo do parque, mortalmente ferido por outra punhalada. A polícia deu uma busca no parque, mas não achou a arma. O mistério aumentou ainda mais, porque os policiais encontraram apenas as pegadas de Kaspar na neve. Ele morreu três dias depois.

Von Feurbach, um de seus biógrafos, declarou o seguinte a respeito do enigma de Nuremberg:

- Kaspar Hauser demonstrava deficiência tão grande de palavras e idéias, uma ignorância tão acentuada das coisas mais comuns e um horror tão grande de todos

os costumes, todas as conveniências e necessidades da vida civilizada, e, além disso, havia peculiaridades tão extraordinárias em sua disposição social, mental e física, que qualquer pessoa poderia ser levada a acreditar que ele pudesse ser um cidadão de outro planeta, transferido, através de algum milagre, para o nosso. (Em 1974, o diretor de cinema alemão Werner Herzog realizou um filme, chamado O Enigma de Kaspar Hauser, onde narra a história desse fascinante personagem.)

O Fantasma Saltador

Se Charles Dickens tivesse senso de humor mais vicioso, poderia ter criado um personagem semelhante a Spring-Heel Jack. O fato de ter esse fantasma surgido aparentemente no centro de Londres demonstra que a realidade continua a exceder a imaginação de artistas e escritores.

Spring-Heel Jack surgiu pela primeira vez no início do século passado em Barnes Common, região sudoeste de Londres, pulando diante das pessoas, atacando-as fisicamente, e fugindo sempre com inacreditável capacidade de saltar. Uma das vítimas, Lucy Sales, garota de 18 anos, foi atacada quando se dirigia para casa em Green Dragon Alley, Limehouse. A figura encapotada pulou a sua frente, saindo da escuridão, cuspiu chamas que temporariamente cegaram Lucy, e então afastou-se saltando.

Jane Alsop, de Bearhind Lane, ao abrir a porta de casa para ver quem batia, defrontou-se com uma figura sombria vestida com capa, que disse:

- Sou um policial. Pelo amor de Deus, traga-me um candeeiro. Capturamos Spring-Hell Jack nesta rua!

Ela voltou com uma vela, mas o "policial" jogou para trás as roupas, revelando uma terrível visão vestida com um capacete com chifres e um uniforme branco, que realçava as formas do corpo. Ele imediatamente agarrou-a e começou a passar as mãos em seu corpo. A respeito do atacante, Jane disse:

- O rosto dele era horrendo, seus olhos ardiam como bolas de fogo. As mãos, grandes e frias, pareciam pedras de gelo, e ele cuspia chamas azuis e brancas.

A histeria tomou conta da vizinhança. Foram organizados grupos para manter a

ordem local, porém Spring-Heel Jack estava sempre um salto à frente dos captores. Uma de suas últimas aparições aconteceu no quartel de Aldershot, em 1877, onde atacou três sentinelas. Vários soldados dispararam os fuzis contra o atacante, mas ele conseguiu fugir.

Uma teoria dizia que Spring-Heel Jack seria, na realidade, o vagabundo nobre Henry, marquês de Waterford, que supostamente usava nos tornozelos molas de carruagem, para manter sua atlética agilidade. Essa hipótese parece quase tão incrível quanto a de que Spring-Heel Jack cuspia fogo. O marquês de Waterford teria de repetir o surpreendente ato por mais de quatro décadas, o que não seria nada fácil para um homem que, na ocasião, já deveria passar dos 60 anos.

A teoria parece ainda menos provável à luz do fato de que pára-quedistas alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, realizaram experiências com molas similares, projetadas para suavizar seus pousos. As experiências resultaram em uma série de tornozelos quebrados.

Missie, a Cachorra Vidente

Quando Mildred Probert, gerente aposentada de uma loja de animais de estimação de Denver, Colorado, ganhou Missie, resolveu cuidar da cachorrinha Boston temer, que estava bastante adoentada. Foram necessários cinco anos, mas, finalmente, os extraordinários talentos da cachorrinha emergiram.

Um dia, quando Mildred estava passeando pela rua com Missie, elas passaram por uma mulher acompanhada do filho. Ela perguntou ao menino qual era sua idade, porém o garoto, muito tímido, não respondeu. A mãe disse que o menino tinha 3 anos. Enquanto Mildred tentava fazer o garoto dizer "três", Missie, espontaneamente, latiu três vezes. Todas as pessoas que estavam ali por perto riram da coincidência, mas o episódio acabou mostrando ser mais do que uma simples travessura. Acontece que Missie podia responder a várias perguntas por meio de latidos, especialmente problemas matemáticos. Não demorou muito para que Mildred percebesse que a cachorrinha podia até mesmo prever o futuro.

No entanto, a grande façanha da cachorrinha aconteceu na véspera do Ano-novo, em 1965, quando ela foi "entrevistada" por uma emissora de rádio. Na ocasião,

Nova York defrontava com terrível greve de trânsito, e as negociações haviam chegado a um impasse. Assim, o apresentador do programa quis saber de Missie quando terminaria a greve, fazendo perguntas que pudessem ser respondidas por latidos. A cachorrinha latiu, respondendo que a data crítica seria 13 de janeiro - que foi realmente o exato dia em que a greve terminou. Missie previu também, acertadamente, o time que venceria o campeonato de beisebol daquele ano.

Às vezes, Missie surgia com informações totalmente inesperadas. No dia 10 de setembro de 1965, recebeu a visita de uma mulher grávida. Como a cachorrinha já havia previsto com acerto datas de nascimentos de bebês no passado, decidiu consultá-la. Missie respondeu à pergunta, informando que o nascimento se daria no dia 18 de setembro. A mulher grávida sorriu e não acreditou na "previsão", já que, conforme explicou a Mildred, seu médico já marcara cesariana para o dia 6 de outubro. Ela mostrou-se mais cética ainda quando Missie informou, por meio de latidos, que o bebê nasceria às 21 horas, pois o médico não trabalhava à noite.

Acontece que tudo se passou como Missie previra. A mulher grávida entrou inesperadamente em trabalho de parto no dia 18 e foi levada às pressas para o hospital, onde o bebê nasceu exatamente às 21 horas.

A carreira da cachorrinha como celebridade mediúnica não durou muito tempo. Ela engasgou com pedaços de doce e morreu em maio de 1966. Na ocasião, Walt Disney estava planejando fazer um filme sobre sua vida extraordinária.

O Humanóide Voador

Por volta das 20h30 de uma noite tranqüila, em 12 de julho de 1977, Adrián de Olmos Ordónez, de 42 anos, descansava na sacada de sua casa em Quebradillas, Porto Rico, quando viu alguma coisa esgueirar-se sob a cerca de arame farpado na fazenda próxima.

No escuro, Adrián percebeu que era uma figura pequena, aparentemente uma criança.

Uma observação mais acurada, no entanto, revelou que não se tratava de uma criança normal. A criatura usava uma roupa verde inflada de ar e um capacete metálico.

- O capacete portava antena com luz brilhante ou chama na ponta - afirmou ele.

Adrián chamou a filha Iracema e pediu que lhe trouxesse lápis e papel, para desenhar a figura enquanto a observava.

- Pedi também que apagasse a luz da sala de estar - declarou ele ao ufologista porto-riquenho Sebastián Robiou Lamarche -, mas ela se enganou e acendeu a luz da sacada. A criatura assustou-se e fugiu.

E Adrián acrescentou:

- No instante em que a luz da sacada foi acesa, vi a criatura correr em direção à cerca de arame farpado. A "coisa" passou por baixo dela e então parou. Colocou as mãos na parte frontal do cinto e um objeto que havia em suas costas, que mais parecia uma mochila, acendeu e emitiu um som como o de furadeira elétrica. Então, a criatura elevou-se no ar e saiu voando em direção às árvores.

Nesse ponto, a filha de Adrián, juntamente com a mulher e os outros dois filhos, saíram da casa e viram as luzes do dispositivo voador das costas daquele ser estranho, enquanto ele se afastava em pleno ar.

No decorrer dos dez minutos seguintes ficaram todos a observar as luzes movimentarem-se de árvore em árvore, às vezes descendo rapidamente até o nível do chão. Enquanto isso, um grupo de vizinhos uniu-se a eles e também viu o estranho espetáculo. Finalmente, um segundo grupo de luzes, presumivelmente de outro humanóide, juntou-se ao primeiro - talvez, pensou Adrián, para ajudar o companheiro.

- Tivemos a impressão de que o equipamento das costas da criatura não estava funcionando bem.

Pouco depois, as luzes desapareceram, deixando apenas um punhado de pessoas assustadas, que não perderam tempo em notificar a polícia. Os policiais realizaram ampla investigação, assim como o conhecido ufologista porto-riquenho Robiou Lamarche. Relatando suas investigações para a revista britânica Flying Saucer

Review, Lamarche escreveu:

Durante nossas investigações, pudemos perceber que o sr. Adrián é pessoa séria, trabalhadora e muito respeitada, digna de consideração por parte de todos os

vizinhos. Ele é um empresário dedicado à distribuição de ração para gado em toda a área noroeste da ilha. Jamais se interessara pelo fenômeno dos OVNIs, nem por quaisquer assuntos afins. Adrián nos declarou que agora acredita nessas coisas.

Luz Vermelha Sobre Ithaca

Rita Malley, jovem mãe de dois filhos, dirigia o carro de volta para casa em Ithaca, Nova York, na noite de 12 de dezembro de 1967, quando percebeu que uma luz vermelha a seguia. A princípio, pensou estar sendo seguida por uma viatura policial. Já se preparava para estacionar no acostamento, quando percebeu que a luz estava acoplada a um estranho objeto voador, que se movimentava pouco acima dos fios dos postes de eletricidade à esquerda.

Aquilo já seria suficiente para deixá-la assustada, porém não foi nada comparado ao que aconteceu depois. Percebendo que não conseguia mais controlar o carro, gritou para seu filho, que viajava com ela, alertando-o e falando sobre o risco de acidente. Mas, por estranho que possa parecer, o garoto não respondeu nem se moveu.

- Era como se ele estivesse sofrendo algum tipo de transe - contou Rita posteriormente. - O carro dirigiu-se para o acostamento sozinho, seguiu para um terreno que havia sido preparado para o plantio de alfafa e parou. Percebi um feixe de luz que vinha do objeto - acrescentou ela - e ouvi um ruído monótono. Em seguida, passei a ouvir vozes. As palavras eram interrompidas e rápidas, como as de um intérprete repetindo um discurso nas Nações Unidas.

Rita declarou ter ficado histérica quando lhe disseram que uma amiga se envolvera em terrível acidente, a alguns quilômetros dali. Depois de certo tempo, seu carro começou a se movimentar novamente. Ela pisou fundo no acelerador e procurou chegar logo em casa.

- Percebi que algo estava errado no momento em que ela chegou - revelou o marido John ao repórter do Syracuse Herald-Joumal. - Pensei que talvez tivesse sofrido um acidente com o carro ou coisa parecida.

No outro dia, Rita ficou sabendo que realmente uma amiga sofrerá um grave acidente automobilístico, na noite anterior.

Nos dias que se seguiram, de acordo com repórteres e investigadores de OVNIs que a entrevistaram, a sra. Rita Malley não conseguia falar sobre a bizarra experiência sem chorar.

Extraterrestres Ameaçadores

No dia 3 de maio de 1975, Carlos Antônio de los Santos Montiel sobrevoava a Cidade do México, quando seu avião Piper PA-24 começou a balançar sem motivo aparente. Alguns momentos depois, o jovem piloto percebeu um objeto cinza-escuro em forma de disco, com pouco mais de 3 metros de diâmetro, perto da ponta da asa direita do avião. Objeto voador similar estava seguindo-o pela esquerda.

No entanto, o mais assustador de tudo é que um terceiro objeto vinha direto em sua direção. O OVNI passou tão rente sob o avião que chegou a riscar a parte inferior da fuselagem.

Carlos Antônio sentiu um medo muito grande, e o terror aumentou ainda mais quando descobriu que os controles do aparelho pareciam estar emperrados. Ele não conseguia operá-los, porém, por estranho que possa parecer, o avião continuou voando normalmente a 190 quilômetros por hora.

Quando os objetos voadores saíram de seu campo de visão, o piloto reassumiu o controle do avião. No mesmo instante, ele transmitiu uma mensagem pelo rádio ao aeroporto da Cidade do México, e chegou a chorar quando relatou o sucedido.

O pessoal da torre de controle levou a sério as informações, porque eles captaram os objetos na tela do radar.

- Os objetos fizeram uma curva de 270 graus a 833 quilômetros por hora, em um arco de apenas 5 quilômetros - revelou o controlador de tráfego Emílio Estanol aos repórteres. - Normalmente, um avião voando a essa velocidade precisa de 12 a 16 quilômetros para fazer uma manobra como essa. Em meus dezessete anos como controlador de tráfego, nunca vi coisa igual.

Depois de pousar em segurança, Carlos Antônio foi examinado por um médico, que o considerou apto. Mas em breve o piloto viria a saber que o sofrimento ainda não

terminara.

Sua experiência ganhou a primeira página dos jornais mexicanos e, duas semanas mais tarde, Carlos Antônio, jovem de 23 anos de idade, cuja única ambição na vida era ser piloto de avião de passageiros, foi convidado a participar de um programa de entrevistas na televisão, para falar sobre sua experiência. Embora relutantemente, ele aceitou.

No dia em que seria entrevistado, Carlos Antônio seguia de carro pela estrada, a caminho da televisão. De repente, viu um grande automóvel preto - pensou que fosse a limusine de algum diplomata - cortar a frente de seu carro. Quando olhou pelo espelho retrovisor, notou um carro idêntico que vinha logo atrás. Os dois carros, tão novos que pareciam estar sendo dirigidos pela primeira vez, forçaram-no a sair da estrada.

Assim que parou, os outros dois carros também estacionaram. Carlos Antônio estava para sair do veículo, quando quatro homens altos, musculosos, abriram as portas de suas máquinas e se aproximaram. Um deles colocou as mãos na porta do carro do jovem piloto, como que para assegurar-se de que ele não poderia sair. O homem falou rapidamente, com sotaque estranho, quase "mecânico":

- Escute aqui, rapaz - disse o homem em espanhol -, se você dá valor à sua vida e à de sua família também, não fale mais nada sobre o que viu.

Carlos Antônio, extremamente assustado, limitou-se a observar os quatro homens, de aparência "escandinava", com a pele inusitadamente pálida e ternos pretos, que retornaram a seus carros e afastaram-se dali. Ele fez a volta na estrada e retornou para casa.

Dois dias mais tarde, o jovem piloto contou a história a Pedro Ferriz, o apresentador do programa de televisão em que seria entrevistado. Ferriz, aficionado da ufologia, disse que já ouvira outras declarações a respeito de estranhos "homens vestidos de preto" que ameaçavam testemunhas de OVNIs. Ele assegurou a Carlos Antônio que, a despeito das ameaças, não corria perigo. Com o passar do tempo, persuadiu-o a participar de outra entrevista, que transcorreu normalmente.

Um mês mais tarde, o entusiasta da aviação conheceu o dr. J. Allen Hynek,

astrônomo da Northwestern University, que trabalhara como consultor para assuntos científicos relativos a OVNIs para a Força Aérea dos EUA. Os dois conversaram e, antes de se despedir, Hynek convidou-o a tomar café com ele na manhã seguinte.

Às 6 horas, Carlos Antônio saiu de casa e seguiu em direção ao escritório da Mexicana Airlines, onde já havia preenchido uma ficha de solicitação de emprego. Em seguida, foi ao hotel onde Hynek estava hospedado.

Quando subia a escada, o jovem piloto ficou surpreso ao ver um dos homens de preto que o haviam forçado a sair da estrada, quatro semanas antes.

- Você já foi advertido uma vez - sussurrou o homem - de que não deve falar sobre a experiência. - Como que para reforçar a seriedade da ameaça, ele empurrou-o.

- Olhe - acrescentou -, não quero que se envolva em problemas. E por que você saiu de sua casa às 6 horas esta manhã? Trabalha, por acaso, para a Mexicana Airlines?

Saia já daqui, e não volte!

O rapaz saiu imediatamente, sem se encontrar com Hynek. Recordando tais eventos dois anos mais tarde, Carlos Antônio declarou a dois investigadores americanos de OVNIs:

- Aqueles homens eram muito estranhos. Grandes, mais altos do que os mexicanos, e com a pele muito branca, como se estivessem mortos.

A Legião Fantasma

Em uma noite no mês de setembro de 1974, o escritor A. C. McKerracher decidiu fazer um intervalo em seu trabalho e saiu de casa para respirar um pouco de ar fresco.

McKerracher e a família acabavam de mudar-se para uma casa nova, no alto de um morro, na pequena cidade de Dumblane in Perthshire, Escócia. A noite estava clara e úmida, e a cidade, a seus pés, coberta pela neblina. De repente, o silêncio foi quebrado pelo que lhe pareceu o ruído do movimento de um grande grupo de pessoas atravessando os campos.

Imaginando que devia estar tendo alucinações pelo excesso de trabalho, McKerracher decidiu entrar. Mas, vinte minutos depois, intrigado pelo que poderia estar acontecendo, saiu outra vez e descobriu que os ruídos estavam mais altos e mais próximos do que antes. Dessa vez parecia que poderosa legião marchava do outro lado das casas daquela rua.

- Fiquei pregado no chão, enquanto pessoas que eu não podia ver passavam por mim - recordou ele. - Os caminhantes deviam ser milhares de pessoas, pois o ruído dos passos prosseguia sem parar.

Nessa altura, já temendo pela sanidade mental, McKerracher resolveu voltar para dentro de casa e foi diretamente para a cama. Uma semana depois, quando visitava um casal idoso que morava perto, ele ouviu uma estranha história.

- Tarde da noite, na semana passada, nosso gato e nosso cachorro acordaram abruptamente e passaram a agir de maneira esquisita, os pêlos eriçados - narrou o velho. - Parecia que eles estavam vendo alguma coisa que atravessava os campos, durante uns vinte minutos. Os animais aparentavam estar com muito medo.

McKerracher não lhes contou nada sobre a própria experiência. Contudo, o curioso comportamento dos animais ocorreu exatamente no mesmo horário em que ouvira a legião invisível, uma semana antes. Em busca de explicação, ele logo descobriu que uma antiga estrada romana tomava o rumo norte passando bem por trás das casas do outro lado da rua. Além disso, no ano 117, uma legião de elite havia sido despachada para aquela área, para reprimir uma revolta tribal na Escócia. A legião, conhecida como IX Hispania Legion, era formada de 4 mil homens.

A legião era chamada também de "Unlucky Ninth", pois, no ano 60, homens da IX Hispania açoitaram a rainha Boadicea, da tribo Iceni da Inglaterra, e abusaram sexualmente de suas filhas. Boadicea jurou maldição eterna contra eles e, posteriormente, liderou uma revolta que causou muitas baixas na legião.

A IX Hispania Legion reagrupou-se, porém nunca mais voltou a ser a mesma. Sua marcha para o interior da Escócia terminou misteriosamente. Ela desapareceu sem deixar vestígios, logo depois de passar por uma região que, alguns séculos mais tarde, viria a chamar-se Dunbíane.

Em outubro de 1984, McKerracher, que não voltou a ouvir aquele estranho ruído e mudou-se para a parte mais antiga de Dunbíane, fez palestra sobre a história local em um clube de senhoras. Após a palestra, Cecília Moore, membro do clube, procurou-o para dizer que talvez também já tivesse ouvido o fantasma do exército romano.

Acontece que ela morava do outro lado da rua, perto da antiga casa do escritor.

- Uma noite, quando eu estava colocando o gato para fora, ouvi o que me pareceu um exército marchando exatamente sobre meu jardim - informou ela.

McKerracher concluiu que o incidente ocorrera naquela mesma noite, e no mesmo momento em que ele ouvira os estranhos passos de soldados.

"Estou convencido", escreveu ele, "de que o que ela e eu ouvimos - e o que os animais de meus vizinhos viram - foi a condenada IX Hispania Legion marchando para seu terrível e desconhecido destino, quase 2 mil anos antes."

Visões no Leito de Morte

Muitos de nós já ouvimos falar de experiências de pessoas às portas da morte, que, depois de terem sido consideradas clinicamente mortas, afirmam que "deixaram o corpo" e foram até o céu. No entanto, mais raramente comentados são casos de visões no leito de morte em que os pacientes vêem figuras simpáticas, normalmente amigos e parentes, que se aproximam para recepcioná-los e ajudá-los a morrer.

Recentemente, algumas importantes pesquisas sugerem que tais experiências não

podem ser explicadas como meras alucinações.

Já há alguns anos, o dr. Karlis Osis, ex-diretor de pesquisa da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, vem realizando estudos com o auxílio de computadores, analisando centenas de casos de visões no leito de morte, coligidos nos EUA. Por meio da verificação dos registros médicos referentes a cada paciente, o dr. Osis pôde determinar que as experiências não foram provocadas por efeitos tóxicos de doenças ou de medicações.

Trabalhando com o dr. Erlendur Haraldsson, psicólogo da Universidade de Reykjavik, na Islândia, o dr. Osis viajou pela Índia para realizar um estudo idêntico e para certificar-se se essas curiosas visões também ocorriam ali. Na verdade, os pesquisadores queriam determinar se as visões dos hindus apresentavam padrões culturais diferentes, sinal óbvio de que elas seriam de natureza psicológica e não reais.

O que eles descobriram? Conforme Osis e Haraldsson, pacientes terminais na Índia descrevem a mesma gama de experiências relatadas por doentes moribundos no Ocidente. Embora as reações psicológicas às experiências possam diferir entre o Oriente e o Ocidente, o teor é o mesmo. Essas descobertas levaram Osis e Haraldsson a concluir que as visões no leito de morte realmente representam uma olhada no que acontece após a morte.

Pássaro Pré-Histórico

Eram 22h30 na noite de 14 de janeiro de 1976, e Armando Grimaldo estava sentado no quintal da casa da sogra, na zona norte de Raymondville, Texas. Tinha ido visitar a ex-mulher, Christina, que naquela hora dormia. Ele estava prestes a ter um encontro com uma criatura de um outro mundo.

- Quando me levantei para dar uma olhada no outro lado da casa - contou ele -, senti alguma coisa me agarrar, algo com garras enormes. Olhei para trás, vi a criatura e saí correndo. Jamais sentira medo antes, mas dessa vez fiquei realmente apavorado. Aquilo era o ser mais horrendo que já vira em toda a minha vida.

Alguma coisa mergulhara do céu - e era algo que Grimaldo nunca vira antes e que não queria voltar a ver. A criatura era tão alta quanto ele - 1,70 metro - e a

envergadura de suas asas devia ter uns 3 metros. A pele era semelhante ao couro marrom bem escuro, sem penas, e o rosto tinha imensos olhos vermelhos.

Grimaldo gritou e tentou correr, porém em seu pânico acabou tropeçando e caindo de rosto no chão. Enquanto tentava colocar-se novamente em pé, sentiu as roupas sendo rasgadas pelas garras daquele animal. Conseguiu esconder-se sob uma árvore, enquanto o atacante, respirando ofegantemente, voou para longe e desapareceu na escuridão da noite.

Christina despertou com os gritos e já estava descendo a escada, quando o ouviu entrar em casa.

- Ele parecia estar em estado de choque - murmurou ela.

Incapaz de falar coerentemente, Grimaldo ficou repetindo a palavra pájaro (pássaro em espanhol) por várias vezes. Levado ao Willacy County Hospital, recebeu alta meia hora depois, quando os médicos determinaram que ele fisicamente não sofrerá nada.

Talvez Grimaldo tenha tido mais sorte do que o bode de Joe Suárez. Alguma coisa despedaçou-o durante a madrugada do dia 26 de dezembro. O animal havia sido deixado preso em um cercado atrás do celeiro de Suárez, em Raymondville. Os policiais não encontraram pegadas ao redor do corpo, e não puderam explicar como ele havia sido morto.

Algo esquisito invadira Rio Grande Valley. Um mês depois da aparição, os moradores do lugar passaram a chamar a estranha criatura de "Garibaldo", por causa do personagem da famosa série de televisão Vila Sésamo. Para a maioria das pessoas, o grande pássaro era apenas um objeto de divertimento. No entanto, aqueles que o viram não achavam que fosse um assunto engraçado.

Criatura semelhante bateu no trailer de Alverico Guajardo, na cidade de Browsville. Quando ele saiu para fora para verificar o que estava acontecendo, entrou em seu carro e ligou os faróis, para deparar com o que descreveu como "uma coisa de outro planeta". Assim que a luz dos faróis a iluminou, a criatura levantou-se e olhou para ele com olhos vermelhos e brilhantes.

Guajardo, paralisado de medo, limitou-se a ficar olhando para a coisa, cujas asas longas e semelhantes às de um morcego pareciam cobrir-lhe os ombros. O tempo

todo, aquela criatura produzia um ruído horrível na garganta. Finalmente, depois de uns dois ou três minutos, ela se afastou em direção a uma estrada de terra e desapareceu na escuridão.

A criatura voltou a ser vista em 24 de fevereiro, mais ao norte, em San Antônio, quando três professoras primárias, que se dirigiam para o trabalho em uma estrada isolada a sudoeste da cidade, viram um pássaro enorme com envergadura de "uns 6 metros, ou mais". Ele estava voando tão baixo que quando passou por cima dos carros sua sombra cobriu toda a estrada.

Enquanto as três observavam a bizarra criatura, notaram outro pássaro a distância, sobrevoando um rebanho.

- Parecia uma gaivota imensa - afirmou uma delas.

Posteriormente, quando as professoras procuraram nos livros o primeiro pássaro visto, puderam identificá-lo. Era extremamente parecido com um pterodáctilo, espécie de réptil voador e marinho, semelhante aos morcegos atuais, extinto há 150 milhões de anos.

Elas não foram as únicas pessoas do sul do Texas a achar que viram o réptil alado pré-histórico. Um mês antes, duas irmãs de Brownsville, Libby e Deany Ford, avistaram "um grande pássaro preto" perto de uma lagoa. A criatura era tão alta quanto ambas e tinha "cara de morcego". Mais adiante, ao observarem a ilustração do pterodáctilo em um livro, as irmãs concluíram que aquele era o tipo de "pássaro" avistado.

O medo provocado pelo "Garibaldo" diminuiu um pouco no início de 1976, porém essa não foi a última vez que as pessoas de Rio Grande Valley depararam com a coisa. No dia 14 de setembro de 1982, James Thompson, motorista de ambulância da Harlingen, viu "uma criatura semelhante a um pássaro" passar sobre a rodovia 100, a uma distância de 45 metros. Eram 3h55.

- Fiquei esperando que ele pousasse como um aeromodelo - declarou Thompson ao Valley Morning Star. - Foi o que pensei que aquilo fosse, mas a criatura bateu as asas o suficiente para manter-se acima da grama. Sua textura era preta ou acinzentada. Não tinha penas. Tenho certeza de que era coberto por algum tipo de couro. Limitei-me a vê-lo voar para longe.

Logo em seguida, Thompson acrescentou:

- Era um pássaro do tipo pterodáctilo.

A International Society of Cryptozoology, organização científica que investiga relatórios de animais desconhecidos ou supostamente extintos, anotou:

O animal foi visto a apenas 320 quilômetros - em linha reta - a leste de Sierra Madre Oriental, México, uma das regiões menos exploradas da América do Norte.

O Caronista Saudoso

Quando se dirigia de Mayagüez, Porto Rico, para sua casa em Arecibo tarde da noite de 20 de novembro de 1982, Abel Haiz Rassen, um mercador árabe de Porto Rico, passou pelo bairro conhecido como "The Chain". Um homem meio calvo estava no acostamento pedindo carona. Haiz Rassen olhou para ele, que devia ter uns 30 anos e estava com camisa cinzenta e jeans marrom. Seguiu caminho, porém.

Contudo, quando parou em sinal fechado no cruzamento seguinte, o carro do mercador morreu. Ao tentar ligar novamente o motor, ele não percebeu que o caronista estava abrindo a porta do lado do passageiro e entrando.

- Meu nome é Roberto - apresentou-se o homem ao surpreso Haiz Rassen. - O senhor poderia, por favor, levar-me até em casa no projeto habitacional Alturas de Aguada? Não vejo meu filho e minha mulher Esperanza há quase dois meses.

O árabe recusou-se a transportá-lo, alegando que a mulher o estava esperando em Arecibo. Mas Roberto insistiu. O motorista voltou a dar partida no carro, que, finalmente, conseguiu pegar.

A contragosto, assentiu em levar Roberto até o restaurante El Nido. Durante o curto percurso, o passageiro indesejável aconselhou-o a dirigir com cuidado e a não beber. Ele pediu a Haiz Rassen que orasse por sua alma.

Foi com certo alívio que o árabe parou o carro no estacionamento do restaurante. Observadores que estavam ali perto viram-no conversando de forma animada, aparentemente consigo mesmo. Um deles perguntou se ele estava precisando de ajuda.

- Não - respondeu Haiz Rassen -, porém este cavalheiro quer que eu o leve para casa. - Virou-se para a direita, para indicar o passageiro, mas não havia ninguém ali.

O mercador ficou tão abalado que quase adoeceu. A polícia foi chamada, e dois guardas, Alfredo Vega e Gilberto Castro, levaram-no ao hospital local, onde ele relatou a esquisita história.

Incrédulos e intrigados, os policiais foram ao projeto habitacional e bateram na porta, tendo à mão o endereço que o caronista fornecera. Uma mulher trazendo um menino no colo atendeu. Respondendo às perguntas dos policiais, ela disse chamar- se Esperanza, e que era viúva de Roberto Valentín Carbo.

O marido de Esperanza, meio calvo, estivera usando camisa cinza e jeans marrom no dia 6 de outubro de 1982, quando morreu em acidente automobilístico - exatamente naquele mesmo local ao longo da estrada, onde seis semanas depois Abel Haiz Rassen o viu pela primeira vez.

Viajantes Extracorporais

Diversos parapsicólogos passam longo tempo estudando o fenômeno de experiências extracorporais, ou projeção astral.

Em caso registrado por um médico, um homem chamado Wilson adormeceu e sonhou que visitara uma amiga que morava a mais de 60 quilômetros de distância. Uma criada abriu a porta e disse-lhe que a amiga não estava em casa, porém ele pediu para entrar e tomar um copo de água. Wilson não pensou mais no sonho, até que outra amiga sua recebeu uma carta da mulher em cuja casa estivera no sonho; a carta falava da visita de Wilson e até mencionava que ele entrara e bebera um copo de água. Isso fez com que Wilson levasse alguns amigos àquela casa, para investigar. Quando chegou lá, duas empregadas o identificaram como sendo o homem que estivera ali e entrara.

E um viajante extracorporal famoso, Blue Haray, que afirma ter o poder de deixar o corpo segundo sua própria vontade, e que já se submeteu a testes na Fundação de Pesquisas Psíquicas, em Durham, Carolina do Norte. Nessas experiências, os

movimentos oculares, a respiração e outras funções do corpo de Haray foram monitorados por uma série de instrumentos, e todos demonstraram mudanças significativas quando ele relatou a experiência extracorporal.

Certa ocasião, Haray visitou um médico que não esperava por ele. O médico declarou ter visto o brilho de "luz esférica vermelha" em seu quarto às 3h15, exatamente o horário em que o viajante extracorporal disse ter estado lá. Animais de estimação mantidos em aposentos separados e trancados foram usados como alvos em outra série de experiências. Em determinado teste, um gato parou de miar e ficou sentado imóvel quando Haray declarou ter entrado naquele aposento. Em outro teste, uma cobra agressiva, que vinha agindo normalmente, de repente tentou abocanhar alguma coisa que não podia ser vista pelas câmaras, novamente no mesmo horário em que Haray disse ter "visitado" aquele aposento.

Outra viagem extracorporal foi relatada por um jovem tenente a serviço no Panamá, em 1943. Ele estava preocupado com a mãe, que fora submetida a delicada cirurgia em Nova York. Viajar para fazer-lhe urna visita não era possível. No entanto, durante um intervalo no treinamento, às 13h15, o tenente adormeceu por alguns momentos e sonhou que estava diante do Memorial Hospital, perto do East River Drive. Ele entrou e perguntou à recepcionista se tinha permissão para visitar a mãe. A recepcionista consultou uma lista e anotou-lhe o nome como visitante. Uma enfermeira disse reconhecê-lo como o rapaz da foto no quarto de sua mãe. A foto mostrava-o usando um uniforme de inverno, o mesmo que usava no hospital. O tenente entrou no elevador e outra enfermeira o viu apertar um botão. Enquanto o elevador subia, ele sentiu tudo ficar escuro e irreal.

Acordou, ainda no Panamá, exatamente às 13h15. Alguns dias mais tarde, ele recebeu carta da mãe falando sobre estranho fato sem explicação. Fora informada de que o filho tinha ido visitá-la, porém ele não chegou a seu quarto. Embora a recepcionista e outra enfermeira o tivessem visto entrar no elevador, ninguém o viu sair. O horário: 12h15 em Nova York e 13h15 no Panamá. O nome do oficial que queria visitar a mãe estava escrito no registro de visitantes. Era seu próprio nome, Charles Berlitz.

Um Massacre em Vôo

Alguma coisa terrível aconteceu em pleno ar um dia no fim do verão de 1939 - e até os dias de hoje o incidente permanece envolto no maior segredo.

Tudo o que se sabe é que um avião de transporte militar deixou a Marine Naval Air Station em San Diego, Califórnia, às 15h30. O aparelho e sua tripulação de treze homens estavam realizando um vôo de rotina para Honolulu. Três horas mais tarde, quando a aeronave estava sobre o oceano Pacífico, soou desesperado sinal de socorro. Então, o sinal de rádio ficou mudo.

Pouco tempo depois, o aparelho voltou à base e fez um pouso de emergência. O pessoal de terra correu em direção ao avião e, quando os oficiais entraram na aeronave, ficaram horrorizados ao ver doze tripulantes mortos. O único sobrevivente era o co-piloto, que, embora seriamente ferido, tivera tempo suficiente para trazer o avião de volta à base. Poucos minutos depois, ele também morreu.

Todos os cadáveres tinham grandes ferimentos abertos. O mais estranho é que o piloto e o co-piloto haviam esvaziado as pistolas automáticas Colt 45 contra alguma coisa. As cápsulas vazias foram encontradas no chão da cabine. Um odor azedo, sulfúrico, podia ser sentido no interior de todo o aparelho.

O exterior da aeronave estava bastante danificado, parecendo que ela havia sido atacada por mísseis. As pessoas que entraram no avião saíram com inexplicável infecção cutânea.

Medidas de segurança extremas foram rapidamente acionadas, e a tripulação de terra de emergência recebeu ordens de abandonar a aeronave. Os trabalhos de remoção dos corpos e de investigação do caso foram deixados para três médicos.

O incidente foi abafado e só veio a público quinze anos mais tarde, quando o investigador Robert Coe Gardner tomou conhecimento do ocorrido por alguém que estivera presente no vôo. O mistério do que os tripulantes daquele avião encontraram em pleno ar naquela tarde em 1939 jamais foi deslindado.

O Raio Perseguidor

Em 1899, um raio matou um homem em seu quintal em Taranto, Itália. Trinta anos

depois, seu filho foi morto da mesma maneira, no mesmo lugar. No dia 8 de outubro de 1949, Rolla Primarda, neto da primeira vítima e filho da segunda, tornou-se o terceiro membro da família a morrer atingido por um raio.

Igualmente estranho foi o destino de um oficial inglês, major Summerford, que, lutando nos campos de Holanda em fevereiro de 1918, foi derrubado do cavalo por um raio e ficou paralisado da cintura para baixo.

Summerford deu baixa e transferiu-se para Vancouver. Certo dia, em 1924, quando pescava à beira de um rio, um raio atingiu a árvore sob a qual estava sentado e paralisou-lhe o lado direito.

Dois anos mais tarde, suficientemente recuperado, Summerford já podia caminhar. Em 1930 passeava pelo parque durante um dia de verão, quando um raio caiu sobre ele, paralisando-o totalmente. Faleceu dois anos depois.

Contudo, os raios ainda atingiram Summerford mais uma vez. Quatro anos depois da morte, durante uma tempestade, um raio caiu em um cemitério e destruiu uma sepultura. Justamente a do major Summerford.

O Romance Inacabado

Durante anos, Thomas Clayton Wolfe, famoso escritor norte-americano, teve um idéia para um romance. Com o título de K-19, ele versaria sobre um vagão-dormitório com essa mesma designação. As vidas de todos os personagens deveriam, de alguma forma, ser afetadas por esse vagão. Ele trocou idéias sobre K-19 com o editor, Maxwell Perkins, mas o romance jamais chegou a assumir forma satisfatória. Perkins sugeriu que Wolfe se concentrasse em outras histórias, até ter certeza de estar diante de uma trama que funcionasse. Ele concordou, porém o destino não quis que voltasse à idéia do K-19. Morreu de ataque cardíaco em 1938, sem conseguir terminar o romance.

Perkins assumiu a responsabilidade de enviar o corpo do escritor de volta a Asheville, Carolina do Norte, onde ele seria enterrado. Enquanto o trem saía da estação, Perkins observou o vagão que levava o caixão de Wolfe. Depois que o trem desapareceu, ele subitamente percebeu qual era o número: K-19.

O Dirigível Fantasma

No dia 10 de outubro de 1931, o dirigível norte-americano U.S.S. Akron fora programado para circundar o Estádio Fairfield, em homenagem ao jogo Washington e Jefferson-Marshall, em Huntington, Virgínia Ocidental.

A primeira pessoa a avistar o dirigível em rota foi Harold MacKenzie, que o viu sobrevoando a cidade de Gallipolis, Ohio. Ele chamou alguns amigos na fábrica de laticínios Foster Dairy para assistirem ao espetáculo.

Dois deles, o sr. e a sra. Robert Henke, foram à Primeira Avenida com uma amiga, a sra. Claude Parker, e seguiram o dirigível com binóculos. Logo se aproximaram outros observadores, que viram o Akron sobrevoando o rio.

Do lado oposto, em Point Pleasant, Virgínia Ocidental, outros acompanharam a rota do dirigível, que, com seus 45 metros de comprimento, voava a uma altitude de cerca de 100 metros, quando às 14h50 aconteceu uma coisa inesperada e terrível. A sra. Henke declarou à Gallipolis Daily Tribune, no dia 12 de outubro:

- Quando vimos o dirigível, ele pareceu dobrar-se e cair. Algumas das testemunhas do acidente disseram que quatro pessoas pularam de pára-quedas. Parecia haver fumaça circundando o objeto, porém pode ser também que fossem apenas nuvens.

Horrorizados, alguns observadores viram o dirigível irromper em chamas e ir de encontro às colinas ao sul de Gallipolis Ferry, Virgínia Ocidental.

Meia dúzia de testemunhas relataram o episódio ao dr. Holzer, proprietário do Gallipolis Airport. Ao amanhecer do dia seguinte, alguns investigadores se dirigiram ao local da tragédia. Durante o dia inteiro eles procuraram em todos os lugares, tanto em terra como no ar com a ajuda de aviões - e não encontraram vestígio algum do dirigível nem dos infelizes tripulantes. Havia um motivo simples: eles simplesmente não existiam.

Ao anoitecer do dia do suposto desastre, um porta-voz do Akron Airport negou que tal tragédia tivesse ocorrido. O dirigível Akron estava seguro no hangar, assim como os três dirigíveis da Goodyear Zeppelin Company. O Akron sobrevoara a região norte de Ohio naquele dia, mas não seguira para o sul em direção ao

Estádio Huntington, porque a Marinha se recusara a acatar o pedido do senador H. D. Hatfield.

Todos os aeroportos das regiões do Leste e do Meio-Oeste declararam que nenhuma de suas aeronaves estava desaparecida. Além disso, não havia dirigível algum estrangeiro operando naquela área dos EUA.

As testemunhas, por outro lado, rejeitaram teimosamente teorias de que teriam visto um bando de pássaros ou simplesmente haviam sonhado acordadas. Até os dias de hoje, esse acontecimento incomum permanece inexplicado.

O Poder Divino do Dalai-Lama

O local: a cidade hindu de Dharamsala, lar de muitos refugiados tibetanos. A data: 10 de março de 1973, dia em que os refugiados pranteavam a fuga do dalai-lama do Tibete. Mas como as tempestades caíam no Himalaia havia semanas, as comemorações pareciam destinadas ao fracasso. Como o tempo não parecia querer melhorar, os habitantes do lugar procuraram a ajuda de Gunsang Rinzing, velho lama temido e respeitado por seus poderes de controlar as condições climáticas. O trabalho do lama foi posteriormente descrito por David Read Barker, antropólogo que realizava pesquisas na Índia naquela ocasião.

Eram 20 horas - explicou o dr. Barker -, e Rinzing começou armando uma fogueira na chuva. Ele estava em estado de concentração, recitava mantras e a sadhana, sempre soprando uma cometa com a forma de fêmur humano e batendo o tambor de duas cabeças de um xamã. Depois de várias horas observando aquele homem a distância respeitosa, fomos dormir, certos de que o tempo seria tão horrível no dia seguinte quanto havia sido nos dias anteriores.

Na manhã seguinte - informou Barker -, a chuva diminuíra e estava apenas garoando e, por volta das 10 horas, transformara-se em frio nevoeiro em um círculo com raio de cerca de 150 metros. Em todos os outros lugares a chuva continuava a cair, porém os vários milhares de refugiados não se molharam nas seis horas em que permaneceram reunidos. Em determinado momento durante o discurso do dalai- lama, caiu violenta chuva de granizo, causando forte barulho nas casas de tetos de zinco, ao redor do local onde se realizava o festival, mas apenas algumas

dezenas de pedras caíram sobre a multidão.

Catorze anos antes, quando da invasão do Tibete pelos chineses comunistas, e por ocasião da fuga do dalai-lama para a Índia, condições atmosféricas inesperadas asseguraram-lhe a chegada em segurança, atravessando o Himalaia. Enquanto aviões chineses tentavam encontrá-lo juntamente com seu séquito, denso nevoeiro providencialmente cobriu a área que ele estava atravessando, fazendo com que os viajantes ficassem completamente invisíveis no ar.

Para os tibetanos, naturalmente, a súbita visibilidade zero foi simplesmente uma prova do poder divino do dalai-lama sobre o tempo.

Salvos do Incêndio

Às 22 horas de uma noite no início de 1978, Henry Sims, fazendeiro aposentado de 72 anos, voltou de um hospital da Flórida, onde a filha de 18 anos estava internada. Sua mulher Idellar ficara no hospital, e a outra filha, cinco netos e um amigo da família estavam dormindo na casa, quando ele chegou. Foi direto para a cama e logo adormeceu.

- Outra coisa que consigo me lembrar - revelou ele, posteriormente - é do sonho. Podia ver os dois filhos de meu cunhado - Paul e a irmã de 8 meses - vindo em minha direção. Ambos haviam morrido queimados em 1932, quando a casa deles, em Live Oak, Flórida, pegou fogo. No sonho, Paul, de quem me lembro claramente, estava caminhando em minha direção e dizendo: "Tio Henry, tio Henry". Eu jamais tivera um sonho como esse antes, e acordei de repente com um cheiro de fumaça nas narinas. O primeiro pensamento foi para meus netos - precisava tirar aquelas crianças da casa. Então, comecei a gritar.

Seus gritos acordaram as outras pessoas, que conseguiram sair da casa em chamas a tempo de se salvarem.

Frederick Lowe, tenente do Corpo de Bombeiros de Hialeah Heights, Flórida, afirmou:

- Milagrosamente, esse homem conseguiu acordar no momento certo. Mais dois minutos, e todos estariam mortos.

- Deus não estava pronto para minha morte - concluiu Henry. - Foi Ele quem enviou Paul para me avisar do perigo, para que todos nós pudéssemos sair da casa em chamas.

191: O Número Mortal

Em maio de 1979, um DC-10 da American Airlines espatifou-se nas proximidades do O'Hare Airport em Chicago, pouco depois de ter decolado para um vôo em direção à Califórnia. Entre as vítimas estava a escritora Judy Wax, cujo livro, Starting in the Middle, acabara de ser publicado.

O número do fatídico vôo era 191. E na página 191 do livro, Judy Wax falava sobre seu medo de voar.

Também em maio de 1979, a revista Chicago fez a resenha do livro e publicou uma foto da autora. Os leitores que levaram a página da revista para mais perto da luz puderam ver que na página anterior havia um anúncio de página inteira de vôo de um DC-10, da American Airlines, para a Califórnia.

O Mistério do S.S. Iron Mountain

Nada parecia anormal em junho de 1872, quando o navio Iron Mountain zarpou de Vicksburg. A tripulação estava completa, a carga de fardos de algodão e barris de melaço empilhadas no convés, e as barcaças rebocadas.

Alguns minutos mais tarde, o Iron Mountain fez uma curva, dirigindo-se para o norte, para seu destino - a cidade de Pittsburgh. O navio nunca mais voltou a ser visto.

O Iroquois Chief, um outro navio, navegava pelo rio naquela manhã, quando os tripulantes viram algumas barcaças descendo o rio. O barco conseguiu manobrar e evitar o choque com as barcaças, e então, imaginando que elas teriam se separado do navio rebocador, o comandante ordenou que fossem amarradas, e ficou esperando a chegada do rebocador, que nunca chegou.

O cabo das barcaças havia sido cortado, indicando que a tripulação do Iron

Mountain tivera um problema: talvez as caldeiras se vissem prestes a explodir, talvez o navio estivesse para afundar. Por outro lado, não foram encontrados vestígios de destroços do barco ao longo do rio, assim como não havia nenhum sinal de sua carga, que teria manchado o rio em uma extensão de alguns quilômetros, se o navio tivesse afundado.

O mistério do Iron Mountain jamais chegou a ser solucionado.

O Poltergeist de Annemarie

Quando os eventos aconteceram no escritório de um advogado em Rosenheim, Alemanha, em 1967, foi uma verdadeira versão paranormal do touro em uma loja de porcelanas. Embora Rosenheim seja, normalmente, uma cidade tranqüila e monótona, algo começou a sair da rotina no escritório do advogado. Algum fenômeno passou a fazer com que os telefones ficassem malucos, fusíveis queimassem, além de outros problemas de eletricidade. Em pouco tempo, luzes começaram a acender e apagar; lâmpadas explodiram sem qualquer motivo aparente; e os telefones tocaram sem uma causa lógica.

Os funcionários do escritório não sabiam o que fazer. Assim, começaram pelo que lhes pareceu mais óbvio: solicitaram a presença de especialistas da companhia local de eletricidade. Os técnicos inspecionaram todos os fusíveis, a fiação e a fonte de força, mas não conseguiram encontrar nenhuma causa natural para o problema. Chegaram mesmo a cortar o fornecimento de energia elétrica do prédio e ligaram a unidade de emergência para fornecer eletricidade ao escritório. Esses

procedimentos não espantaram o fantasma, e os distúrbios prosseguiram.

Finalmente, o renomado parapsicólogo alemão Hans Bender foi chamado a intervir. Bender, o principal caça-fantasma do país, rapidamente diagnosticou o problema como um poltergeist - tipo de fantasma que costuma atirar coisas dentro de casa, movimentar móveis, jogar pedras e provocar incêndios. Diferentemente dos fantasmas convencionais, que infestam um lugar em especial, os poltergeists normalmente resolvem atormentar uma pessoa. E não demorou muito para que Bender descobrisse o alvo humano dos ataques: Annemarie Schnabel, adolescente que trabalhava no escritório. Às vezes, os distúrbios ocorriam tão logo ela chegava

para trabalhar.

- Quando essa garota caminhava pelos corredores, as lâmpadas atrás dela começavam a balançar - informou Bender. - Se as lâmpadas explodiam, os fragmentos voavam na direção dela. Pouco depois, os quadros começavam a balançar e a virar, gavetas passavam a se abrir sozinhas, documentos ficavam fora do lugar. No entanto, quando Annemarie foi forçada a passar alguns dias fora do escritório, nada aconteceu. E quando ela saiu para trabalhar em outro lugar, os distúrbios não voltaram a ocorrer, embora eventos similares, menos óbvios, começassem a acontecer durante algum tempo no novo escritório.

A partir do momento em que Annemarie foi embora, o escritório de advocacia começou a ser perturbado por fantasmas mais convencionais. Quando os jornalistas chegaram ao escritório, por exemplo, várias testemunhas viram uma materialização vaporosa, parecida com um braço humano, aparecer na saída de ar junto ao chão. A materialização voou até a janela, onde foi de encontro a um quadro, que ficou inclinado. Felizmente, os gritos das pessoas que estavam vendo tudo alertaram a equipe de filmagem, e eles puderam captar os movimentos do quadro.

Qual teria sido a causa do poltergeist de Rosenheim? De acordo com Bender, foi a própria Annemarie. Ela era uma garota infeliz, com muitas frustrações por causa do trabalho e da vida romântica, conforme suas próprias declarações.

- Sem dúvida - concluiu o parapsicólogo -, a hostilidade reprimida de Annemarie permaneceu agitada em sua mente inconsciente, até ser expelida com violência em forma de poltergeist.

Um Hino para o Titanic

Em uma manhã de domingo, o reverendo Charles Morgan, ministro da Igreja Metodista Rosedale, em Winnipeg, Manitoba, Canadá, chegou cedo para as preparações dos serviços religiosos daquela noite. Antes de entrar em seu gabinete, ele separou os hinos que seriam entoados e dedicou-se a outros preparativos.

Feito isso, retirou-se para o gabinete e decidiu tirar uma soneca até a hora dos

serviços religiosos. Assim que caiu no sono, começou a ter um sonho vívido, que misturava escuridão com o som de enormes ondas. Acima daquele ruído contínuo, um coro entoava um velho hino que o reverendo Morgan não ouvia fazia anos.

O sonho foi tão perturbador que o ministro acordou com o hino ecoando em seu ouvido. Consultou o relógio e viu que ainda dispunha de tempo para dormir mais um pouco, o que ele fez - imaginando, incorretamente, que o breve tempo desperto havia limpado sua mente da visão perturbadora.

Assim que tornou a dormir, o sonho voltou: as águas violentas, a escuridão profunda, o velho hino. Morgan acordou de repente, estranhamente indisposto. Por fim, levantou, caminhou pela igreja vazia e colocou um novo número de hino no quadro.

Quando os serviços religiosos tiveram início, a congregação cantou o hino que perturbara os sonhos de Morgan - um hino estranho para se cantar em uma igreja localizada a milhares de quilômetros do oceano, cujas palavras pediam a Deus que ouvisse as orações por aqueles que estavam em perigo no mar. Ao ouvir as palavras, Morgan sentiu os olhos ficarem cheio de lágrimas.

Pouco tempo depois, o ministro soube que no momento em que os congregados cantavam o hino, uma grande tragédia ocorria no oceano. Era o dia 14 de abril de 1912, e longe dali, no Atlântico Norte, o Titanic afundava.

A Quarta Morte de Musyoka Mututa

Musyoka Mututa, de Kitui, Quênia, foi sepultado em setembro de 1985. Seu irmão Timothy disse que o corpo ficara insepulto durante dois dias.

- Demoramos dois dias para enterrá-lo, aguardando alguma eventualidade, embora não esperássemos mais nenhum milagre - declarou ele. - Meu irmão disse que a quarta vez seria definitiva.

Embora fosse apenas um humilde pastor, Mututa, conhecido como "o homem que enganou a morte", era uma verdadeira lenda no Quênia.

A primeira "morte" ocorreu quando ele tinha apenas 3 anos de idade. Ao ser enterrado, gritou e foi rapidamente trazido para a superfície.

Quando completou 19 anos, Mututa desapareceu. Seis dias depois, uma equipe de busca encontrou-lhe o corpo aparentemente sem vida em um campo. No cemitério, quando o caixão estava sendo baixado, amigos e familiares ficaram apavorados ao verem a tampa começar a se abrir. Ele havia "voltado à vida".

Ele "morreu" outra vez em maio de 1985, após uma breve doença. Um cirurgião atestou a morte. Seu corpo foi velado por um dia, mas, antes do enterro, Mututa levantou-se e pediu água.

Declarou ele que, durante cada uma das três "mortes", sua alma deixava o corpo e subia aos céus, onde os anjos lhe explicavam que tinha havido "um caso de troca de identidade" e devolviam-no à Terra.

Ao que parece, na quarta tentativa eles pegaram o homem certo.

O Galho de Pessegueiro que Descobria Água

Os altos funcionários da Gates Rubber Company, em Jefferson, Carolina do Norte, ficaram apavorados quando souberam que vazamentos na rede de encanamentos da cidade ameaçavam prejudicar o fornecimento de água à fábrica. Desesperados, e em busca de novas fontes, eles contrataram uma empresa especializada em sondas e abertura de poços, que levou ao local equipamentos no valor de 350 mil dólares. Mesmo com todo esse aparato, não conseguiram encontrar água.

Então, em setembro de 1983, Don Witherspoon, pedreiro aposentado de 80 anos, entrou em cena, com um galho de pessegueiro que mais parecia um estilingue. Ele disse que já vinha encontrando água havia 38 anos, e que tinha certeza de poder fazê-lo de novo.

Don caminhou de um lado para outro no terreno da companhia até que o galho, de repente, se curvou e apontou para o chão. A pouca distância dali, repetiu aquele estranho movimento.

A companhia encontrou água nos dois lugares - na realidade, foi tanta a água que, em breve, a vazão chegava a setenta galões por minuto, quase eliminando a necessidade de fornecimento pela empresa pública municipal.

- Pode parecer "bruxaria", mas aparentemente a coisa deu certo - declarou Richard

Thurston, gerente da fábrica. - Tudo o que sei e que encontramos água e estamos satisfeitos. Witherspoon disse que não sabia como explicar tal habilidade.

- Para falar a verdade - revelou -, acho que é um dom. Eu também não acreditava no galho de pessegueiro... até que o experimentei a primeira vez.

Ausência Extra-Sensorial

Distúrbios neurológicos podem fazer com que as pessoas relatem experiências esquisitas. Pequenas lesões nos lóbulos temporais do cérebro, por exemplo, podem fazer com que uma pessoa sinta estranhos odores, ouça sons bizarros, tenha arrebatadores sentimentos místicos, e até veja fantasmas.

Fascinante aparição resultante de epilepsia - doença nervosa crônica provocada por paratividade elétrica anormal - foi relatada pelo psiquiatra escocês James McHarg, em 1976. Ele informou que certa paciente epiléptica visitava uma amiga em 1969, quando sofreu ausência, episódio muito breve de alheamento completo do meio ambiente. Primeiro, ela sentiu um odor de leite azedo, então tudo a seu redor se tornou "irreal" e, finalmente, viu um fantasma. A figura parecia ser uma mulher com cabelos macios e castanhos, ao lado do fogareiro, em um dos cantos da cozinha. A figura permaneceu ali apenas temporariamente e desapareceu de vista assim que terminou a ausência.

A paciente relatou o que vira à dona da casa, que ficou fascinada com a história. Embora a cozinha da amiga não tivesse nenhum fogareiro, antigamente havia um colocado lá, exatamente onde a paciente indicara tê-lo visto. Além disso, fazendo o levantamento da casa, a anfitriã descobriu que a figura provavelmente representava uma das irmãs que havia anteriormente morado ali. Quando a paciente viu uma foto dela com as irmãs, imediatamente reconheceu a mulher que vira na cozinha.

Será que essa paciente viu um fantasma de verdade? Não é provável, de acordo com o dr. McHarg, pois a mulher da visão ainda estava viva.

- Não obstante - finalizou ele -, a manifestação da ausência provavelmente abriu a mente de minha paciente para influências extra-sensoriais, que entraram em ação e influenciaram o que ela viu.

‘Venha me Encontrar’

Mary L. Cousett, 27 anos, de Peoria, Illinois, desapareceu em um dia de abril de 1983. A polícia concluiu que ela fora assassinada, e o namorado, Stanley Holliday Jr., acabou sendo preso. Mas como o corpo não foi encontrado, as autoridades não puderam levá-lo a julgamento.

Finalmente, depois que todos os outros meios haviam falhado, a polícia de Madison County levou o caso a Greta Alexander de Delavan, também do Estado de Illinois. Greta Alexander, uma médium, forneceu uma descrição detalhada de onde estava o corpo de Mary. Disse ela que o cadáver seria encontrado perto de um aterro, uma ponte e um rio. Uma igreja e sal teriam algo que ver com a descoberta. O corpo teria folhas a seu redor. Parte de uma perna estaria faltando. A cabeça seria localizada a alguma distância dali.

Um homem “com mão ruim” descobriria o cadáver. A inicial “S” estaria envolvida no caso e o corpo seria encontrado perto de determinada estrada importante.

No dia 12 de novembro, o policial Steve Trew, que tinha um ferimento na mão, descobriu os restos mortais de Mary perto de um aterro, nas proximidades de uma ponte sobre o rio Mackinaw, a 800 metros de distância de uma igreja e na margem oposta de uma estrada que levava a um depósito de sal. O corpo estava em cova rasa coberto por folhas. Faltava o pé direito, e o crânio, aparentemente removido por animais, estava a 3 metros do resto do corpo.

O investigador William Fitzgerald, de Alton, declarou aos repórteres que 22 previsões de Greta Alexander estavam totalmente corretas.

- Essa mulher queria ser realmente encontrada - disse a médium. - O espírito nunca morre; ele sobrevive. Ela estava dizendo: “Estou aqui. Venha me encontrar”.

Socorro na Neve

Warren Felty e William Miller, de Harrisburg, Pennsylvania, encontraram-se no Dia dos Veteranos, em 1986, para comemorar uma série improvável de eventos acontecidos havia mais de quatro décadas.

Uma noite, em fevereiro de 1940, Felty dirigia-se de carro para sua casa em Middletown, Pennsylvania, quando viu as lanternas do automóvel a sua frente começarem a ir de um lado para outro. O carro derrapou e caiu em um aterro perto de Camp Hill.

Felty parou no acostamento e correu em direção ao local do acidente. Quando chegou perto, viu que o motorista fora atirado através do pára-brisa e caíra em um monte de neve de mais de 1 metro de altura. O homem estava inconsciente e coberto de sangue. Ele levantou-o, levou-o até seu carro e transportou-o para o Harrisburg Hospital.

Quatro dias depois, William Miller, a vítima do acidente, recobrou a consciência. Ficou sabendo o nome do homem que lhe salvara a vida, cruzou com ele várias vezes, mas nunca chegaram a ser realmente amigos.

Na verdade, eles não podiam saber que, quando os EUA entrassem para a Segunda Guerra Mundial, ambos se alistariam na Força Aérea e se tornariam pilotos de B-17. Também não sabiam que seriam derrubados pelos alemães e levados, juntamente com 4 mil outros prisioneiros, para Nuremberg, logo atrás da Linha de frente do Exército russo.

Debilitados pela fome e com roupas impróprias para enfrentar o rigoroso inverno de 1944, o mais forte que se abatera sobre a Alemanha em oitenta anos, muitos prisioneiros não conseguiram sobreviver, caindo no chão e morrendo de frio.

Felty, um dos sobreviventes, estava marchando, quando viu um corpo em um monte de neve ao longo da estrada. Na esperança de reanimar o pobre infeliz, deu um pontapé no homem caído e, segundo as próprias palavras, anos mais tarde:

- Ali estava ele, Bill Miller. Inacreditável!

Miller, quase inconsciente, teve de ser arrastado até chegar ao destino. Felty, Miller e os outros prisioneiros finalmente chegaram a um campo de concentração em Moosburg, de onde o Terceiro Exército de Patton os libertou, no dia 29 de abril de 1945.

Os dois homens ainda se lembram de como em duas ocasiões, com cinco anos de diferença e a 6 400 quilômetros de distância, um carregou o outro em segurança, tirando-o de um monte de neve.

O Homenzinho Azul

Às 13h45 de um dia chuvoso, 28 de janeiro de 1967, em Studham Common, Chiltern Hills, Inglaterra, sete meninos dirigiam-se para a escola, passando por um vale chamado Dell, quando um deles, Alex Butler, de 10 anos, viu o que depois descreveu com as seguintes palavras:

- Um homenzinho azul com cartola e barba.

Imediatamente, Alex apontou naquela direção para um amigo que estava a seu lado, e os dois decidiram dar uma olhada melhor naquela figura de aparência tão estranha.

- Quando estávamos a uns 20 metros, ele desapareceu em uma nuvem de fumaça.

Os meninos alertaram seus companheiros, que começaram a procurar o homenzinho, esperando que reaparecesse. Realmente a criatura voltou, dessa vez do lado oposto do arbusto de onde havia sido avistado pela primeira vez. Quando os garotos se aproximaram, ele sumiu novamente, reaparecendo no fundo do vale. Dessa vez, todos ouviram "vozes" falando coisas estranhas, que, de acordo com eles, pareciam palavras estrangeiras, e, pela primeira vez, ficaram com medo.

Quando os. meninos chegaram à escola naquela tarde chuvosa de 28 de janeiro de 1967, a professora, srta. Newcomb, percebeu que eles estavam nervosos e inquietos por causa de alguma coisa. A princípio, não lhe contaram o motivo. Tudo que diziam era:

- A senhora não vai acreditar em nós.

Finalmente, ela separou os sete e pediu que cada um deles fizesse seu relato do estranho evento. Os testemunhos foram incrivelmente semelhantes. Aquilo foi suficiente para que a srta. Newcomb se convencesse de que alguma coisa fora do normal acontecera naquela tarde.

Os relatos dos garotos acabaram sendo publicados em um livrete intitulado The Little Bine Man on Studham Common.

Decorrido certo tempo, o livro chamou a atenção dos investigadores ingleses Bryan Winder e Charles Bowen, que ficaram sabendo que nos últimos meses várias pessoas moradoras daquela região tinham visto OVNIs. Dois pousos haviam sido reportados no local onde o homenzinho azul fora visto. No entanto, a ligação com os OVNIs ficou apenas em nível de conjetura, pois os meninos não disseram ter visto disco algum. Os investigadores interrogaram os garotos na presença da professora.

Winder depois escreveu:

Eles calculam que o homenzinho devia ter certa de 90 centímetros de altura, com mais uns 60 centímetros pela cartola ou pelo capacete, descrito como uma espécie de chapéu-coco alto e sem aba. Os meninos puderam perceber uma linha que tanto podia ser os cabelos quanto a parte inferior do chapéu, dois olhos redondos, um pequeno triângulo aparentemente liso onde deveria haver um nariz, e uma vestimenta composta de peça única, com um cinto preto largo, onde havia uma caixa preta quadrada na frente, com cerca de 15 centímetros de lado.

A Moeda Teledeslocada

Raymond Bayless defrontou-se com paranormais muitas vezes durante sua carreira como investigador de casos mediúnicos. Todavia, seu encontro mais estranho envolve um fenômeno conhecido como teledeslocamento, em que a matéria viaja misteriosamente de um local para outro.

O episódio ocorreu em 1957, quando Bayless passeava pelo Hollywood Boulevard com o médium Attila von Szalay. Os dois homens entraram em uma loja de artigos de couro, e Bayless, entusiasta colecionador de moedas, viu uma curiosa moeda inglesa na mesa do dono da loja. Um lado mostrava a efígie da princesa real da

Inglaterra, e o outro estava estragado por um profundo arranhão. Intrigado, Bayless disse ao dono que queria comprar a moeda, porém o dono recusou a oferta feita.

Quando os dois homens estavam saindo da loja, Bayless deu uma última olhada na moeda e seguiu em frente.

- Havíamos caminhado talvez uns 30 metros naquela quadra - contou ele -, quando de repente senti algo bater em meu cotovelo e depois na perna. Olhei para baixo e, com surpresa, vi na calçada, a meus pés, uma moeda idêntica àquela outra. Para ter certeza de que se tratava realmente da mesma, olhei o outro lado, e ali estava o arranhão que eu notara em sua superfície, na loja. - Von Szalay estava a meu lado e ficou surpreso quando peguei a moeda e mostrei-a para ele, explicando que, quando a vira pela última vez, ela estava na mesa do dono da loja. Sem entrar em maiores detalhes e longas e cansativas explicações, eu me contento em afirmar que de nenhuma maneira aquela moeda poderia ter chegado até meus pés normalmente, e seu estranho teledeslocamento representa um inacreditável mistério.

O mistério não pareceu tão grande para o dono da loja, que, sem dúvida, deve ter imaginado que o cliente roubara a moeda.

Os Estranhos Aeróstatos do Sr. Wilson

O mais profundo mistério da aviação norte-americana refere-se a um episódio quase totalmente esquecido, mas ainda inexplicado, que começou em novembro de 1896 e terminou em maio do ano seguinte.

Da Califórnia ao Maine, milhares de norte-americanos afirmaram ter visto grandes "aeróstatos" pilotados, muito tempo antes de Santos Dumont e de os irmãos Wright terem inventado aparelhos de navegação mais pesados que o ar, e mudado para sempre o curso da História. Os aeróstatos, aparelhos mais leves que o ar, maravilharam as pessoas que os viram, e geraram muita especulação a respeito de quem seria seu inventor ou inventores, porém até nossos dias ninguém sabe. Tudo o que temos à mão são algumas pistas desconcertantes, nenhuma delas mais intrigante do que a que se refere a um homem estranho, cognominado de sr. Wilson.

No dia 19 de abril de 1897, o sr. Wilson fez com que sua presença fosse conhecida. Um jovem de Lake Charles, Louisiana, estava levando alguns cavalos, quando viu um enorme aeróstato passar voando sobre os animais, assustando-os de tal forma que eles dispararam e o rapaz ficou caído no chão. Nesse ponto, o aeróstato estacou e pairou no ar - pairar no ar era apenas uma das improváveis capacidades desses misteriosos engenhos -, enquanto uma escada de cordas foi jogada para baixo.

Dois dos ocupantes do aeróstato desceram e ajudaram o jovem a se levantar.

- Foi gratificante descobrir que eles eram norte-americanos normais como eu - afirmou o jovem.

Os aeronautas desculparam-se pelo problema que haviam causado, e, como uma espécie de compensação, convidaram o rapaz de Lake Charles a subir a bordo da nave, apresentando-se como Scott Warren e "sr. Wilson". Wilson explicou o sistema de propulsão do veículo, porém o relato foi tão técnico que o jovem não entendeu nada do que eles falavam.

Um dia depois, perto de Uvalde, Texas, um aeróstato pousou e foi descoberto pelo xerife H. W. Bayler, que conversou com membros da tripulação. Um deles identificou-se como Wilson, e disse que nascera em Goshen, Nova York. Em seguida, o sr. Wilson perguntou pelo capitão C. C. Akers, morador local. Posteriormente, quando um repórter quis saber de Akers quem era aquele tal Wilson, o capitão repondeu:

- Só posso dizer que, enquanto morei em Fort Worth, em 1876 e 1877, conheci um

homem chamado sr. Wilson, originário do Estado de Nova York, e nós nos demos muito bem. Ele era aficionado da mecânica e, naquela ocasião, trabalhava em navegação aérea e em um projeto que surpreenderia o mundo. Lembro-me de que era muito educado, aparentando 24 anos de idade, e com dinheiro suficiente para prosseguir com suas arrojadas invenções, dedicando todo o seu tempo a elas. Como resultado das conversas que tivemos em Fort Worth, acho que o sr. Wilson, se conseguisse construir um aeróstato prático, provavelmente me procuraria para mostrar que não era tão louco quanto eu imaginava.

Em seguida, o aeróstato apareceu, um dia ou dois mais tarde, quando pousou para reparos em Kountze, Texas. Testemunhas conversaram com os pilotos, que disseram chamar-se "Wilson e Jackson".

No dia 25, entre meia-noite e uma hora, o San Antônio Daily Express reportou sobre o dia seguinte:

O céu estava muito nublado e não se podia ver nem mesmo uma estrela. Isso fortaleceu ainda mais a luz branca e brilhante dos faróis do aeróstato e a forte iluminação que provinha dele. Por outro lado, as condições climáticas e a luz forte impediram que pudéssemos ver a estrutura do veículo. Mas, quando o estranho objeto fez uma manobra e aproximou-se mais, uma dúzia ou mais de luzes mais fracas, entre elas um agrupamento de luzes verdes no lado da nave voltado para a cidade, e outro imenso agrupamento de luzes vermelhas a estibordo indicaram claramente sua natureza artificial.

O jornal continua seus comentários sobre o episódio, sem explicar como o jornalista soube dos seguintes dados:

Os inventores do aeróstato eram Hiram Wilson, natural de Nova York e filho de Willard B. Wilson, assistente do mecânico-chefe da New York Central Railroad, e o engenheiro eletricista C. J. Walsh, de San Francisco. Os homens trabalharam no projeto vários anos, e, quando os planos amadureceram, as partes de seu veículo aéreo foram construídas sob encomenda em diferentes regiões do país, sendo posteriormente enviadas para San Francisco, onde a nave foi finalmente montada.

O Daily Express prossegue o relato informando: Depois de ter sido testada na Califórnia, a aeronave voou para Utah e foi escondida em alguma região distante do Oeste, enquanto seus defeitos iam sendo corrigidos. Nessa altura, ela retomou seu vôo em direção ao leste, atravessando os EUA. E então não se ouviu mais nada sobre o sr. Wilson e sua incrível máquina de voar.

Quem era ele? Todas as pesquisas realizadas recentemente foram inúteis. Estudo de relatórios de aeróstatos de 1897 nos dá motivos para suspeitar que o sr. Wilson era ainda mais misterioso do que podemos pensar à primeira vista. Vejamos, por exemplo, o que diz Daniel Cohen, autor do livro The Great Airship Mystery:

- Muitas coisas nessa história de Wilson são confusas e contraditórias. Qualquer tentativa de traçar o rumo do "aeróstato de Wilson" pelo sul do Texas durante as últimas semanas de abril de 1897 é inútil. Parece que as pessoas viam aeróstatos em todos os lugares. Teria sido necessário haver pelo menos dois, ou talvez três aeróstatos diferentes, todos seguindo rumos erráticos, para podermos acreditar em todas as aparições e todos os encontros. Além do nome Wilson, que aparece em

pelo menos cinco relatos separados, os nomes dos outros tripulantes diversificam. Assim como a quantidade de tripulantes, que varia de dois a oito. Não obstante muitas pessoas afirmarem que o inventor teria dito que em breve tornaria seu aeróstato público, ele nunca o fez.

Outro pesquisador, Jerome Clark, notou algo ainda mais estranho. Declarou ele:

- Temos um fato simplesmente "impossível", que já é suficiente para levantar profundas dúvidas a respeito do papel de Wilson. O fato é o seguinte: o capitão Akers diz que vinte anos antes do aparecimento de Wilson em Uvalde, ele tinha 24 anos de idade. Em Lake Charles, em 1897, descreve-se-o como "aparentemente, um jovem". Mesmo hoje, com nossas expectativas de vida mais longa, um homem de 45 anos de idade jamais é chamado de jovem, exceto em sentido muito relativo. Assim, há oitenta anos, ele teria a aparência de um homem de meia-idade.

Alguns pesquisadores chegaram a especular que o episódio não era o que parecia ser. Os aeróstatos e seus ocupantes de aparência humana não eram inventores norte-americanos, que, inexplicavelmente, jamais revelaram os inventos ao grande público, mas sim produtos de uma enigmática inteligência alienígena, que procuravam se disfarçar, usando um tipo de roupa que a cultura dos EUA daquele período pudesse aceitar. Trata-se de uma explicação fantástica, e nós, quase um século depois, ainda não temos condições de saber se ela é verdadeira ou não. Só podemos ter certeza de que o misterioso sr. Wilson e os estranhos aeróstatos associados com sua aparição continuarão sendo algo indecifrável.

O Enigma de uma Viagem

Esta estranha história teve início no dia 3 de junho de 1968, quando o dr. Gerard Vidal e sua mulher, ambos de Maipú, Argentina, viajaram para Chascomus, a fim de participar de uma reunião de família. Outro casal de Maipú, seu vizinho, os acompanhou.

Os casais viajaram em carros separados e, na volta, à noite, dirigiram-se para as respectivas casas. No entanto, como os Vidal não tivessem chegado, os vizinhos entraram novamente no carro e retomaram o mesmo caminho, temendo que tivesse acontecido algum acidente. Percorreram 130 quilômetros até Chascomus, porém não encontraram sinal dos Vidal ou do carro. De volta a Maipú, telefonaram para hospitais, mas não obtiveram nenhuma informação sobre o vizinhos.

Quarenta e oito horas mais tarde, o senhor Rapallini, em cuja casa acontecera a reunião, recebeu um telefonema interurbano da Cidade do México. Quem estava no aparelho era o dr. Vidal, dizendo que ele e a mulher estavam bem e que tomariam um avião de volta para Buenos Aires. Pediu a um parente que fosse buscá-lo no aeroporto.

Amigos e parentes estavam esperando-os, quando os dois desceram do avião, usando as mesmas roupas que trajavam quando saíram da reunião familiar em Chascomus. A sra. Vidal, bastante abalada, foi imediatamente levada a um hospital particular, sofrendo, conforme palavras de um jornal local, de "violenta crise

nervosa”.

O dr. Vidal contou uma história incrível sobre o que aconteceu a ele e à mulher nos dois dias anteriores. Disse que ao voltarem para casa entraram em um espesso nevoeiro, e que a neblina era tão intensa que tudo ficou escuro. Então, de repente, a noite transformou-se em dia.

Como estavam em uma estrada desconhecida, resolveram parar. Quando o médico desceu do carro, percebeu que toda a superfície do automóvel estava queimada.

Acenou a um motorista para perguntar onde estavam, e o homem respondeu que a Cidade do México era perto dali. Mais tarde, quando o casal procurou o consulado da Argentina, ficaram sabendo que dois dias haviam-se passado desde que eles entraram no nevoeiro.

O fato causou sensação na Argentina. La Razón noticiou:

A despeito do clima de fantasia que a história dos Vidal parece ter, existem certos detalhes que não cessam de preocupar até mesmo os mais incrédulos: a entrada da sra. Vidal em uma clínica de Buenos Aires; a comprovada chegada do casal em um avião que fez viagem sem escalas desde o México; o desaparecimento do carro; a intervenção do consulado; a atitude séria da polícia de Maipú com relação ao evento; e o telefonema do México para a família Rapallini. Tudo isso resulta em um relato que nos esforçamos por entender.

A Morte do Alienígena

Um dos mais peculiares - e trágicos - contatos imediatos de primeiro grau com extraterrestres de que se tem notícia data de maio de 1913, e ocorreu em uma fazenda de Farmersville, Texas.

Três irmãos, Silbie, Sid e Clyde Latham, colhiam algodão quando ouviram latidos de seus dois cachorros, Bob e Fox. Sibie recorda:

- Eles ladravam desesperadamente, como se estivessem terrivelmente angustiados.

Como os “latidos macabros” continuassem, Clyde, o mais velho, disse:

- Vamos até lá ver o que está acontecendo com os cães. Deve ser alguma coisa muito ruim.

Os cães estavam a uns 15 ou 20 metros, do outro lado da cerca. Clyde, o primeiro a chegar ali, seria também o primeiro a ver o que estava perturbando os cães.

- É um homenzinho! - gritou ele.

De acordo com Silbie Latham, que relatou a história a Larry Sessions, do Museu de Ciência e História de Fort Worth, o homem tinha a seguinte aparência:

- Parecia apoiado em alguma coisa. Olhava para o norte, não devia ter mais de 50 centímetros de altura e sua pele era esverdeada. Também não usava roupas e seu corpo parecia feito de borracha.

E acrescentou:

- Depois que meus irmãos chegaram, os cachorros saltaram sobre aquela entidade e deixaram-na em pedaços, restando apenas sangue vermelho e órgãos internos semelhantes aos humanos na grama.

Respondeu Silbie, para explicar o motivo pelo qual ele e os irmãos não fizeram nada para impedir a morte do alienígena:

- Ficamos tão assustados que não sabíamos o que fazer. Acho que éramos ignorantes demais.

Os rapazes voltaram aos afazeres, retornando ocasionalmente ao local para ver os restos mortais do homenzinho. Os cachorros se aproximavam dali como se estivessem com medo. No dia seguinte, quando os três voltaram ao lugar, não havia nenhum vestígio do que acontecera. Todas as provas da presença do homenzinho haviam desaparecido.

- Vovô tem uma reputação muito sólida de somente dizer a verdade e de ser extremamente honesto, mas ele nunca contou essa história fora da família, com medo do ridículo - revelou recentemente Lawrence Jones, neto de Silbie, ao Centro de Estudos de OVNIs em Chicago. - Ele concordou em contar o sucedido somente depois de muita insistência e encorajamento de minha parte, um neto que sempre gostou de ouvir suas histórias. Vovô aceita submeter-se a um polígrafo ou ser hipnotizado, ou qualquer coisa que vocês queiram. Não tenho a menor sombra de

dúvida de que ele está dizendo a verdade.

Os Jogos Telepáticos de Gilbert Murray

Gilbert Murray, renomado professor de grego na Universidade de Oxford, era também médium e ávido estudioso dos fenômenos paranormais. Muitas das experiências não eram realizadas em laboratório, mas numa espécie de jogo telepático em sua própria casa. Em certa demonstração típica, uma das duas filhas, Agnes Murray, casada com Arnold Toynbee, escolhia um assunto e, algumas vezes, comunicava-o às outras pessoas convidadas, depois que seu pai havia saído da sala. Em seguida, ele retornava, ficava concentrado durante uns instantes, e revelava suas impressões. Dezenas desses testes foram completados com excepcional sucesso.

Por exemplo, em determinada sessão, a sra. Toynbee pensou na cena de uma peça de August Strindberg: um homem sentado junto a uma torre desmaiou e sua mulher deseja que ele morra.

Quando o professor Murray voltou à sala, imediatamente percebeu o tema literário em questão.

- Trata-se de um livro, livro que eu não li - afirmou ele. - Não, não é russo, nem italiano. É alguém que está desmaiado. É horrível. Acho que alguém está desmaiado e sua esposa ou alguma outra mulher deseja que ele morra. Não pode ser Maeterlinck, pois acho que li todos os seus livros. Ah, é Strindberg!

Durante outra experiência, a sra. Toynbee pensou em dois amigos mútuos tomando cerveja em um café em Berlim. O professor Murray não só sentiu imediatamente que ela estava pensando em um local público, mas também revelou os nomes das duas pessoas escolhidas pela filha.

Esses experimentos telepáticos informais, porém impressionantes, foram realizados na casa de Murray por muito anos, de 1910 até 1946. Alguns céticos acreditam que o professor Murray devia talvez ter agudo sentido de audição e simplesmente ouvia as filhas conversando a respeito dos assuntos com as outras pessoas convidadas. Contudo, essa teoria não consegue explicar o sucesso dos assuntos criados mentalmente e não explicados aos outros espectadores.

O Mistério do Lago Lock Ness

O falecido reverendo dr. Donald Omand, pastor anglicano e dado a práticas exorcistas, não tinha dúvida quanto à existência do famoso "monstro de Loch Ness", conhecido carinhosamente por alguns como "Nessie". Tinha, porém, sérias reservas quanto à teoria de que o monstro pudesse ser algum tipo de animal pré-histórico ou, na verdade, que ele fosse uma criatura viva.

O escritor F. W. (Ted) Holiday, que passara vários anos às margens do lago Loch Ness, na Escócia, parecia concordar com o reverendo. Em um livro publicado em 1973, The Dragon and the Disc, ele rejeitou teorias biológicas sobre a criatura e insistiu em que os investigadores considerassem a noção de visitantes do reino paranormal.

Assim, quando Holiday ficou sabendo da teoria do reverendo Omand, escreveu-lhe uma carta e, dentro de pouco tempo, os dois homens se encontraram. Uma das coisas sobre as quais eles conversaram foi a estranha história do escritor sueco Janove Sundberg, que estivera no lago Loch Ness no dia 16 de agosto de 1971. Naquela noite, Sundberg tentara tomar um atalho pela floresta perto do lago e acabou se perdendo. Enquanto caminhava entre as árvores, achou uma "máquina extremamente estranha": um objeto em forma de charuto, cinza-escuro, de 10 metros, pousado no solo a cerca de 60 ou 70 metros de onde ele estava.

Sundberg declarou ter visto três figuras saindo dos arbustos, cada uma delas usando roupa de mergulho e capacete na cabeça. A princípio, pensou que fossem trabalhadores técnicos de uma hidrelétrica localizada nas proximidades. Depois de algum tempo, as figuras entraram naquele veículo por uma portinhola na parte superior. O veículo então elevou-se a uns 15 metros em pleno ar, e desapareceu a grande velocidade.

Quando Sundberg retornou à Suécia foi, segundo ele, seguido por figuras misteriosas vestidas de preto - os tão comentados "homens de preto" que costumam intimidar algumas testemunhas de OVNIs - e finalmente sofreu um colapso nervoso.

Holiday, normalmente, teria recusado a história, se tivesse ouvido comentários

sobre outra aparição de OVNIs no lago naquela mesma semana de agosto de 1971. Mas havia um problema: no local do episódio, os investigadores encontraram uma floresta tão densa que "não havia lugar para o pouso de um OVNI maior do que uma caixa de fósforo". A foto de Sundberg mostrara apenas árvores.

Sundberg acreditou que tivera um encontro com um OVNI. No entanto, também parecia não haver nenhuma dúvida de que a coisa não acontecera exatamente como ele pensava. Teria o escritor sueco sido envolvido em algum tipo de evento sobrenatural?

Com base nessa teoria, o reverendo Omand, acompanhado por Holiday, foi ao lago Loch Ness para exorcizar seu demônio no dia 2 de junho de 1973. Ele realizou o ritual exorcista em cinco locais ao redor do lago.

- Fazei com que, por meio do poder dado a este humilde servo - orou ele em cada lugar -, este lago e as terras localizadas às suas margens possam ficar livres de todos os maus espíritos; de todas as vãs fantasias, projeções e fantasmas; e de todos os artifícios do Demônio. Permiti, Senhor, que eles obedeçam às ordens de vosso servo, e fazei com que não molestem nem homens nem animais, mas partam para o lugar que lhes for designado, e ali permaneçam para sempre.

E escreveria Holiday a respeito da experiência:

"Não tenho formação religiosa; no entanto, senti uma tensão distinta formar-se na atmosfera naquele momento. Foi como se tivéssemos acionado algumas alavancas invisíveis, e estivéssemos aguardando o resultado."

Na segunda-feira seguinte, o reverendo Omand repetiu o ato de exorcismo para uma equipe de cinegrafistas da BBC. Na terça-feira, Holiday preparou-se para investigar a aparição do OVNI relatada por Sundberg. Primeiro, entretanto, ele telefonou para Winifred Cary, médium que morava nas proximidades. Quando ele lhe falou do encontro de Sundberg, a sra. Cary respondeu que ela e o marido, comandante da Força Áerea inglesa, também já haviam visto OVNIs naquela área. A médium pediu a Holiday que não se aproximasse do local.

- Já li sobre pessoas que simplesmente desapareceram - revelou ela. - Pode parecer bobagem, porém eu não pretendo ir.

O reverendo Omand dissera a Holiday a mesma coisa. Escreveu Holiday em seu

livro The Goblin Universe:

"Naquele preciso momento, houve um ruído tremendo, semelhante ao de um furacão, e o jardim pareceu adquirir um movimento frenético indefinível. Ouviram-se impactos violentos, como se um objeto pesado estivesse batendo na parede ou na porta. Pela janela, atrás da sra. Cary, eu vi, de repente, o que me pareceu ser uma coluna de fumaça enegrecida em forma de pirâmide, com uns 3 metros de altura, girando a grande velocidade. Parte daquela fumaça estava envolvendo uma roseira, que parecia estar sendo arrancada do solo. A sra. Cary gritou e virou-se para a janela. O episódio durou dez ou quinze segundos, e então instantaneamente terminou."

Cary também ouviu o barulho.

- Vi uma luz branca entrando na sala pela janela a minha esquerda - confessou ela. - Vi um círculo de luz branca na testa de Ted Holiday. Senti um medo terrível.

Holiday decidiu não ir ao local onde Sundberg estivera. Mas na manhã seguinte, logo às primeiras horas, ao sair para um pequeno passeio, ficou surpreso ao ver uma figura de aparência estranha a uns 30 metros de distância. Era um homem vestido inteiramente de preto. Ele se recorda:

- Senti uma estranha sensação de mal-estar, de frio e de calma. Aquele homem tinha 1,80 metro de altura e parecia estar vestido com uma roupa de couro ou plástico preto. Usava capacete, luvas, e estava mascarado. A máscara cobria o nariz, a boca e o queixo.

Holiday aproximou-se da figura e logo após retrocedeu alguns passos. Em seguida, olhou para o lago durante alguns segundos. Então, virou a cabeça na direção do misterioso homem de preto. Naquele momento, ele ouviu um "curioso som sussurrante ou sibilante". Virou-se e não viu nada. Holiday correu imediatamente até a estrada.

- Havia uns 800 metros de estrada vazia visível à direita e cerca de 100 metros à esquerda - contou. - Nenhum ser vivo poderia ter desaparecido de vista tão rapidamente. No entanto, sem dúvida, ele sumira.

No dia seguinte, o reverendo Omand partiu, dizendo que tentaria exorcizar o antigo fantasma, quando visitasse o lago Loch Ness outra vez.

Holiday, nesse ínterim, retornou a Loch Ness em 1974. Em poucos dias, durante sua viagem, o escritor sofreu um ataque cardíaco não fatal enquanto passeava pelas margens do lago. Ao ser transportado em uma padiola, ele passou diretamente no local onde vira o homem de preto. Um segundo ataque cardíaco matou Ted Holiday, em 1979.

Sonhos Premonitórios a de Aberfan

Um dos piores desastres na história britânica aconteceu no País de Gales, no dia 21 de outubro de 1966, quando uma enorme avalancha de carvão soterrou a escola na pequena cidade mineira de Aberfan. Mais de 140 pessoas, inclusive 128 crianças, morreram.

Durante as semanas que se seguiram, ficou cada vez mais evidente que algumas das crianças, bem como outras pessoas em toda a Inglaterra, haviam previsto a tragédia. Na realidade, 35 desses casos foram coletados por J. C. Barker, psiquiatra inglês. Um de seus informantes foi a mãe de uma criança soterrada. Ela contou a Barker que, um dia antes do desastre, a filha de repente começou a falar da morte, explicando que não tinha medo de morrer. Ficou perplexa com aquela estranha conversa, porém não percebeu o significado das observações posteriores, relativas a um sonho estranho que a filha tivera.

- Sonhei que fui à escola - declarou a filha -, só que não havia nenhuma escola. Alguma coisa preta descera sobre ela.

Nem mesmo a menina conseguiu reconhecer que o sonho era uma advertência, e foi à escola no dia seguinte. Duas horas depois, estava morta.

Uma mulher de meia-idade de Plymouth, Inglaterra, também tivera premonições a respeito dessa tragédia.

- Na verdade, eu "vi" o desastre uma noite antes do acontecimento - relatou -, e, no dia seguinte, eu contara o sonho à vizinha, antes mesmo da transmissão da notícia. Primeiro, eu "vi" uma velha escola localizada em um vale, depois um mineiro galés e, por último, a avalancha de carvão rolando pela encosta da montanha. No sopé dessa montanha havia um menino com longa franja, com muito medo de morrer.

Então, durante algum tempo, eu "vi"o trabalho das operações de resgate. Tive a impressão de que o menino não morreu e foi salvo.

Dos muitos casos coletados pelo dr. Barker, a maioria referia-se a sonhos simbólicos, ocorridos uma semana antes da tragédia.

Aligatores Cadentes

Relatos de coisas vivas que caem do céu já são conhecidos há muito tempo, embora jamais tenham sido satisfatoriamente explicados. Muitos desses relatos descrevem quedas de pequenos animais - rãs, peixes e insetos -, mas às vezes criaturas maiores também caem não se sabe de onde. Aligatores, por exemplo.

No dia 26 de dezembro de 1877, The New York Times publicou a seguinte notícia:

"O dr. J. L. Smith, de Silverton Township, Carolina do Sul, quando abria uma nova fábrica de aguarrás, percebeu algo cair no chão e começar a rastejar em direção à barraca onde ele estava sentado. Examinando o objeto, ele descobriu que era um aligátor. Decorrido pouco tempo, um segundo réptil apareceu. Isso lhe aguçou de tal forma a curiosidade que o médico saiu procurando ao redor para ver se descobria mais algum. O dr. Smith encontrou outros seis, em uma área de 20 metros. Os animais, com cerca de 3 metros de comprimento, estavam muito agitados. O local onde eles caíram situa-se em terreno arenoso, a uns 10 quilômetros ao norte do rio Savannah."

História semelhante surgiu em 1957, por cortesia do escritor John Toland, que narrou o caso do dirigível Macon, da Marinha dos EUA. Em 1934, o Macon participara de manobras nas Caraíbas e estava se dirigindo a oeste, na viagem de volta. Quando entrava no espaço aéreo da Califórnia, na tarde de 17 de maio, o comandante, Robert Davis, ouviu um ruído estranho sobre a cabeça. O ruído vinha de um dos sacos de lastro.

Preocupado, o comandante subiu no cordame, enquanto o ruído ficava cada vez mais alto. Ele abriu o saco de lastro e olhou dentro dele. Agitando-se de um lado para outro, muito nervoso, havia um aligátor de 60 centímetros.

Ninguém conseguiu entender de onde veio o réptil. Eles estavam no ar fazia vários

dias, e parecia altamente improvável que aquela criatura grande e ruidosa pudesse ter estado ali o tempo todo, sem dar o ar da graça. Além disso, Davis, rapaz inquieto por natureza, estivera caminhando por todo o aparelho desde o início da viagem, e não vira nada de estranho.

A única explicação plausível - embora não fizesse nenhum sentido - era que o animal caíra no saco de lastro, vindo de cima.

Outra história vem do casal Trucker, de Long Beach, Califórnia. Eles ouviram uma pancada seca no quintal de casa, em 1960. Imediatamente depois, ouviram um grunhido alto. Quando saíram fora para ver o que estava acontecendo, ficaram atônitos ao encontrar um aligátor de 1,50 metro. Chegaram à conclusão de que o animal caíra do céu.

Viajantes Noturnos

Um dos mais estranhos contatos imediatos de primeiro grau de todos os tempos ocorreu em uma fria noite de novembro de 1961. As testemunhas foram quatro homens de Dakota do Norte, que voltavam para casa depois de uma caçada, enquanto uma chuva fria batia no pára-brisa do carro. O sistema de aquecimento estava com defeito e as gotas de água viravam gelo nos vidros. Três dos viajantes dormiam quando o motorista, o único que estava acordado, viu um objeto incandescente vindo do céu.

O objeto caiu a uns 800 metros de distância, do lado direito da rodovia. O motorista, alarmado, cutucou o homem que dormia a seu lado, e ele acordou a tempo de vê-lo, o mesmo acontecendo com um dos homens que dormia no banco traseiro. Todos imaginaram que estavam testemunhando um acidente aéreo.

Aceleraram o carro em direção ao local da queda, onde encontraram um objeto em forma de silo enfiado na terra a um ângulo de cerca de 85 graus em relação ao solo e a 150 metros de distância. Quatro figuras rodeavam-no. Tentar enxergar tudo isso em noite escura e a certa distância exigia visão muito boa. Por isso os homens ligaram uma lanterna de mão no acendedor de cigarro do automóvel e apontaram-na no rumo da nave e de seus ocupantes.

- Nesse momento - declarou posteriormente um dos caçadores a um investigador

d o National Investigations Committee on Aerial Phenomena -, ouvimos uma explosão e tudo desapareceu.

Os homens ficaram horrorizados. Pensando que a nave tivesse explodido, aceleraram o carro em direção ao campo. Mas, quando se aproximaram do lugar, não encontraram a nave.

Acordaram o quarto homem, um estudante de medicina em serviço na base da Força Aérea local, e contaram a ele que, quando encontrassem a área do "acidente", precisariam de ajuda. O estudante sugeriu que voltassem ao ponto de onde eles tinham visto o objeto pela primeira vez.

- Assim - exclamou ele -, poderemos calcular a trajetória e imaginar onde o objeto caiu.

Logo depois de retornarem à estrada, viram o objeto em forma de silo e seus ocupantes outra vez. O estudante ligou a lanterna e iluminou de alto a baixo o veículo prateado. Então, a luz da lanterna iluminou uma das figuras, uma forma humana com cerca de 1,70 metro de altura, vestida com um avental branco. Por mais estranho que possa parecer, ele agitava os braços, fazendo sinais, como se tentasse dizer "saiam daqui". Se tivesse havido um acidente aéreo, imaginaram as testemunhas, por que aquele homem estaria ordenando a eles que se afastassem?

Os caçadores percorreram uma curta distância, tentando decidir o que fazer. Alguém sugeriu que o objeto poderia ser um dispositivo de teste secreto da Força Aérea. Outro achou que aquele homem era fazendeiro e a "nave", um silo agrícola.

Finalmente, decidiram voltar para casa. Dirigiram mais uns 3 quilômetros, quando o objeto retornou e pousou suavemente a menos de 150 metros. De repente, duas figuras ficaram visíveis.

Um dos caçadores saiu do carro, apontou a arma e disparou. A figura mais próxima foi atingida no ombro, levou a mão ao ferimento e caiu de joelhos. O companheiro ajudou-o e gritou para os quatro:

- Por que vocês fizeram isso?

Os quatro homens, posteriormente, tentaram relembrar o que aconteceu em seguida e concluíram que, no mínimo, haviam perdido a memória. Dois deles chegaram a negar que a espingarda tivesse sido tirada do carro. O homem que se

lembrou de ter atirado disse que seu comportamento parecia irracional e esquisito. A única lembrança nítida que tinham era a de chegarem em casa ao amanhecer e encontrarem as mulheres preocupadas com a demora deles.

No dia seguinte, o estudante - o homem que fizera o disparo - surpreendeu-se ao encontrar alguns homens estranhos esperando-o ao chegar ao trabalho. Chamando- o pelo nome, eles disseram que haviam "recebido o relatório" sobre a experiência vivida na noite anterior. Perguntaram se ele havia saído do carro durante a primeira parte da experiência, e também quiseram saber o tipo de roupa que usava. Quando respondeu que vestia roupa de caça e botas, os homens pediram que os levasse a sua casa, para que pudessem examinar-lhe as roupas.

Feito o exame, levantaram-se para ir embora. Aquele que falara a maior parte do tempo agradeceu a cooperação, mas advertiu:

- É melhor você não falar nada sobre isso com ninguém, daqui para a frente.

Os homens entraram no carro e foram embora, deixando-o sozinho. Ele teve de telefonar para um táxi, para poder voltar à base.

- Eles não fizeram indagações a respeito do disparo, e todas as perguntas referiam-se à primeira parte da aparição - lembrou o estudante. - Acho que, provavelmente, sabiam mais do que demonstravam, porém não tenho certeza.

Ele nunca mais voltou a vê-los e, até os dias de hoje, não faz a mínima idéia de quem eram aqueles homens, e o que, exatamente, queriam dele.

Os Homenzinhos da Islândia

Dificilmente encontraremos um lugar no mundo onde as pessoas não tenham, pelo menos uma vez, acreditado na existência de uma raça oculta de homenzinhos com poderes sobrenaturais. A crença de que há homenzinhos escondidos persiste até mesmo na Europa moderna, especialmente na Islândia, nação com excelente sistema educacional e alto índice de alfabetização.

- Os que me contaram tais histórias - revela Helgi Hallgrimsson, gerente do Museu de História Natural de Akureyri -, são pessoas honestas e muitas delas não acreditavam nessas criaturas, até terem a oportunidade de vê-las pessoalmente.

Ao que parece, esses duendes costumam proteger seu território e provocam problemas intermináveis àqueles que tentam invadi-lo. Em 1962, quando o novo porto de Akureyri estava sendo construído, os trabalhadores tentaram explodir algumas rochas, sem sucesso. Por mais que tentassem, o equipamento não funcionava no momento crítico. Os trabalhadores sofriam acidentes de trabalho ou adoeciam sem motivo aparente.

Finalmente, um jovem chamado Olafur Baldursson apresentou-se para declarar que os duendes estavam descontentes, porque moravam no local das explosões. Ele ofereceu seus préstimos como mediador, afirmando que, se as autoridades municipais quisessem, acertaria as coisas com os homenzinhos. As autoridades concordaram e, no devido tempo, os duendes ficaram satisfeitos. Pelo menos foi a conclusão a que elas chegaram, porque, depois que Baldursson declarou que tudo já havia sido acertado, o trabalho prosseguiu, sem mais problemas.

Essa não foi a última vez que os duendes aparentemente agiram para proteger seu território. Em 1984, quando o Departamento Rodoviário da Islândia tentou construir uma nova estrada perto de Akureyri, os operários da empreiteira sofreram doenças estranhas e as escavadeiras quebravam sem razão alguma.

Nem todos os islandeses estão preparados para acreditar nos homenzinhos escondidos, é claro. Thor Magnusson, por exemplo, recusa-se a aceitar as várias aparições, dizendo:

- Pessoalmente, eu acho que aqueles que vêem duendes deveriam submeter-se a consulta oftalmológica.

Contudo, os que crêem discordam dele. Helgi, o gerente do museu, rebate:

- Existem muitas coisas na natureza que a ciência ainda não tem condições de explicar.

Paisagem Fantasma

A viagem pelo tempo é possível? Por mais incrível que possa parecer, grande quantidade de indivíduos aparentemente sãos e de reputação ilibada já declarou ter atravessado os anos para visitar o passado.

Um desses casos foi investigado por Mary Rose Barrington, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Segundo ela, os participantes, sr. e sra. George Benson, fizeram uma viagem às colinas de Surrey num domingo, em julho de 1954. O dia iniciara de forma estranha, e os dois acordaram sentindo inexplicável melancolia. Nenhum deles contou ao outro o que sentia, pois aquele sentimento parecia ser irracional, considerando-se os agradáveis divertimentos que desejavam ter durante aquele dia.

Chegando a Surrey de ônibus, o casal decidiu visitar a igreja da família Evelyn, em Wotton. Havia muito tempo eles se interessavam por John Evelyn, memorialista do século 17, e estavam curiosos por ver quais de seu parentes estavam enterrados no jazigo. A visita foi tão interessante que os Benson passaram mais tempo ali do que pretendiam.

Quando, finalmente, saíram dali, viraram à direita e descobriram um caminho gramado ladeado de arbustos. Seguindo pelo caminho, eles logo chegaram a uma clareira com um banco de madeira. Um trecho gramado se estendia do banco até algumas árvores, localizadas a uns 25 metros. À direita do banco, a terra descia em declive acentuado em direção a um vale, de onde eles ouviram ruídos de madeira sendo cortada e o constante latido de um cachorro.

Nesse momento, o sr. Benson consultou o relógio. Vendo que era meio-dia, abriu o pacote de sanduíches que haviam levado. Excessivamente deprimida para comer, a sra. Benson cortou pequenos pedaços de pão para dar aos pássaros. De repente, tudo ficou em silêncio, e eles não ouviram nem mesmo o canto dos passarinhos.

- Senti um medo angustiante - declarou a sra. Benson, pois ela literalmente sentiu a presença de três figuras ameaçadoras vestidas com batinas pretas. Disse que essas figuras estavam em pé atrás dela.

Ela tentou olhar para trás, mas não conseguiu. O sr. Benson não viu nada, porém pôs a mão na mulher. O corpo dela estava tão gelado que parecia o de um cadáver. Finalmente, a sra. Benson sentiu-se melhor e os dois concordaram em ir embora dali.

Desceram a colina e, pouco tempo depois, atravessaram uma linha férrea. Então, embora tivessem planejado dar um longo passeio, deitaram no gramado e adormeceram. Depois disso, tudo passou a ser meio confuso, e eles só conseguem

lembrar-se de estar em Dorking, embarcando no trem que os levaria de volta para casa, em Battersea.

Durante os dois anos seguintes, a sra. Benson viveu com um medo quase constante. Lembrava-se vividamente do terror que se apossara dela, quando os três estranhos com batinas pretas apareceram. Finalmente, sentindo que apenas enfrentando a experiência de frente ela poderia superá-la, voltou sozinha para atravessar outra vez o caminho que, juntamente com o marido, havia trilhado naquele dia sinistro.

Mas, assim que chegou à igreja, percebeu que alguma coisa estava errada. Em primeiro lugar, não havia caminho algum que levasse ao alto da colina - porque não existia nenhuma colina. Na realidade, a área era plana. Não havia nem abundância de arbustos nem árvores em uma área de 800 metros.

Conversou com um dos moradores locais, que conhecia muito bem a região, e ele disse não conhecer nada que pudesse se comparar ao que ela descrevera. Disse também que não havia nenhum banco de madeira nos caminhos das redondezas.

Quando retornou a Battersea, a sra. Benson contou ao marido o que ficara sabendo.

Ele não acreditou em suas palavras, porém, quando resolveu ir à igreja no domingo seguinte, descobriu que ela falara a verdade.

Alguns anos mais tarde, Mary Rose Barrington e John Stiles, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, foram ao local, na esperança de descobrir a paisagem vista pelos Benson. Não acharam nada, para decepção da sra. Benson, que esperava uma explicação mais racional para a história. Mary Rose e John concluíram que ocorrera certo tipo de experiência mediúnica.

Mary Rose leu os diários de John Evelyn, na esperança de encontrar alguma pista. Ela reparou que a descrição feita por Evelyn da paisagem de sua juventude era bastante semelhante à observada pelos Benson. Em uma das anotações, datada de 16 de março de 1696, Evelyn mencionou a execução de "três pobres diabos, sendo um deles um padre", que faziam parte do complô dos católicos para assassinar o rei Guilherme III, Príncipe de Orange.

Mary Rose concluiu que, de certa forma, os Benson haviam entrado em uma

"realidade alternativa", e que o fascínio dos dois pelos diários de John Evelyn fizera com que eles, por alguma maneira desconhecida, entrassem no mundo dos Evelyn - um mundo que já não existia mais havia 250 anos.

OVNIs Sobre a Casa Branca

Muita gente que duvida dos OVNIs pergunta por que, se é que eles realmente existem, nunca pousaram nos jardins da Casa Branca. Não considerando o fato de que seus ocupantes talvez ainda não tenham encontrado um presidente que lhes agradasse, os OVNIs já apareceram nas proximidades da Pennsylvania Avenue, em mais de uma oportunidade.

Na noite de 26 de julho de 1952, por exemplo, objetos voadores não identificados foram captados pelas telas dos radares de Washington. Em determinado momento, doze objetos separados foram detectados: quatro, voando a uma distância de 2 quilômetros entre si, aproximaram-se em formação a uma velocidade de 160 quilômetros horários, enquanto outros oito se moviam desordenadamente a velocidades mais altas. Pelo menos dois militares e um piloto de avião comercial, que seguia para o Aeroporto Nacional de Washington, declararam ter mantido contato visual Com luzes brancas e alaranjadas no céu aquela noite.

No dia 11 de janeiro de 1965, OVNIs foram vistos novamente sobrevoando a Casa Branca, por civis e militares. Pouco antes, em 29 de dezembro de 1964, três objetos não identificados foram captados pelo radar, voando a velocidades calculadas em quase 8 mil quilômetros horários. A Força Aérea informou que o fato teria sido provocado por algum defeito mecânico.

Oito dias antes, um certo Horace Bruns disse que o motor de seu carro morreu na U.S. Highway 250, na presença de um OVNI enorme, em forma de cone.

- O objeto voador media quase 40 metros de largura e devia ter uns 20 metros de altura - revelou Bruns. - Ele permaneceu pousado em um campo à margem da estrada durante mais de um minuto e meio, antes de decolar em ângulo reto.

O professor Ernest Gehman e dois engenheiros da DuPont examinaram, posteriormente, o local. Eles mediram o nível de radiação e descobriram que estava acima do normal.

Na verdade, foram relatadas cinco outras aparições de OVNIs sobre Washington ou nas proximidades da cidade, entre outubro de 1964 e janeiro de 1965. No dia 25 de janeiro, alguns policiais de Marion, Virgínia, viram um objeto brilhante que pairava no ar e depois desapareceu, deixando uma esteira de faíscas. Vinte minutos depois nove pessoas de Fredericksburg, cidade localizada a 480 quilômetros de distância, também declararam ter visto a esteira brilhante de faíscas.

A Serpente Marinha

Em maio de 1917, o navio cargueiro Hilary, de 6 mil toneladas e equipado com algumas armas, atravessava águas calmas nas proximidades da Islândia, quando o vigia avistou "alguma coisa grande na superfície". Temendo um ataque de surpresa de um submarino alemão, o capitão F. W. Dean alertou os artilheiros e ordenou força total em direção ao alvo.

Mas Dean e os tripulantes não encontraram nenhum submarino inimigo. O que eles viram foi um mistério marinho. A uma distância de 30 metros, o capitão viu, com surpresa, uma "cabeça, com a forma da de uma vaca, mas muito maior", subir à superfície. Não havia nem chifres nem orelhas. A cabeça, conforme as descrições, era "preta, exceto na parte frontal do focinho, onde se podia ver claramente uma faixa de carne esbranquiçada, mais ou menos como a que existe entre as narinas de uma vaca". As testemunhas viram também uma barbatana dorsal, com mais de 1 metro de altura, "fina e mole". A criatura tinha cerca de 20 metros de comprimento, sendo que uns 6 metros eram constituídos de pescoço fibroso.

Então, em um dos erros mais infelizes de toda a história marítima e zoológica, Dean decidiu que os artilheiros podiam treinar a pontaria. Afastando o navio a uma distância de 1 200 metros, ordenou que abrissem fogo. Um tiro direto atingiu a criatura. Os espasmos de sua morte agitaram a água, e o submarino vivo afundou para sempre.

Dois dias mais tarde, em 25 de maio de 1917, o Hilary foi avistado por um submarino de verdade. Mesmo assim, seus tripulantes tiveram um destino melhor do que a serpente marinha que eles afundaram, pois muitos deles sobreviveram para lutar outra vez.

O Regimento que Desapareceu

A guerra perturba não apenas a alma, mas também os sentidos. Quem sabe o que pode acontecer no auge de um conflito? Talvez um mundo possa se abrir e engolir um outro, como parece ter acontecido com um regimento britânico inteiro, durante a campanha da Turquia, na Primeira Guerra Mundial.

Em 28 de agosto de 1915, os turcos ocupavam uma área elevada nas proximidades da baía de Sulva; a luta entre eles e as tropas da Inglaterra, da Nova Zelândia e da Austrália era violenta, com muitas baixas em ambos os lados.

As condições climáticas naquela manhã eram ótimas. O dia, claro e ensolarado, apresentava-se ameaçado apenas por seis ou oito nuvens compactas, que envolviam uma área disputada em uma colina conhecida como Hill 60, de onde as forças turcas impediam o avanço dos ingleses com fogo cerrado. Curiosamente, a despeito do vento de 8 quilômetros horários que soprava do sul, as compactas nuvens mantinham-se no mesmo lugar.

Com a incumbência de atacar a posição turca, o regimento First Fourth Norfolk marchou para a frente, na direção de uma das nuvens que pairava sobre um trecho seco, Kaiajak Dere. Demorou quase uma hora para que aqueles 4 mil homens, avançando em fila indiana, desaparecessem na nuvem, segundo sapadores neozelandeses escondidos em trincheiras a 2 500 metros de distância.

Foi então que o mais incrível aconteceu. Aquela nuvem que pairava a baixa velocidade, descrita como tendo uns 240 metros de comprimento e 70 metros de largura, elevou-se ligeiramente no céu e desapareceu em direção à Bulgária.

Com a nuvem, desapareceram os homens do regimento inglês First Fourth. Hoje, não existem cruzes marcando suas sepulturas. Se foram aniquilados durante a batalha, então sua eliminação total foi mais abrupta e completa do que qualquer outra em toda a história militar. Contudo, se aqueles homens foram levantados pelas nuvens e transportados para algum lugar distante, como afirmam os sapadores neozelandeses, eles agora poderão estar em algum lugar - talvez até em um mundo sem guerras.

Buracos Negros: Portas para o Desconhecido

Os buracos negros nunca foram vistos, porém podem muito bem ser a porta de passagem para universos além do nosso. A existência dos buracos negros foi postulada pela primeira vez pelo astrônomo alemão Karl Schwarzschild, em 1916. Schwarzschild sugeriu a existência de um campo gravitacional tão intenso que nada, nem mesmo a radiação eletromagnética (inclusive a luz), pode escapar.

Tudo o que esteja na adjacência imediata do buraco negro é inexoravelmente sugado em direção ao centro, fenômeno que os físicos chamam de "singularidade", isto é, o ponto de infinita densidade onde as leis de tempo e espaço que conhecemos são anuladas e decompostas. O ponto crítico da energia e dos objetivos sugados em direção à singularidade é conhecido como "horizonte de ocorrência".

Não obstante um buraco negro jamais ter sido diretamente detectado, os astrônomos acham que ele é o estágio final da evolução das estrelas de certa massa, correspondente ao colapso gravitacional total. Podem existir buracos negros no centro de nossa própria galáxia, no núcleo de quasares (corpos celestes visíveis ao telescópio, semelhantes a estrelas, mas cujo espectro apresenta um deslocamento para o vermelho excepcionalmente grande) e até mesmo em alguns sistemas estelares binários.

Teóricos como o matemático Roger Penrose, de Cambridge, formularam um uso potencialmente invulgar para os buracos negros. Um astronauta, por exemplo, poderia mergulhar abaixo do horizonte de ocorrência de um buraco negro giratório, particularmente poderoso, e emergir em outro universo completamente diferente, ou reemergir em nosso próprio universo, vastas distâncias mais além, no mesmo instante.

Uma terceira alternativa é que nosso temerário astronauta poderia entrar em um universo negativo, onde a natureza esteja de cabeça para baixo. A gravidade, por exemplo, poderia ser mais uma força repelente do que atraente.

Para que essas suposições possam ser levadas mais a sério, seria necessária a existência do oposto do buraco negro, ou o "buraco branco", que jogaria matéria e energia para fora de sua singularidade e além do horizonte de ocorrência.

Nos dias atuais prosseguem as pesquisas de ambos os objetos super-poderosos, especialmente a busca de buracos negros entre as constelações estelares. Uma das principais candidatas nessa busca é a estrela Cisne X-l, na Constelação Cisne. A busca é de considerável importância, pois, se a Terra, ou nosso sistema solar, se aproximasse demais de um buraco negro suficientemente grande, poderia, pelo menos teoricamente, ser sugada para dentro dele, modificando, comprimindo ou destruindo totalmente toda matéria com a qual estamos familiarizados e, talvez, ser expelida outra vez, em uma forma diferente.

Parece inacreditável que a astronomia moderna, depois de apenas algumas centenas de anos de prática e pesquisas, tenha sido capaz de identificar os segredos - e os perigos - existentes em estrelas distantes.

Mas será que nosso conhecimento cósmico é assim tão recente? Placas de argila de mais de 5 mil anos, guardadas pelos sumérios, fazem referência a uma estrela perigosa, à qual eles deram o nome de "pássaro demoníaco de Nergal". Nergal era o poderoso e sinistro mestre do submundo. E o perigoso "pássaro demoníaco", quando traduzido e localizado em seus mapas estelares, é justamente a nossa Cisne X-l.

O Cérebro Trespassado

No dia 11 de setembro de 1874, Phineas P. Gage, 25 anos, usava uma barra de ferro de pouco mais de 1 metro de comprimento para colocar explosivos em buracos, quando uma das cargas explodiu prematuramente, jogando a barra de ferro contra seu rosto. A barra de ferro de 6 quilos, com diâmetro de 3 centímetros, penetrou em sua face esquerda, logo acima do maxilar inferior. A força da explosão fez com que a barra lhe atravessasse o cérebro, desalojando grande parte da região frontal.

Algumas horas após o acidente, segundo dizem, Gage perguntou a respeito de seu trabalho! Durante os dias seguintes, ele cuspiu pedaços de ossos e de massa encefálica. Em seguida, caiu em um delírio e, finalmente, perdeu a visão do olho esquerdo. Depois disso, Gage recuperou-se fisicamente, embora os que o conheceram tenham declarado que ele se tranformou em pessoa bruta e indigna de

confiança.

A milagrosa sobrevivência de Gage foi relatada em detalhes tanto pelo American Journal of Medical Science quanto pelo British Medical Journal daquela época. Sua história, embora tenha tido um final triste, faz com que indaguemos: que quantidade de cérebro é realmente necessária para nossa sobrevivência?

Um documentário sobre o assunto, realizado pela televisão sueca em 1982, mostrou diversos pacientes agindo normalmente com apenas uma fração de sua massa encefálica. Um deles, o jovem chamado Roger, com 5 por cento de cérebro, conseguiu diplomar-se em matemática.

A Maldição do Diamante Hope

De acordo com a lenda, a fabulosa jóia conhecida como Diamante Hope antigamente enfeitava a testa de um ídolo hindu, de onde foi roubado por um sacerdote. O pobre homem, segundo a lenda, foi capturado e torturado por seu ato.

A admirável gema, que dizem ser amaldiçoada, surgiu pela primeira vez na Europa em 1642, nas mãos de um comerciante e contrabandista francês chamado Jean-Baptiste Tefernier. Ele obteve um lucro considerável com sua venda, porém seu filho esbanjador acabou gastando grande parte do dinheiro. Viajando à Índia para recuperar sua fortuna, Tefernier foi atacado por uma matilha de cães bravios e feito em pedaços.

Em seguida, a pedra passou para as mãos do famoso rei Luís XIV da França, que reduziu seu incrível tamanho de 112,5 quilates para 67,5. Essa redução, no entanto, não afetou a maldição. Nicholas Fouquet, alto funcionário do governo francês, que tomou emprestado o diamante para um baile oficial, foi acusado de desfalque e condenado à prisão perpétua, vindo a morrer na cadeia.

A princesa de Lambelle, que usava o diamante regularmente, foi espancada até morrer por uma multidão parisiense. O próprio rei morreu arruinado e desprezado, seu império em ruínas. Luís XVI e a rainha Maria Antonieta morreram na guilhotina.

Em 1830, o tesouro foi adquirido pelo banqueiro londrino Henry Thomas Hope por

150 mil dólares. Aí começaram seus problemas. A fortuna da família declinou rapidamente, e um neto morreu na miséria, antes que outro herdeiro vendesse a pedra maldita.

Durante os dezesseis anos seguintes, o Diamante Hope passou de mão em mão, chegando mesmo a pertencer ao francês Jacques Colet, que cometeu suicídio, e ao príncipe russo Ivan Kanitovitsky, vítima de assassinato. Em 1908, o sultão turco Abdul Hamid pagou 400 mil dólares pelo Diamante Hope e presenteou-o a Subaya, sua concubina favorita. Menos de um ano depois, Hamid matou Subaya e foi destronado. Simon Montharides, o proprietário seguinte, morreu de forma trágica, juntamente com a mulher e uma filha pequena, quando a carruagem em que viajava tombou.

O diamante e sua maldição chegaram às mãos do gênio das finanças, o norte-americano Ned McLean, que pagou pela pedra apenas 154 mil dólares. Vincent, seu filho, foi vítima de um acidente automobilístico, e uma filha morreu como conseqüência de uma dose excessiva de drogas. A mulher de McLean ficou viciada em morfina, e o próprio McLean faleceu em um hospital para doentes mentais. A sra. McLean morreu em 1947, deixando a herança maldita a seis netos, inclusive à pequena Evalyn, que, na ocasião, contava 5 anos.

Dois anos depois, a família McLean vendeu o diamante a Harry Winston, negociante de pedras preciosas. Winston, por sua vez, doou-o à Smithsonian Institution, onde permanece até hoje. Talvez a maldição não se aplique a instituições, como recai sobre indivíduos. Ou talvez a terrível maldição tenha, finalmente, terminado com Evalyn McLean, um dos seis netos da sra. McLean, encontrada morta, sem nenhuma causa aparente, em seu apartamento de Dallas, no dia 13 de dezembro de 1967, quando estava com 25 anos.

Rumo ao Esquecimento

Era um brigue excelente, com madeirame firme e velas quadradas, quando foi batizado de Amazon em Spencer Island, Nova Escócia, em 1861. Mas já naquela ocasião havia maus presságios, pois seu primeiro capitão morreu 48 horas após assumir o comando.

Seguiu-se uma série de desastres menores. Em sua viagem inaugural, o Amazon foi de encontro a um dique de pesca, avariando o casco. Durante os trabalhos de reparo, irrompeu um incêndio a bordo, resultando na morte de seu segundo capitão. Sob o comando de um terceiro capitão, empreendeu sua terceira travessia do Atlântico, e colidiu com outro navio no estreito de Dover.

Então, em 1867, o Amazon soçobrou em Blauce-Bay, Terra Nova, onde foi deixado para as equipes de salvamento. Uma companhia norte-americana, finalmente, trouxe-o de volta à superfície, restaurou-o, zarpou com ele para o sul, onde foi registrado sob bandeira dos EUA e rebatizado com o nome de Marie Celeste.

O capitão Benjamim S. Briggs adquiriu o Marie Celeste em 1872. No dia 7 de novembro daquele ano, ele zarpou de Nova York para o Mediterrâneo com sua mulher, a filha e sete tripulantes, transportando 1 700 barris de álcool comercial no valor de 38 mil dólares.

Em 4 de dezembro, um bergantim inglês encontrou o Marie Celeste a 600 milhas a oeste de Portugal. Seus tripulantes o abordaram, porém não encontraram ninguém nem no convés nem nos porões. A carga estava em boas condições, com uma exceção - um único barril de álcool havia sido aberto. Os pertences dos tripulantes do Marie Celeste, inclusive os cachimbos e as bolsas para guardar fumo, foram deixados para trás. A última anotação no diário de bordo, com a data de 24 de novembro, não deu nenhum indicação de algum desastre iminente. A única pista foi um pedaço de balaustrada, que estava no convés, onde deveria haver um bote salva-vidas.

O destino do capitão Briggs, de sua família e seu tripulantes permanece como um dos muitos mistérios inexplicáveis dos mares. O que parece evidente é que todos abandonaram o navio em um único barco salva-vidas com muita pressa. Talvez tenham temido uma explosão imediata. O álcool, armazenado em condições precárias, pode ter começado a expelir gases no calor dos trópicos. Briggs, que não devia conhecer muito bem sua carga, pode ter soado o alarme para abandonar o navio. Um vento pode ter soprado, afastando o Marie Celeste. A única coisa que sabemos, com certeza, é que jamais saberemos.

O Fogo que Veio do Céu

Ondas repentinas de calor que descem dos céus já ocorreram em diversas ocasiões. Pergunte a qualquer um que more nos proximidades de Lake Whitney, Texas, sobre a noite de 15 de junho de 1960.

A princípio, responderão as testemunhas, o céu estava limpo, com muitas estrelas brilhando e uma temperatura por volta de 23 graus centígrados. Então, surgiram alguns relâmpagos no horizonte, e um vento suave começou a soprar por sobre o lago. Sem aviso prévio, o vento ficou mais forte e arrancou o telhado da Mooney Village Store, espalhando pães e latas de alimentos pelos corredores.

E, com o vento, desceu sobre a cidade um calor insuportável. O termômetro do lado de fora da Charley Riddle Bait and Tackle Shop que, à meia-noite, marcava uma temperatura de 21,1 graus centígrados, passou para 37,8 em uma questão de minutos e subiu para o máximo de 60 graus centígrados.

Os radiadores dos carros ferveram, os sistemas de prevenção de incêndios entraram em ação, e as mães apavoradas da pequena cidade de Kopperl literalmente envolveram seus bebês em lençóis molhados. Quando o fazendeiro Pete Burns entrou em casa para dormir no início daquela noite, sua colheita de algodão estava em perfeitas condições. Na manhã seguinte, ele a encontrou totalmente queimada. Milharais na mesma área estavam murchos e queimados.

Mesmo assim, a tempestade mais estranha que se abateu sobre o Texas provavelmente teria passado em brancas nuvens, se Floyd Bright, o cinegrafista veterano de televisão, não tivesse captado provas da destruição no dia seguinte.

Harold Taft, o homem que faz a previsão do tempo no Canal 5 em Fort Worth, especulou que uma forte corrente de ar descendente de uma tempestade indefinida poderia ser responsável pelo fenômeno.

- Massas de ar descendentes esquentam na proporção de 10 graus centígrados para cada 300 metros de queda - disse Taft.

Se a corrente de ar descendente tivesse sido iniciada, segundo ele, a uma altura de 6 mil metros, a 40 graus centígrados de temperatura, ela teria se aquecido e chegado a quase 60 graus centígrados quando chegasse ao nível do solo.

- Admito que o ar quente tende a subir - continua Taft. - A força descendente deve ter sido muito intensa, o que ajudaria a explicar os ventos de 160 quilômetros horários registrados naquela noite.

Ainda ficamos assustados pela força e pela fúria dos céus, imaginando se o que incinerou um campo de algodão na região central do Texas não poderia ter causado, em outras noites, alguns dos grandes incêndios inexplicáveis que, ocasionalmente, ocorrem em todo o mundo.

A Abadia de Glastonbury

Glastonbury, em Somerset, Inglaterra, figura com destaque no folclore e nas antigas tradições do local. Historiadores afirmam que o rei Arthur foi enterrado na Abadia de Glastonbury. A lenda cristã diz que São José de Arimatéia trouxe o Santo Graal a Glastonbury e plantou um espinheiro que ainda pode ser visto no local. Além disso, Glastonbury é, segundo dizem, o lugar onde as pessoas que se dedicam ao campo da "arqueologia mediúnica" fizeram suas descobertas mais surpreendentes.

Em 1907, a Abadia de Glastonbury, um monte de ruínas negligenciadas e cobertas de mato, foi adquirida pelo governo estadual e colocada aos cuidados da fundação Fé Diocesana, que pretendia fazer escavações no local. A fundação entregou os trabalhos à Sociedade Arqueológica Somerset, que escolheu para chefiar as escavações um promissor arquiteto eclesiástico de Bristol, chamado Frederick Bligh Bond.

Os clérigos e as outras pessoas envolvidas no projeto desconheciam que Bond era membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, assim como seu amigo, o capitão John Bartlett. Os dois concordaram em empregar a habilidade de psicografia de Bartlett, pela qual os espíritos supostamente se comunicavam com o mundo dos vivos por meio da caneta do capitão, para escavar Glastonbury. Às 16h30 de 7 de novembro de 1907, a experiência teve início.

- Você pode nos dizer alguma coisa sobre Glastonbury? - perguntou Bond.

Bartlett respondeu traçando plantas da abadia, inclusive com medidas, e redigindo mensagens em uma mistura de latim vulgar e algumas palavras que pareciam pertencer aos primórdios da língua inglesa, aparentemente ditadas por monges havia muito falecidos. Muitas das coisas que aprendeu foram diametralmente opostas ao conhecimento anterior de Bond, mas mesmo assim ele seguiu em frente.

As descobertas começaram a surgir. Primeiro, uma capela jamais suspeitada na ala leste da abadia, em seguida uma passagem desconhecida, depois um recinto abobadado de planta poligonal e uma cripta. A capacidade de Bligh Bond foi celebrada nos círculos arqueológicos e eclesiásticos - até 1918, quando ele revelou em seu livro The Gate of Remembrance como os espíritos dos monges o haviam levado a suas descobertas. As autoridades, horrorizadas, iniciaram um movimento para destituir Bond de seu cargo, e conseguiram. Em seguida, removeram ou alteraram muitos dos registros arqueológicos que ele deixou no local, e chegaram até mesmo a proibir a venda de seus livros na abadia.

A despeito do registro de impressionantes descobertas mediúnicas de Bligh Bond na abadia, e de seu amor pessoal pelo local, ele foi expulso de Glastonbury por pessoas de mentalidade estreita simplesmente porque empregou técnicas não convencionais para revelar suas maravilhas.

O Fantasma do Great Eostern

O Great Eastern foi, sem dúvida, um dos maiores navios a singrar os sete mares. Foi, também, uma das embarcações mais amaldiçoadas de que se tem notícias, assombrada desde o início pelo fantasma de um operário que ficou emparedado em seu casco duplo.

Seu criador, Isambard Kingdom Brunel, já era um bem-sucedido empreiteiro construtor de pontes e ferrovias, quando concebeu a idéia de uma cidade flutuante que ligasse Londres ao resto do mundo. Arquitetos navais já haviam projetado e construído transatlânticos de passageiros que deslocavam quase 3 mil toneladas. Mas o Great Eastern de Brunel transformava em barcos insignificantes todos os

navios construídos até então.

Na verdade, com um deslocamento calculado de 100 mil toneladas, ele envergonhava qualquer outra embarcação. Dez grandes caldeiras, acionadas por 115 fornalhas, acionavam suas rodas de pás de 17 metros e uma hélice de apoio de 8 metros.

Cinco tremonhas levavam o carvão para suas fornalhas, por ação gravitacional. O Great Eastern tinha sistemas auxiliares em número suficiente para dar apoio a uma pequena marinha, inclusive dez âncoras de 5 toneladas cada uma, seis enormes mastros e velas, e seu próprio gasômetro para iluminação.

No entanto, o navio pareceu ser assombrado desde o início. Para o lançamento do maior navio do mundo, Brunel convidou o exército de operários que o haviam construído. Um dos que não compareceu foi o taciturno trabalhador do estaleiro que trabalhara no casco duplo.

A cerimônia de batismo não saiu exatamente de acordo com os planos, pois o tamanho e o peso do Great Eastem emperraram o mecanismo que deveria fazer o navio deslizar até a água. Ele provavelmente jamais teria sido lançado ao mar, se marés surpreendentemente altas não o tivessem feito flutuar pelo Tâmisa.

Porém, logo após esse pequeno sucesso, a Great Eastern Steam Navigation Company de Brunel foi à falência - e o próprio Brunel morreu. Na verdade, no dia de sua morte, o capitão reclamou a seu engenheiro-chefe, dizendo:

- Meu sono foi rudemente perturbado por marteladas constantes provenientes dos porões.

Após esse fantasmagórico incidente, uma das chaminés do Great Eastern explodiu, matando seis tripulantes e destruindo o grande salão. Embora sua sorte tenha melhorado momentaneamente, na quarta travessia do Atlântico do luxuoso navio de passageiros uma forte tempestade avariou suas rodas de pás. Os ventos foram tão fortes que chegaram a soltar os botes salva-vidas. Novamente, a despeito dos fortes ventos, as misteriosas marteladas ainda podiam ser ouvidas, vindo dos porões.

O Great Eastem conseguiu chegar a um porto, mas como navio de passageiros ele estava acabado. Seus últimos armadores tiveram dificuldades até mesmo para

vendê-lo como sucata. Em 1885, quando estava finalmente sendo desmontado, os soldadores fizeram uma aterrorizante descoberta. Ao lado de uma bolsa de viagem de ferramentas enferrujadas havia o esqueleto do operário do estaleiro, alojado entre as paredes de ferro do casco duplo do Great Eastem.

Baalbek, Cidade de Gigantes?

Nas planícies do Jordão, perto do mar Morto, onde ficavam as cidades de Sodoma e Gomorra, podemos ver as magníficas ruínas da cidade de Baalbek, antiga Heliópolis, cujo nome deriva de Baal, deus da fertilidade adorado pelos antigos fenícios. O indício mais proeminente do passado de Baalbek é uma gigantesca acrópole de pedras, inigualada na antigüidade pelos pesados blocos usados em sua construção.

Os blocos de Baalbek são inigualados até hoje, o que faz com que algumas pessoas especulem que eles podem ter servido como plataforma para pouso de espaçonaves extraterrestres. O que mais blocos de pedra com 20 metros de comprimento, 4 de altura, 3 de espessura, e pesando até uma tonelada poderiam suportar? Os gigantescos monolitos de Baalbek foram cortados manualmente, laboriosamente transportados por 800 metros, e então elevados a uma altura de 6 metros do solo para proporcionar uma base virtualmente irremovível para quê?

Podemos talvez encontrar uma pista no relato bíblico dos antigos habitantes de Baalbek, em Números, Antigo Testamento, capítulo 13-14, versículos 31, 32, 33. Enquanto caminhava pelo deserto, Moisés enviou seus homens a Canaã para determinar quais seriam as chances de uma invasão.

(...) Os homens que o haviam acompanhado disseram: "Não podemos marchar contra esse povo, visto que é mais forte do que nós". E puseram-se a difamar diante dos filhos de Israel a terra que haviam explorado: "A terra que fomos explorar é terra que devora os seus habitantes. Todos aqueles que lá vimos são homens de grande estatura. Lá também vimos gigantes (os filhos de Enac, descendência de gigantes). Tínhamos a impressão de sermos gafanhotos diante deles e assim também lhes parecíamos".

Nossa mente corre solta quando começamos a imaginar as possibilidades de

antigos gigantes trabalhando com objetivos extraordinários, sobre os quais não temos nenhuma informação precisa. Mas o fato de as monumentais pedras de Baalbek estarem erigidas tão perto das cidades destruídas de Sodoma e Gomorra pode ser mais do que uma simples coincidência.

Os Estranhos Tektites

Nenhum cientista conseguiu explicar satisfatoriamente a existência dos tektites, estranhos glóbulos de rochas radioativas, semelhantes ao vidro, encontrados, entre outros lugares, no Líbano. De acordo com uma teoria defendida pelo dr. Ralph Stair, do U.S. National Bureau of Standards, os tektites podem ter vindo de um planeta destruído, cujos fragmentos atualmente orbitam entre Marte e Júpiter, como um cinturão de asteróides.

Outra teoria ainda mais surpreendente foi formulada por um matemático soviético conhecido como professor Agrest. Ele pondera que a composição dos tektites exige alta temperatura e radiação nuclear, levando em conta que nenhum dispositivo nuclear fora recentemente explodido no Líbano. Mas o que dizer dos tempos bíblicos? Existe, afinal de contas, este curioso relato da destruição de Sodoma e Gomorra, registrado no Antigo Testamento, Gênesis, Capítulo 19, versículos 23, 24, 25, 26:

Quando o sol se erguia sobre a terra, e Ló entrou em Segor, Iahweh fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos de Iahweh, e destruiu essas cidades e toda a planície, com todos os habitantes da cidade e a vegetação do solo. Ora, a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal.

- A chuva de enxofre e fogo faz com que desconfiemos da ocorrência de uma nuvem em forma de cogumelo, resultante de uma explosão atômica - diz Agrest.

Mas quem, nos tempos bíblicos, poderia ter possuído armas atômicas? Para Agrest, só existe uma conclusão:

- Armas capazes de provocar tamanha destruição somente poderiam ter vindo do céu. Talvez tenhamos sido visitados por seres extraterrestres em um passado remoto - sugere ele -, embora jamais possamos saber, com certeza, enquanto os segredos da estrutura dos tektites não tiverem sido revelados.

O Navio Maldito

Ainda no estaleiro, em fase final de construção, o cruzador nazista Scharnhorst emitiu um estranho grunhido e caiu de lado, esmagando mortalmente sessenta homens e causando sérios ferimentos em outros 110.

Na noite anterior ao dia de seu lançamento, o Schamhorst soltou-se de suas amarras e destruiu duas imensas barcaças, seguindo, sem tripulantes, do estaleiro para a água. Então, em uma de suas primeiras participações na guerra, uma torre blindada e rotatória explodiu, matando doze homens.

Já perto do fim da guerra, o pesado cruzador recebeu a incumbência de destruir comboios britânicos na área próxima à região setentrional da Noruega. Um comandante inglês, percebendo a presença de um navio nazista por perto, ordenou que seus artilheiros disparassem alguns tiros a esmo. O Scharnhorst foi atingido por um dos disparos e acabou destruído. O navio alemão emborcou e foi parar no fundo do mar, a 110 quilômetros da costa norueguesa.

Muitos de seus tripulantes morreram imediatamente, mas alguns poucos sobreviventes foram resgatados pelos ingleses. Dois outros conseguiram chegar a uma pequena ilha em um bote salva-vidas. Seus corpos só foram encontrados quatro anos depois, quando a guerra não passava de uma cruel lembrança. Aparentemente, o fogareiro a óleo deles explodira, matando-os instantaneamente. A maldição do sinistro Scharnhorst os alcançara até mesmo na ilha.

O Jardim de Nicolai

A França é o único país do mundo que mantém uma agência para o estudo de OVNIs patrocinada pelo governo. O GEPAN, Grupo de Pesquisa de Fenômenos Aéreos Não Identificados, é um departamento separado dentro da agência espacial francesa. Todos os relatórios sobre OVNIs originados em território francês vão diretamente para o GEPAN, que então determina os méritos do caso.

Devido à natureza transitória do fenômeno dos OVNIs, o GEPAN chegou a poucos resultados extraordinários ou mesmo conclusivos. Mas um caso francês merece

menção especial. No dia 8 de janeiro de 1981, por volta das 17 horas, um certo sr. Renato Nicolai, 55 anos de idade, trabalhava em seu jardim em Trans en Provence, quando ouviu um ruído sibilante.

- Virei-me - disse ele - e vi uma espaçonave descendo em direção ao solo. A nave tinha a forma de dois pires de cabeça para baixo, um contra o outro, estava a apenas 1,5 metro de altura, e tinha a cor acinzentada.

De acordo com Nicolai, a espaçonave permaneceu no solo por cerca de um minuto.

- Então - prosseguiu -, ela decolou rapidamente na direção da floresta, o que equivale a dizer que rumou para nordeste.

Investigadores do GEPAN recolheram amostras do solo e de plantas do local do pouso, no dia seguinte, e realizaram a mesma operação três dias mais tarde. A agência também recolheu amostras 39 dias após o incidente e, uma vez mais, dois anos depois.

De acordo com o GEPAN, foram encontrados traços físicos de um pouso. O solo, segundo a agência, apresentava pequenas quantidades de fosfato e zinco, e parecia ter sido aquecido a uma temperatura entre trezentos e seiscentos graus centígrados. Mas talvez a descoberta mais importante tenha sido um decréscimo subseqüente de 30 a 50 por cento na quantidade de clorofila e pigmentos carotenóides produzidos por plantas nas proximidades do ponto onde a nave pousou.

Além disso, o GEPAN declarou:

"Houve uma significativa correlação entre os distúrbios observados e a distância desde o centro do fenômeno".

O trauma, segundo o GEPAN, poderia ter sido induzido por um campo eletromagnético.

Embora hesitante em concluir que uma espaçonave extraterrestre tenha realmente pousado no jardim de Nicolai, o cientista francês Alain Esterle, ex-chefe do GEPAN,

afirmou:

- Pela primeira vez, encontramos uma combinação de fatores que sugerem que alguma coisa, similar ao que testemunhas oculares já descreveram, realmente

ocorreu.

O Navio Fantasma

Os navios, algumas vezes, fazem coisas estranhas, mesmo quando não há ninguém na cabine de comando. Em 1884, na viagem de volta para Rouen, depois de ter zarpado da Espanha, o navio francês Frigorifique colidiu, no meio de um denso nevoeiro, com outro navio, o Rumney, de bandeira inglesa. Quando a lateral do casco do Frigorifique se rompeu, o comandante francês deu a ordem de abandonar o navio. Felizmente, tripulantes e passageiros foram resgatados pelo Rumney, cujo comandante ordenou uma manobra para afastar seu navio do naufragado Frigorifique.

Os náufragos franceses e seus salvadores estavam comemorando seu sucesso, quando o vigia gritou outra vez. Saindo momentaneamente do nevoeiro, surgiu o fantasma do Frigorifique, que, com a mesma rapidez, desapareceu de vista. Os tripulantes dos dois navios suspiraram aliviados.

Mas o Frigorifique apareceu mais uma vez. Dessa vez, ele foi de encontro ao Rumney, forçando os tripulantes das duas embarcações a baixar os botes salva-vidas. Ao se afastarem do navio avariado, eles ainda puderam ver o fatídico Frigorifique através da espessa neblina. Sua hélice ainda girava, e por uma de suas chaminés saía grossa fumaça preta.

Encontro na Floresta de Rendlesham

Os pinheiros da floresta de Rendlesham, em Suffolk, Inglaterra, separam a base da Força Aérea inglesa em Bentwaters da base americana em Woodbridge, a 3 quilômetros de distância.

Às primeiras horas da manhã de 27 de dezembro de 1980, de acordo com o subcomandante da base, tenente-coronel Charles I. Halt, os patrulheiros encarregados da segurança de Woodbridge notaram luzes estranhas do lado de fora do portão dos fundos da base.

Imaginando que um avião poderia ter caído na floresta, eles solicitaram permissão

para investigar. Três patrulheiros declararam ter visto um estranho objeto brilhante na floresta. Disseram que sua aparência era metálica e seu formato triangular, acrescentando que estava a aproximadamente 2 ou 3 metros além da base, e a 2 metros de altura. O objeto iluminava toda a floresta com uma luz branca.

- O objeto tinha uma luz vermelha que piscava na parte superior, e um grupo de luzes azuis na parte inferior - reportou Halt, posteriormente, acrescentando que ele estava pairando ou apoiado sobre pernas.

Quando os integrantes da força de segurança se aproximaram do objeto, ele manobrou por entre as árvores e desapareceu.

Nesse momento - prosseguiu -, os animais de uma fazenda próxima ficaram agitados. O objeto foi visto outra vez, por breves instantes e aproximadamente uma hora depois, perto do portão.

- No dia seguinte - continuou Halt -, três depressões com profundidade de 4 centímetros e 18 de diâmetro foram encontradas no solo onde o objeto fora avistado. Na noite seguinte, a radiação da área foi medida, registrando-se leituras beta/gama de 0,1 miliroentgen. Esses índices eram mais acentuados nas três depressões. - Algumas horas depois, naquela mesma noite, uma luz vermelha semelhante ao sol foi vista por entre as árvores. Ela se movia e pulsava. Em determinado momento, pareceu soltar partículas brilhantes e então se dividiu em cinco objetos brancos separados. Em seguida, desapareceu. Logo depois, três objetos semelhantes a estrelas foram notados no céu, dois deles ao norte e um ao sul. Os três deviam estar a cerca de 10 graus em relação ao horizonte. Os objetos moviam-se rapidamente, em manobras súbitas e angulares, e exibiam luzes vermelhas, verdes e azuis.

Ao ser interrogado sobre o incidente de Rendlesham Forest, o Ministério da Defesa da Inglaterra negou ter algum conhecimento. Posteriormente, uma cópia da declaração assinada de Halt foi adquirida nos EUA através do Freedom of Information Act. Uma gravação feita por Halt também foi obtida.

As autoridades de ambos os governos negaram-se a fazer comentários sobre o caso, exceto para afirmar que "seus sistemas de segurança jamais correram perigo". Os céticos chegaram a dizer que o incidente foi causado pela luz giratória de um farol localizado nas proximidades!

O Grande Aeróstato de 1897

A conquista dos céus foi iniciada, supostamente, em 17 de dezembro de 1903, quando dois inventores norte-americanos, os irmãos Orville e Wilbur Wright, realizaram o primeiro vôo autopropelido, com uma aeronave mais pesada que o ar, cobrindo alguns poucos metros (37-260m) sobre as dunas de areia em Kitty Hawk, Carolina do Norte. Sete anos antes daquele breve, porém monumental vôo, em novembro de 1896, alguma coisa aparentemente construída pelo homem foi vista nos céus de San Francisco.

Em abril do ano seguinte, quando aumentaram os comentários sobre o caso, o Grande Aeróstato de 1897 já fora visto nas costas leste e oeste e em todo o Meio-Oeste dos EUA, desde Chicago até o Texas.

Quase nenhuma comunidade foi poupada. No entanto, o onipresente aeróstato de 1897 jamais chegou a ser satisfatoriamente explicado. Os historiadores da aviação "oficial" recusam-se a aceitá-lo. Porém, as manchetes das primeiras páginas dos jornais da época falara da misteriosa aeronave como se fosse um OVNI dos tempos atuais. Historiadores e sociólogos foram instados a explicar esses relatórios oficiais.

De modo geral, as aparições podem ser classificadas em duas categorias: algumas pessoas descreveram apenas luzes noturnas e feixes de iluminação brilhante; outras falaram de magnífica máquina voadora tripulada por um estranho grupo de indivíduos. A nave quase sempre foi vista pairando sobre os campos, normalmente passando por alguns pequenos reparos, antes de prosseguir em seu caminho.

Houve tanta especulação sobre as origens da aeronave que inventores famosos como o norte-americano Thomas Alva Edison, inventor do fonógrafo e da lâmpada incandescente, convocavam, regularmente, jornalistas para conceder entrevistas coletivas, negando que a invenção fosse deles. Outros inventores, menos honrados, chegavam a reivindicar a invenção do aeróstato, embora jamais pudessem produzir um único modelo que funcionasse. Todavia, no outono de 1897, as aparições da aeronave foram sensivelmente reduzidas e, na virada do século, praticamente ninguém mais a viu.

Não obstante, estudiosos de fenômenos estranhos continuam a investigar sobre o

significado do Grande Aeróstato até os dias de hoje. Charles Fort, o maior catalogador norte-americano de fenômenos estranhos, sugeriu que a máquina voadora foi simplesmente uma idéia de tempos que ainda estariam por vir. Outros acreditam que o Grande Aeróstato de 1897, de alguma forma, acelerou os posteriores avanços na tecnologia da aviação.

Os irmãos Wright talvez não tenham sido inovadores inocentes, chegam a sugerir alguns, afirmando que eles teriam sido ferramentas involuntárias de uma necessidade evolucionária inconsciente. Certos estudiosos chegam mesmo a sugerir que esse impulso de progresso é espelhado no predomínio dos relatórios atuais sobre OVNIs.

Foguetes Fantasmas da Escandinávia

Logo após a Segunda Guerra Mundial, antes que a moderna era da ufologia tivesse sido realmente iniciada, muitas pessoas, desde a Noruega até a Finlândia, foram aterrorizadas por objetos fantásticos, semelhantes a foguetes, no céu.

As primeiras aparições, ocorridas na região setentrional da Finlândia, perto do circulo Ártico, no dia 26 de fevereiro de 1946, foram inicialmente descritas como meteoros ou meteoritos. Entretanto, logo tornou-se evidente que uma atividade de meteoros dificilmente poderia ser responsável por centenas de objetos voadores que surgiam durante o dia, cujos formatos eram comparados a bolas de rúgbi, charutos, projéteis e até mesmo torpedos de prata.

Tais objetos, na verdade, pareciam mais se ajustar ao formato dos foguetes nazistas V-l e V-2, que despejaram morte e destruição em Londres e outros alvos no tempo da guerra. Mas as bases alemãs dos mísseis teleguiados em território europeu foram capturadas, bombardeadas ou destruídas. Além disso, o alcance máximo de seus foguetes era praticamente um quarto do que seria necessário para que atingissem o norte da Finlândia, da Noruega e da Suécia, onde proliferavam os relatórios relativos às aparições de foguetes fantasmas. Mesmo se os soviéticos tivessem capturado um contingente de mísseis balísticos V-2 em condições de uso, como os suecos e outros temiam, por que eles os desperdiçariam sobre países escandinavos, sem nenhum objetivo aparente?

O que sabemos é que os escandinavos levaram muito a sério essa questão dos foguetes fantasmas. Proibições contra a publicação de tais relatórios, para que não ajudassem "a potência que estava fazendo as experiências", surgiram na Suécia, pela primeira vez, em 17 de julho de 1946. Dois dias depois, a mesma proibição aconteceu na Noruega, e a Dinamarca impôs vetos similares no dia 16 de agosto.

O blecaute às notícias na Suécia surgiu na esteira de um único período de 24 horas, durante o qual 250 indivíduos de norte a sul do país declararam ter visto um objeto de prata, com o formato de uma lágrima, cruzando os céus. No dia seguinte, o Departamento de Defesa nomeou uma comissão de especialistas civis e militares para cuidar do caso. No total, mais de mil relatórios foram coletados.

Nesse ínterim, os foguetes fantasmas já haviam atraído a atenção internacional. Em 20 de agosto de 1946, David Sarnoff, vice-presidente da RCA (Rádio Corporation of América) e general reformado, pousou no Aeroporto Bromma, de Estocolmo. Com ele viajaram Douglas Rader, coronel reformado da Força Aérea Real, e James Doolittle, um herói de guerra americano. Em 21 de agosto, os três se encontraram com os figurões da Força Aérea sueca.

O que transpirou nessa reunião permanece envolto em segredo. Doolittle, que participou de diversas operações do Serviço Secreto dos EUA após a guerra, recusou-se a falar em público sobre a missão na Suécia. Parece que Sarnoff apresentou um relatório diretamente ao presidente Truman, quando de seu retorno aos EUA. Ele também declarou a um grupo de especialistas em eletrônica que considerava os foguetes fantasmas reais e não imaginários.

A história sempre tendeu a ignorar o significado dos misteriosos mísseis escandinavos porque eles nunca receberam uma divulgação tão grande por parte da imprensa quanto os discos voadores, que vieram logo a seguir. No entanto, perduram muitas dúvidas curiosas. Teriam sido os foguetes parte de um fenômeno fantástico que, de algum modo, assume formatos diferentes como uma reação às ansiedades e preocupações de uma cultura em particular? Ou será que os soviéticos, ou alguma outra potência, sem que o resto do mundo tomasse conhecimento, teriam aumentado o alcance e o desempenho das mais avançadas armas da Alemanha nazista? E, se esse for o caso, poderiam os mesmos criadores de fantasmas ser os responsáveis pelos OVNIs de hoje?

Wilhelm Reich: Caçador de OVNIs

A carreira do psicanalista austríaco, discípulo de Freud, Wilhelm Reich foi marcada por tantas controvérsias que um de seus trabalhos mais curiosos, a batalha contra OVNIs invasores, passou praticamente despercebido.

Nascido na Áustria em 1897, Reich tornou-se um seguidor das teorias de Freud quando ainda estava na universidade. Na verdade, ele poderia ter sucedido ao mestre da psicanálise se não tivesse se afastado de sua ortodoxia ao dar à repressão sexual caráter principalmente sócio-político, e ao afirmar a necessidade de sublimação dos impulsos sexuais como característica da sociedade capitalista. Ao insistir na tese de que a energia de libido que brota livremente, também conhecida como orgasmo desinibido, era um sinal inquestionável de saúde física e mental, Reich foi expulso da Associação Psicanalítica Internacional. Da mesma forma, ao relacionar a repressão sexual na URSS à ditadura burocrática, que via os seres humanos apenas como forças produtivas, foi expulso do Partido Comunista.

Reich mudou-se para a Escandinávia, onde declarou ter descoberto a "bion", uma microscópica célula azul, unidade básica da formação de toda matéria viva, e o "orgônio", a energia sexual organizadora da própria vida. Expulso da Escandinávia, Reich finalmente foi viver nos EUA, numa propriedade rural do Maine, à qual ele deu o nome de Orgônio, em homenagem a sua descoberta. Foi nos EUA que ele declarou guerra aos OVNIs com seu "caça-nuvens", um dispositivo projetado para retirar orgônio negativo das nuvens.

Reich estava convencido de que os OVNIs eram formas de vida interplanetária que espionavam seu trabalho, e também que os objetos voadores não identificados eram acumuladores do que ele chamava de "orgônio mortal", que provocavam a desertificação do planeta. Ele vivia imaginando o que aconteceria se conseguisse apontar os tubos de seu caça-nuvens para algum OVNI. A resposta veio na noite de 10 de outubro de 1954, quando uma série de OVNIs vermelhos e amarelos (discos benéficos, de acordo com Reich, seriam azuis) convergiu sobre Orgônio. Reich declarou que, ao apontar seu caça-nuvens para as luzes, elas diminuíram de intensidade e pareceram fugir.

Fazendo uma anotação em seu diário a respeito da experiência, testemunhada por vários colaboradores, Reich declarou:

"Esta noite, pela primeira vez na história da humanidade, a guerra desencadeada do espaço exterior contra nosso planeta... foi rechaçada... com resultados positivos".

Alas Reich não viveria para ver a guerra vencida. Ele morreu em novembro de 1957, confinado na cela de uma penitenciária federal por recusar-se a parar de comercializar suas "caixas de orgônio", que, segundo ele, podiam detectar e transmitir a energia sexual (o orgônio) e curar até o câncer.

O Rei do Mundo

De acordo com as crenças de muitos monges e tibetanos (e atestado por muitos monges budistas que declaram já tê-lo visitado), existe um vasto país subterrâneo chamado Arghati sob o grande planalto da Ásia Central. Pelos túneis de Arghati, segundo diz a profecia, um dia emergirá o místico Rei do Mundo e seus súditos.

"Antes do surgimento do rei, por volta do final do atual milênio", afirma a profecia budista, "os homens negligenciarão cada vez mais suas almas. A grande corrupção reinará sobre a face da Terra. Os homens se transformarão em animais sedentos de sangue, sequiosos pelo sangue de seus irmãos... As coroas dos reis cairão... Haverá uma terrível guerra entre todos os povos da Terra... nações inteiras morrerão... fome... crimes desconhecidos pela lei... anteriormente inimagináveis ao mundo serão cometidos."

"Durante esse período de impunidade", continua a profecia, "famílias serão dispersadas e multidões acorrerão em grandes quantidades às rotas de fuga, enquanto as maiores e mais bonitas cidades do mundo. .. perecerão pelo fogo. Em cinqüenta anos, existirão apenas três grandes nações... e, nos cinqüenta anos seguintes, acontecerão dezoito anos de guerra e cataclismos... então o povo de

Arghati sairá de suas cavernas subterrâneas e subirá à superfície da Terra."

Os Homens de Preto

Talvez o aspecto mais estranho do já desconcertante fenômeno dos OVNIs sejam as figuras semidemoníacas conhecidas em inglês como MIB (Men in Black), os Homens de Preto. A primeira informação sobre os MIB na moderna ufologia veio de Albert K. Bender, um adolescente aficionado pelos OVNIs, que dirigiu o International Flying Saucer Bureau e publicou o boletim noticioso Space Reviezv, da agência internacional dedicada ao estudo de discos voadores.

Em setembro de 1953, Bender declarou ter sido abordado por três homens vestidos com ternos pretos, que o advertiram que ele deveria abandonar suas pesquisas com OVNIs, se quisesse continuar vivo. Bender abandonou seus estudos ufológicos, mas o fenômeno dos homens de preto continuou. O investigador de OVNIs John Keel, por exemplo, conversou com inúmeras testemunhas que afirmaram ter sido confrontadas por entidades MIB similares.

Alguns dos aspectos incomuns do fenômeno dos homens de preto emergiram quando os relatórios foram estudados pelo antropólogo Peter Rojcewicz.

- Por exemplo - nota Rojcewicz -, esses homens estranhos vestem-se sempre de preto, usando ternos que podem parecer puídos e amassados, ou irrealisticamente limpos e sem dobras. Em certas ocasiões, eles demonstram uma forma de caminhar muito peculiar, movimentando-se como se os quadris estivessem apoiados sobre juntas articuladas, os troncos e pernas desarticulados. Alguns demonstram preferência por Cadillacs pretos ou outros sedãs grandes e pretos. Alguns desses homens de preto têm cabelos estranhos, sugerindo que cresceram desigualmente após terem sido recentemente raspados. - Homens de preto de quase todas as raças e compleições já foram vistos - continua ele -, com predominância de características asiáticas.

Os motivos dos homens de preto continuam envoltos em mistério, embora quase sempre se limitem a colher informações sobre os OVNIs e a advertir as testemunhas de que elas devem evitar novos envolvimentos com o assunto.

- Eles podem aparecer na casa ou no local de trabalho de uma testemunha - conclui Rojcewicz -, exigindo fotos ou negativos de objetos voadores não identificados, antes mesmo que a testemunha tenha tido oportunidade de divulgar publicamente estar de posse de tais provas.

Nessas ocasiões, os homens de preto agem como se fossem agentes do Serviço Secreto.

O grande enigma é saber de onde os homens de preto surgem e para onde se dirigem, após terem realizado sua brincadeira de mau gosto. O que se sabe, no entanto, é que sua presença turva ainda mais as águas já obscuras dos OVNIs.

O Dinossauro Mokele-Mbembe

Os cientistas, em sua maioria, afirmam que os dinossauros foram extintos há milhões de anos. Mas o povo da República dos Camarões, país da costa ocidental da África, continua a relatar aparições de uma imensa criatura de quatro patas, que apresenta incrível semelhança com um brontossauro, dinossauro que, segundo estudiosos, chegava aos 20 menos de comprimento e pesava 35 toneladas. Na verdade, os habitantes locais, ao se defrontarem com a ilustração de um brontossauro, referem-se a ele como mokele-mbembe.

Os primeiros relatos autênticos de mokele-mbembe foram coligidos pelo capitão Freiherr von Stein zu Lausnitz, em 1913. De acordo com seu relatório, o animal, do tamanho de um elefante, tinha cor amarronzada, pele lisa e o pescoço comprido e flexível. Esse animal estranho, segundo consta, viveria em cavernas subterrâneas protegidas pelo rio, e toda canoa que ousasse se aproximar desaparecia nas águas.

No entanto, em pelo menos uma ocasião, um grupo de pigmeus supostamente matou uma das criaturas e devorou sua carcaça. Aqueles que comeram a carne teriam ficado doentes e morrido.

Recentemente, cientistas ocidentais como Roy Mackal, um biólogo na Universidade de Chicago, montaram quatro expedições aos lagos e rios relativamente isolados d a República dos Camarões, à procura do indefinível animal. Embora nenhum espécime tenha sido capturado, animais não identificados, mais ou menos semelhantes aos relatados pelos nativos, foram vistos, fotografados, e até filmados em vídeo.

Infelizmente, a situação política do país e a topografia da região, montanhosa e coberta de florestas, impedem explorações que poderiam ser realizadas por pára-quedistas. Muitos observadores ocidentais concordam que, se um dinossauro

quisesse se esconder, dificilmente poderia ter escolhido lugar melhor. Mas, talvez, um dia, até mesmo esses impedimentos possam ser superados, e o mundo saberá se aquela região guarda um remanescente vivo de seu passado fantasticamente remoto.

Sai Baba, o Iogue Reencarnado

A ciência moderna considera os milagres religiosos coisas do passado. Assim, eles podem ser comodamente desconsiderados, como produtos de uma era mais ingênua.

Não obstante, discípulos de inúmeros líderes religiosos continuam a testemunhar eventos paranormais que remontam aos profetas e messias de outras eras. A mais conhecida dessas divindades contemporâneas é Sai Baba, um iogue que afirma ser a reencarnação de seu homônimo, Sai Baba, de Shirdi, que morreu em 1918, oito anos antes de seu nascimento na província de Puttaparti.

O segundo Sai Baba levou uma vida relativamente normal até atingir a idade de 14 anos, quando sofreu um derrame cerebral debilitante, durante o qual ele periodicamente cantava e recitava passagens poéticas da filosofia védica. Emergindo da doença, que o deixou em uma espécie de transe, Sai Baba de repente anunciou para seus pais que era um avatar, ou uma reencarnação divina, do famoso homem santo que morrera quase uma década antes de seu próprio nascimento.

Outros iogues declararam ter conseguido realizar um ou dois milagres mediúnicos durante suas carreiras públicas. Sai Baba, por outro lado, realiza milagres com a mesma facilidade com que muitos de nós conferimos o saldo bancário ou escrevemos uma carta.

Entre os atos de fé supostamente realizados por Sai Baba estão o tele-deslocamento, a levitação, a telecinésia e a manifestação de objetos materiais - ele parece ter uma distinta preferência por pétalas de rosas - que surgem do nada. Dizem que Sai Baba também já ressuscitou mortos e multiplicou aumentos uma centena de vezes.

Peixes Cadentes

No século passado, a Academia Francesa de Ciências declarou que os meteoros não existiam. Os camponeses que declaravam ter visto pedras caindo do céu, disseram os acadêmicos, estavam simplesmente imaginando coisas.

O barão de Cuvier, naturalista francês que formulou as leis da anatomia comparada e lançou as bases da paleontologia animal, declarou categoricamente:

- Pedras não podem cair do céu, porque não existem pedras no céu.

Nos dias de hoje, a ciência responde de forma similar aos difundidos relatórios de peixes cadentes. Como não existem peixes no céu, objetam os cientistas ortodoxos, como eles poderiam cair das nuvens?

Se tais histórias forem verdadeiras, os peixes devem ter sido sugados para fora da água por um redemoinho de vento, transportados a pequenas e grandes distâncias, e então despejados no quintal de alguém.

O fato inegável é que peixes, realmente, caem do céu. A cidade de Cingapura, por exemplo, foi abalada por um terremoto no dia 16 de fevereiro de 1861 e, durante os seis dias seguintes, caiu uma chuva torrencial. Depois que o sol surgiu, no dia 22, o naturalista francês François de Castlenau olhou pela janela.

- Vi uma grande quantidade de malaios e chineses enchendo cestos com peixes, apanhados nas poças de água que cobriam o chão - declarou.

Ao perguntar àquelas pessoas de onde tinham vindo tantos peixes, elas simplesmente apontaram para cima. A "chuva de peixes", envolvendo peixes-gatos, uma espécie de peixes nematógnatos (sem escamas) encontrados no local, cobriu uma área de mais de 20 hectares.

Quase um século mais tarde, no dia 23 de outubro de 1947, o biólogo marinho D. A. Bajkov tomava seu café da manhã em Marksville, Louisiana, quando começou a

chover. Pouco depois, as ruas estavam repletas de peixes. Bajkov identificou-os:

- Eram peixes-luas, peixes fluviais de olhos saltados, e percas de até 23 centímetros de comprimento.

Esses peixes foram encontrados também nos telhados, já mortos, mas ainda comestíveis.

Os peixes não são a única matéria animada a cair do céu. Aqueles que registram esse tipo de anomalia também já relataram dilúvios de pássaros, rãs, ratos, cobras, sangue, e até mesmo pedaços de carne crua, sugerindo que os céus podem guardar outras variedades de alimentos, além do maná que, segundo a Bíblia, teria caído para alimentar os israelenses.

Por Quanto Tempo os Dinossauros Sobreviveram?

De acordo com a opinião científica prevalecente, os dinossauros desapareceram há cerca de 80 milhões de anos, no período Cretáceo, e nunca mais foram vistos. Mas artefatos comparativamente modernos, encontrados em cinco locais diferentes, apresentam uma estranha semelhança com os dinossauros. Serão embustes ou lembranças raciais de criaturas vivas, talvez enterrados no subconsciente coletivo de antigos artesãos? Ou será que os próprios dinossauros sobreviveram por muito mais tempo do que pensam os cientistas?

O primeiro indício de que os dinossauros podem ter sido um fenômeno relativamente recente emergiu em 1920, quando os trabalhadores da fazenda de William M. Chalmers, nas proximidades de Granby, Colorado, durante um trabalho de escavação, descobriram uma estatueta de granito pesando 33 quilos e com uma altura de 36 centímetros. A pedra, encontrada a uma profundidade de quase 2 metros, representava um ser humano estilizado e vinha adornada com o que parecia ser uma inscrição chinesa datando de, aproximadamente, 1000 a.C. O mais intrigante eram os dois animais entalhados nas laterais e atrás da pedra, semelhante a um brontossauro e a um mamute.

Embora tenham sido feitas fotos do objeto de vários ângulos, a pedra, conhecida como Granby Stone, acabou desaparecendo. Até mesmo o local onde ela foi encontrada desapareceu, submerso pelas águas da represa Granby.

Uma prova incomum veio à luz em 1925, quando arqueólogos da Universidade do Arizona, trabalhando em um forno de calcinação nos arredores de Tucson, descobriram uma espada pesada de folha larga e curta, com a gravação de um brontossauro. Outros artefatos encontrados no mesmo local apresentam inscrições em hebraico e em latim usado entre os anos 560 e 900. Não obstante muitos dos

artefatos de Tucson terem sido descobertos por profissionais, persiste a controvérsia a respeito de sua autenticidade. No entanto, o bom senso sugere que a última coisa que algum impostor que quisesse ser levado a sério pudesse fazer seria gravar na lâmina de uma espada a figura de um dinossauro extinto.

Outra curiosa coleção de artefatos indefinidos pode ser encontrada na Igreja Maria Auxiliadora, em Cuenca, Equador, sob a guarda do padre Cario Crespi. As peças, em sua maioria placas, chegam às centenas, e foram levadas à igreja pelos índios jivaros, encontrados no Alto Amazonas, Equador e Peru, que as retiraram de cavernas na floresta. Algumas foram feitas de ouro; outras são, obviamente, imitações modernas, feitas de lata de azeite de oliva. Uma inacreditável variedade de formas e estilos está presente, inclusive ilustrações de dinossauros e motivos que parecem ser de origem assíria e egípcia. Antigas inscrições fenícias, líbias e celta- ibéricas também foram identificadas.

Se bem que os mastodontes, forma intermediária entre os primeiros elefantes e os tipos atuais, não devam ser incluídos no período Cretáceo dos dinossauros, acredita-se, de um modo geral, que eles tenham sido extintos antes que o homem tivesse desenvolvido alguma civilização identificável. No entanto, uma interessante descoberta do esqueleto de um mastodonte foi feita em Blue Lick Springs, Kentucky, em uma escavação feita a 3,5 metros abaixo da superfície. Quando os operários prosseguiram com as escavações, à procura de mais ossos, encontraram um pavimento de pedras assentadas, 90 centímetros abaixo de onde haviam achado o mastodonte.

Finalmente, em Ica, Peru, um museu de propriedade do dr. Javier Cabrera guarda quase 20 mil pedras encontradas no leito dos rios, todas intricadamente gravadas com pictogramas em arabescos que mostram diversas espécies de dinossauros e outros animais há muito extintos.

Parece que o brontossauro é, mais uma vez, o animal preferido pelos artistas. Além disso, as pedras de Ica são caracterizadas por um trabalho artístico que os embusteiros ocasionais teriam muita dificuldade em reproduzir. Detalhes artísticos precisos abundam. E a simples quantidade já levanta a questão de se saber por que alguém se daria tamanho trabalho para não receber nada em troca. Mais importante do que isso é que pedras similares já foram desenterradas de sepulturas da era pré-colombiana, situadas nas proximidades.

Um Relâmpago em Forma de Bola

Uma série de aparições na pequena cidade de Levelland, Texas, na noite de 2 de novembro de 1957, pode ser classificada como um dos casos mais assombrosos nos anais da ufologia.

O primeiro a notificar as autoridades foi um colono "aterrorizado", chamado Pedro Saucedo. Ele e um amigo estavam passando pela Estrada 116, a pouco mais de 6 quilômetros de Levelland. Eram 22h30 quando um "relâmpago" iluminou um dos lados da estrada.

- Não pensamos muito naquilo - declarou Saucedo, posteriormente -, mas aí o relâmpago se elevou do campo e começou a vir em nossa direção, aumentando a velocidade. Quando chegou mais perto, os faróis de meu caminhão apagaram e o motor morreu. Pulei para fora e me deitei no chão, quando a coisa passou diretamente sobre o caminhão fazendo um barulho atordoante que mais parecia uma tempestade de vento. A coisa produziu um ruído semelhante ao de um trovão, e meu caminhão chegou a balançar. Senti um forte calor.

O que Saucedo chamou de "a coisa" era um objeto em formato de torpedo, com aproximadamente 60 metros de comprimento. O patrulheiro A. J. Fowler, que atendeu ao chamado, achou que Saucedo estivesse bêbado e não deu maior atenção ao fato. Mas, menos de uma hora depois, "a coisa" estava de volta. Dessa vez quem estava ao telefone era Jim Wheeler. Ele também estivera na Estrada 116 quando encontrou um OVNI em forma de ovo de 60 metros bloqueando a pista. Quando Wheeler se aproximou do objeto, seus faróis apagaram e o motor do carro morreu.

Antes do final da manhã do dia seguinte, cinco outros motoristas nas proximidades de Levelland relataram experiências similares: um grande objeto brilhante, semelhante a um ovo, pousado na estrada ou pairando ali por perto, e a falha do sistema elétrico de seus veículos, que voltaram a funcionar normalmente quando o OVNI foi embora.

O mais incrível dessas aparições lendárias de Levelland é o fato de que o Projeto Blue Book, da Força Aérea dos EUA, após um exame superficial, "solucionou" o

problema atribuindo o fenômeno a um relâmpago em forma de bola!

Nina Kulagina e a Telecinésia

Nina Kulagina é provavelmente a mais famosa médium da União Soviética. Ela é conhecida por seus poderes telecinéticos que, segundo dizem, usa para movimentar objetos mentalmente de um lugar para outro. De fato, filmes contrabandeados sorrateiramente para o Ocidente mostram a famosa médium usando movimentos manuais ou oculares para movimentar uma série de coisas: palitos de fósforo, bússolas, pequenas caixas, cigarros etc. Ela sabe como tirar proveito de todos esses objetos para demonstrar a força de sua mente.

O melhor desses filmes foi feito por Zdenek Rejdak, um pesquisador do Instituto Militar de Praga, que visitou a União Soviética em 1968 para estudar Kulagina e testar seus poderes telecinéticos.

- Depois que nos sentamos a uma mesa - explica Rejdak -, solicitei a Kulagina que se levantasse da cadeira em que se decidira sentar e passasse para o outro lado da mesa. O primeiro teste tinha por objetivo movimentar a agulha de uma bússola, primeiro à direita e depois à esquerda. Kulagina colocou suas mãos aproximadamente 5 a 10 centímetros sobre a bússola e, após um intervalo para concentração, a agulha girou mais de dez vezes. Em seguida, a própria bússola girou sobre a mesa, depois uma caixa de fósforos, alguns palitos isolados, e um grupo de cerca de vinte palitos de fósforo de uma só vez.

Quando a demonstração terminou, o dr. Rejdak colocou uma aliança de ouro sobre a mesa e, segundo ele, Kulagina teve pouca dificuldade em movimentá-la, também.

- Finalmente - disse o cientista tcheco -, eu a vi usar seus poderes de telecinésia para mover alguns copos e pratos.

A despeito da natureza aparentemente fácil desses poderes, Rejdak declarou que a força telecinética de Kulagina parecia guiada por vários princípios padrões. Por exemplo, para ela era mais fácil mover objetos cilíndricos e mais difícil movimentar coisas angulares. Os objetos com os quais ela não tinha familiaridade tendiam a se afastar dela. E quando ela se esforçava para mover os objetos, eles tendiam a se

movimentar em exata coincidência com seu corpo, algumas vezes continuando a se mover, mesmo quando ela já havia parado.

A partir do fim da década de 60, alguns pesquisadores ocidentais visitaram a União Soviética para estudar os poderes de Kulagina. O dr. J. C. Pratt e Champe Ransom da Universidade de Virgínia foram os primeiros, e suas observações corroboraram as de Rejdak. Em seu livro ESP Research Today, por exemplo, o falecido dr. Pratt contou como ele observara Kulagina "praticar" seus poderes telecinéticos de sua posição atrás de uma porta ligeiramente aberta.

- Pude ver Kulagina através da porta aberta - declarou ele. - Ela estava sentada do outro lado de uma pequena mesa redonda, voltada para mim, e a caixa de fósforos e a bússola estavam diante dela, sobre a mesa. Depois de algum tempo, percebi que, enquanto mantinha suas mãos abertas em direção à caixa de fósforos, ela se movimentava alguns centímetros pela mesa em sua direção. Ela colocava a caixa de volta no centro da mesa e ela se movia novamente na mesma direção.

Por causa da publicidade que a parapsicologia soviética recebeu no final dos anos 60, os pesquisadores ocidentais foram proibidos de realizar novos testes com Kulagina, mas essa proibição foi cancelada em 1972. Hoje, Kulagina ainda realiza algumas demonstrações ocasionais para parapsicólogos estrangeiros, e seu nome foi mencionado em muitos jornais do Ocidente, quando ela foi chamada para ajudar os médicos a cuidar da saúde precária do primeiro-ministro da União Soviética, Nikita Kruschev.

A Rodovia da Recordação

Déjà vu em francês significa, literalmente, "já visto". A expressão se manifesta na forma de uma sensação intensa de familiaridade com uma situação ou um lugar, embora a pessoa jamais a tenha experimentado ou tenha estado ali antes. Muitos especialistas dizem que tais incidentes poderiam ser causados por pequenos derrames cerebrais, mas alguns casos ultrapassam os limites da psicologia, sugerindo que o paranormal está agindo.

Um caso fascinante relatado pelo parapsicólogo D. Scott Rogo serve para ilustrar essa afirmação. Em 1985, uma mulher de Nova Jersey escreveu-lhe contando sobre

uma viagem que ela fizera pela região conhecida como New Jersey Turnpike. A paisagem era estranhamente familiar, e a mulher finalmente virou-se para sua companheira de viagem e disse:

- Sabe, eu nunca estive aqui antes, mas acho que se seguirmos uns 2 quilômetros por esta estrada encontraremos uma casa onde eu já morei.

A mulher continuou o relato:

- Uns 5 quilômetros mais adiante, eu disse à minha amiga que depois da próxima curva chegaríamos a uma pequena cidade localizada bem perto da barreira do pedágio. Contei-lhe que as casas teriam paredes brancas, seriam sobrados, e construídas umas muito perto das outras. Senti que já havia morado ali quando tinha 6 anos de idade, mais ou menos, e que costumava ficar sentada com minha avó na frente da casa. As lembranças foram ficando cada vez mais fortes, e pude lembrar até de ficar sentada no balanço, enquanto minha avó amarrava meus sapatos.

Quando a mulher chegou à cidade, reconheceu a casa imediatamente, muito embora já não existisse mais o balanço. Ela lembrou que costumava caminhar duas quadras para chegar a uma lanchonete com um balcão alto de mármore branco, onde pedia uma limonada. Seguindo de carro pela rua, as mulheres encontraram o edifício, já coberto com tábuas e semidemolido, mas ainda lá.

As duas amigas continuaram com o carro, já saindo da cidade, e a mulher teve sua próxima experiência de déjà vu.

- Daqui a umas três quadras, chegaremos a uma pequena ladeira que leva a um cemitério, e foi ali que eu fui enterrada.

O cemitério estava ali, mas a amiga da mulher, nessa altura já totalmente em pânico, recusou-se a parar e procurar o túmulo.

O Hotel do Suicídio

Uma pessoa pode "se ligar" a eventos passados? Sim, de acordo com a médium Joan Grant, que foi convencida por uma experiência em 1929.

Viajando com seu marido pela Europa, ela passou a noite em um quarto de hotel

em Bruxelas. Por algum motivo inexplicável, o quarto deixou-a inquieta, mas como não havia outras acomodações disponíveis resolveu ficar. Seu marido achou seus temores improcedentes e saiu para dar um passeio sozinho.

Joan Grant decidiu tomar um banho para tentar acalmar os nervos, mas, quando viu que de nada adiantara, resolveu ler um pouco e depois ir para a cama. Foi aí que ela teve um choque. Enquanto estava deitada na cama, teve uma assustadora visão: um jovem pareceu sair correndo do banheiro e atirar-se pela janela. Ela esperou ouvir o baque surdo de seu corpo atingindo o chão, mas não ouviu nada. A perplexa médium tentou fazer uma oração, mas, algum tempo depois, teve a mesma visão outra vez.

Foi então que concluiu que aquela sensação desagradável no quarto tinha algo a ver com um evento do passado. Uma vítima de suicídio, pensou ela, alugara aquele mesmo quarto, e agora estava comunicando sua aflição à médium. Julgou que podia libertar o quarto do espírito do suicida, ou de qualquer coisa que estivesse perturbando aquele aposento, aprofundando-se no assunto. Seu maior receio, no entanto, era que poderia envolver-se tão completamente com o suicida que acabaria por saltar da janela também. Assumindo o risco, Joan Grant foi até a janela e disse:

- Seu medo já se apoderou de mim, e agora você está livre.

Ela repetiu essa mensagem várias vezes, antes de sentir que o quarto ficara, de repente, mais claro. Quando seu marido voltou, no início da noite, ela estava aborrecida:

- Seu monstro! - esbravejou ela. - Como pôde sair assim e deixar, deliberadamente, sua mulher envolver-se com um caso de suicídio? Não foi graças a você que deixei de pular pela janela e quebrar o pescoço.

- Qual é o problema? - perguntou o marido. - O que foi que aconteceu?

- Este quarto estava assombrado. Eu lhe disse que havia alguma coisa de errada aqui. Um homem ficou o tempo todo correndo do banheiro para a janela e pulando lá para baixo. Eu tive de me envolver para libertar o espírito dele e quase acabei pulando janela abaixo.

No dia seguinte, o sr. Grant verificou a história com o gerente do hotel, e foi

informado de que, realmente, ocorrera um suicídio naquele mesmo quarto, cinco dias antes, e que o ocupante saltara pela janela.

A Vôo da Morte

O comandante Thomas Mantell, piloto experiente da Força Aérea, morreu em um controvertido acidente aéreo no dia 7 de janeiro de 1948. De acordo com o relatório oficial, seu avião ganhava altura quando uma perda total de potência forçou-o a seguir horizontalmente, em seguida inclinar para um lado e mergulhar em uma espiral fatal. Segundo declarações de outros pilotos, Mantell perdeu a consciência devido à falta de oxigênio e não voltou a si.

Na verdade, o vôo da morte de Mantell começou quando a torre de Godman Field, Kentucky, avistou um grande objeto brilhante, em forma de disco, voando no céu. O s funcionários da torre de controle decidiram que o objeto não era um balão meteorológico e, incapazes de identificá-lo, enviaram o comandante Mantell, juntamente com um grupo de aviões, para verificar o que acontecia. Mantell subiu a 4 500 metros. Nesse ponto os outros aviões retornaram, porque uma altitude tão elevada exigia um equipamento de oxigênio diferente. Mas Mantell seguiu em frente. Finalmente ele transmitiu seu último aviso pelo rádio: - Parece ser metálico e seu tamanho é imenso. Está sobre mim e estou me aproximando dele.

Destroços do avião de Mantell foram posteriormente recolhidos. Eles estavam permeados com centenas de pequenos orifícios.

A despeito desses fatos, os altos escalões da Força Aérea negaram a possibilidade de um OVNI, e determinaram posteriormente que Mantell teria visto o planeta Vênus ou um dos muitos balões meteorológicos que a Marinha estaria usando na área naquele momento.

No entanto, os ufologistas apressaram-se a reagir: o Sol deveria estar inusitadamente claro para permitir que pessoas em terra avistassem Vênus com tamanha nitidez. Na verdade, afirmaram eles, a aparição simplesmente teria sido tão nítida que todos teriam visto Vênus, ou até mesmo Vênus e um balão.

Porta-vozes da Força Aérea finalmente vieram a público para afirmar que as testemunhas teriam visto Vênus e dois balões, aparentemente ligados um ao outro,

parecendo um poderoso OVNI. Todavia, a Força Aérea jamais conseguiu explicar os boatos relativos ao corpo de Mantell: ele foi, aparentemente, retirado pela polícia e colocado em seguida num caixão, o que convenceu alguns investigadores de que Mantell estaria coberto com estranhos ferimentos, ou que nenhum corpo foi encontrado.

Lágrimas de Alegria

Os jornais costumam noticiar casos de lágrimas ou sangue jorrando de quadros ou estátuas. Esses casos são, normalmente, testemunhados por membros da Igreja Católica, cuja fé em milagres é excessiva. Algumas vezes, no entanto, tais relatos originam-se de fontes protestantes.

Um desses casos foi relatado pelo reverendo William Rauscher, pároco da Christ Episcopal Church em Woodbury, Nova Jersey, quando participava de um seminário em 1975. Em visita ao quarto de um amigo, Bob Lewis, começaram a conversar sobre a avó de Bob. Por ter sido a primeira pessoa a fazer com que o jovem Lewis conhecesse o caminho da religião, ela chorara de alegria ao saber que ele decidira seguir a carreira religiosa. Mas aquela mulher morreu antes de ver seu neto ser ordenado.

Enquanto contava essa história, Lewis percebeu que uma foto da avó, que ele mantinha sobre a cômoda, estava chorando.

- A foto estava tão molhada que se formara uma pequena poça de água na cômoda - explicou Rauscher. - Examinando-a, descobrimos que estava molhada por dentro do vidro. Aquilo nos deixou realmente atônitos. A parte posterior da foto, feita de imitação de veludo, estava cheia de estrias e toda desbotada. Retirada do porta-retratos, a foto não secou rapidamente. E, quando isso aconteceu, a área ao redor do rosto continuou inchada, como se a água tivesse se originado ali e descido pela foto, desde os olhos.

Em resumo, Rauscher jamais conseguiu encontrar uma explicação normal para o incidente. Quanto a Bob Lewis, ele terminou o seminário feliz por saber que sua querida avó chorara novamente de alegria.

O Efeito Ganzfield

Alguns especialistas acreditam que todos possuem algum resquício de mediunidade. O problema, afirmam, é encontrar esse sexto sentido nas galerias secretas da mente.

Um dos procedimentos mais bem-sucedidos para ajudar alguém a aprender como usar a percepção extra-sensorial é a técnica de Ganzfield, na qual o voluntário senta-se em uma cabine fechada, à prova de som, e recebe a ordem de ficar descontraído, enquanto duas metades de uma bola de pingue-pongue são colocadas sobre seus olhos. Como as esferas translúcidas dispersam a luz, a pessoa tem apenas um campo visual avermelhado e indiferenciado. Fones colocados nos ouvidos emitem um suave som sibilante, e a pessoa fica isolada de qualquer outra fonte de força sensorial.

O especialista que coordena a experiência, sentado em outro ambiente, olha para imagens selecionadas a esmo e tenta transmiti-las para a pessoa que está sendo testada por meio da PES. Quando a experiência termina, 35 minutos ou mais depois, a pessoa testada é solicitada a separar cópias daquelas imagens, entre algumas outras colocadas ali apenas para dificultar sua tarefa.

Nas experiências de Ganzfield, cujo primeiro relatório foi feito por Charles Honorton, da divisão de parapsicologia e psicofísica do Maimonides Medical Center em 1973, quase metade das pessoas testadas escolheram a imagem correta. Quando o tema de uma dessas sessões era "Pássaros do Mundo", por exemplo, a pessoa submetida ao teste reportava "uma grande cabeça de gavião" e "a sensação de penas macias". Não se consegue um resultado melhor do que esse por intermédio da telepatia.

Desde que os cientistas do Maimonides relataram seu primeiro sucesso, o Efeito Ganzfield foi reproduzido por diversos outros laboratórios de parapsicologia. Hoje em dia, ele é uma das ferramentas mais confiáveis para testes de percepção extra-sensorial.

A Estranha Visita de Mary Roff

Na questão longamente debatida da reencarnação, um dos casos mais recentes de

que se tem notícia é também o mais surpreendente. Trata-se da história de Mary Lurancy Vennum que, aos 13 anos de idade, em 1877, sofreu alguns ataques de epilepsia com estranhos resultados.

A primeira evidência da reencarnação de Vennum emergiu após um ataque que a deixou inconsciente por cinco dias. Quando voltou a si, ela contou a seus pais que visitara o Paraíso e conversara com um irmão e com uma irmã que já haviam morrido. Mary Vennum não tinha irmãos nem irmãs, e para seus pais ela parecia destinada a parar não no Paraíso, mas em um hospício, particularmente depois que começou a falar com as vozes estranhas de um homem e de uma mulher.

Mas Asa Roff, um amigo da família, interveio. A filha de Roff morrera dezesseis anos antes durante um ataque epiléptico, e ele conhecia um médico que podia ajudar. O dr. E. W. Stevens foi chamado e encontrou Mary Vennum em transe mediúnico, incorporando primeiro o homem e depois a mulher.

Stevens prontamente hipnotizou a menina, que contou-lhe que havia sido possuída por maus espíritos. Quando o médico sugeriu que seria necessário um outro espírito do além para ajudá-la a se livrar daquelas entidades, a própria Mary fez uma sugestão: propôs que Mary Roff, a filha morta de Asa Roff, fosse chamada. Ele concordou sem perda de tempo.

Quaisquer que possam ter sido os distúrbios psicológicos daquela menina, o fato é que a ciência da psicologia dificilmente poderá explicar o que aconteceu a seguir. No dia seguinte, Mary Vennum pareceu transformar-se em Mary Roff, e quando a sra. Roff e uma filha foram visitá-la, Mary chamou a irmã pelo nome, embora as duas jamais tivessem se visto, abraçou as duas e chorou. Ela voltou com as duas à casa dos Roff e pareceu reconhecer tudo e todos na vizinhança, constantemente recordando incidentes da infância de Mary Roff. Interrogando-a a fundo, o próprio Stevens convenceu-se de que a menina sabia tudo sobre a vida de Mary Roff.

Após algum tempo, a menina disse à família Roff que só podia ficar ali alguns meses. Posteriormente, anunciou o dia exato em que partiria e, finalmente, despediu-se. Depois disso, ela voltou ao lar dos Vennum, onde o sr. e a sra. Vennum ficaram felizes ao ver que sua filha Mary Lurancy Vennum voltara para sempre - e completamente curada da epilepsia.

O Vigia Medium

Se você tiver uma tendência para cometer pequenos furtos, não se aproxime do Shoppers Drug Mart, no Canadá. Em vez de usarem complicados sistemas de segurança, a cadeia de lojas resolveu empregar um médium para detectar pessoas que costumam roubar pelo simples prazer de roubar - os cleptomaníacos -, e os funcionários afirmam que ele vale seu salário.

Na verdade, Reginald McHugh, o médium que exerce as funções de vigia, tem uma longa e destacada carreira. Um dia, enquanto esperava para conversar com repórteres da Mediavision, uma empresa cinematográfica que realizava um documentário sobre sua vida, McHugh de repente ficou inquieto. Embora estivesse sentado em uma sala sem janelas nos fundos da loja, ele exclamou:

- Esperem. Estou sentindo vibrações. Daqui a pouco uma mulher morena, usando um longo vestido cor de laranja entrará e roubará uma caixa azul com listras amarelas.

O médium transmitiu, imediatamente, suas impressões ao segurança da loja. Dez minutos depois, uma mulher indiana entrou na loja, usando um sári cor de laranja. O segurança percebeu quando ela colocou uma pequena caixa em sua bolsa e prontamente a deteve quando tentava sair. A caixa azul e amarela continha pastilhas expectorantes para a garganta.

A equipe de filmagem arrependeu-se de não ter captado o episódio. Assim, voltaram mais bem preparados no dia seguinte. Dessa vez, McHugh usava um microfone sob o colarinho da camisa e previu vários outros roubos na loja.

- Esse tipo de furto acontece muito rapidamente - diz Tony Bond, um dos sócios da empresa. - A menos que você saiba quem vai realizá-lo, é quase impossível de ser identificado. Somente com um golpe de sorte, com todos esses corredores e essas gôndolas, conseguiríamos pegar alguém com a mão na massa. E nós conseguimos pegá-los por diversas vezes.

A Força da Mente e o Crescimento das Plantas

"Converse com suas plantas e ajude-as a crescer", foi um slogan muito em moda

nos anos 60. Mas parece que havia um método naquela loucura. Provas científicas reunidas pelo morfologista Bernard Grad, da Universidade McGill, demonstram que algumas pessoas podem usar a força mental para ajudar as plantas a se desenvolverem.

Para realizar a experiência, Bernard Grad plantou sementes de cevada em diversos canteiros, onde foram aguadas com uma solução salina para impedir seu crescimento. O truque era que alguns dos copos com a solução haviam sido "tratados" pelo médium húngaro Oskar Estebany, que transferira para eles seus poderes de cura. Não é preciso dizer que os canteiros regados com a solução especialmente tratada pelo médium produziram mais do que aqueles que receberam o solução salina comum.

Grad repetiu o experimento, mas dessa vez usou dois pacientes mentais, que sofriam de psicose maníaco-depressiva, para cuidar das plantas. Ele queria ver se o humor de uma pessoa podia influenciar o desenvolvimento das plantas. Os pacientes foram simplesmente instruídos a segurar os copos de água antes de as plantas serem regadas. O desenvolvimento dos canteiros foi posteriormente comparado com o de canteiros de um assistente de laboratório, que participara do trabalho original com Estebany. Os resultados foram parcialmente coerentes com a pesquisa anterior. Os canteiros do laboratorista se desenvolveram mais do que os dos doentes mentais. Mas os canteiros de uma outra paciente também cresceram bem.

O dr. Grad ficou confuso com os resultados, até descobrir um dado novo: ao saber que ia participar do experimento, a paciente ficara tão emocionada que saíra de seu estado depressivo.

O Toque Terapêutico

Toque terapêutico é o nome mais recente para o que anteriormente era chamado de "passe". O médium passa as mãos sobre o paciente, tentando infundir ou redistribuir energia pelo corpo. As pessoas que recebem o toque terapêutico declaram sentir-se melhor e, freqüentemente, suas dores desaparecem. Mas existe alguma prova objetiva de que ele realmente funcione? Sim, de acordo com um relatório publicado pela dra. Janet Quinn, em 1984.

Para determinar se os terapeutas realmente transmitiam energia, a dra. Quinn primeiro fazia com que eles entrassem em um estado de consciência interior, supostamente necessário antes que o tratamento pudesse funcionar. Após essa introspecção, ela fazia com que eles administrassem o tratamento movendo suas mãos sobre os corpos dos pacientes. Cada um deles indicava seu nível de ansiedade tanto antes quanto depois de receber o tratamento. Como era de esperar, os pacientes declararam uma significativa redução em sua ansiedade depois de receber o toque terapêutico.

A dra. Quinn também tentou descartar o efeito placebo, que, de acordo com alguns céticos, poderia explicar a eficiência do toque terapêutico. Para fazer isso, ela certificou-se de fazer com que alguns pacientes recebessem uma terapia "falsa", administrada por enfermeiras não experimentadas na técnica.

Essas praticantes aprenderam como imitar o toque terapêutico, mas não sabiam como entrar no estado especial de consciência que ajuda a curar. Os pacientes que receberam o tratamento falso não declararam nenhum efeito. A dra. Janet Quinn também gravou em vídeo as enfermeiras realizando o procedimento real e o falso, e mostrou as fitas a juizes, que foram solicitados a diferenciar entre os dois grupos. Os juízes não conseguiram apontar a diferença, indicando que os pacientes também não poderiam.

O Fantasma de Washington Irving

Será que o autor de uma das mais famosas histórias de fantasmas da literatura americana voltaria do mundo dos mortos para pregar uma peça em alguém? Washington Irving, autor de The Legend of Sleepy Hollow, era um homem engenhoso, gostava de se divertir, às vezes, à custa dos outros.

Pouco depois da morte de Irving, um dos velhos amigos do autor, o dr. J. G. Cogswell, trabalhava em sua biblioteca quando viu um homem retirar um livro da estante e desaparecer. Cogswell teve certeza de que o homem era Washington Irving - até ver uma outra figura fantasmagórica, a imagem de um segundo amigo já falecido, devolver um livro à estante.

E isso não foi tudo. O sobrinho de Irving, Pierre, segundo consta, teria visto o

fantasma de seu tio na casa do falecido em Tarrytown, Nova York. Ali, Pierre e duas filhas disseram ter visto nitidamente o famoso autor caminhando pela sala de estar e entrar na biblioteca, onde ele costumava executar seu trabalho.

Quando vivo, Irving costumava declarar que não acreditava em fantasmas. O cavaleiro sem cabeça de sua obra, afinal de contas, era, na verdade, um simples mortal vestido de forma a assustar um rival. É provável que seu sobrinho tivesse a mesma opinião - até que o próprio Irving provou que os dois estavam errados.

A Levitação do Faquir

A Meditação Transcendental ganhou grande notoriedade nos anos 70, quando líderes do movimento declararam que seus praticantes podiam levitar. Mas, a despeito de todas as afirmações nesse sentido, nem um único adepto da MT foi visto flutuando acima do solo.

Isso, no entanto, não significa que os poderes da mente não possam ajudar uma pessoa a desafiar a gravidade. Existem testemunhos de levitação humana em vários momentos da história cultural do Oriente e do Ocidente. Um dos mais impressionantes relatos data do início da segunda metade do século 19 e foi feito por Louis Jacolliot, um juiz francês que viajou muito pelo Oriente. De acordo com Jacolliot, seu interesse pela ioga aumentou quando conheceu um faquir chamado Covindasamy, em 1866. Os dois homens começaram a realizar experimentos mediúnicos juntos, e um dia, antes do almoço, Covindasamy decidiu fazer uma surpreendente demonstração ao amigo.

Escreveu o juiz em seu livro Occult Science in Indian and Among the Ancients:

"O iogue estava caminhando em direção à porta da varanda quando, obviamente, mudou de idéia. O faquir parou junto à porta que dava para a escada dos fundos e, cruzando os braços, levitou - ou pelo menos foi o que me pareceu - gradativamente, sem nenhum apoio visível, até chegar a 30 centímetros acima do solo. Pude determinar a altura exata, graças a um marco no qual fixei meus olhos durante o curto espaço de tempo em que o fenômeno durou. Atrás do faquir havia uma cortina de seda com listras vermelhas, douradas e brancas de igual largura, e notei que os pés do faquir chegaram a subir à altura da sexta listra. Quando vi que

ele começava a levitar, procurei fixar minha atenção.”

De acordo com Jacolliot, o faquir permaneceu levitando durante cerca de dez minutos, em cinco dos quais pareceu não mover nenhum músculo.

O Fluxo Mediúnico

Alguns especialistas acreditam que recebemos impressões mediúnicas continuamente durante o dia, mesmo que essas mensagens jamais entrem em nosso consciente. Essa idéia era simplesmente uma teoria, até os anos 60, quando E. Douglas Dean, um engenheiro eletricista de Nova Jersey, decidiu demonstrá-la.

Partindo de algumas pesquisas realizadas anteriormente na Tchecoslováquia, Dean usou duas pessoas para seus experimentos. O primeiro sujeito, o “receptor”, foi colocado sozinho em uma sala, os dedos presos a um aparelho para medir o fluxo sangüíneo no corpo. Enquanto isso, em uma outra sala, o “emissor” começou a trabalhar. Ele - ou ela - estudava uma série da cartões em branco ou então com um nome escolhido a esmo. Em geral, um nome significativo para o emissor ou para o receptor. Dean esperava que, quando o emissor ficasse estimulado ao deparar com um nome emocionalmente significativo, o receptor também reagiria. Tal reação seria demonstrada no gráfico do aparelho, que indicaria um aumento nas pulsações.

A experiência foi bem-sucedida, mas não da forma esperada. O que aconteceu foi que o fluxo sangüíneo do receptor reagiu quando o emissor olhou para nomes significativos para seu companheiro de experimento. Parecia que o subconsciente do sujeito estava constantemente vigilante durante o teste, à procura de quaisquer mensagens que pudessem ser importantes. Embora os sujeitos não estivessem cientes de quando os sinais de PES eram recebidos, seus corpos sutilmente reagiam a eles.

As Crianças Perdidas

Uma mulher desesperada por encontrar seus filhos perdidos é capaz de fazer qualquer coisa. Vejamos o caso de Joanne Tomchik, de Nova York, que perdeu seus

filhos, de 3 e 5 anos de idade, quando foram raptados pelo ex-marido em 1972.

Fora de si, Joanne procurou a ajuda da polícia e até chegou a contratar detetives particulares. Mas um ano e 6 mil dólares em honorários depois, ainda não havia nenhuma pista sobre o paradeiro do marido ou das crianças.

Então ela ouviu uma transmissão radiofônica sobre PES e decidiu recorrer à ajuda de um médium. O grupo responsável pelo programa de rádio indicou-a à sra. Millie Cotant, que olhou fixamente algumas fotos das crianças e finalmente teve uma visão: um trailer e uma caminhonete azul-clara com placas da Carolina.

Aquilo foi suficiente para a sra. Joanne Tomchik. Ela notificou a polícia da Carolina do Norte e do Sul, enviando aos dois Estados fotos dos filhos e do ex-marido. Um mês depois, em Wilson, Carolina do Norte, Andrew Tomchik foi localizado, morando com as crianças em um estacionamento próprio para trailers. Ele estivera usando uma caminhonete azul-clara. Tomchik foi considerado culpado por violar o direito de visita aos filhos, e a sra. Joanne Tomchik ficou feliz ao tê-los de volta ao lar.

As Profecias de São Malaquias

Um dos mais obscuros profetas da Idade Média, São Malaquias, um monge irlandês que se tornou arcebispo de Armagh e primaz da Irlanda por volta de 1132, morreu em 1148. Mas suas profecias, encontradas na forma de anotações, foram recolhidas e publicadas pelo Vaticano em 1595.

As profecias de São Malaquias foram colocadas na forma de um registro papal, projetado a partir do século 12, com um comentário sobre cada um dos novos papas ou o caráter de seu papado. Muitas das profecias foram consideradas surpreendentemente pertinentes. O registro termina com "Pedro, o Romano", em um tempo que, segundo os cálculos, deverá coincidir com o final deste século, ou com a chegada do terceiro milênio.

Entre Pedro e alguém que parece ser o papa Pio XI, haverá seis outros chefes do Vaticano. Durante o papado de Pedro, "a cidade das Sete Colinas será destruída, e o Respeitável Juiz julgará seu próprio povo".

A história profética do papado sempre foi muito comentada entre teólogos

católicos. Seu conhecimento pode ter contribuído para a visão reportada pelo papa Pio X em 1909. Saindo de um transe, ele disse:

- O que vejo é terrível. Serei eu mesmo... ou meu sucessor... o papa sairá de Roma e, depois de ter deixado o Vaticano, terá de caminhar sobre os cadáveres de seus padres.

O tempo, naturalmente, dirá se as terríveis profecias de São Malaquias serão realizadas.

Alongamento Corporal

O mais prolífico realizador de milagres modernos foi, inquestionavelmente, o médium escocês do século 19 Daniel Douglas Home (1833-86), que, certa vez, chegou a flutuar para fora de uma janela localizada no segundo pavimento de um edifício em plena luz do dia, diante de várias testemunhas.

Entre os feitos miraculosos de Home estavam a capacidade de mover objetos pesados, conversar com espíritos de pessoas falecidas, e esfregar brasas em seu rosto sem sofrer nenhum dano aparente. Um homem de físico frágil, Home também podia alongar seu corpo, acrescentando até 15 centímetros a sua altura normal.

Em uma certa ocasião, esse alongamento corporal foi testemunhado por lorde Adare, filho do terceiro conde de Dunraven. Colocado entre o lorde e um certo sr. Jencken, Home entrou no estado familiar de transe em que muitos de seus milagres foram realizados.

- O espírito guardião é muito alto e forte - concluiu ele.

Sem que ninguém esperasse, Home cresceu mais 15 centímetros, e sua cabeça ultrapassou em altura a dos dois homens atônitos que estavam a seu lado.

Respondendo a suas perguntas, Home declarou:

- Daniel vai mostrar-lhes como é - e desabotoou seu casaco. Ele sempre se referia a si mesmo na terceira pessoa, quando estava em transe.

Lorde Adare notou que o alongamento parecia ter acontecido da cintura para cima, pois 10 centímetros de carne nova apareciam entre o colete e a cintura da calça de Home.

Então, Home voltou ao tamanho original, e disse:

- Daniel vai crescer outra vez.

E, para perplexidade de Lorde Adare, voltou a aumentar de tamanho.

Home começou a caminhar pelo aposento, batendo os pés para mostrar que estavam firmemente plantados no chão, e voltou, lentamente, a sua altura normal. Como acontecia com a maioria de seus feitos fantásticos, Home realizava o "truque" de alongamento corporal com a maior tranqüilidade.

O Mistério de Mitchell Fiat

Luzes fantasmagóricas que assombram o mesmo local ano após ano dificilmente podem ser classificadas como um fenômeno isolado. Pelo menos 35 desses lugares são conhecidos só nos EUA e no Canadá. Mas poucas luzes fantasmas podem ser mais conhecidas e folclóricas do que as que, segundo dizem, pairam sobre Mitchell Fiat, nas proximidades da atual cidade de Marfa, região oeste do Texas.

Os relatos de luminosos globos dançantes sobre o solo do deserto datam dos tempos dos apaches mescaleros. Robert Ellison, um dos primeiros colonos brancos na área, viu esses globos já em 1883, e pensou que fossem fogueiras de acampamentos indígenas. Mais recentemente, James Dean, enquanto filmava "Assim Caminha a Humanidade" em Marfa, nos anos 50, manteve constantemente um telescópio assestado em uma cerca de arame farpado, na esperança de ver as luzes.

Nos dias de hoje, quando as condições atmosféricas são favoráveis, as luzes podem ser vistas como se fossem brilhantes feijões mexicanos saltadores, desde que você se posicione em um determinado local na rodovia 90, cerca de 13 quilômetros a

leste da cidade. Eles normalmente dançam à distância, a meio caminho entre a rodovia e as montanhas Chinati, mas em raras ocasiões se aventuram a aproximar-se, o que facilita sua observação.

Charles Cude, de San Antônio, acabara de estacionar seu carro no acostamento da estrada certa noite, quando viu duas luzes.

- Parecia ser um automóvel atravessando a pista, indo do leste para o oeste - disse ele.

Quando Cude percebeu que não havia nenhuma estrada cruzando a pista onde estava, uma das luzes, de repente, subiu a uma grande altura.

Alguns momentos depois, outra luz passou entre o carro de Cude e um outro, estacionado no acostamento oposto, desaparecendo no meio do deserto. Charles Cude declarou que a luz parecia ter entre 50 e 70 centímetros de diâmetro. Sua superfície, segundo ele, lembrava as fotos tiradas da Terra por astronautas em órbita,

- Era um globo brilhante coberto com nuvens arrastadas em torvelinho.

OVNIs no Hudson Valley

Um dos mais extraordinários exemplos de aparição de um objeto voador não identificado, com um grande número de testemunhas, começou na véspera do Ano-novo de 1982, inundando de gente o Hudson Valley em Nova York, e particularmente os municípios de Westchester e Putnam. No verão de 1987, mais de 5 mil pessoas viram (e em muitos casos fotografaram e filmaram em vídeo) um enorme OVNI de formato triangular, cuja silhueta iluminada ficou conhecida como o "Hudson Valley Boomerang".

Muitas das aparições ocorreram entre os anos de 1983 e 1984. Motoristas no Taconic Parkway estacionavam seus carros no acostamento da estrada para admirar um gigantesco e silencioso objeto que se movia lentamente, que muitos descreviam em termos de campos de futebol e não em centímetros. Uma testemunha perplexa chegou a dizer que o objeto era tão grande quanto um porta-aviões. Outra comparou-o a uma "cidade voadora".

A despeito do número de fotos autênticas, e de testemunhas confiáveis, inclusive pilotos, engenheiros e altos executivos de grandes empresas, os céticos simplesmente declararam que o caso havia sido "solucionado". Os culpados seriam, supostamente, um grupo de pilotos civis que, em frontal violação aos regulamentos da FAA (Federal Aviation Administration), reuniam-se à noite para assustar os residentes locais. Os "marcianos", como passaram a ser chamados, supostamente voariam com seus Cessna em formações fechadas para que as pessoas tivessem a

ilusão de estar vendo um grande objeto iluminado manobrando no céu.

O único problema com a "solução" dos céticos é que várias testemunhas filmaram tanto os "marcianos" quanto o OVNI em pleno vôo, e a diferença é facilmente distinguível. Outras testemunhas disseram que os Cessna podiam ser ouvidos perfeitamente, enquanto o OVNI era misteriosamente silencioso.

Além disso, o imenso bumerangue iluminado pairava sobre a usina nuclear local, uma manobra acrobática que os Cessna civis, por mais audazes que fossem seus pilotos, jamais conseguiriam realizar.

Finalmente, se os céticos acham que realmente solucionaram o caso dos OVNIs de Hudson Valley, eles são moralmente obrigados a levar os responsáveis às autoridades, para que sejam punidos. Se não for assim, seremos forçados a concluir que gigantescos objetos voadores não identificados estão fora da atual jurisdição da F AA.

A Psicofísica e o Mercado a Futuro

Os poderes mediúnicos podem ajudar a prever o movimento do mercado a futuro na Bolsa de Valores? Esta pergunta foi feita recentemente pelo psicólogo e médium Keith Harary e pelo físico Russell Targ. Para conduzir seus experimentos, os pesquisadores escolheram o mercado da prata, que é notoriamente instável e oscila rapidamente de dia para dia. Diversos investidores mostraram-se dispostos a aplicar grandes somas de dinheiro baseados nas previsões de Harary.

Para aliviar a tensão durante a experiência, e para impedir que Harary se sentisse muito tenso enquanto fazia suas previsões, os prognósticos eram feitos de maneira indireta. Toda quinta-feira, desde 16 de setembro de 1982, Targ pedia a Harary para que descrevesse o objeto - escolhido a partir de um grupo - que ele veria na segunda-feira seguinte. Cada um dos quatro objetos designava uma oscilação em particular do mercado a futuro da prata, desde uma alta até uma queda acentuada.

Depois das respostas dadas pelo médium, Targ olhava para o grupo de objetos e decidia qual deles Harary havia descrito. A oscilação correspondente no mercado da prata era então comunicada aos investidores, que usavam a informação para comprar ou vender.

A experiência redundou em extraordinário sucesso. Sete transações consecutivas foram feitas com base nas sete previsões corretas, e os investidores ganharam 120 mil dólares na Bolsa de Valores.

As Vidas de Shirley MacLaine

Em uma carreira cinematográfica com muitos altos e baixos, Shirley MacLaine transformou-se de repente em grande estrela. Versátil e talentosa, ela dança, canta e representa. Depois de várias vezes indicada para o grande prêmio da Academia, ela finalmente ganhou um Oscar, em 1983, por sua atuação no filme Laços de Ternura; mas ela previu que isso aconteceria.

- Enquanto eu me preparava para o filme - diz ela -, tive uma visão de como seriam os eventos futuros, que se confirmaram: o filme foi um sucesso, ganhei o Oscar, e depois escrevi um livro sobre minhas experiências mediúnicas: Minhas Vidas.

Durante toda sua longa carreira, Shirley MacLaine sempre sofreu o nervosismo de estréia, ou o medo de representar, fato muito comum entre os atores. Mas ela conseguiu curar-se, consultando um acupunturista no deserto do Novo México. Após ser submetida a um tratamento, Shirley MacLaine, como muitos dos clientes do acupunturista, lembrou-se de vidas passadas.

- Na verdade - declarou -, em uma de minhas vidas passadas eu fui um bobo da corte, morto decapitado após uma apresentação em particular para o rei.

Ela afirmou que em sua experiência de regressão, conseguiu ver a cabeça do bobo da corte rolando pelo chão.

- Não admira que eu tivesse medo de representar - concluiu.

A visão ajudou-a a superar o problema, e contribuiu para seu futuro sucesso.

A Televisão Assombrada

Muitos médiuns talentosos afirmam que são capazes de projetar imagens em filmes lacrados. Mas existem outros que dizem poder transmitir imagens para a tela de um televisor.

Nesse aspecto, um dos casos mais estranhos foi relatado pela família Travis de Blue Point, Nova York. Os três filhos do casal assistiam à televisão, quando viram um rosto surgir na tela, obscurecendo o programa que tentavam ver. A sra. Travis não acreditou na história quando eles lhe contaram, mas ficou abismada quando viu a imagem com seus próprios olhos. O rosto, com forma de um perfil em silhueta, parecia ser feminino, e continuou perfeitamente visível mesmo com o aparelho desligado.

A notícia da televisão "assombrada" espalhou-se rapidamente por toda Blue Point. E, durante os dois próximos dias, dezenas de pessoas, inclusive repórteres, fotógrafos e técnicos de tevê, acorreram à residência dos Travis. Cada um tinha uma teoria diferente para explicar como o rosto aparecera ali. Algumas das testemunhas, por exemplo, acharam que o perfil era um resíduo eletrônico da cantora Francy Lane, que aparecera na televisão no dia anterior. Mas essa sugestão e outras não foram aceitas.

A imagem finalmente desapareceu 51 horas depois, tão misteriosamente quanto aparecera, embora existam diversas fotos que provam que ela existiu realmente.

Avelãs Cadentes

Alfred Wilson Osborne e sua mulher gostam de contar a história que aconteceu com eles num dia de março de 1977, quando viram vários objetos caindo do céu.

Osborne, correspondente de um jornal de Bristol, Inglaterra, especializado em xadrez, afirma que ele e sua mulher estavam voltando para casa num domingo pela manhã, após terem ido à igreja, quando viram centenas de avelãs caindo no chão. Durante os minutos seguintes, elas caíram sobre os carros que passavam na rua, sobre os automóveis expostos no pátio de uma revendedora perto dali, e sobre os transeuntes.

O incidente foi publicado no jornal de Bristol, sem nenhuma explicação. O dia estava praticamente sem nuvens, e os objetos pareciam claramente cair do céu.

Osborne ficou abismado com o que viu, mas disse que o mais incrível de tudo era que as avelãs, encontradas somente em setembro e outubro, estavam frescas e maduras.

- Cheguei a pensar que elas poderiam ter sido carregadas por algum remoinho e jogadas ali - disse ele -, mas não sei onde é que se pode encontrar avelãs em março.

O Fantasma do Marujo

De todas as histórias do mar, nenhuma é mais fantástica do que a que nos foi narrada sobre The Flying Dutchman. A lenda é baseada em um navio de verdade que, capitaneado por um hábil, porém jactancioso marujo chamado Hendrik Vanderdecken, nascido nas Índias Orientais Holandesas, zarpou em 1680 de Amsterdam para a Batávia, na ocasião um importante porto naquele país. Embora fosse comissionado por uma sociedade mercantil para comandar o navio da empresa e trazê-lo de volta carregado, Vanderdecken tinha certeza de poder trazer seus próprios ganhos ilícitos em quantidade suficiente para deixá-lo rico.

Segundo a lenda, quando o navio de Vanderdecken teve de enfrentar uma tempestade tropical, o marujo tentou todas as manobras possíveis para manter a embarcação flutuando. A providência mais segura teria sido esperar o término da tempestade, mas, levado por um desafio feito pelo diabo em um sonho uma noite, ele decidiu ignorar as advertências do Senhor e tentou levar o navio a atravessar o cabo da Boa Esperança. A embarcação afundou e os tripulantes morreram. Dizem que, como castigo, Vanderdecken foi condenado a navegar com seu navio até o Dia do Juízo Final.

Trata-se de uma lenda emocionante e romântica, mas testemunha após testemunha jura que é mais do que uma simples história. Em 1835, o capitão e os tripulantes de uma nau inglesa viram um navio fantasma aproximando-se no meio de uma forte tempestade com as velas enfunadas. O navio de repente desapareceu, quando já estava perigosamente perto. Em 1881, marujos do navio britânico H. J. S. Bacchante declararam que um dos membros da tripulação caiu do cordame e morreu um dia depois da fantástica aparição.

Um fenômeno mais recente do Dutchman ocorreu em março de 1939, em Glencairn Beach, África do Sul. No dia seguinte à aparição, um jornal publicou uma matéria em que dezenas de banhistas afirmavam ter visto o navio, com detalhes sobre a

visão, notando que ele estava com todas as velas enfunadas e movendo-se normalmente, a despeito da falta de vento naquele momento.

Alguns cientistas explicaram que o que todas aquelas pessoas viram era apenas uma miragem. Mas as testemunhas protestaram, afirmando que teria sido difícil para elas ver uma embarcação do século 17 com tantos detalhes, principalmente porque muitas delas jamais viram uma.

Os Fantasmas da Escada

O National Maritime Museum, localizado em Greenwich, Inglaterra, é visitado por milhares de turistas a cada ano. Muitos deles preservam suas lembranças com fotos.

Era o que o reverendo R. W. Hardy tinha em mente quando ele e sua mulher, visitando o museu em 1966, tentaram fotografar uma de suas atrações mais populares - a Escada Tulipa, originariamente construída para a rainha Ana da Dinamarca. Ele mal podia esperar que o resto de seu grupo de turistas subisse ao pavimento superior, para poder fotografar o corrimão da escada, com desenhos de tulipas esculpidos no metal.

Hardy, sua mulher e funcionários do museu foram unânimes em declarar que não havia ninguém na escada quando a foto foi feita. No entanto, quando o reverendo voltou ao Canadá e revelou o filme, duas figuras apareceram nos degraus. Envolvidos por alguma substância branca, evidentemente não eram seres humanos normais, mas aparições fantasmagóricas. As duas figuras pareciam estar subindo os degraus, apoiadas no corrimão, sem dar importância à máquina fotográfica. Um grande anel podia ser visto na mão de uma delas.

O reverendo Hardy não acreditava em fantasmas, mas em busca de uma explicação ele finalmente entrou em contato com o London Ghost Club. Membros do clube enviaram os negativos de Hardy à Kodak, onde ficou provado que o filme não havia sido falsificado. Os Hardy também foram interrogados pelo clube, e ficou demonstrado que eles eram honestos e que não estavam, de forma nenhuma, tentando perpetrar uma fraude ou uma brincadeira.

Ansiosa por se aprofundar nesse evento, a organização patrocinou uma vigília

noturna junto à escada do museu, empregando máquinas fotográficas e filmadoras, sensores eletrônicos, medidores de temperatura e outros dispositivos para medir o vento e as condições atmosféricas. Os investigadores logo gravaram diversos sons estranhos, que identificaram como passos e soluços, mas não conseguiram filmar nem fotografar nada. As aparições, concluíram os membros do clube, eram fantasmas que apareciam apenas durante o dia. A identidade das figuras na foto, acrescentaram, não podia ser determinada.

D. D. Home: Faquir ou Impostor?

Daniel Douglas Home, um americano morto em 1886, era amigo de príncipes e reis. Qual o segredo de sua fama? Ele podia entrar em transe, ficando imune ao fogo ou ao intenso calor. Ele não só podia pegar brasas vivas com as mãos, mas também era capaz de transferir sua imunidade aos espectadores, transferindo-lhes as brasas sem causar nenhum dano.

Sir William Crookes, então diretor da Sociedade Britânica de Pesquisas Psíquicas, testemunhou suas façanhas e declarou que Home pegou uma brasa "tão grande quanto uma laranja" e a segurou com as duas mãos.

- Em seguida - prosseguiu -, ele soprou o carvão até surgir uma chama entre os seus dedos.

Crookes inspecionou as mãos de Home antes e depois, mas não conseguiu encontrar nenhum resquício de algum tipo de ungüento ou outro tratamento. Ficou mais surpreso ainda ao sentir que as mãos de Home eram macias e delicadas.

- Pareciam as mãos de uma mulher.

Lorde Adare, da Irlanda, amigo íntimo de Home, e autor de um livro sobre a vida do americano, escreveu que certa vez o viu colocar o rosto em uma fogueira e balançar a cabeça de um lado para outro. Home também colocou uma brasa viva na mão de Adare.

- Fiquei com a brasa na mão durante vários momentos, e quase não senti seu calor.

Home professava também outros poderes espirituais. Fazia várias sessões e diziam

ser capaz de movimentar objetos. Certa vez, diante de três testemunhas, ele teria flutuado para fora de uma janela do segundo pavimento de uma casa, e voltado. Uma investigação mais apurada descobriu uma série de falhas na história, inclusive a possibilidade de uma corda escondida ou até mesmo de chantagem de Lorde Adare, que ameaçou revelar seu homossexualismo.

No entanto, ninguém jamais explicou a imunidade de Home ao fogo, testemunhada por muitas pessoas em inúmeras sessões.

Os Fantasmas do Vôo 401

Depois dos fantasmas da Casa Branca, uma das mais populares histórias de fantasmas dos últimos tempos é o conhecido caso dos Fantasmas do vôo 401. Bob Loft era comandante do vôo 401 da Eastern Airlines no dia em que decolou de Nova York para Miami, na sexta-feira, 29 de dezembro de 1972. Naquela noite, o avião caiu nos Everglades, e mais de cem pessoas morreram, inclusive Loft e Dan Repo, o engenheiro de bordo. A investigação concluiu que a causa do acidente foi uma combinação de falha de equipamento e erro humano. Terminado o inquérito, peças e componentes do aparelho sinistrado foram recolhidos para serem usados em outros aviões da Eastern.

Pouco depois, começaram os boatos: pilotos e tripulantes em vários vôos da Eastern declararam ter visto os fantasmas de Loft e de Dan Repo, que apareciam com mais freqüência a bordo do avião número 318. Nos primeiros incidentes, algumas aeromoças acharam que a cozinha inferior, onde a comida era preparada, estava anormalmente fria. Outras sentiram que havia alguém ali com elas, quando estavam sozinhas.

Um dia, um engenheiro de bordo chegou para fazer sua inspeção pré-vôo e viu um homem vestido com o uniforme da Eastern. Ele imediatamente reconheceu seu velho amigo, Dan Repo, que chegou a dizer que o engenheiro não precisava se preocupar com a inspeção porque ele já tomara todas as providências. Em um outro vôo, o fantasma do comandante Loft foi visto por um piloto e duas aeromoças. Ocasionalmente, Dan Repo ou aeromoças não identificadas eram vistos pelo painel de vidro do elevador da cozinha inferior - e então desapareciam antes da abertura da porta.

Uma investigação informal sobres essas histórias foi dificultada tanto pela recusa dos empregados em falar sobre o assunto quanto por uma série de anotações desaparecidas do avião. Mas os investigadores finalmente descobriram um fato intrigante: muitas peças recuperadas do vôo 401 foram posteriormente usadas no avião número 318.

O Abominável Homem das Neves

Em 6 de março de 1986, os caçadores do "Pé Grande" (O Abominável Homem das Neves) finalmente encontraram a prova "definitiva" procurada durante longo tempo. Enquanto percorriam o Himalaia, um dos caçadores conseguiu fotografar o Yeti - o equivalente tibetano ao Pé Grande da região noroeste do Pacífico - com sua câmera.

Anthony Wooldridge, um viajante inglês, praticava alpinismo perto do Nepal para estudar a vida da aldeia, quando viu a criatura. Ele corria na neve junto a algumas árvores, quando percebeu estranhas pegadas.

- Fiquei imaginando o que ou quem poderia estar ali naquela floresta comigo - disse ele -, mas não consegui encontrar nenhuma explicação satisfatória. Fiz algumas fotos rápidas das pegadas e saí dali, sabendo que o tempo era precioso se eu quisesse chegar ao meu destino antes que a neve ficasse intransitável. Cerca de meia hora depois, quando saí do meio das árvores, ouvi um ruído surdo seguido por um ronco prolongado.

O explorador continuou a subir a encosta para avaliar o risco, quando viu o Abominável Homem das Neves ao lado de alguns arbustos.

- Em pé, ao lado da vegetação rasteira - explicou Wooldridge -, havia uma criatura com uns 2 metros de altura. - Convencido de que qualquer que fosse aquela "coisa" ela desapareceria rapidamente, Wooldridge fez várias fotos. - Não demorou para que eu percebesse que o único animal remotamente parecido com aquele era o Yeti.

Wooldridge posteriormente submeteu as fotos à International Society for Cryptozoology, que investiga relatos de animais estranhos ou desconhecidos. Sua

melhor foto foi publicada na BBC Wildlife, provocando polêmicas. A BBC Wildlife enviou a foto ao dr. Robert. D. Martin, um antropólogo da University College, University of London. Martin notou que a criatura podia ser um Hanuman Langur, embora esse tipo de animal tenha cauda e seja, geralmente, menor do que a criatura mostrada na foto.

Observações similares desconcertaram o antropólogo John Napier, um conhecido cético com relação ao Pé Grande, que também examinou a foto.

- A possibilidade de que Wooldridge realmente tenha fotografado uma forma de vida anteriormente desconhecida - diz o dr. Napier - é extraordinária, mas perfeitamente lógica.

Lembranças de Vida e Morte Anteriores

Os hipnotizadores freqüentemente fazem com que adultos regridam à infância. Muitos adeptos do mesmerismo - teoria segundo a qual toda pessoa tem um magnetismo animal que pode transmitir aos outros para fins terapêuticos - já conseguiram levar a regressão mais além, usando a força hipnótica para ajudar as pessoas a lembrar-se de vidas anteriores.

O hipnotizador inglês Henry Blythe, por exemplo, começou a realizar experiências com uma mulher chamada Naomi Henry, de Exeter. Sob hipnose, ela declarou ser uma fazendeira irlandesa do século 18 chamada Mary Cohen, e passou a descrever toda sua vida anterior, inclusive sua juventude, seu casamento problemático com um fazendeiro violento, e até mesmo sua morte.

Naomi descreveu o último momento de Mary Cohen, um acontecimento muito doloroso, quando de repente ficou em silêncio. Blythe entrou em pânico ao perceber que o rosto da mulher tornava-se pálido. Pouco tempo depois, ela parava de respirar e ele não conseguia encontrar seu pulso.

- Você está em segurança - Blythe repetia, apreensivo.

Finalmente, após vários segundos, seu pulso retornou e ela começou a respirar outra vez. Lentamente, Naomi voltou ao estado normal.

Todos se sentiram aliviados, e Blythe declarou que Naomi Henry contara-lhe sobre

uma outra vida como uma garota inglesa no início deste século.

O Puro-Sangue Azarado

Black Gold, um famoso puro-sangue, deu muito dinheiro aos apostadores, a seus proprietários e aos jóqueis. Mas uma série de infortúnios perseguiu o cavalo desde seu primeiro dia de vida. Nascido "sob a luz" de um cometa, Black Gold foi considerado um mau presságio pelo seu proprietário, H. M. Hoots, que pegou pneumonia naquela mesma noite e morreu.

O próprio Black Gold tornou-se um vencedor, superando a dor de sua pata dianteira esquerda e vencendo o Kentucky Derby de 1924. O cavalo pagou 10 por 1, mas os bookmakers fugiram com o dinheiro das apostas e ninguém ganhou nada. Algum tempo depois, J. D. Mooney, o jóquei de Black Gold, engordou tanto que perdeu o emprego, e o treinador também foi demitido por permitir que o cavalo forçasse demais sua pata ruim. O encarregado do estábulo, Waldo Freeman, pensou que conseguira derrotar a maldição quando ganhou apostas em três grandes prêmios, mas morreu vítima de um ataque cardíaco.

Talvez o pior destino tenha sido o do próprio Black Gold, quando foi levado ao haras para servir de procriador em fins de 1924. Descobriram que ele era estéril.

O Número de Azar do Capitão McLoed

Hugh McDonald McLoed tornou-se capitão quando tinha 19 anos de idade, mas foi o sinistro número "7" que pareceu figurar proeminentemente em sua vida. E deveria mesmo, pois ele era o sétimo filho de um sétimo filho.

Nascido de uma família de marujos, McLoed tinha dois irmãos que também eram capitães. Na verdade, no dia 7 de dezembro de 1909, seus irmãos zarparam como capitão e primeiro imediato no navio mercante Marquete & Bessemer Nº. 2, com destino a Port Stanley, Ontário. Mas o navio não chegou ao seu destino, desaparecendo com toda a tripulação.

Quatro meses depois, no dia 7 de abril, Hugh foi notificado de que o corpo de seu irmão John fora encontrado, congelado, nas águas do rio Niágara. No dia 7 de

outubro de 1910, o corpo de seu outro irmão foi encontrado na praia, em Long Point.

Quatro anos mais tarde, no dia 7 de abril de 1914, o capitão MacLoed, na ocasião mestre de um navio cargueiro chamado John Ericsson, rebocava uma barcaça no lago Huron. O nevoeiro era tão intenso que ele não conseguia ver a embarcação que estava puxando - o Alexander Holly. Finalmente, conseguiu divisar a bandeira do Holly tremulando a meio pau. O capitão diminuiu a velocidade e puxou o cabo de reboque, quando ficou sabendo que no dia anterior o capitão da barcaça fora varrido do convés por uma onda.

Não deveria ser surpresa o fato de que McLoed finalmente aposentou-se no dia 6 de dezembro de 1941. No dia seguinte, os japoneses bombardearam Pearl Harbor, do outro lado da linha equinocial internacional.

A Maldição da Tumba do Faraó Tutancâmon

Embora as grandes pirâmides do Egito tenham permanecido intocadas durante séculos, no início dos anos 20 muitas das estruturas e tumbas dos faraós foram saqueadas por arqueólogos aventureiros e caçadores de tesouros.

Uma tumba, no entanto, permaneceu intocada: a do famoso Faraó Tutancâmon. Segundo a lenda, a tumba, repleta de tesouros, foi guardada por uma maldição que condenava à morte qualquer um que ali entrasse. Mas isso não impediu que George E. S. M. Herbert, conde de Carnarvon, fosse ao Egito pela primeira vez esperando que o clima seco curasse sua doença respiratória.

Mesmo sem ter experiência anterior em arqueologia, Herbert tinha o dinheiro necessário para financiar expedições. E, em pouco tempo, ele e o arqueólogo Howard Carter partiram para encontrar a lendária tumba.

Após muitas escavações durante vários anos, eles finalmente encontraram alguns fragmentos de peças que traziam o nome de Tutancâmon. E as peças os levaram à sala do tesouro, onde repousava o tão longamente procurado faraó.

Um grupo de vinte pessoas serviu como testemunha de que Carter entrou naquela sala no dia 17 de fevereiro de 1922, mas lorde Carnarvon viveu pouco tempo para

apreciar a descoberta. Ele morreu em abril no Hotel Continental no Cairo, depois de contrair uma súbita e não diagnosticada febre, que debilitou seu corpo durante doze dias. Poucos minutos após sua morte, houve falta de energia elétrica no Cairo. E o cachorro de Carnarvon, em Londres, morreu no mesmo dia.

Antes de terminar aquele ano, doze outros membros do grupo original de vinte homens também morreram. Mas outros morreriam, também. George Jay Gould, filho do financista Jay Gould, e amigo de Carnarvon, viajou ao Egito após a morte de seu amigo para visitar o lugar pessoalmente. Ele morreu de peste bubônica, 24 horas após visitar a tumba.

Em 1929, dezesseis outros pesquisadores que, de alguma forma, entraram em contato com a múmia do faraó também morreram. Entre as vítimas estavam o radiologista Archibald Reid, que preparara os restos de Tutancâmon para radiografar a múmia do faraó, a mulher de lorde Carnarvon, e Richard Bethell, seu secretário particular. Até o pai de Bethell morreu, suicidando-se.

A mística dessa famosa múmia, tema de filmes de terror de segunda classe, foi provavelmente um grande fator para o sucesso avassalador de Tesouros do Rei Tutancâmon, roteiro de viagem empreendido pelas agências de turismo dos EUA. Mas, como as dezenas de milhares de pessoas que viram a múmia podem atestar, a maldição parece ter chegado ao fim - pelo menos por enquanto.

Mas cuidado! Logo na entrada da tumba, observe os hieróglifos escritos no brasão. Eles dizem: “A morte virá rapidamente àquele que violar a tumba do faraó”.

Milagre em Remiremont

Remiremont, uma pequena cidade francesa perto da fronteira com a Alemanha, tinha uma estátua da Virgem Maria chamada Notre Dame du Trésor. Presenteada a Remiremont no século 8, a estátua, há muito tempo considerada protetora da cidade, todos os anos, desde 1682, era levada em um andor pelas ruas durante uma cerimônia especial em seu louvor.

Mas, em 1907, a estátua passou a ser o centro de uma acirrada disputa: quando o papa deu sua sanção oficial à cerimônia, forças anticatólicas da cidade deram vazão a um violento protesto. As autoridades municipais ficaram de tal forma

intimidadas pelas ameaças que a cerimônia foi cancelada. Não houve procissão em Remiremont, pela primeira vez em séculos.

Parecia que os céus respondiam com raiva quando um violento e súbito temporal com granizo caiu sobre Remiremont em 16 de maio, pouco depois do dia em que deveria ser realizada a tradicional procissão. Alguns dos granizos tinham o tamanho de tomates e não quebraram ao chegar ao chão. Outros, de acordo com relatos, pareciam ter impressa a figura de Notre Dame du Trésor.

Uma descrição detalhada das pedras chegou a ser registrada por Abbe Gueniot, um padre local que escreveu:

Eu vi muito distintamente na parte frontal dos granizos - que tinham o centro ligeiramente convexo, embora as extremidades estivessem um tanto desgastadas - o busto de uma mulher, com um manto levantado em sua parte inferior, parecido com uma veste sacerdotal. O contorno das imagens era ligeiramente côncavo, mas muito bem delineado.

A figura encontrada nas pedras, entretanto, representava apenas um resultado miraculoso da tempestade. Aqueles granizos especiais, na opinião dos habitantes da cidade, caíram no meio de outros, normais. Eles caíram lentamente, como se estivessem flutuando em direção ao solo, e não causaram nenhum dano.

O Caso de Renata

O psiquiatra tchecoslovaco Stanislov Grof, especialista no uso de alucinógenos, trabalha atualmente no famoso Esalen Institute em Big Sur, EUA. Antes de partir de sua pátria, Stanislov tratou de uma jovem dona de casa chamada Renata, em avançado processo de autodestruição.

Grof pediu a sua paciente que recordasse seu doloroso passado com o auxílio de LSD (Dietilamida do Ácido Lisérgico) e, em pouco tempo, ela começou a relatar cenas da cidade de Praga no século 17. Descreveu corretamente a arquitetura, o vestuário, e até mesmo as armas daquele período. Ela guardava lembranças vividas da invasão da Boêmia pelo Império Austro-Húngaro dos Habsburgo. E chegou inclusive a descrever a decapitação de um jovem nobre pelos Habsburgo.

Grof tentou entender as visões com todas as ferramentas terapêuticas de que dispunha, mas não conseguiu encontrar nenhuma explicação psicológica. Ele partiu para os EUA antes que o caso pudesse ser solucionado. Mas, dois anos mais tarde, recebeu uma carta de sua antiga paciente. Acontece que Renata encontrara seu pai, a quem não via desde a infância. Durante suas conversas, ela ficara sabendo que seu pai fizera um estudo genealógico da família até o século 17 - chegando a um nobre decapitado pelos Habsburgo durante a ocupação do que nos dias de hoje é a Tchecoslováquia.

Como Renata conseguiu "lembrar" essa informação continua um mistério, pois seu pai, aparentemente, fez essas descobertas após abandonar sua família. Renata acredita que suas impressões emergiram de alguma forma de lembrança "herdada". O próprio Grof afirma que as lembranças de Renata originam-se de uma vida anterior em Praga.

A Maldição da Cigana

Durante anos, segundo a lenda, o Derby de Epsom foi importunado por uma maldição, cortesia de uma cigana chamada Gypsy Lee. Certo ano, ao que parece, ela previra que um cavalo chamado Blew Gown venceria o grande prêmio, escrevendo sua previsão em um pedaço de papel para que todos vissem. Um dos proprietários no hipódromo, no entanto, arrogantemente declarou que o nome do cavalo era Blue Gown, e não tinha nenhum "w" no primeiro nome. Indignada com a idéia de parecer idiota, Gypsy Lee rogou uma praga: nenhum cavalo com um "w" em seu nome venceria o Derby de Epsom, enquanto ela vivesse. E nenhum jamais venceu. Mas quando Gypsy Lee morreu, em 1934, sua própria família apostou todo o dinheiro em Windsor Lad, e o cavalo ganhou, pagando 7 por 1.

O Assassinato de Rasputin

O "conde" Louis Harmon, mais conhecido por seu nome artístico de Cheiro, famoso clarividente e quiromante, era amplamente cortejado pela nobreza do início do século por suas previsões incrivelmente precisas.

Em 1905, por exemplo, durante uma reunião com o controvertido Grigori Yefimovitch Rasputin, místico russo conhecido como "O Monge Louco", Cheiro advertiu-o sobre o destino que o aguardava.

- Vejo para você um fim violento dentro do palácio - disse ele. - Você será ameaçado por veneno, punhal e por balas. Finalmente, vejo as águas geladas do Neva se fechando sobre você.

A subseqüente carreira diversificada de Rasputin, como guia espiritual da czarina Alexandra Fiodorovna e de sua família, certamente resultou em vários inimigos na corte imperial russa. Mesmo assim, ele não desconfiou quando o príncipe Felix Yusupov o convidou a ir ao seu palácio para jantar, na noite de 29 de dezembro de 1916, prometendo-lhe um encontro com uma mulher da corte que gostaria de conhecê-lo. Recusando vinho e chá, Rasputin comeu alguns pedaços do bolo ao qual o príncipe adicionara cianeto de potássio. Yusupov ficou surpreso ao ver Rasputin consumir vários pedaços sem demonstrar nenhum efeito.

O príncipe então sacou de uma pistola e disparou nele pelas costas. Enquanto estava curvado sobre o corpo, os olhos de Rasputin se abriram e seguiu-se uma luta desesperada. Outros conspiradores vieram ajudar o príncipe. Um deles, chamado Purishkevich, disparou mais duas balas no corpo de Rasputin. Yusupov então atingiu o "monge" caído com uma barra de aço.

O príncipe e seus ajudantes amarraram os braços de Rasputin e carregaram seu corpo, aparentemente já sem vida, até o Neva. Fazendo um furo no gelo, eles enfiaram o corpo no rio, mas Rasputin voltou à vida, outra vez. Seu último ato foi fazer o sinal-da-cruz. Em seguida, foi para o fundo das águas geladas, cumprindo a profecia de Cheiro e uma de suas próprias. Antes de seu assassinato, Rasputin advertira a família real:

- Se eu for morto por assassinos comuns, vocês não terão nada a temer. Mas, se eu for assassinado por nobres, e se eles derramarem meu sangue, suas mãos ficarão maculadas. Irmãos matarão irmãos, e não restará nenhum nobre no país.

Naquele mesmo ano, os bolcheviques preparavam a Revolução Russa. No dia 16 de julho de 1917, o czar e sua família foram assassinados em Ekaterinburgo. E os nobres descobriram que permanecer na Rússia era altamente perigoso à saúde.

Relâmpagos em Forma de Bolas

Cinco minutos após a meia-noite, o vôo 539 da Eastern Airlines sobrevoava a cidade de Nova York, em direção a Washington, D.C. A noite estava escura e sem lua, com fortes tempestades provenientes da costa. De repente, o avião foi envolvido por uma descarga elétrica.

O passageiro Roger Jennison, professor de eletrônica da Universidade de Kent, ficou surpreso:

- Vi uma esfera brilhante, com pouco mais de 20 centímetros de diâmetro, emergir da cabine de comando e percorrer o corredor do avião.

Jennison descreveu a bola de luz como tendo uma coloração branco-azulada e aparentemente sólida. Ela se movimentava mais ou menos na mesma velocidade de uma pessoa caminhando, a uma altura de cerca de 75 centímetros do chão.

Felizmente, ninguém ficou ferido no incidente, e o avião conseguiu pousar em segurança em seu destino. Essas bolas de luz já explodiram, em algumas ocasiões, na maioria das vezes com resultados devastadores.

Os cientistas dão a esse fenômeno indefinível o nome de "relâmpagos em forma de bolas", mas isso dificilmente explica o que ele seja, pois o relâmpago em si já guarda muitos mistérios para os físicos. No entanto, uma teoria curiosa foi apresentada pelos pesquisadores M. D. Altschuler, L. House e E. Hildner, do National Center for Atmospheric Research em Boulder, Colorado.

Os três formaram uma teoria segundo a qual as tempestades poderiam agir como gigantescos aceleradores naturais de partículas, capazes de emitir prótons carregados com enorme energia. Quando os prótons carregados colidem com núcleos atômicos na atmosfera, uma mini-reação nuclear gera átomos altamente carregados de oxigênio e flúor. Por sua vez, esses átomos decompostos emitiriam tanto pósitrons quanto raios gama - repletos de energia; em outras palavras, para gerar relâmpagos em forma de bolas.

Se a teoria estiver correta, isso significa que as vítimas que tiveram um contato imediato com relâmpagos em forma de bolas poderão ter de se preocupar com um

outro problema, ou seja, uma dose letal de radiação.

Sete Vezes Sete

Quando o falecido jornalista e escritor inglês Arthur Koestler publicou "As Razões da Coincidência", um estudo de curiosas simultaneidades no tempo e no espaço, foi bombardeado por cartas de pessoas que haviam tido experiências similares.

A mais consistente e coincidente de todas foi, provavelmente, a que veio de Anthony S. Clancy, de Dublin, Irlanda, nascido no sétimo dia do sétimo mês do sétimo ano do século, e, também, por coincidência, o sétimo dia da semana.

"Fui o sétimo filho de um sétimo filho", escreveu ele, "e tenho sete irmãos; o que resulta em sete setes."

Na verdade, isso resulta em oito setes, se contarmos o número de letras de seu prenome, mas vamos continuar: no dia de seu 27º aniversário, de acordo com o próprio Clancy, ele foi ao hipódromo. O cavalo número sete do sétimo páreo chamava-se Seventh Heaven (Sétimo Céu). As apostas contra Seventh Heaven eram de 7 contra 1, mas Clancy apostou sete xelins assim mesmo. Seventh Heaven chegou em sétimo lugar.

Vice-Versa

Allan Falby era capitão da County Highway Patrol de El Paso, Texas, nos anos 30, quando colidiu sua moto contra um caminhão em alta velocidade e quase morreu. Sua vida esvaía-se lentamente por uma artéria rompida em sua perna quando um transeunte, Alfred Smith, parou para prestar-lhe socorro. Smith amarrou a perna que sangrava e Falby sobreviveu, embora somente alguns meses depois tenha se recuperado totalmente para reassumir seu cargo.

Cinco anos mais tarde, foi Falby quem chegou ao local de um outro acidente na área. Um homem batera seu carro contra uma árvore e sangrava profusamente por uma artéria rompida em sua perna direita. Antes da chegada da ambulância, Falby conseguiu amarrar um torniquete e salvar a vida do homem. Só então é que percebeu que a vítima era seu próprio salvador de cinco anos atrás, Alfred Smith.

Falby comentou sobre o incidente como um verdadeiro profissional: - Isso prova que um bom torniquete merece outro.

Pirilampos

Os homens da era vitoriana, conhecidos por seu senso de aventura, sempre encontravam coisas em suas viagens pelo mundo, que ainda permanecem sem explicação. Em 1895, por exemplo, enquanto explorava o Protetorado da Nigéria e a região do Gabão, na África, Mary Kingsley acampou no lago Ncovi, entre os rios Ogowe e Rembwe.

Em seu livro, Travels in West África, Mary Kingsley conta como pegou sua canoa sozinha uma noite para tomar um banho.

Floresta adentro, na margem oposta do lago, surgiu uma bola violeta do tamanho de uma pequena laranja. Quando chegou à areia da praia, ela pairou por uns instantes e ficou indo para a frente e para trás sobre o solo.

Em uma questão de minutos, uma outra bola de luz violeta juntou-se à primeira, sendo que essa segunda veio de trás de uma das ilhotas. Os dois pequenos globos de luz então começaram a brincar de pegador, avançando e circulando entre si.

Mary Kingsley encostou seu barco na margem, mas uma das luzes desapareceu na vegetação e a outra passou para o outro lado do lago. Seguindo em sua canoa, Mary ficou surpresa quando a aparição violeta de repente afundou nas águas do lago.

- Pude ver seu brilho - disse -, até que ela desapareceu nas profundezas da água.

A intrépida Mary Kingsley pensou que o fenômeno pudesse ser uma espécie rara de inseto. Mas os nativos entrevistados por ela referiram-se à luz como um aku, ou demônio. Inseto, demônio ou mesmo gás do pântano, o fato é que o fenômeno continua até hoje sem explicação.

O Homem que Não Podia Ser Enforcado

Nos degraus do cadafalso erigido para sua execução, o carrasco perguntou a John

Lee se ele tinha um último pedido a fazer, antes de morrer.

- Não - respondeu. - Vamos logo com isso.

A data era 23 de fevereiro de 1885, e Lee estava para ser enforcado pelo assassinato de sua empregadora, Emma Ann Keyes, de Exeter, Inglaterra, que fora encontrada com a garganta cortada e a cabeça esmagada por uma machadinha. Agora a justiça estava para ser feita. O carrasco enfiou um saco na cabeça de Lee e apertou o nó corrediço em seu pescoço. Em seguida, deu o sinal para que fosse aberto o alçapão. Nada aconteceu.

O nó corrediço foi tirado do pescoço de Lee, e o mecanismo do alçapão examinado, em busca de defeitos. Nada de errado foi encontrado. Então, o prisioneiro foi colocado diante do carrasco outra vez. A ordem foi dada e, novamente, o mecanismo não funcionou. Dessa vez, as bordas do alçapão foram aplainadas para assegurar um funcionamento perfeito. Mas, pela terceira e, finalmente, quarta vez, o alçapão recusou-se a se abrir.

Sem saber o que fazer, o xerife levou Lee de volta a sua cela. O caso chegou às primeiras páginas dos jornais e até mesmo a Câmara dos Comuns uniu-se aos debates sobre o que fazer com "o homem que não podia ser enforcado".

Finalmente, a pena de Lee foi comutada para prisão perpétua. Depois de 22 anos atrás das grades, o homem de mais sorte do mundo foi posto em liberdade condicional, em dezembro de 1907.

Lee viveu pelo menos outros 35 anos, e parece que morreu em Londres em 1943. Embora sua milagrosa fuga do laço do carrasco tenha sido freqüentemente ressuscitada por repórteres, que gostam do fantástico e do inusitado, nenhuma explicação satisfatória jamais foi encontrada para a alçapão defeituoso.

O Mistério do Avião Desaparecido

Muitos mistérios podem ser classificados em categorias específicas, sejam eles referentes a OVNIs, monstros surgidos de lagos, o Abominável Homem das Neves, ou poltergeists endiabrados. No entanto, em certas ocasiões, ocorre alguma coisa tão estranha e bizarra que estabelece uma nova categoria especial. Esse

certamente parece ser o caso do desaparecimento - e da descoberta - de um Learjet, avião a jato perdido sobre o deserto egípcio a sudoeste do Cairo.

O avião já estava presumivelmente desaparecido no dia 11 de agosto de 1979, quando decolou de Atenas, com destino a Jeddah, mas não chegou ao seu destino.

A bordo do avião estavam o proprietário do aparelho, o armador libanês Ali Eldin al- Bahri, Peter Seime, um sueco especialista em petróleo, Theresa Drake e dois pilotos. O avião foi localizado por diversos radares, e tinha combustível suficiente para quatro horas de vôo, quando foi contatado pela última vez pela torre de controle do Cairo. Nenhum chamado de socorro foi ouvido.

Mas o Learjet nunca chegou a Jeddah. As forças aéreas do Egito e da Arábia Saudita montaram uma busca intensa ao longo da rota de vôo do avião, mas seus destroços não foram encontrados. A família de Al-Bahri gastou mais de 1,5 milhão de dólares contratando pesquisadores particulares, que o procuraram até no Quênia. Mesmo assim, nenhum Learjet foi encontrado.

No entanto, em fevereiro de 1987, uma equipe de arqueólogos encontrou o avião perdido, a 435 quilômetros a sudoeste do Cairo. A fuselagem estava intacta e não havia nenhum sinal de fogo, embora uma asa estivesse a cerca de 1,5 quilômetro do local principal. Beduínos haviam, aparentemente, encontrado o jato alguns anos antes e tinham depenado seu interior.

À primeira vista, não havia restos de seres humanos a bordo. Uma inspeção mais aprofundada, todavia, revelou ossos humanos moídos, quase pulverizados, empilhados no piso do avião.

- O maior desses ossos - disse Tom, pai de Theresa Drake -, não era maior do que um polegar.

O professor Michael Day, osteólogo do Saint Thomas Hospital, em Londres, achou que os ossos deveriam estar quase intactos.

- Em oito anos, eles certamente não deveriam ter começado a se desintegrar. Nem mesmo animais ferozes teriam deixado fragmentos tão diminutos - disse Day.

As Estranhas Criaturas da Austrália

Os himalaios têm seu próprio Yeti. E na Austrália, criaturas peludas semelhantes a macacos são conhecidas como yowie. Na verdade, de acordo com o naturalista local Rex Gilroy, a área de Blue Mountain, a oeste de Sydney, já foi palco de mais de 3 mil aparições dessas criaturas.

Em dezembro de 1979, Leo e Patrícia George resolveram se aventurar pelo lado oriental da Austrália, em busca de um local tranqüilo para um piquenique. Mas seu passeio de domingo foi subitamente interrompido quando eles viram a carcaça de um canguru mutilado.

- Além disso - declararam eles -, o aparente perpetrador da mutilação estava a apenas uns 12 metros de distância.

Eles descreveram uma criatura coberta de pêlos e "pelo menos com 3 metros de altura", que parou e olhou para eles, antes de finalmente procurar abrigo na vegetação.

O piquenique foi rapidamente cancelado, mas Gilroy ainda tem planos de montar uma expedição por conta própria e sair ao encalço do lendário animal.

As Mortes dos Cientistas

Entre março e junho de 1987, a imprensa britânica reverberou com uma série de mortes, aparentemente sem nenhuma relação entre si, que ceifaram as vidas de cientistas envolvidos na indústria de defesa civil. Foram dez incidentes no total, inclusive oito suicídios suspeitos, um desaparecimento, e um caso em que a vítima sobreviveu após uma queda de 18 metros.

Cinco das vítimas eram empregados da Marconi, uma empresa de produtos eletrônicos com muitos contratos com o governo, e várias outras tinham vínculos com programas que envolviam o torpedo Stingray e medidas de segurança para submarinos nucleares.

O primeiro incidente, na verdade, ocorreu no dia 5 de agosto de 1986, quando um especialista em software do Stingray suicidou-se pulando da ponte de Clifton em Bristol. Vimal Dajibhai estava com apenas 24 anos de idade e não tinha nenhum motivo aparente para deslocar-se de Londres até Bristol para cometer suicídio. A imprensa noticiou que pequenas marcas de perfurações foram encontradas em suas nádegas.

Em 28 de outubro de 1986, outro empregado da Marconi, Ashad Sharif, 26 anos, segundo consta, matou-se em Siston Commons, Bristol, amarrando uma corda em uma árvore, passando-a em seu pescoço e se enforcando. Ele, também, tinha saído de Londres.

No dia 8 de janeiro de 1987, um amigo de Dajibhai, que trabalhava para o

Ministério da Defesa no projeto de um sonar, desapareceu enquanto fazia uma inspeção em uma represa em Derbyshire.

Quatro dias antes, um consultor de computadores da Marconi, Richard Pugh, fora encontrado com um saco plástico sobre a cabeça. No mesmo mês, um consultor de computadores da Royal Armaments morreu por envenenamento com monóxido de carbono. O mesmo gás tirou a vida de Peter Peapell, 46 anos, no dia 22 de fevereiro de 1987. Peapell era especialista na tecnologia do berilo soviético, um metal de importância crucial para os reatores nucleares.

Em 30 de março de 1987, David Sands cometeu suicídio enchendo galões de gasolina em seu carro esporte, dirigindo-o em alta velocidade, e indo de encontro a um restaurante abandonado. Sua mulher e seus colegas declararam que Sands vinha "agindo de forma estranha" antes de seu suicídio.

Em 24 de abril do mesmo ano, Mark Wisner, projetista de software da Força Aérea, com apenas 25 anos, também foi encontrado morto com um saco plástico amarrado em sua cabeça. Ele usava um espartilho feminino e botas no momento da morte. Outro cientista relacionado com o departamento de defesa, Victor Moore, teria supostamente cometido suicídio com uma dose excessiva de drogas. Robert Greenhaigh, 46 anos, também empregado da Marconi, sobreviveu a um salto de uma altura de 18 metros de uma ponte ferroviária em Maidenhead, quando caiu sobre um gramado macio. Greenhaigh fora amigo do suposto agente duplo Dennis Skinner, com quem trabalhara durante quinze anos. Dizem que Skinner foi empurrado da janela de um apartamento em Moscou, morrendo em 1983. Tal seqüência de suicídios e mortes relacionados com a indústria da defesa civil parece ultrapassar os limites da definição de coincidências. Agora que o homem levou as hostilidades aos céus, com a Guerra nas Estrelas, talvez os céus tenham decidido nos fazer uma retaliação.

As Luzes de Min Min

Durante mais de um século, um fantástico fenômeno luminoso atormentou o remoto povoado a leste de Boulia, na região sudoeste de Queensland, Austrália. As luzes receberam o nome de Min Min, homenagem a um correio-bar chamado Min Min, há muito desaparecido.

Um dos primeiros relatos escritos, publicado em março de 1941, fala sobre um criador de gado que viajava entre Boulia e Warenda Station, em uma noite encoberta de nuvens. Por volta de 22 horas, quando passava em frente ao antigo cemitério, próximo ao que restou do correio-bar Min Min, ele viu um estranho brilho que emanava do meio das sepulturas. A luz aumentou e ficou do tamanho de uma melancia, pairou momentaneamente sobre as tumbas, e então afastou-se dali, seguindo em direção a Boulia. De acordo com o homem, a luz o seguiu durante todo o percurso, até a cidade.

Relatos anteriores foram descobertos subseqüentemente. Em Walkabout, Henry Lamond relatou sua própria experiência de infância com as luzes de Min Min em 1912. A princípio, ele pensou que fossem os faróis de um automóvel que se

aproximava.

"Os carros", escreveu ele, "embora não fossem comuns naquela época, também não eram raros." Mas logo tornou-se evidente que não se tratava de uma luz normal.

"Ela permaneceu como uma bola única, e não se dividiu em dois faróis, como seria de esperar. Além disso, vinha em uma altura muito grande para ser um carro. Havia alguma coisa estranha com aquela luz."

A luz flutuou gradativamente em direção a Lamond, que estava montado em seu cavalo, e passou por ele, a uns 200 metros de distância.

"De repente, ela desapareceu, mas não de uma hora para outra. Seu desaparecimento foi gradual, como os fios de uma lâmpada elétrica."

As luzes de Min Min - sejam o que forem - ainda assustam as pessoas que viajam ao longo de trechos solitários de estrada, no interior australiano.

Luzes Fantasmas

Os galeses as chamavam de "velas de cadáveres", e associavam os fantasmagóricos glóbulos de luzes dançantes com uma morte iminente. Elas também já foram chamadas de luzes fantasmas e fogo-fátuo.

Em seu livro, British Goblins, Wirt Sikes, ex-cônsul dos EUA no País de Gales, recolheu diversos relatos de testemunhas sobre essas luzes misteriosas, inclusive um em que os passageiros de um ônibus entre Llandilo e Carmathen viram três luzes pálidas, quando cruzavam uma ponte sobre um rio em Golden Grove. Três homens morreram afogados no mesmo lugar, poucos dias depois, quando seu pequeno barco soçobrou.

John Aubrey, autor de Miscellanies, contou a história de uma mulher que afirmou ter visto cinco luzes pairando na sala recentemente pintada da casa onde trabalhava. Ela disse que foi aceso um fogo para secar as paredes, e cinco outros trabalhadores morreram em conseqüência da fumaça.

Outras histórias sobre luzes fantasmas podem ser encontradas na coleção enciclopédica Lightning, Auroras and Nocturnal Lights, de Corliss. Uma história particularmente assustadora é contada por um homem de Lincoln, Inglaterra, que passeava com seu cavalo na primavera de 1913.

- Durante meu passeio - disse ele -, um fogo-fátuo chamou minha atenção, seguindo na mesma direção para onde eu estava indo. Seu movimento era irregular, às vezes perto da superfície, e então, de repente, ele se elevou a uma altura de quase 2 metros. - Segui a luz com todo cuidado durante uma certa distância, pois eu estava decidido a, se possível, inspecionar melhor aquele meu guia luminoso. Como a noite estava muito escura, eu tinha todas as condições favoráveis para minha observação. A distância, a luz fez uma manobra e parou no meio da estrada. Desmontei, na esperança de capturá-la. Mas fiquei decepcionado. Pois à minha aproximação, talvez pelo barulho que fiz, ou por algum outro motivo,

ela de repente se levantou, permaneceu a uns 60 centímetros de altura do solo, iluminou um aterro, e prosseguiu seu curso em linha reta sobre os campos contíguos. Os grandes e profundos diques impossibilitaram minha perseguição. Mas meus olhos seguiram seu movimento constante até seu brilho se perder com a distância.

O Carneiro com Dentes de Ouro

George Veripoulos, um sacerdote ortodoxo grego que mora em Atenas, teve uma grande surpresa em 1985, quando sentouse para comer um prato de kefalaki - cabeça de carneiro cozida. Ele já estava se preparando para degustar seu repasto, preparado por sua irmã, quando notou uma coisa estranha. Os dentes inferiores do carneiro estavam obturados com ouro.

O sacerdote levou a cabeça a um ourives, que confirmou que os dentes haviam sido obturados com ouro no valor de 4.500 dólares. Veripoulos relatou sua estranha descoberta a seu cunhado Nicos Kotsovos, que imediatamente inspecionou o resto de seu rebanho - quatrocentos carneiros. Nenhum deles tinha dentes similares. Um veterinário local foi consultado, mas ele, também, ficou perplexo pelos dentes de ouro.

Finalmente, até mesmo o Ministério da Agricultura da Grécia foi chamado a intervir no caso. Um porta-voz do ministério declarou posteriormente aos repórteres:

- Foi encontrado ouro também na mandíbula. Como é que vocês explicam isso? Eu não tenho nenhuma explicação. Estou completamente atônito.

Todo mundo também ficou aturdido. Mas em Atenas os fazendeiros locais passaram a inspecionar as bocas de seus carneiros com muita atenção.

Foi Aí que Nós Chegamos

Após o primeiro teste da bomba atômica em Alamogordo, em 1945, descobriu-se que o local da explosão estava coberto com uma camada de vidro verde fundido, areia transformada em vidro pela explosão.

Vários anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, cientistas realizaram escavações nas proximidades da Babilônia, a antiga grande metrópole da Mesopotâmia e, ao que se supõe, local da Torre de Babel. Com o objetivo de apurar até que profundidade as camadas de ruínas e artefatos chegavam, os arqueólogos cavaram um túnel experimental na vertical, para catalogar suas descobertas por épocas.

Eles cavaram abaixo da era de grandes ruínas antigas, e passaram por uma cidade do passado enterrada sob camadas de loesses inundados. Então, prosseguindo com as escavações, eles encontraram aldeias que indicavam uma cultura agrária. Descendo mais ainda, descobriram fundações de uma cultura voltada à caça e à criação de gado, com artefatos ainda mais primitivos. A escavação chegou ao fim quando, por baixo de todas essas camadas anteriores, os cientistas encontraram uma camada sólida de vidro fundido.

[1] Lethe: na mitologia grega e romana, rio dos Infernos, cujas águas faziam os mortos esquecer todo o passado. (N. do E.)